



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Selma Barboza Perdomo

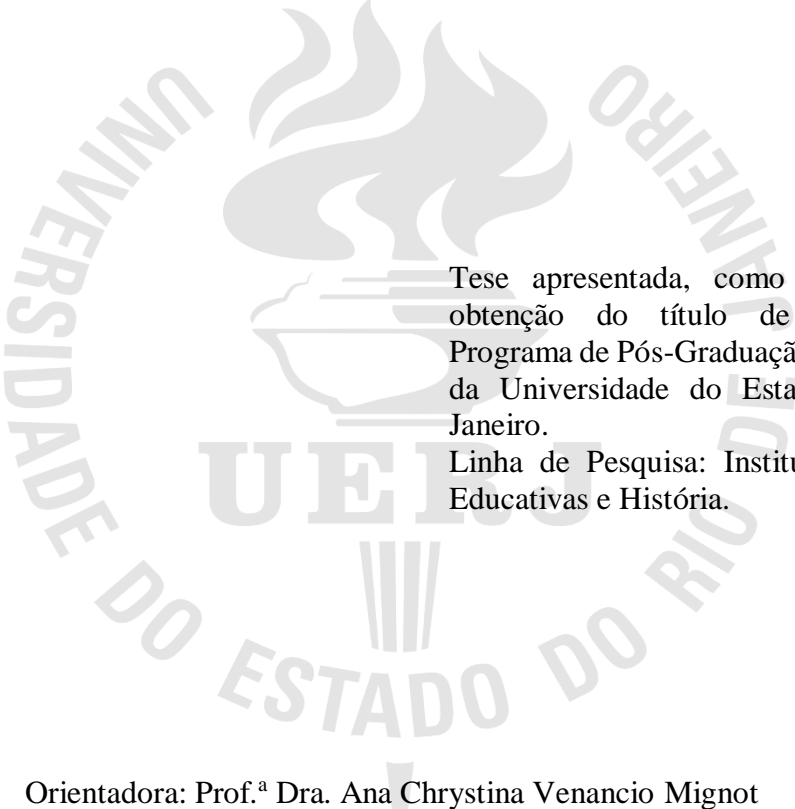
**Pelas memórias de um pioneiro:  
a trajetória de Waldir dos Santos Costa na história da Psicologia no  
Amazonas**

Rio de Janeiro

2022

Selma Barboza Perdomo

**Pelas memórias de um pioneiro:  
a trajetória de Waldir dos Santos Costa na história da Psicologia no  
Amazonas**



Tese apresentada, como requisito para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Linha de Pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

P433 Perdomo, Selma Barboza.  
Pelas memórias de um primeiro: a trajetória de Wladir dos Santos Costa na história da Psicologia no Amazonas / Selma Barboza Perdomo. – 2022.  
217 f.

Orientadora: Ana Chrystina Venancio Mignot.  
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação.

1. História da Psicologia – Amazonas – Teses. 2. Waldir dos Santos – Teses. 3. Psicologia – Teses. I. Mignot, Ana Chrystina Venancio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

bs CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Selma Barboza Perdomo

**Pelas memórias de um pioneiro:  
a trajetória de Waldir dos Santos Costa na história da Psicologia no  
Amazonas**

Tese apresentada, como requisito para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 12 de maio de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot  
Faculdade de Educação – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Oresta Pérez López  
El Colegio de San Luis - COLSAN

---

Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Jacó-Vilela  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Lia Ciomar Macedo de Faria  
Faculdade de Educação – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Adinete Sousa da Costa Mezzalira  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Jane Paiva  
Faculdade de Educação – UERJ

Rio de Janeiro

2022

## DEDICATÓRIA

Ao professor Waldir dos Santos Costa (*in memoriam*), reconhecendo nesta escrita o seu engajamento na conquista de espaços profissionais à Psicologia no Amazonas. Pela coragem de iniciar processos, pela delicadeza no trato profissional, por entender e (me) ensinar, no convívio, a beleza de ser um educador.

Aos familiares do professor Waldir dos Santos Costa, esta tese carrega parte da história de vocês.

Aos professores da UFAM, que nesta tese formam a geração de psicólogos pioneiros do ensino de Psicologia na educação pública do Amazonas. A vocês a minha admiração.

Aos alunos do curso de Psicologia que, a partir desta escrita, terão acesso a algumas nuances da história da profissão a qual pertencerão.

Aos psicólogos do estado do Amazonas. Conhecer a própria história potencializa a constituição identitária de uma profissão.

Aos pesquisadores da História da Psicologia Brasileira e do Amazonas (muitos virão).

## AGRADECIMENTOS

Gratidão a Ana Chrystina Mignot. Ainda no processo de seleção para o doutorado, na entrevista, quando eu achava que tudo estava perdido, ela me ofereceu a oportunidade de “redefinir a rota” da pesquisa. Obrigada pela chance dada a mim, por acreditar, por me ensinar, por me mostrar um caminho seguro na pesquisa, por respeitar minhas opiniões e anseios. Obrigada pelas palavras de afirmação, que me iluminaram quando me senti perdida. A você, meu reconhecimento e carinho incondicional.

Agradeço à instituição que me recebe e me incentiva a crescer, a minha querida Universidade do Estado do Amazonas (UEA), palco de lutas e de muitas realizações. Este trabalho é fruto do investimento de vocês.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pela parceria estabelecida com a UEA e pelo incentivo da educação *stricto sensu* no Amazonas. Vocês são gigantes que nos permitiram “subir nos seus ombros”, para enxergarmos mais longe.

Reconheço que a construção deste conhecimento foi norteada pela dedicação de pessoas que se dedicaram a ler e a contribuir comigo durante a trajetória. Agradeço às professoras presentes em minha banca de qualificação, Ana Maria Jacó-Vilela e Oresta López, por me indicarem caminhos possíveis e seguros.

Ao grupo de Pesquisa Instituições, Práticas Educativas e História, local em que esta tese foi semeada e cuidada nos encontros periódicos. O olhar, a escuta e as sugestões de cada membro apontaram caminhos e acenderam luzes para que enxergasse adiante. Em especial, agradeço a Daise Santos Tavares e Eveline Gomes, pela leitura dedicada e sugestões finais.

Sou grata à torcida dos colegas do Laboratório de Pesquisa em Ciências da Saúde e Humanidades (LAPECHS/UEA), liderados pela professora Nazaré Ribeiro. A vocês, minha gratidão por compartilhar comigo da alegria dessa conquista.

Ao querido professor e amigo Joaquim Hudson de Souza Ribeiro, por caminhar comigo nessa empreitada, em forma de presença nos bons e maus momentos.

Agradeço a dedicação constante de Antonio Felipe pela leitura arguta e revisão integral da tese. Suas contribuições ajudaram a me expressar com mais clareza e assertividade.

Gratidão imensa aos meus colegas da disciplina Fundamentos da Assistência ao Paciente (FAP), Manoel Luiz Neto, Eliana Marques da Silva, Fabíola Santos, Anete Leda e Amélia Sicsu. Sem o apoio de vocês, a construção deste conhecimento seria impraticável. Obrigada por assumirem minhas atividades nos momentos de ausência para o doutorado.

Aos amigos que compuseram o grupo do DINTER, sob a coordenação local da professora Lucinete Gadelha, a quem demonstro aqui minha admiração pela competência e generosidade presentes em cada ato de sua liderança. Gratidão aos coordenadores Luiz Antônio Senna e Rita Frangela.

Ao Waldir dos Santos Costa (*in memoriam*), que me permitiu entrar em sua casa, conhecer suas histórias, partilhar suas memórias e, com isso, tornou possível a presente operação historiográfica. A gratidão é imensa pelo convívio e o sentimento é de privilégio por ter acolhido um bem que talvez esta escrita não tenha alcançado descrever.

Ao querido psicólogo João Bosco Bezerra Araújo, pela honra de acolher sua história de vida e nela encontrar a beleza de um relacionamento de amizade que durou quase cinco décadas. Tenho a impressão de que este tipo de vínculo tem suas marcas na eternidade. Obrigada pela partilha, sinto-me detentora de um tesouro incalculável.

Agradeço a generosidade dos professores do curso de Psicologia da UFAM: Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, Lídia Rochedo Ferraz, Luis Alberto Passos Presa, Nazaré Maria de Albuquerque Hayasida. Aos primeiros presidentes do Conselho Regional de Psicologia (CRP/20), Iolete Ribeiro, Gibson Santos e Ligia Delduque. Gratidão ao professor José Humberto Filho, que narrou com tanta emoção suas vivências com o professor Waldir. A vocês, minha gratidão por ceder documentos, entrevistas e por partilhar comigo o tempo e suas memórias. Sem vocês, grande parte dessa história estaria perdida. A vocês, meu reconhecimento pela linda trajetória em favor da categoria de psicólogos no Amazonas. Sei que ainda há muito a ser dito.

A Louse Poroca (*in memoriam*), esposa do professor Waldir dos Santos Costa, que juntamente com ele abriu as portas de sua casa para me proporcionar um espaço relacional de coleta de dados. Agradeço aos filhos que me ajudaram com as fotos, à Patrícia Costa, com a cópia dos documentos pessoais. Em especial, à Natália Costa, que manteve diálogo constante e me ajudou a viabilizar os encontros.

Sou grata ao Professor Jônatas Tavares pelas primeiras pistas para esta pesquisa e por despertar em mim a possibilidade de um estudo em História da Psicologia. Jamais esquecerei suas aulas, tampouco da sua presença amiga. Professor, tenho por você carinho e admiração.

Nessa trajetória, iniciada há quatro anos, conheci pessoas incríveis, Eliane e Leni. Os nossos encontros no Rio de Janeiro, depois os virtuais, nossos brindes, conselhos e mensagens serviram de estímulo e combustível para prosseguir. Leni Coelho, obrigada por me amparar nos primeiros passos que dei na História da Educação.

Aos meus pais, Expedito e Francisca, pelo constante incentivo. Vocês são exemplos para mim. Na simplicidade contagiante e na alegria da gratidão perene, vocês me ensinam a descomplicar a vida. Quando eu crescer, quero ser igual a vocês.

Ao querido Javier Perdomo, amor da minha vida, companheiro presente e grande incentivador dos meus sonhos. Você é a mais concreta expressão do amor de Deus por mim. A você, a minha sincera gratidão por decidir embarcar nos meus projetos de vida. Do amor que tenho por você, posso dizer que não é imortal, “posto que é chama”, mas tem sido infinito. E também agradeço à Ana Leticia, filha querida e presente em forma de sensibilidade e alegria.

Agradeço a Deus pelo fôlego diário de vida.



## **Guardar**

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro

Do que um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,  
por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

*Antonio Cicero*

## RESUMO

PERDOMO, Selma Barboza. Pelas memórias de um pioneiro: a trajetória de Waldir dos Santos Costa na História da Psicologia no Amazonas. 2022. 217f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Nesta investigação, a compreensão da trajetória de Waldir dos Santos Costa passou pelas instituições que contribuíram para sua formação como psicólogo e por seus espaços de atuação, ao implantar os primeiros serviços de Psicologia do Amazonas e se dedicar a favor da regulamentação da profissão neste estado, durante o período de 1973 a 2018, enquanto assumiu a gestão de instituições, exerceu o magistério e liderou movimentos associativos. Trata-se de um estudo biográfico, do qual as narrativas deste sujeito e de sua rede de sociabilidade foram fontes privilegiadas de pesquisa. Para interrogar os depoimentos e documentos garimpados em arquivos pessoais e várias instituições de guarda, buscamos pistas de sua presença profissional, acadêmica e de organização dos psicólogos da cidade de Manaus. Munidos deste material, recorreremos a Halbwachs (2003), Bosi (2004) e Kotre (1997), por suas contribuições à compreensão da memória; Bourdieu (2006, 2010) e Certeau (2017), com o entendimento da construção de um campo de atuação e da história; Sirinelli (2006), em relação à concepção de geração; Alberti (2013, 2019), para a apreensão das narrativas, dentre outros autores. A arquitetura da tese contempla cinco capítulos, em que são interpretados dos aspectos de sua formação ao legado deixado por Waldir dos Santos Costa em sua rede de sociabilidade intelectual. O presente trabalho pretende contribuir para a preservação da memória deste protagonista e, sobretudo, para o conhecimento da história da Psicologia no Amazonas, ainda insuficiente em sua historiografia, que tem priorizado outros temas, objetos e regiões do país.

Palavras-chave: Waldir dos Santos Costa. História da Psicologia. Historiografia da Psicologia no Amazonas.

## ABSTRACT

PERDOMO, Selma Barboza. Through the memories of a pioneer: the trajectory of Waldir dos Santos Costa in the History of Psychology in Amazonas. 2022. 217p. Thesis (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

In this investigation, the understanding of Waldir dos Santos Costa's trajectory went through the institutions that contributed to his education as a psychologist and his workspaces, as he implemented the first Psychology services in Amazonas and dedicated himself in favor of the regulation of the profession in this state, during the period from 1973 to 2018, while he assumed the management of institutions, became a professor and led associative movements. It is a biographical study, in which narratives of this individual and his network of sociability were privileged sources of research. To inquire about the testimonials and documents gathered from personal archives and several guardian institutions, we searched for clues about his professional, academic and organizational presence among psychologists in Manaus. Provided with this material, we referred to Halbwachs (2003), Bosi (2004) and Kotre (1997) for their contributions to the comprehension of memory. Bourdieu (2006, 2010) and Certeau (2017), regarding the interpretation of the construction of a field of action and history. Sirinelli (2006), about the conception of generation. Alberti (2013, 2019) for the apprehension of narratives, as well as other authors. The architecture of the thesis includes five chapters, which cover the aspects of his formation to the legacy left by Waldir dos Santos Costa in his network of intellectual sociability. This work intends to contribute to the preservation of his memory as a protagonist and to the knowledge of the history of Psychology in Amazonas, still insufficient in its historiography, which prioritized other themes, objects, and regions of Brazil.

Keywords: Waldir dos Santos Costa. Psychology History. Historiography of Psychology in Amazonas.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 –	Pais de Waldir dos Santos Costa.....	49
Fotografia 2 –	Waldir dos Santos Costa aos 14 anos.....	52
Fotografia 3 –	Colação de Grau de Waldir dos Santos Costa.....	69
Figura 1 –	Diplomas de Waldir dos Santos Costa de Graduação em Psicologia..	70
Figura 2 –	Edital de Proclamas de Waldir dos Santos Costa e Louse Marilane Poroca .....	71
Figura 3 –	Placa de homenagem do DETRAN-AM.....	86
Figura 4 –	Placa de homenagem da Faculdade de Educação (FACED) .....	111
Figura 5 –	Anúncio da criação da Associação de Psicólogos do Amazonas.....	122
Figura 6 –	Certificado de Membro Fundador da APA.....	124
Figura 7 –	Placa de homenagem feita pelo Conselho Regional de Psicologia, 1ª Região, Seção Amazonas .....	132
Figura 8 –	Carteira de Identidade Profissional de João Bosco Bezerra Araújo, com inscrição 00001, no CRP 20ª região .....	137
Figura 9 –	Carteira de Identidade Profissional de Waldir dos Santos Costa, com inscrição 00002, no CRP 20ª região .....	138
Figura 10 –	Homenagem do Conselho Federal de Psicologia.....	139
Figura 11 –	Certificado do título de Professor Emérito da Universidade Federal do Amazonas .....	154
Fotografia 4 –	Waldir dos Santos Costa após a concessão do título de professor emérito .....	159
Figura 12 –	Em memória de Waldir dos Santos Costa .....	164

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Documentos sobre a atuação profissional do professor Waldir dos Santos Costa.....	32
Quadro 2 –	Lista de documentos pessoais e institucionais relacionados à trajetória acadêmica do professor Waldir dos Santos costa, na Universidade Federal do Amazonas, produzidos na década de 2010.....	33
Quadro 3 –	Atividades exercidas e cargos ocupados por Waldir dos Santos Costa, prestados à Secretaria de Estado de Trabalho e Serviços Sociais do Amazonas, de 1973 a 1979.....	95
Quadro 4 –	Eventos relevantes à formação da categoria de psicólogos no Brasil e no Amazonas no período de 1960 a 2010.....	115

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Associação de Psicólogos do Amazonas
APAF	Assembleia das Políticas da Administração e das Finanças
BIREME	Biblioteca Regional de Medicina
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPSICO	Centro Acadêmico de Psicologia
CEDOHC	Centro de Documentação Helder Câmara
CELAM	Conselho Episcopal Latinoamericano
CIEC	Centro Integrado de Educação Christus
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CNBB	Conferência Nacional de Bispos no Brasil
CNH	Carteira Nacional de Habilitação
COMPAS	Complexo Penitenciário Anísio Jobim
CRP	Conselho Regional de Psicologia
CUT	Central Única de Trabalhadores
DECs	Descritores em Ciências da Saúde
DEPSI	Departamento de Psicologia
DETRAN	Departamento de Trânsito
DETRAN-AM	Departamento de Trânsito do Amazonas
DETRAN-SP	Departamento de Trânsito de São Paulo
FACED	Faculdade de Educação
FAPSI	Faculdade de Psicologia
FEBEM	Fundação do Bem-Estar do Menor
FUNABEM	Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor
HO	História Oral

ISOP	Instituto de Seleção e Orientação Profissional
ICHL	Instituto de Ciências História e Letras
PIM	Polo Industrial de Manaus
PLIMEC	Plano de Integração do Menor na Comunidade
PNABEM	Política Nacional de Bem-Estar do Menor
PMK	Psicodiagnóstico Miocinético
PUC-RIO	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SAM	Serviço de Assistência a Menores
SPESP	Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo
SUDENE	Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste
UA	Universidade do Amazonas
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
ZFM	Zona Franca de Manaus

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	15
1	<b>ENCONTRO MARCADO.....</b>	22
1.1	<b>Em busca do norte.....</b>	25
1.2	<b>Os caminhos da memória.....</b>	35
1.3	<b>Uma geração de psicólogos.....</b>	40
2	<b>ENTRE NARRAR E ESCUTAR: ESPAÇOS DE FORMAÇÃO.....</b>	46
2.1	<b>Primeiras experiências escolares.....</b>	47
2.2	<b>Marcas da educação salesiana.....</b>	53
2.3	<b>Escolhas e mudanças profissionais.....</b>	57
3	<b>VOZES PLURAIS NOS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL..</b>	71
3.1	<b>Criação de um Laboratório de Psicometria no retorno à terra natal.....</b>	76
3.2	<b>Parceria com o amigo João Bosco.....</b>	87
3.3	<b>Um gestor de instituições assistenciais.....</b>	90
3.4	<b>Um psicólogo na Universidade.....</b>	99
4	<b>LUTA POR DISTINÇÃO: ESPAÇOS DE REGULAMENTAÇÃO.....</b>	114
4.1	<b>Definição da categoria de psicólogos no Brasil.....</b>	115
4.2	<b>Associação de Psicólogos do Amazonas (APA) .....</b>	121
4.3	<b>De Núcleo para Seção.....</b>	126
4.4	<b>Constituição do CRP/20.....</b>	133
5	<b>O LEGADO DO PSICÓLOGO.....</b>	141
5.1	<b>Memórias da rede de sociabilidade intelectual.....</b>	142
5.2	<b><i>Habemus</i> um emérito: o professor dos doutores! .....</b>	151
5.3	<b>A despedida: memórias em mim.....</b>	160
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	166
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	174
	<b>APÊNDICES.....</b>	184
	<b>ANEXOS.....</b>	207



## INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com o Amazonas aconteceu em novembro de 2000, em resposta a um convite feito por uma querida amiga de faculdade, que viera trabalhar neste estado. Menos de dois meses após essa visita, mudei-me para a cidade de Manaus, como tantos outros migrantes da Região Sudeste, à procura de melhores condições de emprego e qualidade de vida.

A mudança trouxe novas demandas e, após 11 anos imersa em minha primeira profissão, enfermagem com mestrado em Ciências da Saúde, e atuando na docência universitária há sete anos na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), entendi que era o momento de me reencontrar com o antigo projeto de cursar Psicologia, uma vez que havia deixado o curso em decorrência da minha vinda.

Antes mesmo de iniciar as aulas, em janeiro de 2012, levei para ler durante as férias o livro *História da Psicologia: Rumos e Percursos*, organizado por Ana Jacó-Vilela, sem ter a mínima ideia do que sua leitura significaria para mim futuramente. Em fevereiro do mesmo ano, as aulas ministradas pelo professor Jônatas Tavares sobre o tema, aos poucos, desvelavam as muitas maneiras de se conceber esta área, amadurecendo em mim a constatação de que a Psicologia tem “inúmeras histórias e modos de narrá-las” (FIGUEIREDO, 2007, p. 9).

O reencontro com o tema aconteceria seis anos mais tarde, em 2018, ao ingressar no programa de Doutorado Interinstitucional firmado entre a UEA e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e, sem dúvida alguma, com o entusiasmo pelo acolhimento da proposta feita à professora Ana Chrystina Venâncio Mignot, ao vislumbrarmos a possibilidade de estudar a trajetória de uma pessoa e, dentre tantos aspectos de sua vida, buscar compreensão na tessitura da história da Psicologia no Amazonas.

Em seu grupo de pesquisa, tive a oportunidade de dialogar pessoalmente ou me aproximar das pesquisas biográficas por ela orientadas, tais como o estudo realizado por Katia Maria Soares sobre Aurélia de Souza Braga, alfabetizadora radicada na Baixada Fluminense; o de Leila de Macedo Varela Blanco sobre a trajetória de Maria Therezinha Machado e a de Sarah Couto Cesar, duas educadoras que se dedicaram à institucionalização da educação especial no Rio de Janeiro; o de Patrícia Coelho a respeito de Delgado de Carvalho, um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova; o de Rosa Maria de Souza Braga, que examina a trajetória de Ormindia Marques, uma autora de livros sobre ensino de linguagem e cadernos de caligrafia; o de Shayenne Schneider sobre Coelho Netto como professor, político e escritor; o de Alexandra Lima da Silva, ao escrever sobre a trajetória intelectual de Rocha Pombo, um autor de livros de história; o de Heloisa Helena Meirelles dos Santos a respeito de Esther

Pedreira de Melo, uma mulher que dirigiu a escola primária do Instituto de Educação do Distrito Federal, participou de associações educacionais diversas e teve atuação na imprensa e, mais especificamente, em publicações pedagógicas; o de Daise Silva, que percorreu instituições de guarda em busca de pistas sobre Francisco Lins, educador mineiro que estudou na primeira turma do Institut Jean-Jacques Rousseau; o de Ana Claudia Reis, que interpreta como Heloisa Marinho se aproximou dos psicólogos da Escola de Berlim e como esta busca pelo conhecimento científico teve desdobramentos em suas propostas pedagógicas; o de Priscila Garcez sobre Judith Tranjan, que se dedicou a escrever sobre o ensino religioso para crianças nas escolas dominicais protestantes; ou o de Ligia Bahia, que investigou a trajetória de Raphael Maria Gallanti, um jesuíta que publicou livros sobre História do Brasil. Também tive contato com os estudos biográficos de minha orientadora sobre educadoras, como Armanda Álvaro Alberto, Antonia Ribeiro de Castro Lopes e Laura Jacobina Lacombe, dentre outras.

Ainda me aproximava dessa produção biográfica que elegia a vida dos sujeitos de modos diversos, ora tomando como fio condutor as viagens que empreenderam, ora examinando as publicações que fizeram ou as instituições das quais participaram, por exemplo, quando um telefonema ao meu primeiro professor de História da Psicologia, Jônatas Tavares, norteou esse início, que me disse: "Se você quer saber como as coisas aconteceram por aqui (no Amazonas), você precisa conhecer o professor Waldir".

Ele se referia a Waldir dos Santos Costa. Segui à risca o conselho e, logo ao começar 2018, tive meus primeiros contatos com aquele que não somente me contaria a respeito da constituição dos primeiros serviços nesta área no estado, mas também estaria disposto a narrar para mim sua trajetória de vida, a qual, em uma composição de acontecimentos, protagonizou o ensino e o desenvolvimento da Psicologia como profissão no Amazonas.

O repertório de trabalhos construídos dentro do grupo de pesquisa e a direção sugerida por meu professor me levaram a conceber este estudo, que diz respeito à vida de um homem que atuou em vários espaços profissionais, cujo engajamento se sobressaiu no campo da Psicologia no Amazonas. Não sobre sua vida inteira, apenas a respeito daquilo que ele quis me contar e até onde consegui compreender, a partir das pessoas que com ele conviveram no espaço social de trabalho. Para obtê-la, entrevistei-o longamente, a princípio com um roteiro de temas e perguntas que, ainda ingenuamente, pensava que iria me ajudar. Inicialmente, agi como uma coletora de dados da vida de uma pessoa, em nossos inúmeros encontros.

A compreensão começou a fluir à medida em que me distanciava dessa busca e me dedicava apenas à escuta das histórias que me eram contadas e à observação de fotos e objetos que o cercavam, enfeitando sua casa. Eles, por si só, anunciavam serem elementos referenciais

da memória de quem eu pretendia conhecer. Tais objetos serviram como chave para abrir as portas das lembranças que trouxeram contextos e pessoas que, num momento seguinte, ajudaram a compor novas narrativas.

Trata-se de uma pesquisa biográfica, que traz suas narrativas transcritas, ainda que complementadas pela narrativa de uma rede de sociabilidade intelectual, portanto não se trata de uma pesquisa com proposta de amostragem. O intuito que me levou a empreendê-la foi registrar a voz e, através dela, a vida de um professor, por meio de sua memória pessoal que, como será visto, é também uma memória social. Meu interesse esteve no que foi lembrado e no que foi escolhido para se perpetuar em sua história de vida.

O fato de nós dois compartilharmos a mesma profissão talvez tenha contornado inicialmente o teor das nossas conversas. Somente com um tempo maior de convivência e, por que não dizer com um certo nível de vínculo de confiança, as recordações foram ampliadas a outras épocas, espaços e episódios de sua vida. Aumentar a escala e observação de sua vida para além da esfera profissional me permitiu identificar lugares e eventos simbólicos que foram marcos de transformações importantes em sua vivência e que desencadearam algumas interrogações.

Se o professor Waldir dos Santos Costa pudesse me levar a alguns locais da cidade de Manaus para me contar sua história, aonde me levaria? Quais eventos ou processos lembrados marcaram transformações importantes em sua trajetória? Quais memórias ele escolheu para narrar sobre si? Quais memórias seus colegas escolheram para falar sobre ele?

Frente às narrativas que foram se aflorando a cada encontro, dialoguei com autores que se dedicam à compreensão das muitas dimensões da memória. Kotre (1997), em sua obra *Luvás Brancas*, ajudou-me a direcionar atenção à importância dos objetos, lugares e acontecimentos simbólicos, autobiográficos, que são verdadeiros pontos de referência para a memória e evocam fatos relevantes àquela pessoa.

Bosi (1994) me ajudou a compreender o período de vida de Waldir dos Santos Costa a partir do seu *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, ao conceber a memória de pessoas idosas como fonte de cultura, por meio da qual se alargam as fronteiras do presente. Para ela, tais pessoas são guardiãs do passado.

Halbwachs (2003) em sua obra *A Memória Coletiva*, ao compreender o fenômeno da memória como algo que tem ancoragem na vida social e, ainda, com Norbert Elias (1995) em *Mozart, Sociologia de um Gênio*, na concepção do processo narrativo de uma biografia. Estes autores alertaram para o fato de que nem tudo é lembrado. A memória é dependente do contexto.

As narrativas de Waldir dos Santos Costa, além de tornarem conhecidos aspectos de sua

infância e formação profissional, levaram-me por caminhos específicos à constituição dos primeiros serviços de Psicologia no Amazonas, à organização da categoria de psicólogos(as) neste local e à instituição do curso de graduação de Psicologia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), ainda hoje o único de caráter público do estado.

A partir disso, esta pesquisa buscou interrogar: Quais espaços, pessoas e processos abrigam as memórias de Waldir dos Santos Costa, sobre sua trajetória intelectual e o desenvolvimento do campo da Psicologia no Amazonas? Quais eventos ocorreram nestes lugares que justificam a sobrevivência de tais memórias? Como se deu seu engajamento nesse campo?

Neste sentido, Kotre (1997) lembra que, quando algo é marcante em uma trajetória de vida, ou de caráter inédito, um *flash* parece explodir na mente e o acontecimento fica impresso na memória. Tais episódios se sobressaem por causa das consequências. Às vezes, a “memória autobiográfica espera para ver no que as coisas se transformam, antes de decidir se elas merecem ser lembradas” (KOTRE, 1997, p. 100).

Após os primeiros encontros, entendi que na construção desse conhecimento havia a possibilidade de eu estar diante de vários contextos que me permitiriam, por meio do estudo de uma vida, compreender uma época e, nela, as transformações de vida de um professor em sua trajetória numa profissão, a Psicologia, que estava se constituindo em um espaço, à época de seu engajamento, a cidade de Manaus.

Uma vez que obtive as narrativas transcritas, passei a supor que Waldir dos Santos Costa se engajou no desenvolvimento do campo da Psicologia no âmbito profissional, acadêmico e na organização dos psicólogos da cidade. Cada contato com suas narrativas me aproximava de indícios de que suas inserções neste campo promoveram transformações relevantes ao seu itinerário de vida.

Assim, compreender este seu percurso profissional, a partir dos seus espaços de atuação e de suas inserções na história da Psicologia no Amazonas, no período de 1973 a 2018, foi o objetivo principal deste estudo, que pretendeu também desvelar os aspectos da sua formação, conhecer os espaços que abrigam as memórias sobre a sua atuação profissional e de sua rede de sociabilidade intelectual e interrogar sobre as inserções deste protagonista na formação dos mecanismos de regulamentação <sup>1</sup>da categoria de psicólogos.

Em minha trajetória de pesquisadora, tenho compreendido que, ao se tratar de aspectos

---

<sup>1</sup> Por definição, regulamentar significa “ação de definir ou determinar um regulamento para”. Portanto, no contexto deste estudo, por regulamentação, entende-se o estabelecimento de ações e regras para o exercício profissional. Fonte: <https://www.lexico.pt/regulamentar/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

biográficos, não é possível separar a atividade humana do sistema de relações e da vida social dos sujeitos, tampouco do sistema pessoal de crenças e valores da pessoa que se busca estudar. Nesta direção, ressaltou a riqueza e o privilégio de poder conviver um período com aquele que, rememorando suas experiências de vida, lembrando do seu cotidiano laboral e suas relações sociais, descortinou memórias pessoais que se entrelaçam numa memória social e revelam parte importante de como se instaurou e se desenvolveu a Psicologia como profissão dentro do estado do Amazonas. Assim, os resultados de pesquisa adquiridos neste itinerário estão organizados em cinco capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado “Encontro marcado”, é dedicado a revelar os caminhos percorridos na pesquisa. Quais os desafios de construir a biografia de Waldir dos Santos Costa? Quais pessoas estiveram presentes em sua narrativa e que, no decorrer do seu itinerário, fizeram parte de sua rede de sociabilidade intelectual? A partir dos eventos inauguradores na Psicologia do Amazonas, é possível enxergar uma geração de psicólogos? Para essa reflexão, o diálogo foi estabelecido com Alberti (2013), na relação entre história oral e biografia; Halbwachs (2003), quando esclarece sobre a memória coletiva e Sirinelli (2006), com o entendimento sobre a formação de uma geração.

“Entre narrar e escutar: espaços de formação”, o segundo capítulo, procura compreender suas primeiras experiências escolares, as influências da educação salesiana em sua formação e as decisões tomadas neste período que demarcaram mudanças em sua vida. Neste ponto é narrada sua saída de Manaus para cursar o seminário salesiano em outras regiões do Brasil. Quais foram suas principais influências para tomar decisões em sua trajetória intelectual? Quais episódios marcaram sua formação clerical e quais transformações o conduziram para a carreira de Psicologia? Para a escrita, considerei os preceitos de Certeau (2017), no exercício de tornar a narrativa histórica inteligível, buscando sentido nos acontecimentos. Este capítulo busca a compreensão de fatos que tiveram como consequência a transformação e mudanças na trajetória de vida deste sujeito, mas também revela nuances dos desafios encontrados no decorrer da pesquisa, no que concerne ao ato de escutar e narrar.

O terceiro capítulo, intitulado “Vozes plurais nos espaços de atuação profissional” coteja sua atuação profissional ao retornar a Manaus, em 1973, com a apreciação das narrativas de pessoas que atuaram junto a ele e que, com suas vozes, atribuíram vários significados à sua trajetória. Como era a cidade que o recebeu? Se ele pudesse me levar aos lugares para narrar sua trajetória profissional, aonde me levaria? Para a escrita, tomei as reflexões de Sirinelli (1996), ao pensar sobre os lugares que Waldir dos Santos Costa ocupou como intelectual, a partir da produção e mediação cultural que exerceu, de seu engajamento em inaugurar serviços

de Psicologia e das redes de sociabilidade que garantiram seu trânsito no campo. Parti também do conceito de Pierre Bourdieu (2010), para compreender os percursos e a construção deste professor no campo da Psicologia. Fiz tal operação entrelaçada aos vínculos por ele estabelecidos, ao considerar que trajetória é entendida “como uma série de posições ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2006, p. 189).

O quarto capítulo foi dedicado às memórias construídas a respeito da organização da categoria de regulamentação profissional. Ele é intitulado “Luta por distinção: espaços de regulamentação”, uma vez que interroga a participação deste protagonista nos movimentos e agregações para a formação da Associação de Psicólogos Amazonenses (APA), em 1979, e ao Conselho Regional de Psicologia (CRP-20), em 2011. Tais reflexões foram incitadas por Bourdieu (2006), sobre a formação do campo e seus movimentos por distinção na prática profissional. Também foi amparada por autores que descrevem o itinerário da formação da categoria de psicólogos no Brasil, o que permitiu compreender alguns eventos ocorridos no Amazonas à luz do ocorrido nacionalmente.

Quais memórias foram construídas sobre Waldir dos Santos Costa? Em que momento elas foram narradas? Ao término de sua carreira docente, quais memórias este professor selecionou para falar de si? O quinto e último capítulo tem o propósito de descortinar o legado deixado por ele e revelar indícios do “processo de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo social” (HALBWACHS, 2003, p. 91).

Sendo assim, ao voltar para a trajetória de vida de Waldir dos Santos Costa, busquei responder algumas questões, inicialmente: quais as memórias de si, a respeito de sua formação acadêmica e profissional? Se seus colegas de profissão o consideram pioneiro na área da Psicologia, quais suas contribuições para o reconhecimento e desenvolvimento desta profissão como ciência e prática profissional no Amazonas? Quais memórias de Waldir dos Santos Costa estão presentes na sua rede de sociabilidade? Contudo, o mais importante é que me defrontava com uma inquietação: como construir sua biografia? Quais caminhos seguir? Como fugir da linearidade, das causas e consequências, das buscas de coerências, como se fosse possível uma vida sem contradições?

Optei por interrogar sua trajetória profissional a partir dos seus espaços de atuação, por compreender que neles poderia identificar e interpretar sua formação, práticas, redes de sociabilidade, disputas e dilemas com os quais se defrontou. Neste sentido, investigo o seu protagonismo e suas ações pioneiras em diferentes frentes de trabalho, seu exercício como educador e psicólogo na geração de empregos, na formação da categoria de representação

profissional e na formação acadêmica de psicólogos. Busquei compreender os aspectos de sua formação acadêmica, identifiquei as ações que sinalizam o papel de destaque da sua prática laboral dentro do estado do Amazonas, na formação de entidades de classe profissional em Manaus e no ensino de Psicologia na UFAM.

Sendo assim, acredito que a compreensão e valorização da subjetividade e experiência individual do professor Waldir serão componentes importantes para compreender o passado, uma trajetória de vida inserida numa profissão e, quem sabe, permitir tornar a história da Psicologia amazonense inteligível sob mais alguns aspectos, neste estudo em especial, a partir das suas memórias, revelando o que foi potencialmente possível realizar no (e com o) grupo de psicólogos e de outros profissionais da sociedade amazonense à época.

Os efeitos da trajetória pessoal deste profissional ao desenvolvimento da Psicologia local e sobre as vidas entrelaçadas à dele certamente integram os processos de transformação histórica deste campo, bem como preenchem parte de uma lacuna historiográfica da profissão. Navegar por suas memórias significou compreender aspectos de uma ação humana engajada em constituir a área dentro do estado, desvelar o protagonismo deste professor, ao abrir caminhos por percursos históricos da Psicologia no Amazonas é, sem dúvida nenhuma, uma história que merece ser contada.

## 1 ENCONTRO MARCADO

Era uma manhã de segunda-feira do mês de junho de 2018 quando, pela primeira vez, encontrei-me pessoalmente com Waldir dos Santos Costa, conhecido por todos como professor Waldir. Em um bairro residencial da cidade de Manaus, casa simples, homem de trato não cerimonioso. Fui recebida por ele após algum tempo de empenho em conseguir agendar um horário favorável. Com andar lento e um pouco titubeante, próprio de um idoso, abriu o portão e me convidou para entrar.

Logo observei elementos religiosos do catolicismo distribuídos no ambiente, fotos da família na estante da sala, retrato do casamento na parede, em meio a algumas placas de homenagens em reconhecimento aos trabalhos por ele realizados. Em especial, uma foto posicionada ao centro, que me pareceu em destaque, a da colação de grau da formatura do curso de Psicologia. Tempos depois entendi que estava diante de objetos biográficos<sup>2</sup>, cada peça ali presente carregava significado e evocava um momento de sua vida. Passamos pela sala de visitas e caminhamos para uma outra mais reservada, uma espécie de sala de televisão e escritório, local no qual ele passava a maior parte do dia, onde viria a ser o espaço-cenário dos demais encontros.

Não foi exatamente uma recepção calorosa. Pelo contrário, senti certa desconfiança enquanto me apresentava e explicava o motivo da minha visita e minhas intenções de estudo. Nosso primeiro diálogo foi “tecnicamente profissional”. Expliquei a ele que gostaria de compreender aspectos de sua vida e possíveis enlaces na história da Psicologia no Amazonas e ele, prontamente, pôs-se a pontuar algumas datas e locais onde havia trabalhado, fazendo algum esforço para se lembrar de eventos com detalhes.

No início, ainda que ressabiado, percebi o seu interesse em me ajudar no estudo em questão. Mais tarde constatei que era uma de suas características marcantes, viabilizar as demandas que chegavam às suas mãos, desde aquele que batia à porta pedindo alimento, aos desencadeamentos de projetos inéditos na cidade de Manaus. Apeguei-me a essa percepção e me dediquei a chamar sua atenção com alguns dados dos quais tomara conhecimento sobre fatos da Psicologia, levando-o ao entendimento de que meu desejo era o de estudar tais acontecimentos à luz da sua trajetória de vida.

---

<sup>2</sup> Halbwachs faz referência aos objetos que possuem significados que familiarmente deciframos. “Cada objeto reencontrado e o lugar que ele encontra no conjunto nos recordam uma maneira de ser comum a muitas pessoas” (HALBWACHS, 2003, p.158).



Mais uma vez me dava conta de que ouvir e acolher histórias de vida faz parte do meu cotidiano profissional no consultório de Psicologia, área a qual decidi me dedicar durante a última década. Estava ali, ao lado de um homem que se empenhara à Psicologia e ao magistério, instigada pela ausência de informações escritas a respeito dele, apenas tinha vagas referências de que ele tivera forte engajamento profissional no estado do Amazonas. Certa de que não existe uma história, mas diferentes formas e perspectivas de a construir, iniciei essa caminhada percorrendo o caminho da biografia.

Conheci o professor Waldir já perto dos seus 80 anos de vida, momento em que havia acabado de se desligar de suas funções no Departamento de Trânsito do Estado do Amazonas (DETRAN-AM), em decorrência de algumas fragilidades em sua saúde. O empreendimento de narrar sua trajetória me levou a perceber o trabalho e a dedicação de um homem que, por décadas, articulou uma rede de sociabilidade em torno de sua profissão e se empenhou em favor do desenvolvimento de uma categoria profissional, com suas iniciativas.

Em alguns momentos, implementou serviços e treinou pessoas para atuarem conforme demandas sociais específicas. Paralelo a esse engajamento, fundou associações, núcleos e se colocou à frente na proposta de estabelecer um curso de graduação na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Tais iniciativas o fizeram ser conhecido por seus pares como pioneiro na Psicologia amazonense, termo presente na construção de sua identidade e representação social por parte daqueles que atuaram com ele<sup>3</sup>.

Nesta tese, o pioneirismo atribuído a Waldir dos Santos Costa, distante de qualquer pretensão de o colocar como primeiro, remetendo a um pensamento de origem de algo, foi concebido a partir de duas chaves de leitura: a primeira como substantivo em sentido figurado, uma vez que ele se engajou em atividades com finalidades em prol da categoria de psicólogos no Amazonas e a segunda como um adjetivo dado àquele que inaugurou serviços e abriu caminhos nesta área do conhecimento. Neste sentido, utiliza-se o termo “pioneiro”, também expresso pelos psicólogos que fizeram parte de sua rede de sociabilidade intelectual, como uma construção de uma versão específica da história da Psicologia no Amazonas, narrada a partir de suas perspectivas.

---

<sup>3</sup> Por definição, pioneiro é a palavra usada para descrever “alguém que foi o primeiro a abrir caminho através de uma região mal conhecida”. Também pode ser utilizada para designar um precursor, um desbravador ou descobridor. Numa outra perspectiva, pode ser “aquele que prepara os resultados futuros”. No sentido figurado, pode ser designado pioneiro “aquele que labora para uma finalidade ou um objetivo proveitoso, elaborando, planejando ou apresentando os resultados vindouros”. Este termo, quando utilizado para dar um adjetivo a alguém, refere-se à pessoa que “desimpede ou abre caminho em determinado âmbito ou setor, que é precursor. Aquele que constitui a componente ou unidade exordial ou inaugural do desenvolvimento e evolução de alguma área”. Fonte: <https://www.lexico.pt/pioneiro/>. Acesso em: 7 out. 2021.

Importante esclarecer a relevância dos profissionais que trabalharam com o professor Waldir à construção desta tese. À medida em que ele desvelava a mim os lugares e processos que constituíram sua trajetória, revelava também os nomes das pessoas que dela fizeram parte. Desde o primeiro encontro, pediu a mim que os anotasse e que as procurasse para que me fornecessem mais detalhes do que estávamos conversando.

Tal atitude me pareceu, a princípio, parte de um discurso modesto. Contudo, ao acolher sua sugestão, entendi que somente conseguiria compreendê-lo de forma ampla se estivesse disposta a enxergá-lo por meio do olhar e memórias de outros. Mapeei e entrevistei as pessoas indicadas por ele, o que me fez aos poucos tecer novos conhecimentos a respeito de sua vida.

No contexto narrativo de memórias, Marilena Chaui (1979), ao apresentar a primeira edição do livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi, afirmou:

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação. [...] Mas o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente, alargando suas margens. [...] O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião para demonstrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância (CHAUI, Marilena. Introdução. In: Bosi, 1994, p.21 e 22).

Foi exatamente este movimento interno de ressonância, como algo que vem de fora, mas que ecoa e encontra sintonia e entendimento no interior do outro, que busquei em meus encontros com o professor Waldir. Munida de imenso senso de responsabilidade ao acolher suas narrativas, como diamantes nas palavras de Chaui (1994), e pelo dever de registrar num trabalho acadêmico os relatos e as nuances da vida de um homem que, dentre tantos papéis sociais, era educador, psicólogo e religioso.

Acolhi suas lembranças, deixando-as ganhar vida em minha imaginação, enquanto ao mesmo tempo oferecendo àquele ancião a oportunidade de trazer à consciência a compreensão e a alegria de desempenhar com competência sua função social. A autorização de passear pela história de vida do professor Waldir me foi dada a cada consentimento às solicitações de nossos encontros em sua residência. Neles, permiti-me ser transladada às décadas de sua infância, juventude, maturidade e a então velhice. Aos poucos me tornei permeável às suas memórias e experiências.

Aqui cabe uma confissão: estava diante de uma pessoa reconhecida socialmente por seu trabalho na profissão que exerço. Inevitavelmente suas narrativas eram concebidas por mim com apreço e respeito, por estar em contato com alguém por quem já nutria admiração. Entendi

logo de início que sem o cultivo de um vínculo, para além do que se estabelece na relação terapêutica, pouco se construiria. A riqueza das narrativas foi pautada na confiança de se partilhar o vivido e, sem tal componente afetivo, muito se perderia. Este vínculo transbordou nossa relação, abrangendo também parte de sua família e amigos.

Ao mesmo tempo, baseada no conceito de Morrou (1978, apud COLOMBO, 2019), sobre o conhecimento histórico, concebi seus conteúdos como uma relação de amizade, num movimento de aproximação empática, até alcançar um certo nível de comunhão com a narrativa do experienciado. De igual modo, fiz um movimento na direção oposta, um passo para trás, frente ao mistério do outro, uma distância respeitosa sem a qual eu tenderia a reduzi-lo às minhas próprias projeções.

Nessa postura dialética de aproximação e distanciamento, ouvi e li, repetidas vezes, suas narrativas, filmadas e transcritas, entrelaçando-as no encadeamento dos fatos, no contexto de sua trajetória profissional, inserida na história da Psicologia brasileira nas diferentes regiões do país. A formação inicial do professor Waldir, pedagogo, assim como sua atuação principal na área da educação básica e superior, remete-nos aos acontecimentos iniciais que serviram de subsídios para o desenvolvimento da profissão de psicólogo no Brasil.

O compilado das narrativas, além de me informar sobre a vida deste homem, me colocou em contato com episódios simbólicos de transformação de uma profissão nesta região. Tal achado me fez refletir que, para enxergar o sujeito alvo da minha atenção, era necessário atentar para suas ações no contexto da história da profissão em que ele estava inserido. Sua trajetória implementando um laboratório de avaliação psicológica na década de 1970, em Manaus, conduziu-me a conhecer os movimentos históricos de desenvolvimento dessa profissão na esfera nacional.

### **1.1 Em busca do norte**

Nos vários encontros com Waldir dos Santos Costa me deixei guiar tanto pelo que ele dizia, como por interrogações e perplexidades que me assaltaram. O que havia sido estudado a respeito sobre a história da Psicologia no Amazonas? Esbarrei em silêncio, na ausência de estudos que considerassem os esforços para implantar serviços e entidades representativas da categoria de regulamentação profissional e espaços de formação.

A historiografia da Psicologia no Brasil tem destacado a criação de laboratórios inaugurados nas primeiras décadas do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, que a mostrou com contornos de uma ciência autônoma, mesmo que suas primeiras experiências ainda fossem

vinculadas às outras áreas de conhecimento. A inauguração do laboratório de psicometria, no serviço de psicologia do Departamento de Trânsito do Amazonas, teria tido a mesma importância para o desenvolvimento da profissão nesta região?

Para tal reflexão vale pensar um marco histórico importante, o *Pedagogium* (1890-1919), símbolo da modernidade educacional republicana, que trouxe a proposta de ser um centro impulsionador das reformas educacionais no âmbito nacional e centro coordenador das atividades pedagógicas no país (MIGNOT, 2013). Nele, funcionou o primeiro laboratório de Psicologia no Brasil, que teve Manoel José Bonfim (1868-1932) como fundador e diretor por 15 anos, cuja produção psicológica possuía três eixos com pontos de articulação entre si.

O primeiro correspondia a uma Psicologia Social relacionada à formação do caráter nacional, do espírito público e do regime democrático; o segundo, dedicado à Psicologia da Educação articulada com a Pedagogia, com a formação de professores e com a infância e, no terceiro eixo, desenvolvera uma Psicologia Experimental, ligada aos testes (PORTUGAL, 2013). Daí vem a constatação de que, no Brasil, por intermédio do primeiro laboratório, a área iniciou com especificidades centradas em psicologia social, educacional e experimental.

Concomitantemente aos acontecimentos desencadeados no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX, a respeito de como se encontrava a Psicologia no Amazonas, o artigo intitulado *Psicologia – Ciência e Profissão no Amazonas*, publicado na *Revista da Psicologia / CRP-01*<sup>4</sup>, afirma o seguinte:

A história da psicologia no Amazonas teve início com a formação da primeira universidade denominada de “Escola Universitária Livre de Manaus”, uma remodelação da Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas, inaugurada a 22 de novembro de 1909. Nesta época os conteúdos da área da Psicologia eram abordados nos cursos de fundamentação psicológica das ciências sociais e políticas. A psicologia estava intimamente relacionada aos trabalhos educacionais desenvolvidos no Estado do Amazonas, principalmente com a existência da Escola Normal, criada em 04 de novembro de 1880 e inaugurada em 06 de março de 1882 sob a direção do Dr. Epifânio José Pedrosa. O enfoque psicológico era aplicado a escolas particulares e estatais e especializadas, como o instituto Montessoriano Álvaro Maia do Dr. André Araújo. Este, por sua vez, desenvolvia trabalhos com deficiência física, auditivas, visuais e mentais, dentro de um processo educativo de desenvolvimento da potencialidade. Pertencia à Escola, também, o “Laboratório Psicopedagógico da Conduta Infantil Araújo Filho”. As atividades profissionais eram desenvolvidas por educadores, no Juizado de Menores, cujo titular era o Dr. André Araújo. Havia um serviço de avaliação e orientação psicológicas através de testes psicopedagógicos” (REVISTA DA PSICOLOGIA / CRP-01, p. 39, s/d).

---

<sup>4</sup> A publicação integral do artigo está dentre os anexos (A) deste trabalho, uma vez que não foi possível localizar, até o momento, os nomes dos autores e o ano da publicação. Foi entregue a mim, em mãos, pelo professor Waldir em um dos nossos encontros e, segundo ele, trata-se de um texto elaborado pelos psicólogos que compunham a Seção Regional de Psicologia no Amazonas, encaminhado ao Conselho Regional de Psicologia CRP-01, em Brasília, ao qual foi vinculado até o ano de 2011, ano em que ganhou sua autonomia e passou à categoria de Conselho Regional.

A respeito desse momento histórico da Psicologia no Amazonas, Waldir dos Santos Costa trouxe a seguinte informação em seu discurso:

A história da Psicologia no Amazonas teve início com a formação da primeira Universidade denominada Escola Universitária Livre de Manaus, uma remodelação da Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas, inaugurada em 22 de novembro de 1909. Então, nesta época, os conteúdos da área da Psicologia eram abordados nos cursos de formação psicológica das Ciências Sociais e Políticas. Aí já começou... Aí o pessoal a usar conteúdos da Psicologia, os que o Brasil tinha, né? Entende como é? (Waldir dos Santos Costa, 2018).

Havia uma estreita relação entre os trabalhos educacionais e a Psicologia, não só por meio da primeira Escola Normal Superior no Amazonas, como também nas práticas psicológicas realizadas nas escolas estaduais, particulares e institutos, à época manifestadas na avaliação e aplicação de testes psicopedagógicos. Contudo, no Amazonas, somente no início da década de 1970 a Psicologia iniciou seu processo de autonomização dos demais saberes com os quais estava vinculada, até então.

Sem a pretensão de realizar um balanço exaustivo da produção historiográfica da Psicologia brasileira, observei a existência de estudos em outros estados da federação. No Rio Grande do Norte (RN), Carvalho et al. (2002) estudaram a implementação da área na cidade de Natal em conexão com seu processo de modernização urbana. Para o estudo, optaram por adotar uma perspectiva de construção sócio-histórica, ou seja, a história do campo compreendida por meio das condições histórico-culturais.

Os autores descreveram três momentos que marcaram a implantação da profissão na região: a introdução das ideias psicológicas e seu impacto no desenvolvimento da escola secundária nos primeiros anos do século XX, a inserção da Psicologia no ensino superior e a sua consolidação, com a criação dos cursos e serviços da área. Os resultados de suas pesquisas apontaram uma inserção em Natal vinculada às tarefas práticas, sobretudo a aplicação de técnicas, a partir das escolas secundárias, até se consolidar com a criação do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o primeiro do estado, em 1976.

No Maranhão, Araújo (2005) percorreu a historiografia a partir de autores que concebem a História da Psicologia enquanto produção social, articulada ao movimento histórico da sociedade. A autora observou que, por muito tempo, o saber psicológico estava atrelado à figura de duas especialidades médicas: os pediatras e os psiquiatras. Apesar de não ser um estudo biográfico, em sua escrita a autora revelou nomes importantes de pessoas que contribuíram para a implementação de serviços de Psicologia, dentre os quais deu ênfase ao médico pediatra Pe. João Miguel Mohana, formado em medicina em Salvador, no estado da Bahia, em 1949.

Quanto ao processo de estruturação dos serviços de Psicologia, Araújo (2005) descreveu a relevância do Departamento de Trânsito, a partir de 1971, com o credenciamento da primeira psicóloga que residiu em São Luís, formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e do Hospital Psiquiátrico Nina Rodrigues, fundado em 1941, com atuação de psicólogos a partir de 1987. Ainda na década de 1970, pontuou instituições que possibilitaram oportunidades de trabalho para psicólogos, tais como a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a Associação de Pais e Amigos Excepcionais (APAE) e a Fundação Estadual do Bem-Estar (FEBEM).

No artigo intitulado História da Psicologia em Goiás, Rodrigues (2009), a partir de uma perspectiva social, problematizou os saberes, as práticas e os discursos psicológicos que contribuíram para a construção do campo da Psicologia neste local. Concluiu que os conhecimentos psicológicos, num primeiro momento inseridos na área médica e da educação, foram fundamentais para a difusão de uma nova concepção de educação, de criança e de sociedade, concepções estas que iam ao encontro do modelo de homem idealizado pelos projetos de modernização e da cultura de Goiás.

Santos et al. (2013) debateram sobre o processo de organização sociopolítica dos psicólogos na Bahia e refletiram sobre o papel das entidades representativas da classe neste processo. Tais reflexões lançaram luz para que eu pudesse pensar na relevância do trabalho dos psicólogos que se engajaram na luta para a organização sociopolítica da categoria no Amazonas. Um estudo biográfico poderia contribuir para a historiografia da Psicologia no Amazonas?

A lacuna na historiografia da Psicologia no Amazonas foi observada pela escassez de publicações localizadas nos bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para a região. A busca foi realizada selecionando “Período Indeterminado”, a partir das palavras-chave “História da Psicologia Brasileira”, “História da Psicologia no Amazonas” de forma isolada e com busca avançada, associando a “Pioneiros”.

Quando se trata da Psicologia brasileira, observou-se a existência de uma vasta literatura sobre o tema, principalmente publicações oriundas das regiões Sul e Sudeste do país. Contudo, ao procurar pelo mesmo assunto nas demais regiões, observei raras notas historiográficas para a Região Centro-Oeste e Nordeste<sup>5</sup>. No âmbito do pioneirismo em Psicologia na Região Norte e, em especial, estudos biográficos do tema no Amazonas, não foram localizadas publicações

---

<sup>5</sup> Os estudos encontrados relatam aspectos da historiografia da psicologia nos estados de Goiás (Rodrigues, 2009), Bahia (Santos et al. 2013), Paraíba (Alberto et al. 2018) e Rio Grande do Norte (Carvalho et al. 2002).

nessas plataformas de dados<sup>6</sup>.

A Psicologia transita entre duas áreas do conhecimento: as das Ciências Humanas e as da Saúde. Portanto, realizei busca nos bancos de dados indexados à Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia<sup>7</sup>, a partir dos descritores em Ciências da Saúde (DeCS)<sup>8</sup> correspondentes à história da Psicologia brasileira e seus respectivos estados da nação, com os seguintes descritores: “História da Psicologia” e “Historiografia da Psicologia”. O engajamento nesta plataforma se deu pela possibilidade de encontrar estudos de cunho biográfico, ou outros com aspectos históricos, relacionados à saúde mental no Amazonas.

O resultado da procura constatou os achados realizados na CAPES e ampliou o universo de artigos, apresentando variadas publicações expressivas de pesquisadores como: Ana Maria Jacó-Vilela, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Regina Helena de Freitas Campos, na Universidade Federal de Minas Gerais; Marina Massimi, na Universidade de São Paulo e William Barbosa Gomes, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dentre outros. A partir destes resultados, estabeleci diálogo com os teóricos e pesquisadores que, na atualidade, dedicam-se à preservação da memória e à escrita da história da Psicologia brasileira, sem perder de vista a vida que me dedicava a compreender.

A busca do norte tem aqui um duplo sentido. Não se restringe a um balanço da historiografia com o intuito de identificar estudos sobre a Psicologia na região geográfica da qual me ocupo. Trata-se também de buscar caminhos para pesquisar a vida de Waldir dos Santos Costa, entendendo que sua biografia poderia trazer pistas para a compreensão da História da Psicologia no Amazonas.

Concordo com Muñoz (1992), quando apresenta a perspectiva biográfica como uma proposta nuclear dentro das aproximações qualitativas na narrativa histórica, no qual a convergência está em permitir aos pesquisadores se situarem em um ponto crucial de confluência entre o testemunho subjetivo de um indivíduo, à luz de sua trajetória vital, de suas experiências e de sua visão particular, e a narrativa de uma vida que é reflexo de uma época, de

---

<sup>6</sup> Foi identificado um artigo correlato ao tema publicado por Calegare e Tamboril (2017), cujo objetivo foi apresentar um breve levantamento dos dados quantitativos sobre a graduação e a pós-graduação no Brasil e na Região Norte, com foco na Psicologia Social, procurando destacar os avanços e os desafios atuais da produção do conhecimento nessa área.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.bvs-psi.org.br>.

<sup>8</sup> DeCS corresponde ao vocabulário estruturado e multilíngue criado pela BIREME (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde) para servir como uma linguagem única na indexação de artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos e outros tipos de materiais, assim como para ser usado na pesquisa e recuperação de assuntos da literatura científica nas fontes de informação disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Disponível em: <http://decs.bvs.br>.

normas sociais e de valores essencialmente compartilhados com a comunidade da qual o sujeito faz parte. A partir das narrativas do professor Waldir, identifiquei sua rede de sociabilidade, valorizando também aqueles que estiveram junto a ele em seu percurso profissional.

A História Oral foi o caminho escolhido para historiografar e constituiu fonte privilegiada desta pesquisa. O acesso às pessoas que conviveram com o professor Waldir e protagonizaram a instituição de vários serviços da Psicologia em Manaus junto a ele, principalmente a disponibilidade em lembrar os episódios simbólicos de sua vida, fizeram desta fonte a minha primeira escolha para a investigação.

Neste aspecto, o diálogo foi estabelecido com Alberti (2013), quando esta autora considera ser este o principal método<sup>9</sup> empregado em pesquisas para a ampliação de conhecimentos sobre o passado. A ênfase na trajetória de vida do indivíduo, na experiência concreta, “[...] faz sentido porque a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo. Acredita-se que as biografias ilustram formas típicas de comportamento e concentram todas as características do grupo” (ALBERTI, 2010, p. 3).

Segundo ela, as entrevistas temáticas são aquelas direcionadas prioritariamente ao tema escolhido, enquanto a história de vida tem como principal interesse o próprio indivíduo da história, incluindo toda sua trajetória desde a infância até o momento de sua fala. Alberti (2013) afirma:

Apesar dessas diferenças, ambos os tipos de entrevista de história oral pressupõem a relação com o método biográfico: seja concentrando-se sobre um tema, seja debruçando-se sobre a vida do depoente e os cortes temáticos efetuados em sua trajetória, a entrevista terá como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência (ALBERTI, 2013, p. 48).

Entendo, a partir de Maurice Halbwachs (2003), que uma memória coletiva é evocada. Uma vez que, quando cada um conta sua história, ela se encontra conectada a um contexto social e histórico a ser também considerado. Por este motivo, compreendi que, ao incorporar as narrativas de diferentes personagens relacionados à rede de sociabilidade do professor Waldir, foram ampliadas as possibilidades de se estabelecer novas análises, reconhecer percepções outrora desconhecidas, além de incitar novas interpretações do passado vivido. Neste sentido, considerei a primazia ensinada por Halbwachs (2003):

---

<sup>9</sup> A literatura apresenta uma discussão sobre a concepção de a História Oral (HO) ser um método, uma técnica ou uma teoria. Além do conceito já descrito por Alberti (2013), esta pesquisa dialoga com Penna (2005, p. 17-33), ao afirmar que, quando concebida como método, a HO se refere a um espaço de contato e influências interdisciplinares, em escalas e níveis locais e regionais, com ênfase nos fenômenos e eventos que permitem, mediante a oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos históricos e sociais.



De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social (HALBWACHS, 2003, p. 69).

Os registros das narrativas foram feitos mediante gravação e filmagem com aparelho digital. Em seguida, procedeu-se à transcrição literal, marcando período de pausa, ênfases ou qualquer tipo de expressividade oral, tanto do protagonista, quanto da pesquisadora. Para facilitar a análise posterior e mais refinada, optei pela seguinte estratégia de organização dos textos produzidos: a) uma cópia com o registro original, contendo a transcrição literal de todas as entrevistas; b) uma segunda cópia com o registro cronológico, em que ordenei todas as informações de acordo com as etapas sucessivas da vida do protagonista, desde sua infância até o momento presente, o que me permitiu observar melhor os pontos de referências de tempo/período a serem analisados; c) uma terceira cópia foi destinada à composição dos registros de pessoas envolvidas na pesquisa e que, portanto, fizeram parte da sua rede sociabilidade; e d) uma quarta cópia constituiu o registro temático, que agrupou as informações em capítulos, cronologicamente descontínuos, conforme proponho a seguir.

A análise documental constituiu parte importante para essa operação historiográfica<sup>10</sup>. Elegi documentos oficiais como fonte de pesquisa por evidenciarem a atuação do professor Waldir nas variadas frentes de trabalho na Psicologia, nas instituições em que ele atuou, denotando suas ações na sociedade. Privilegiei publicações no Diário Oficial da União, sinalizando período de atuação nos serviços públicos; declarações das instituições que revelam as atividades exercidas; atas de constituição de curso e de serviços psicológicos; discursos proferidos por ele e por outros profissionais, direcionados a ele, que revelam sua trajetória profissional e acadêmica. A relação de documentos selecionados referentes à sua atuação profissional está disposta no Quadro 1:

Quadro 1 - Documentos sobre a atuação profissional do professor Waldir dos Santos Costa

-	Nome do Documento	Data e Fonte	Pessoas Citadas	Conteúdo
---	-------------------	--------------	-----------------	----------

<sup>10</sup> Concordo com Michel de Certeau (2017, p. 45-108), ao considerar a operação historiográfica de forma simbólica, ou seja, o desvelamento de um passado morto e o resultado de uma prática presente. O autor explica que essa afirmação exige do pesquisador a consciência das particularidades de onde fala (dos protagonistas e do próprio pesquisador, na minha compreensão), que se considere as especificidades inerentes ao assunto ao qual se propõe escrever e, ainda, que seja sinalizada sua postura teórica metodológica para examinar os acontecimentos. Por este motivo, o trabalho historiográfico é concebido como um fazer singular, onde o sentido não é revelado na observação do dado, mas é fruto de uma relação entre o objeto e quem o conhece.

1	<b>Declaração</b>	23/12/1975 <b>Fonte:</b> Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM.	Subdiretor de Programas Integrados	Apresenta a programação e descrição das atividades realizadas em estágio dentro do Centro de Recursos especiais da FUNABEM, no período de 09 a 19 de dezembro de 1975.
2	<b>Declaração</b>	26/12/1975 <b>Fonte:</b> Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor – FEBEM-PE.	Diretora Técnica Presidente Diretor Administrativo	Declara que Waldir dos Santos Costa estagiou nesta Fundação durante o período de 17 a 26 de dezembro de 1975, quando desenvolveu atividades administrativas e técnicas da FEBEM-PE, estudo da Política de ação da FEBEM-PE, suas programações e perspectivas e visitas de observação em nível técnico e administrativo às unidades descentralizadas.
3	<b>Certidão</b>	10/10/1979 <b>Fonte:</b> Secretaria de Estado de Trabalho e Serviços Sociais - Governo do Estado do Amazonas	-	Relata e certifica as atividades e cargos exercidos por Waldir dos Santos Costa nos 4 anos, 1 mês e oito dias de serviços prestados à Secretaria de Estado de Trabalho e Serviços Sociais do Amazonas.
4	<b>Diário Oficial</b> ATOS DO PODER EXECUTIVO ESTADUAL	Decreto de 15 de março de 1979 <b>Fonte:</b> Diário Oficial da União	Henoch da Silva Reis Governador	Resolve: “exonera, a pedido, nos termos do art.109, item 1, da lei nº701, de 30 de dezembro de 1967, Waldir dos Santos Costa, do cargo de Presidente da Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor – FEBEM. Gabinete do Governador do Estado do Amazonas”.
5	<b>Diário Oficial</b> ATOS DO PODER EXECUTIVO ESTADUAL	Decreto de 14 de novembro de 1979 <b>Fonte:</b> Diário Oficial da União	José Lindoso Governador  Therezinha de Brito Nunes Secretária de Estado do Trabalho e Serviços Sociais	Resolve: “exonera, a pedido, nos termos do art.109, item 1, da lei nº701, de 30 de dezembro de 1967, Waldir dos Santos Costa, do cargo de subsecretário da Secretaria de Estado de Trabalho e Serviços Sociais. Gabinete do Governador do Estado do Amazonas”.
6	<b>Portaria nº 089/79</b> GSETRASS	1979 <b>Fonte:</b> Secretaria de	Therezinha de Brito Nunes Secretária de Estado do Trabalho e Serviços Sociais	Considera o trabalho desempenhado por Waldir

		Estado de Trabalho e Serviços Sociais - Governo do Estado do Amazonas		dos Santos Costa na subsecretaria de Estado de Trabalho e Serviços sociais, o apoio e supervisão efetiva dados à equipe que elaborou o plano de cargos e salários desta pasta. Resolve: “Agradecer e elogiar o trabalho desenvolvido pelo psicólogo Waldir dos Santos Costa, durante o exercício do cargo de subsecretário do Estado do Trabalho e serviços sociais”.
--	--	---	--	---

Fonte: ELABORADO PELA AUTORA, 2021.

A lista de documentos pessoais e institucionais relacionados à sua trajetória acadêmica estão apresentados no Quadro 2:

Quadro 2 - Lista de documentos pessoais e institucionais relacionados à trajetória acadêmica do professor Waldir dos Santos Costa, na Universidade Federal do Amazonas, produzidos na década de 2010

<b>Documento</b>	<b>Principais Conteúdos</b>
Dossiê para indicação do professor Waldir dos Santos Costa para obtenção do título de professor Emérito	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Coletânea de e-mails encaminhados para o professor Luis Alberto Passos Presa, encaminhados à comissão de avaliação de mérito acadêmico, apresentando justificativas e motivos para a indicação do professor Waldir dos Santos Costa ao título de professor emérito.</li> <li>▪ O conjunto de depoimentos sinalizou as memórias construídas pela rede de sociabilidade a respeito do professor Waldir dos Santos Costa.</li> </ul>
Ata da sessão solene para obtenção do título de professor Emérito ao professor Waldir dos Santos Costa	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Relação de nomes das autoridades acadêmicas presentes.</li> <li>▪ Discurso de abertura realizado pelo professor Luis Alberto Passos Presa.</li> <li>▪ Discurso realizado pelo professor Waldir dos Santos Costa com elementos para refletir sobre as memórias construída de si mesmo.</li> </ul>

Fonte: ELABORADO PELA AUTORA, 2021.

Muitas dessas fontes foram cedidas pelo próprio professor Waldir, nos momentos das entrevistas. À medida em que abria suas pastas e partilhava seus certificados, documentos diversos, dentre eles a carteira do Conselho que mostra o número da sua filiação, cópias do Diário Oficial da década de 1970, comprovando seus cargos e atividades, entendia que guardar cuidadosamente tais papéis antigos era também uma forma de “construir a própria história de formação” (MIGNOT, 2003, p. 11) e de profissão.

Realizei buscas na Hemeroteca Digital Brasileira, utilizando as palavras-chave “Waldir

dos Santos Costa”, com quatro periodizações (1970-1979, 1980-1989, 1990-1999 e 2000-2009), em todos os periódicos disponíveis do estado do Amazonas. O resultado gerou um total de 12 ocorrências, a maioria publicada no *Jornal do Commercio do Amazonas*, às quais foram examinadas encadeadas com as demais fontes. Tal conduta possibilitou o desvelar das ações, estratégias e desafios enfrentados por este pioneiro em sua trajetória na Psicologia amazonense.

Como pode ser observado, fontes variadas de pesquisa serviram para subsidiar o estudo sobre o protagonismo do professor Waldir no reconhecimento e desenvolvimento da Psicologia no Amazonas, explicitando sua atuação e como o seu modo de trabalho influenciou na profissionalização e educação nesta área e estado.

Estaria embutida em sua inquietação a desqualificação da própria existência, ou de sua narrativa como sendo menor? Caberia a mim apreender e dimensionar a ele a relevância da sua história de vida, considerando como os indivíduos constroem e interpretam seus universos sociais e que, conforme pondera Demartini (2008), é nessa riqueza de experiências e conhecimentos que educadores e educandos constroem, ao longo de sua trajetória, o que efetivamente constituem as histórias da educação de cada contexto.

É por meio das narrativas que se pode visualizar como as propostas e determinações do Estado, em forma de leis, decretos e planos, foram sendo apropriadas, criticadas, reformuladas e/ou rejeitadas. Neste entendimento, pode-se afirmar que o retorno ao sujeito visa valorizar e aprender com tais experiências, entendendo que o conhecimento adquirido dessa forma é mais completo e mais complexo.

Ao insistir, sem saber, ele dizia sobre si. Toda sua narrativa estava repleta de reconhecimento ao trabalho daqueles que fizeram parte de sua trajetória e, com toda razão, as pessoas citadas tinham muito a contar sobre os temas colocados. À medida em que o professor Waldir enfatizava a relevância de quem estivera junto a ele, as palavras de Maurice Halbwachs (2003) se acomodavam no diálogo, no entendimento de que, apesar do aspecto individual da memória, ela sempre estará ancorada em referências relacionais do grupo e do contexto ao qual o indivíduo pertence ou já esteve inserido.

Neste aspecto, foi possível perceber que a memória é um processo de (re)construção do passado a partir do presente e, conforme o mesmo autor, deve ser analisada mediante dois pontos. O primeiro, não se trata de uma repetição linear dos acontecimentos e vivências no contexto de interesses atuais e, o segundo, diferencia-se dos que podem ser evocados e localizados em um determinado tempo e espaço, envolto num conjunto de relações sociais (HALBWACHS, 2003, p. 39-41).

Portanto, não houve outra saída, senão fazer o que ele me solicitara. Entrei em contato

com aqueles que havia citado, sem me dar conta da riqueza contida no entrelaçamento das narrativas, que serviram como substrato para os nossos encontros subsequentes e, dessa forma, o nosso nível de confiança durante a partilha foi sendo ampliado. Ademais, os depoimentos e declarações das pessoas que constituíram seu entorno social imediato foram relevantes na medida que o revelavam dentro do seu grupo primário e secundário<sup>11</sup>, ou seja, o nível essencial de mediação entre o indivíduo e a sociedade. O uso de relatos de vida paralelos constituiu uma amostra representativa a respeito do universo do qual trato neste trabalho.

Tão logo ele percebeu meu engajamento nos encontros, quase como num ato de rendição, concordou com as gravações em áudio e vídeo, revelando-se mais confortável a cada conversa. Eu tinha em mãos um roteiro de temas a serem abordados e um caderno de anotações, no qual registrava minhas percepções das entrevistas, como um diário de bordo. Contudo, o desafio era poder compreender a pessoa que estava diante de mim, as questões profissionais estariam inseridas como uma de suas formas de existir.

Em outros encontros, não gravados, sentamo-nos ali para ver os álbuns de fotos da família e para passear entre seus diplomas e placas de homenagens recebidas de alunos, professores e instituições com as quais contribuiu com seu trabalho, exercitando o evocar de suas memórias. Tais encontros foram importantes, por despertarem fortes lembranças e emoções. Nossas conversas se tornaram frutíferas no ato de recordar, na ação dirigida, porém não intencional, de deixar as lembranças passarem novamente por suas percepções, alargando as fronteiras do presente.

É importante notar que, a despeito da busca constante por indícios que me fariam construir parte de sua trajetória de vida no contexto da história da Psicologia no Amazonas, minha matéria-prima eram as memórias do professor Waldir. O propósito central era fazer uma descrição densa e uma análise singular dos eventos relevantes à consolidação de uma profissão, a partir das narrativas das suas experiências.

## 1.2 Os caminhos da memória

Diante de Waldir dos Santos Costa e de outros sujeitos que compõem sua rede de sociabilidade para escutar o que tinham a dizer sobre o biografado, as iniciativas dos psicólogos e os desafios com os quais se defrontaram, esbarrei em relatos recorrentes, silêncios sobre debates e versões mais ou menos nítidas acerca de episódios e motivações que justificaram a

---

<sup>11</sup> Por grupo social primário considerei familiares e amigos, nesta pesquisa representado por sua esposa, filhos e pelo psicólogo João Bosco Bezerra Araújo e, por grupo secundário, os colegas de profissão.

implantação de serviços, proposta de formação e iniciativas associativas. Estava frente à disputa de memórias.

Cabe aqui uma reflexão a respeito das ideias daqueles que nos incitam a considerar a memória como aliada na construção da história. Iniciemos com Henri Bergson (1859-1941), filósofo e diplomata francês, ao abordar a dualidade entre a alma e o corpo, espírito e matéria, numa proposta de leitura do mundo através das imagens e a percepção deste mundo pelo próprio corpo.

Bergson (1999), em seu clássico livro publicado em 1896, *Matéria e Memória: ensaio com a relação entre o corpo com o espírito*, apresenta uma nova forma de entendimento da relação entre o corpo e a memória, uma vez que estava inserido num pensamento filosófico positivista, no final do século XIX e início do XX, em que se privilegiava o objetivismo da memória, localizada no cérebro, sendo a única forma científica aceita à época.

Num movimento de oposição ao positivismo, sua teoria postula que a memória não pode ser atribuída apenas às questões da matéria, aos aspectos fisiológicos, mas na interação entre ela e o espírito. Para este autor, a percepção, ou seja, a leitura e atribuição de significados que fazemos do presente, é inseparável da memória. Significa dizer que Bergson (1999) agrega ao objetivismo com o qual a memória vinha sendo tratada e trabalha também em uma perspectiva subjetiva e interativa sensório-motora, de corpo e espírito.

O autor deixa explícito que a memória é revelada como instrumento de preservação do passado e que sobrevive por meio da evocação no presente. Ele faz sua distinção entre dois tipos: a memória-hábito, adquirida pela repetição e ação de comportamentos habituais e a imagem-lembrança, constituída por rememorações isoladas, evocativas, que ocorrem independentes de qualquer hábito. Esta última, por ser inconsciente e individualizada, é considerada por ele como a verdadeira memória, porque o passado estaria aí, vivo para “souvenir”, vir à tona, constituindo-se em autênticas ressurreições dele próprio. Para Ecléa Bosi, a teoria de Bergson sustenta que o passado se conserva no espírito, o seu cuidado maior é o de entender as relações entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, a confluência de memória e percepção (BOSI, 1994, p. 49).

Em Bergson é possível entender que, a partir da percepção pessoal, utilizamos filtros para captar as informações que nos interessam e nos comunicam. Dessa forma, as memórias são formadas, conservadas e evocadas. As ideias deste autor formaram um escopo de conhecimento e um substrato para que outros filósofos, sociólogos, psicólogos e antropólogos expandissem suas reflexões sobre esse fenômeno.

Se, por um lado, Bergson (1999) postulou o fenômeno da memória como algo

individual, por vezes inconsciente, na relação do presente com o passado, por outro, Maurice Halbwachs (1877-1945), sociólogo francês, é enfático ao afirmar que o ser humano não lembra sozinho e que lembranças e memórias estão ancoradas na sociedade em que vivemos. Halbwachs é responsável pela inauguração do campo de estudos sobre a memória na área das Ciências Sociais, que até aquele momento era explorado somente pela Psicologia e Filosofia. Ele criou uma categoria de análise para um constructo anteriormente contemplado na perspectiva individual, a qual denominou “memória coletiva”.

Segundo Halbwachs (2003), para se recordar é necessário que o nosso pensamento não deixe de concordar, em certo ponto, com os pensamentos dos outros membros do grupo. Desse modo, esquecer determinado período, fato ou evento de nossa vida é perder também o contato com aqueles que compunham nosso grupo social. Para ele,

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Neste sentido e corroborando com o postulado do autor supracitado, observei a riqueza dos detalhes ancorados nas instituições às quais o professor Waldir pertencera e como estas foram, pouco a pouco, moldando sua forma de ser, direcionando suas experiências e tomadas de decisões e, por que não dizer, constituindo sua identidade.

Sobre isso, ainda vale pensar que, ao fazer um contraponto com as ideias de Bergson (1999), Halbwachs (2003) reafirma que, mesmo sendo individual, a memória não está de todo isolada, uma vez que toma como referência sinais externos ao sujeito. Ele examina a definição de memória individual da seguinte maneira:

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2003, p. 72).

O autor também assinala que o indivíduo isolado de um grupo social não seria capaz de construir qualquer tipo de experiência e, conseqüentemente, não haveria a possibilidade de manutenção de registro, uma vez que a memória é o registro de experiências do passado. Sendo assim, nesta linha de pensamento, a memória coletiva é definida como um processo de (re)construção do passado vivido e experimentado por um determinado grupo social

(HALBWACHS, 2003).

Dessa forma, considero que as pessoas e instituições presentes na história de vida do professor Waldir formaram quadros sociais, as contingências de suas memórias serviram como ponto de apoio para a evocação das suas lembranças e possibilitaram a manutenção de registro da história a qual me propus a escrever.

Um outro aspecto importante da teoria é de que a memória, tal qual uma construção social, é também seletiva, pois o indivíduo pode recordar somente aquilo que é importante para seu grupo, reivindicando a sua formação identitária a partir dessas experiências coletivas. A memória coletiva é partilhada por um grupo, um povo, uma nação, constituindo e modelando a identidade, a particularidade, a inscrição na história daquele grupo (HALBWACHS, 2003).

Dito isto, para subsidiar as reflexões feitas com relação à história de vida do professor Waldir, concebo a memória como um fenômeno construído coletivamente, conforme as premissas postuladas por Maurice Halbwachs (2003). Contudo, também a entendo como um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, uma vez que está inserida no campo das percepções da realidade, de forma subjetiva por aquele que atribui significados aos eventos.

Esta forma de interpretar o fenômeno da memória é também sustentada por Michel Pollak (1989, 1992). Sem discordar de Halbwachs (2003), ele acrescenta novas formas de entendimento deste autor, ressaltando a influência que recebeu. Ambos definem a memória como uma construção social, sendo por este motivo parcial e seletiva, uma vez que envolve um processo de escolha.

Entretanto, Pollak (1992) apresenta que, além de ser coletiva, o indivíduo também é capaz de formar e acessar memórias, participando ativamente da construção das recordações dos grupos. Ou seja, a pessoa faz inferências e administra as influências que chegam de fora, a fim de construir suas próprias recordações. As situações vivenciadas pelo grupo são elaboradas internamente pelos indivíduos e, por meio de suas próprias percepções, estes criam suas interpretações pessoais sobre o evento.

Segundo o mesmo autor, outro aspecto fundamental diz respeito à diferenciação entre esquecimento e silenciamento presentes nas narrativas, sendo este último uma possível forma de resistência ao assunto ou acontecimento. Tal interdição ou silenciamento poderá estar referido aos interesses do biografado na construção da narrativa.

Assim, estava diante de um idoso de oitenta anos, que saíra há pouco tempo de um período de internação, devido à descompensação de uma doença crônica – fibrose pulmonar – que nos últimos meses estava lhe causando limitações. Ele se cansava facilmente, às vezes até mesmo ao falar, o que lhe obrigava a ter por perto um balão de oxigênio. Ao se perceber em



declínio em relação à saúde, alertou-me por mais de uma vez: “Olha, se você quer saber alguma coisa a mais, é hora de perguntar, porque eu não sei até quando eu estarei aqui para responder” (Waldir dos Santos Costa, 2018). O que num primeiro momento me soou como ameaçador, foi interpretado depois como uma fala carregada da lucidez de quem estava conectado com sua existência e com plena consciência de sua finitude.

Ao me dedicar à tarefa de compreender a trajetória de vida do professor Waldir, a partir de suas narrativas, encontrei convergência com o pensamento de Antoine Prost (2017) que afirma:

Qualquer história implica significações, intenções, vontades, medos, imaginação e crenças. A singularidade defendida pelos historiadores é a do sentido [...] compreender significa propor um modelo de inteligibilidade própria a uma ordem de fenômenos. O objetivo da compreensão consiste em encontrar a verdade de situações ou de fatos dotados de sentido pelos homens. [...] O caráter próprio da compreensão consiste em enraizar-se na vivência do sujeito; deste modo, é possível esclarecer os depoimentos, à primeira vista, surpreendentes, dos historiadores sobre o homem e a vida [...] de fato, na história, compreender é sempre, de certa maneira, colocar-se pelo pensamento no lugar daqueles que são o objeto da história que se escreve. Tal procedimento supõe uma verdadeira disponibilidade, uma atenção e uma capacidade de escuta; a vida cotidiana é que permite o aprendizado de todos esses aspectos (PROST, 2017, p. 141-147).

Do mesmo modo, baseada na afirmação de Prost (2017), explicitar a narrativa de vida do professor Waldir e considerar suas ações em sua formação profissional é estudar o humano peculiar que, por similaridade, é passível de compreensão; mas também é um olhar para o coletivo pois, por meio de sua singularidade, são revelados as normas e os hábitos de um grupo. Assim, ele se torna representativo, uma vez que exerceu influência sobre a vida de pessoas e instituições em uma determinada época, na sociedade amazonense.

O pensamento de Prost (2017) corrobora o postulado por Certeau (2017, p. 27) e se torna coerente ao analisarmos a vida do protagonista desta pesquisa e ao refletir sobre a possibilidade de escrever sua história, por meio de duas formas não opostas nem contraditórias: a primeira, interrogando sobre o que é pensável e sobre condições de compreensão, enquanto a segunda pretende encontrar o vivido, exumado graças a um conhecimento do passado, com o objetivo de restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram. Ou, em outras palavras, encontrar as ações, pensamentos e crenças do professor Waldir, por meio dos traços deixados por ele.

Nesta perspectiva, entrelaçar a experiência individual de Waldir dos Santos Costa, presente nas narrativas de sua história de vida, com a História da Psicologia no Amazonas foi um exercício de compreensão de como ocorreu o desenvolvimento da profissão no estado do Amazonas, o que me faz transitar entre uma visão micro e macrossocial, buscando identificar

e conhecer o impacto das transformações, sua ordem e sua importância na vida cotidiana, não somente dele, mas também do seu entorno social imediato.

Sendo assim, este estudo foi dedicado à compreensão da sua história de vida, em especial dos aspectos de sua trajetória profissional, suas aspirações acadêmicas iniciais, as continuidades e rupturas dos ideais de sua carreira. O exercício contínuo foi o de analisar em profundidade a narrativa recopilada, na tentativa de penetrar de forma empática em seu universo. Nele, busquei encontrar indícios por meio de objetos, episódios e espaços simbólicos que foram referências pessoais e que ancoraram suas memórias (KOTRE, 1997).

Este percurso permitiu-me situar em um ponto crucial de convergência entre o testemunho subjetivo deste homem, à luz de sua trajetória vital, de suas experiências, de sua visão particular, e a narrativa de uma vida que é reflexo de uma época, de normas sociais e de valores compartilhados com uma comunidade e uma categoria profissional, da qual fez parte.

Além de compreender como se deu sua formação num exercício de enxergar alguns episódios que o influenciaram e o direcionaram a decisões que nortearam sua trajetória, identifiquei sujeitos que estiveram junto a Waldir dos Santos Costa em processos relevantes à sua vida. Tais pessoas foram identificadas a partir de sua narrativa. Na agregação de um grupo que protagonizou eventos transformadores no campo da Psicologia no Amazonas teria nascido uma geração de pioneiros?

### **1.3 Uma geração de psicólogos**

Escutar as histórias narradas por Waldir dos Santos Costa foi o mesmo que embarcar numa viagem com pessoas e lugares desconhecidos. Afinal, acolher as memórias de alguém exige uma certa ousadia, apropriada às descobertas, e uma certa dose de sensibilidade e respeito para com os conteúdos ali encontrados. Ao assumir a responsabilidade de escrever sobre a sua trajetória e seus entrelaçamentos com a Psicologia no Amazonas, permiti-me ser tomada por diferentes emoções, que me acompanham até o momento.

Nas lembranças autodefinidoras que compõem sua memória autobiográfica me vi às voltas com episódios nucleares que remetiam a aspectos de sua identidade, mas também com objetos, lugares e sujeitos que iam e vinham sem respeitar o tempo cronológico, mas o calendário pessoal marcado por episódios simbólicos, que nas palavras de Kotre (1997)<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Kotre refere-se a lembranças autodefinidoras quando “episódios no fundo do sistema da memória autobiográfica podem apontar diretamente para o eu no topo.” (KOTRE, 1994, p. 108).

deixam claro que nós não apenas nos movemos para cima na hierarquia da memória à medida que o tempo passa, criando novas lembranças genéricas a partir de acontecimentos específicos. Nós também, ocasionalmente, nos movemos para baixo. Descobrimos um único acontecimento concreto que representa um tema importante em nossa vida, que resume todo um núcleo de significados da hierarquia acima. Encontramos a imagem proverbial que vale mais que mil palavras (KOTRE, 1997, p. 106)

Ainda, de acordo com o autor, percebi-me às voltas com suas emoções que aclaravam ou apagavam aquilo que viu, viveu e ensinou. Estava diante de um sujeito que, como tantos outros “contam as histórias de suas vidas” pulando “com a graça de um gato de um nível para outro da sua hierarquia da memória, do geral para o específico, e de volta para o geral” (KOTRE, 1997, p. 96). Isto me obrigou a rever os vídeos que registraram nossos encontros e transcrever suas recordações para identificar datas, espaços de atuação e profissionais com os quais conviveu e militou para tornar visível o papel do psicólogo(a) nas instituições e na sociedade manauara.

Aos poucos sua narrativa me aproximou dos estudos de Sirinelli (2006) quando revela que um extrato demográfico só se torna uma geração quando adquire uma existência autônoma e uma identidade, sendo ambas determinadas por um acontecimento inaugurador. Afirma ainda que a geração é também uma reconstrução do historiador que a classifica e rotula. É possível pensar que a geração é uma peça importante na concepção do tempo e possui dois limites padrão: um limite elástico, ao compreendê-la como uma escala móvel no tempo e como uma unidade de medida, que contribui para reabilitar o acontecimento.

Considerar a trajetória de vida de uma pessoa e suas interlocuções em sua rede de sociabilidade numa geração de psicólogos me levou a refletir sobre os eventos inauguradores e as transformações ocorridas em determinado tempo e espaço, a partir deste grupo, na formação de um campo específico de atuação para as práticas psicológicas no Amazonas.

Neste sentido, trouxe para o diálogo o referencial teórico postulado por Pierre Bourdieu, quanto ao conceito de campo. Sua articulação com os eventos e acontecimentos ocorridos no campo da Psicologia da UFAM vem da compreensão de que um grupo específico de professores, no qual Waldir dos Santos Costa estava inserido, foi concebido numa escala móvel de tempo, desde o seu ingresso na Universidade, passando pela instauração do curso de Psicologia, até a sua condecoração como emérito, em 2014.

De acordo com Gomes e Hansen (2016), fazer referência à geração é parte fundamental quando o assunto é a história de um intelectual, sendo a categoria analisada não como um grupo de idade, mas

Principalmente como um grupo de formação, em que vivências comuns de acontecimentos ou de crises (não só políticos) marcam esses intelectuais, independente do seu conhecimento interpessoal (GOMES e HANSEN, 2016, p. 25).

Ao realizar o mapeamento dos psicólogos que atuaram na UFAM, juntamente com Waldir dos Santos Costa, entendi que estava diante de um grupo que legitimava a sua liderança<sup>13</sup>, a despeito de terem seus ideais individuais quanto à docência em Psicologia dentro da FACED, à qual já eram vinculados em relação empregatícia de estabilidade.

Trata-se de um dos espaços privilegiados de atuação do professor Waldir, onde formou e liderou o grupo de psicólogos que decidiu abraçar a causa de uma articulação em prol da instauração do ensino público de Psicologia nesta instituição, através da criação do curso de graduação, além de terem escrito o seu projeto pedagógico. Dos seis professores psicólogos que o constituíram, constam aqui os depoimentos de Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa<sup>14</sup>, Lídia Rochedo Ferraz<sup>15</sup>, Luis Alberto Passos Presa<sup>16</sup>, Nazaré Maria de Albuquerque

---

<sup>13</sup> Para Chiavenato (1999), a liderança é um fenômeno tipicamente social, que ocorre exclusivamente em grupos sociais. Ela pode ser definida como uma influência interpessoal exercida numa dada situação e dirigida através de processos de comunicação humana para a consecução de objetivos. A literatura aponta para vários tipos e estilos de liderança. Neste estudo, a partir das narrativas da rede de sociabilidade intelectual de Waldir dos Santos Costa, compreende-se que ele exerceu um estilo de liderança carismática, uma vez que despertou a empatia de seus seguidores, desenvolveu uma boa comunicação interpessoal, além de gerar admiração e servir como exemplo e inspiração. Considera-se que o carisma como estilo de liderança propõe um interesse e envolvimento natural entre o líder e seus liderados, gerando admiração e respeito. Por meio dessas características, o líder consegue estar mais próximo de quem ele lidera e conquistar maior desempenho da equipe (JONH, 2022).

<sup>14</sup> Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa é “Doutora em Ciências/Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz/RJ (ENSP/FIOCRUZ). Realizou estágio pós-doutoral em Psicologia Social e Comunitária pela Manchester Metropolitan University (MMU), com bolsa da CAPES. Possui graduação em Psicologia e mestrado em Educação. É professora associada da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas e integra o quadro de docentes do Programa de Mestrado em Psicologia da mesma universidade. Coordena o Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário - LABINS. Tem experiência nas áreas de Psicologia Social e Comunitária, Psicologia Jurídica e Saúde Pública. Desenvolve pesquisa e extensão principalmente junto aos seguintes temas: adolescentes e contextos de vulnerabilidade; arte e processos psicossociais, subjetividade, cultura e processos identitários, análise de serviços de atenção a indivíduos e grupos em vulnerabilidade; medidas socioeducativas e políticas públicas”. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/9255099700096438>. Acesso em: 20 jan. 2022.

<sup>15</sup> Lídia Rochedo Ferraz “Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (1989), mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (1999) e doutorado em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo. É professora assistente da Universidade Federal do Amazonas, onde supervisiona estágios em psicologia escolar e comunitária, coordena grupos e projetos com o cotidiano escolar, e estudos relacionados às interações em diferentes ambientes humanos. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Escolar e Comunitária, atuando principalmente nos seguintes temas: envolvimento humano, aprendizagem, participação social e educação ambiental”. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/3016121805381223>. Acesso em: 20 jan. 2022.

<sup>16</sup> Luis Alberto Passos Presa tem “Graduação em Psicologia pela PUCRS (1987). Professor do Curso de Psicologia da UFAM desde 1993. Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento pela UFRGS (1999). Chefe de Departamento de Psicologia em 2000. Um dos três redatores do DINTER entre UFAM e USP/RP, executado entre 2006 e 2010. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa da UFAM entre 2003 e 2006. Presidente da Comissão de Comunicação

Hayasida<sup>17</sup>. As professoras Hildes do Amparo Delduque Farina, Raquel de Almeida Castro e Rosângela Dutra de Moraes foram citadas nas narrativas do professor Waldir e dos demais psicólogos, contudo, por motivo de mudança de localidade, não foi possível entrevistá-las.

Aos poucos, formou-se o agrupamento de psicólogos do Departamento de Teorias e Fundamentos da UFAM que, incitados por ele, fomentou a existência autônoma do campo da Psicologia neste espaço universitário. O estímulo fortaleceu tais ideais e inaugurou acontecimentos que permitem pensar neste grupo como uma geração de psicólogos pioneiros.

A motivação e engajamento que demonstraram para a criação do curso talvez tenham sido centrais nesta geração de psicólogos, uma vez que vários esforços vinham sendo empreendidos para a organização de sua categoria de profissionais. Acrescenta-se o fato de que o primeiro curso de Psicologia de Manaus foi ofertado em uma instituição privada<sup>18</sup>, ministrado por profissionais alheios a essa rede.

Nas suas lembranças estava presente o psicólogo João Bosco Bezerra Araújo, conhecido por todos como João Bosco. Ao retornar a Manaus em 1973 e logo ao iniciar suas atividades no Detran-AM, o professor Waldir entrou em contato com este psicólogo que aqui já estava desde 1962. Trata-se do egresso da primeira turma do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e, à época, atuava como psicoterapeuta em seu consultório particular e como diretor da Penitenciária Estadual Anísio Jobim<sup>19</sup>.

Ambos estabeleceram parceria de trabalho no Detran-AM, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), na fundação da Associação de Psicólogos do Amazonas (APA), dentre outras atividades na área da Psicologia na cidade de Manaus. A presença por mais de quatro

---

Social do Conselho Regional de Psicologia entre 2005 e 2007. Doutorado em Ciências pela USP de Ribeirão Preto concluído em 2010. Tese: A Emoção Raivosa em Motoristas publicada em USP-RP/TESES. Atualmente é Professor Associado. Ministra Neuropsicologia, História da Psicologia, Psicopatologia, Psicologia do Trabalho e do Trânsito. Coordenador do Curso de Graduação em Psicologia da UFAM entre 2011 e 2013. Membro do LAP (Laboratório de Avaliação Psicológica) da FAPSI-UFAM. Membro de Bancas Examinadoras de Concurso para Carreira de Magistério Superior. Representante da Faculdade de Psicologia no Conselho Superior da UFAM entre 2018 e 2020". Fonte: <http://lattes.cnpq.br/7918920516356486>. Acesso em 20 jan. 2022.

<sup>17</sup> Nazaré Maria de Albuquerque Hayasida "Possui graduação em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (1985), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM (2005), doutorado em Psicologia pela Universidade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP-RP (2010), e Pós doutoranda em Psicologia (PUC-RS). Fundadora e Coordenadora da Clínica Escola de Psicologia da Faculdade de Psicologia da UFAM -CSPA, (1994 a 1999). Coordenadora do Grupo de Estudos em Terapias cognitivas-comportamentais (TCC) e Terapia dos Esquemas (TE). Líder do LaBICC (Laboratório de Intervenções em Ciências Cognitivas). Participante do Grupo de Trabalho "Processos, Saúde e Investigação em uma perspectiva Cognitivo-Comportamental" na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Membro e Certificada pela Federação Brasileira de Terapias Cognitivas (FBTC)". Fonte: <http://lattes.cnpq.br/3015930558513406>. Acesso em: 20 jan. 2022.

<sup>18</sup> A Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) ofereceu o primeiro curso de Psicologia do Amazonas, em 1993.

<sup>19</sup> Atualmente denominado Complexo Penitenciário Anísio Jobim (COMPAJ).

décadas deste psicólogo na trajetória de vida de Waldir dos Santos Costa e sua participação nos mesmos espaços profissionais fez sua enunciação eloquente neste estudo.

Ao contar a respeito de sua participação na constituição do Conselho Regional de Psicologia no Amazonas (CRP/20), ele pediu para que eu conversasse com a psicóloga Iolete Ribeiro da Silva<sup>20</sup>, presidente do primeiro plenário instituído no ano de 2011. Ela, a partir de quando chegou à cidade de Manaus em janeiro de 2001 e assumiu a função de coordenadora do curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), entrou em contato com o professor Waldir e, a partir daí ambos estabeleceram diálogo permanente, com vistas à organização e transformação da autarquia regulamentadora da profissão.

Após um ano e meio de atuação, fez concurso para docente na UFAM e, uma vez aprovada, passou a trabalhar nesta instituição, a partir de 2003. Ela relatou que, logo ao chegar, teve interesse imediato de compreender como a categoria profissional estava organizada e seu passo inicial nesta direção foi procurar as pessoas que compunham a Seção Amazonas. Formada em 1989, seu primeiro registro foi feito em Brasília, no Conselho Regional de Psicologia - 01 (CRP-01), que à época tinha uma grande abrangência nos estados brasileiros, incluindo Goiás, Tocantins num momento seguinte, Pará, Amazonas, Acre, Roraima e Amapá.

A entrevista realizada com a psicóloga Lígia Maria Duque Johnson de Assis<sup>21</sup>, conhecida como Lígia Duque, foi esclarecedora sobre as estratégias profissionais e características do professor Waldir nos aspectos relacionais. Atuou com Waldir dos Santos Costa junto à organização da instituição de regulamentação da profissão e atualmente é Presidente do Conselho Regional de Psicologia do Amazonas (CRP/20). As entrevistas cedidas por ela também agregaram detalhes às ações e estratégias tomadas por ele no Detran-AM,

---

<sup>20</sup> Iolete Ribeiro da Silva é “Professora titular da Universidade Federal do Amazonas, graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (1990), mestre (1998) e doutora (2004) em Psicologia pela Universidade de Brasília. Bolsista Produtividade CNPq. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFAM e Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPPSI/UFAM. Integrante do Conselho Fiscal da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, da Comissão Nacional de Direitos Humanos do CFP e da Rede de Pesquisadores e Pesquisadoras da Juventude Brasileira/REDEJUBRA, Núcleo de Estudos Afro Indígena/UFAM, Laboratório de Educação, Psicologia e Teoria Social/UEA. Lidera o grupo de Pesquisa Subjetividades, povos amazônicos e processos de desenvolvimento humano/UFAM. Fui Conselheira (de 2017 a 2020) e Presidenta do CONANDA (2020), Presidenta do Conselho Regional de Psicologia da 20ª Região, Conselheira do Conselho Nacional de Assistência Social, Secretária Adjunta do Fórum Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente e Conselheira do Conselho Federal de Psicologia. Desenvolvo pesquisas a partir da perspectiva crítica da Psicologia histórico-cultural abordando a constituição das subjetividades dos povos amazônicos, seus processos de desenvolvimento e interações com os processos educativos.” <http://lattes.cnpq.br/6024598140248335>. Acesso em: 24 mar. 2022.

<sup>21</sup> Lígia Maria Duque Assis é psicóloga, procedente de Minas Gerais, com formação em Psicologia na cidade de São Paulo e chegou em Manaus durante o início da década de 1980. Atualmente ocupa o cargo de Presidente do Conselho Regional de Psicologia (CRP/20). Fonte: <http://lattes.cnpq.br/5250916158182186>. Acesso em: 24 mar. 2022.

especificamente no que concerne à formação especializada de psicólogos, na década posterior à implementação do serviço Médico e Psicológico na região.

As narrativas de Iolete Ribeiro e Lígia Duque, agregadas a detalhes citados pelos psicólogos Gibson Alves<sup>22</sup> e José Humberto da Silva Filho<sup>23</sup>, ajudaram-me a enxergar a participação do professor Waldir na formação de peritos na área do trânsito no Amazonas e nos processos formativos e de transformação de regulamentação da profissão.

A importância de se dar contornos a um grupo que atuou num período caracterizado por fatos inauguradores no campo da Psicologia na UFAM encontra respaldo em Sirinelli (2006, p.137) ao afirmar que, no território do historiador, geração é um termo considerado tanto como objeto de história quanto instrumento de análise:

A geração existe, portanto, no território do historiador, ao mesmo tempo como objeto de história e como instrumento de análise. Pode ela então ser instrumento de medida do tempo? [...] Por um lado, seguramente a geração padrão não existe: em nenhum caso podemos distinguir nela uma estrutura cronologicamente invariável, que transcende as épocas e os países. Por outro, e sem que haja contradição com a primeira observação, a geração é seguramente uma peça essencial da “engrenagem do tempo”, mas cuja importância pode variar conforme os setores estudados e os períodos abordados” (SIRINELLI, 2006, p. 137).

Portanto, trata-se de uma peça fundamental à compreensão dos processos que acontecem em determinado período, cuja relevância pode variar conforme os setores e períodos delimitados, neste caso aplicados ao escopo deste trabalho.

---

<sup>22</sup> Gibson Alves dos Santos “Possui graduação em Psicologia pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió (1990). Psicanálise pela Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (1998) Especialista em Psicologia Jurídica e Psicologia do Trânsito pelo Conselho Federal de Psicologia - CFP (2002); Especialista em Saúde Mental pelo Instituto Leônidas e Maria Deane ILMD, Fundação Oswaldo Cruz FIOCRUZ/Amazônia (2006). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Metodologia, Instrumentação e Equipamento em Psicologia. Psicólogo concursado da Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos SEJUS (1998). Foi Diretor do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Manaus - HCTP, no período de 2000 a 2005. Desenvolveu atividade como responsável técnico de prevenção ao uso de álcool e outras drogas no Departamento de Políticas Sobre Drogas - DEAD, vinculado ao Conselho Estadual de Políticas sobre Drogas - CONEN/AM, da SEJUS, no período de 2006 a 2008. Psicólogo concursado da Secretaria Estadual de Saúde do Amazonas SUSAM (2005). Diretor do Centro de Atenção Psicossocial CAPS Dr. Silvério Tundis, de 2008 a 2012. Atualmente é psicólogo da Cadeia Pública Feminina de Manaus e do Centro de Atenção Integral à Criança CAIC Moura Tapajós”. Foi presidente do CRP/20 no segundo plenário (2013–2015) e no terceiro plenário (2016–2018). Fonte: <http://lattes.cnpq.br/9668651800325599>. Acesso em: 24 mar. 2022.

<sup>23</sup> José Humberto da Silva Filho “Possui graduação em Psicologia e doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP, 2007). Prof. adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Credenciado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFAM (Mestrado). Fundou e coordena o Laboratório de Avaliação Psicológica do Amazonas, na UFAM (LAP-AM, 2006). Coordenou o curso de psicologia da Faculdade Martha Falcão (FMF). Fundou o Laboratório de Medidas e Avaliação Psicológica na FMF (LAMAP, 2012). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Construção e Validade de Testes, Escalas e Outras Medidas Psicológicas, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação psicológica, avaliação neuropsicológica, idosos, estresse. Em especial, desenvolve pesquisas com o Wisconsin Card Sorting Test (WCST) e com o E-WCST/BR (Wisconsin eletrônico)”. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/6407212894793482>. Acesso em: 24 mar. 2022.





## 2 ENTRE NARRAR E ESCUTAR: ESPAÇOS DE FORMAÇÃO

Compreender como Waldir dos Santos Costa elaborou as memórias sobre sua formação é o objetivo deste capítulo, cujas inquietações se pautaram nas seguintes questões: se o professor Waldir pudesse me levar a alguns lugares para contar os aspectos da sua formação, aonde me levaria?

Vou tentar contar o que o ouvi narrar sobre suas primeiras experiências escolares, sobre as influências do processo da educação salesiana em sua adolescência, seus cursos de graduação, suas experiências, encontros e desencontros que o fizeram tomar decisões e redefinir sua trajetória profissional e de vida. Quando afirmo que vou tentar, refiro-me à noção de responsabilidade que envolve apreender o que me foi narrado e tornar compreensível uma escrita que, certamente, não conseguirá dar conta da sensibilidade que envolveu o processo de rememoração de sua trajetória. Aprender suas narrativas exigiu de mim uma escuta ativa.

Escutar é um ato que vai além de ouvir. Ouvir é a função do ouvido e está relacionada com a capacidade de audição. Escutar envolve atenção e compreensão com a finalidade de construir entendimento mútuo, conexões e novas interpretações a partir do que se escutou. Prestar atenção ao que a outra pessoa diz, com interesse real, envolve outros sentidos além da audição, é necessário observar a linguagem corporal, o tom de voz, além de trazer à tona a curiosidade de querer enxergar a história a partir do ponto de vista da pessoa que fala, com respeito e entendimento do que é narrado.

Narrar o que foi escutado exigiu um movimento diferente, ora de aproximação e empatia, ora de distanciamento e estranhamento. Sobre isso, Arfuch (2010, p.54) observa que o narrador é o outro, diferente da pessoa que protagonizou a vivência narrada, reconhecendo-se nessa história, assumindo suas faltas e se responsabilizando ao escrever a narrativa deste outro. Alerta ainda que “não há nada dado em uma vida e, nela, várias histórias e sentidos são possíveis”, rearranjados numa organização narrativa.

Isso me fez pensar que quem escuta também exerce a função de selecionar, organizar o que se escutou em forma de um texto inteligível. Neste sentido, quem comanda a narrativa, a voz de quem narra ou a audição e interpretação de quem escuta? Acredito que, nesta interação, os dois movimentos se sintetizam de maneira dialética. O produto dessa articulação resulta numa forma possível de visitar o que foi vivido.

Ao narrar e ouvir sua própria voz, Waldir dos Santos Costa rememorou acontecimentos do seu passado, atribuindo a eles novos significados. Ao escutar suas narrativas, buscava ampliar minha compreensão a respeito do que me era dito. A cada encontro foi necessário afinar

o instrumento da escuta para o nível de sensibilidade capaz de, num segundo momento, transformar em palavras escritas as nuances do que se havia vivido por aquele protagonista.

Escutar e narrar as histórias de Waldir dos Santos Costa exigiu de mim o trabalho de uma hermenêutica, no entendimento de que, numa entrevista, o fascinante é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, ou ao menos aquilo que se tem acesso, no exercício de compreender as expressões de sua vivência, conforme explica Alberti (2004).

Portanto, reconheço neste texto dois paradigmas importantes na história oral. O primeiro diz respeito à compreensão e interpretação do que foi narrado e o segundo, não menos importante, foi o entendimento do valor do sujeito entrevistado na construção de sua própria trajetória e suas inserções na história de uma categoria.

## **2.1 Primeiras experiências escolares**

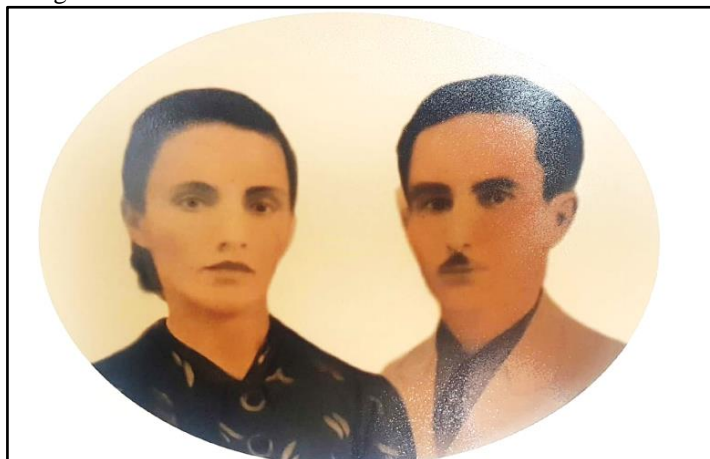
Quais os episódios simbólicos, ou ainda, processos relevantes aconteceram no período de formação de Waldir dos Santos Costa que o conduziram e transformaram sua trajetória profissional?

Amazonense, filho de Raul Rodrigues da Costa Júnior, construtor, e de dona Irene dos Santos Costa, costureira (Fotografia 1), Waldir dos Santos Costa nasceu na cidade de Manaus, em 15 de janeiro de 1939. Casou-se em 1973 com Louse Marilane Poroca, pernambucana da cidade de Recife, com quem teve seis filhos<sup>24</sup>: Raul Rodrigues da Costa Neto, Patrícia Helena Poroca Costa, Gilberto Pinheiro, Rejane Serrazin, Dilcilene Sampaio e Natália Irene Poroca Costa.

---

<sup>24</sup> Os dois primeiros são biológicos e quatro são “de criação”, forma como se referiu a eles.

Fotografia 1 - Pais de Waldir dos Santos Costa



Legenda: Irene dos Santos Costa e Raul Rodrigues da Costa Júnior  
 Fonte: ACERVO FAMILIAR.

A fotografia presente em destaque no álbum de fotos da família foi apresentada a mim durante um encontro informal, não gravada nem filmada, de conversa. A relevância de apresentá-la vem da constatação de que era importante para Waldir dos Santos Costa a materialidade das memórias que acompanhavam a imagem. Se, em um primeiro momento de entrevista, ele se referiu à sua infância apenas de forma superficial, quando se ateuve à foto, rememorou detalhes de sua mãe e de suas primeiras experiências escolares.

Foi alfabetizado pela professora Diana Pinheiro<sup>25</sup>, que mantinha uma escola primária no Centro da cidade, o Instituto São Geraldo, cujo objetivo era a preparação de alunos para concursos de ingresso em colégios de Manaus e do Rio de Janeiro, especificamente para o Colégio Dom Pedro II<sup>26</sup>, onde Waldir prestou, aos 11 anos, porém não foi aprovado.

<sup>25</sup> “Professora Diana de Macedo Pinheiro era natural de Caxias (Maranhão) e se mudou para Manaus ainda jovem e recém-casada com o poeta e escritor Raimundo Nonato Pinheiro, com quem teve 4 filhos: Geraldo de Macedo Pinheiro (procurador de justiça), Raimundo Nonato Pinheiro (padre, poeta e literato) e as gêmeas Aracy Pinheiro Monteiro e Iracema Pinheiro Monteiro, ambas professoras, além da filha adotiva, Amazonina de Macedo Melo. O projeto educacional da professora Diana desenvolvido no Instituto São Geraldo funcionou até 1964, à Rua 24 de Maio, próximo à esquina da Costa Azevedo. Nele, a formação estudantil consistia no antigo curso Primário e visava o exame de admissão. Preparava pessoas para concursos públicos, ministrando aulas de Português e Francês, sua especialidade. A Professora Diana contava com apoio de grupo competente de professores, entre eles: Haydêe Chacon, Maria José Fonseca, Maria de Nazaré, Carmen Marcus Fradera e Amazonina Melo”. Fonte: <https://andarilhasuasombra.blogspot.com/2008/07/diana-pinheiro-uma-educadora.html>. Acesso em: 28 mar. 2019.

<sup>26</sup> “O Colégio Amazonense Dom Pedro II, inicialmente chamado de Lyceu Provincial Amazonense, através do Regulamento nº 18, de 14 de março de 1869, do Presidente da Província João Wilkens de Mattos, localizava-se à Rua (antiga Praça) 15 de Novembro, na cidade de Manaus. Teve, no decorrer de sua longa existência, o seu nome alterado inúmeras vezes, quais sejam: de Lyceu Provincial para Gymnasio Amazonense e em seguida Gymnasio Amazonense Dom Pedro II (Decreto Interventorial nº 113, de 28 de novembro de 1925 do Dr. Alfredo Sá), em homenagem ao último Imperador do Brasil, Dom Pedro D’Alcântara de Orleans e Bragança. Com o Decreto nº 6248, de 6 de abril de 1982, o Governador Dr. José Bernardino Lindoso denominou-o Colégio Amazonense Dom Pedro II”. Fonte: <https://noamazonaseassim.com/a-historia-do-colegio-amazonense-dom-pedro-ii/>. Acesso em: 14 out. de 2021.

“No ano de 1885 o colégio passou por reformas e durante esse período as suas atividades foram executadas no prédio da Polícia Militar. Foi reinaugurado no ano de 1886 pelo presidente da província Ernesto Adolpho de

Estudar neste colégio, que seguia os moldes do Colégio Dom Pedro II do Rio de Janeiro, significava a possibilidade de educação gratuita e de qualidade na cidade aquela época. Waldir dos Santos Costa relata com pesar o sentimento ante à reprovação, motivo de grande frustração pessoal. Relembra com certa emoção que, apesar de ter sido aprovado nos exames de Português e Matemática, foi impedido de fazer a prova de Geografia, recebendo a justificativa de que ainda era novo para ocupar a vaga. Sobre este acontecimento, narra os seguintes detalhes:

Como eu disse pra você, eu nasci em 1939, tá? Aí... 40, 41 e 42... 3 anos, na rua em que eu morava tinha uma professora que trabalhava com crianças, alfabetizando, fazendo jogos etc. A professora Amazonina, era na Frei José dos Inocentes. Frei José dos Inocentes é no centro da cidade, tá? Não me recordo a casa, nem a data. Aí eu fiquei, minha mãe colocou, pra eu não ficar na rua, como minha mãe costurava pra fora e meu pai trabalhava, que meu pai era construtor, trabalhava com o pai dele, com meu avô. Então não ficava nem meu pai, nem minha mãe em casa... tá entendendo? Minha mãe ficava, mas era costurando. De irmão só tinha um, o Waldemir, que era bem pequeno. Somos dois irmãos biológicos e depois, mais tarde, por sugestão da minha mãe, vieram mais três crianças, que a mamãe pediu pra que ficassem comigo. Minha mãe é do interior do Pará, de Óbidos, e uma vez ela fazendo uma visita lá a Óbidos, aí os parentes pediram, porque as crianças estavam lá, ainda fiquei com mais essas crianças, né? Bom, quando foi 43, aí acho que minha mãe descobriu, deve ter descoberto, na rua 24 de Maio, tinha uma escola particular Padre Geraldo, que era da professora Diana, mãe do Padre Raimundo Nonato. É muito importante esse nome, professora Diana e o professor Raimundo Nonato, porque realmente na cidade fizeram nome. Padre Raimundo Nonato, se você pesquisar, vai ver a importância dele aqui na diocese e a professora Diana, deixa eu ver, minha mãe pegou e colocou por 4 anos, me colocou lá pra que eu fosse fazer aquilo que era o primário na época, não sei se você já ouviu falar, época primário. Então eu fiquei aí até os 11 anos junto com ela, trabalhando e preparando. Foi quando, eu tinha 11 anos, isso 1940.... 44, 45, 46, 47, né? Acho que eu tinha 11 anos em 47, é, que eu nasci em 39, não, mais, é mais... Eu tinha 11 anos, 49, 48, 50... é 50, deixa eu ver se eu anotei certo aqui. É, 1950, tá certo, eu fiquei com a professora Diana, era me preparando para fazer o curso primário, na época se dizia primário, não era fundamental não, era primário. Eu fiquei me preparando, ela ficou me preparando. Bom, quando eu tinha 11 anos aqui em Manaus, na época, havia uma espécie de concurso do ginásio Dom Pedro do Rio de Janeiro selecionando alunos, e davam bolsa com toda a cobertura, se o aluno passasse. Como era em Manaus, aí ele entrava em contato com algum deputado, na época era no Rio de Janeiro e aí o deputado ou senador da época dava cobertura para receber essa criança lá, criança ou adolescente. Eu fui fazer, com 11 anos eu fui fazer isso. Então foi o que aconteceu comigo, eu não sei se você já foi no centro da cidade e viu o nosso colégio Dom Pedro, lá no centro da cidade, na praça tem um colégio em algum lugar, deve ser imitação do colégio Dom Pedro do Rio de Janeiro. Fui fazer, passei em Português, passei em Matemática, passei em História, aí fui fazer Geografia, quando fui fazer Geografia, dois senhores, acho, dois professores, eu vi bem que eles disseram assim “É muito criança”, 11 anos, tinha outros com idade mais avançada e também eu era meio pequeno, minha altura [risos]. Então eles me chamaram e disseram que eu não tinha passado. Não me permitiram fazer Geografia, eu saí aos berros [risos],

---

Vasconcelos Chaves. Depois do período de inauguração o prédio passou a abrigar várias instituições, como o Lyceu, a Escola Normal, o Museu Botânico, a Biblioteca Pública, a Assembleia Legislativa, dentre várias coisas. Somente no ano de 1893 foi que se tornou o Gymnasio Amazonense, a partir do decreto 34, com inúmeros cursos para benefícios dos jovens carentes do Estado, de modo que contribuísse para o crescimento e a educação desses jovens. O Colégio Dom Pedro II é um monumento Histórico-cultural da Cidade de Manaus e que ainda atua na rede educacional amazonense. Merece, ainda, ser lembrado como parte da composição da cidade de Manaus, tanto pela sua arquitetura, quanto pelo valor histórico que possui”. Fonte: <https://blog.rbarcos.com.br/colégio-amazonense-dom-pedro-ii-composicao-da-historia-e-arquitetura-em-manaus/>. Acesso em: 14 out. 2021.

porque pra mim isso era muito importante eu passar. [...] Bom, como eu tinha sido reprovado, perto de casa tinha uma moça que era funcionária estadual. Ela gostava muito de mim e ela dizia “Eu vou lá no colégio pra saber o porquê” e ela foi conversar. Aí disseram “Não, não convém, ele é muito novo, 11 anos, deixa passar mais tempo”. Ela veio, conversou com a minha mãe e minha mãe foi conversar com a professora Diana. Isso é importante agora. A professora Diana disse “Não, não te preocupa não! Manda que ele venha aqui que eu vou iniciá-lo no estudo do francês e ele me ajuda aqui a alfabetizar os outros alunos, ele fica aqui como meu assessor”, pra passar o tempo. Eu tinha 11 anos, né? Aí passei com ela 2 anos, 12 anos e 13 anos eu passei com ela. Então eu fiquei lá ajudando, tinham outros alunos, ela me dava tarefa de como repetir as lições etc. Eu ia repetindo. Ela pegou e chamou minha mãe, chamou meu pai... O colégio Dom Bosco, dos salesianos, você já ouviu falar, não é? É um colégio particular e exigia também o pagamento alto, tá entendendo, certo? Então ela conversou, perguntou da minha mãe, se minha mãe podia fazer um esforço de me colocar no colégio Dom Bosco. Aí eu fui, eu fui lá, ela me inscreveu, eu fiz exame de admissão. Agora é outra fase da vida da gente (Waldir dos Santos Costa, 2019).

“Começava ali uma nova fase da vida” (Waldir dos Santos Costa, 2018), comentou ele em outra ocasião em que conversávamos, enfatizando que este seria um marco importante, que abriria para ele novas perspectivas para o futuro. A entrada no Colégio Dom Bosco ocorreu às custas de grande esforço financeiro da família e foi celebrada com grande entusiasmo. Sua experiência como auxiliar em sala de aula nos anos anteriores fez com que o jovem Waldir se apresentasse prontamente para assessorar os padres nas atividades do colégio.

Recorda o período em que os alunos desfilavam no dia 7 de setembro, na Avenida Eduardo Ribeiro, no Centro da cidade de Manaus, com uma farda cara e imponente, a qual, aos quatorze anos, teve a oportunidade de usar. Sobre isso, relatou com alegria:

Entrei no colégio Dom Bosco, como eu era também, assim, muito metido [risos], eu fui assessor dos padres. Meu pai e minha mãe se esforçaram e pagaram a mensalidade do colégio. Inclusive há uma coisa interessante. O colégio, nessa época, ali na Eduardo Ribeiro, onde tem aquele relógio, na Sete de Setembro, havia um desfile e o colégio Dom Bosco sempre desfilava. Ele tem uma farda muito cara. É que eu não me lembro onde deixei essa foto... A minha mãe fez um esforço, ela comprou essa farda para mim e eu desfilava. E lá eu fiz muita amizade com os padres. Tinha o oratório festivo e eu ajudava o padre catequista e a distribuir bolacha (Waldir dos Santos Costa, 2018).

Ao observar a Fotografia 2 é possível pensar no valor simbólico de vestir a farda acima e desfilar na principal avenida de Manaus, pertencendo ao Colégio Dom Bosco.

Fotografia 2 - Waldir dos Santos Costa aos 14 anos



Legenda: Ocasão do desfile em comemoração ao dia  
7 de setembro de 1953.

Fonte: ACERVO FAMILIAR.

Estudar num colégio particular denotava estar inserido numa classe social dentro da qual ele propriamente não circulava. Vale ressaltar que mantê-lo num colégio particular exigia um grande esforço da família, cujo pai trabalhava com construção e a mãe como costureira, conforme mencionado. Além disso, deve-se considerar a fotografia, na década de 1950, como algo caro e destinada apenas a ocasiões importantes.

Não foi possível localizar as informações referentes às taxas de pagamento das mensalidades praticadas na década de 1950 no Colégio Dom Bosco. Contudo, Salazar (2007) informa que havia por parte da administração a preocupação em dar condições e continuidade de ensino àqueles que não tinham como arcar com os custos. Neste sentido, o inspetor geral de ensino junto ao Colégio Dom Bosco, a partir de 1928, sugeriu em seu relatório o aumento de vagas gratuitas ao ensino secundário, para alunos que concluíam o curso primário, pois muitos não tinham condições financeiras para o frequentarem no colégio.

A dedicação precoce aos serviços da escola, por meio do auxílio aos professores e a amizade desenvolvida com os padres do colégio, proporcionou-lhe a oportunidade de

participação precoce nos rituais próprios da congregação salesiana<sup>27</sup>, dentre os quais, a catequese e a distribuição de lanche ao término do Oratório Festivo.

Cabe aqui uma ressalva sobre tal prática educativa. Com o objetivo de manter vínculo com crianças e jovens da comunidade em situação de vulnerabilidade social, o Oratório Festivo está na origem de toda a obra salesiana como protótipo, modelo mental e práxis educativa. Dom Bosco<sup>28</sup>, com o passar dos anos de experiência, foi definindo o significado e sentido do Oratório Festivo como casa que acolhe, igreja que evangeliza, escola que educa e pátio para se encontrar com os amigos. Sendo assim, o Oratório de Bosco não é só escola da doutrina cristã, nem só lugar de oração, mas também é um local de recreação (BRAIDO, 2008). Para o professor Waldir, os oratórios festivos constituíram suas primeiras experiências comunitárias na assistência e no campo ético religioso.

Salazar (2007), ao estudar a educação salesiana no Amazonas, dissertou a respeito dos elementos pedagógicos de suas rotinas e elencou alguns aspectos que me ajudaram a pensar na formação de Waldir dos Santos Costa quando jovem. O primeiro deles enfatiza o valor dado à vida comunitária, à vivência da amizade, à relação pessoal, ao ambiente sereno e afetuoso e à possibilidade de crescimento humano no convívio no pátio, local onde o “menino vive, exprime e fabrica seu mundo juvenil”. Convívio que deve se dar na presença amigável entre educadores e educandos (SALAZAR, 2007, p. 46).

Um segundo aspecto se refere à Estreia, nome dado à ocasião quando cartas eram escritas para a orientar os passos da Família Salesiana, uma tradição mantida desde os tempos de Dom Bosco. Juntamente com a tradição da Estreia, que acontece anualmente, um terceiro aspecto pedagógico é observado diariamente nas mensagens diárias e orações antes de dormir, como chave da moralidade que deveria nortear as ações dos envolvidos dentro da instituição salesiana, sejam pais, religiosos, professores, alunos ou funcionários.

Foi neste período, entre os 11 e 14 anos, que Waldir se apropriou da cultura salesiana, a

---

<sup>27</sup> A denominação “Salesiana” faz referência a Dom Francisco de Sales (1567- 1622), oriundo de nobre família, nasceu no castelo de Sales, em Sabóia, hoje França. Em 1602, foi consagrado bispo de Genebra e ficou conhecido por seu carisma com os subalternos e para com os pobres. Faleceu aos 55 anos de idade e foi canonizado em 1665 pelo papa Alexandre VII e por Pio IX, em 1887, foi elevado à dignidade de Doutor da Igreja. Dentre os seus escritos, que enfatizaram a prática do amor e da bondade em todas as classes da sociedade, destaca-se: *Filotéia*, ou introdução à vida devota e Teotismo, ou tratado do amor de Deus (SALES, 1959).

<sup>28</sup> Dom Bosco (1815-1888) iniciou sua obra educativa em Turim, no final do ano de 1841, com uma aula de catecismo dada ao jovem Bartolomeu Garelli. No cerne das suas inquietações estava a preocupação com a formação religiosa dos rapazes que, provenientes da área rural, migravam para essa importante cidade do norte da Itália, local onde se dava uma progressiva e acelerada urbanização. Os párocos não tinham condições de dar assistência religiosa adequada aos numerosos jovens que perambulavam pelas ruas em busca de trabalho, alimento, lazer e liberdade. Assim, a necessidade de oferecer instrução religiosa à juventude carente e marginalizada foi a motivação para a fundação da obra salesiana (AZZI, 2000).

qual o acompanhou em sua vida. Ao perceber seu comportamento proativo, o padre Pereira Neto, diretor do colégio à época, juntamente com outros padres, perguntaram a ele sobre o desejo de seguir a vida religiosa junto aos salesianos e, diante da resposta afirmativa, Waldir, em 1954, mudou-se para o estado de Pernambuco, inicialmente em Recife e depois na cidade de Carpina, onde entrou para o Aspirantado, para cursar as disciplinas do Seminário Menor.

Como aspirante, Waldir passaria a conviver com os salesianos, num processo que duraria anos de oração, estudo, convivência e atividades religiosas até se tornar sacerdote ou irmão salesiano. Optou pelo sacerdócio. Perseverando na escolha, as próximas fases de formação foram o Pré-Noviciado, o Noviciado e o Pós-Noviciado, momento em que cursou Filosofia; o Tirocínio, período em que os formandos são enviados às comunidades apostólicas para viverem com mais profundidade e integração a formação salesiana; a experiência pastoral; a consagração religiosa e, por fim, a Teologia.

Para compreensão das etapas de formação religiosa, Azzi (2000) entende o período de Aspirantado como um processo que fomenta o aprofundamento do discernimento vocacional por meio da vivência cotidiana da realidade de uma casa salesiana, da iniciação à vida comunitária e da experiência pastoral em meio à juventude, enquanto o (Pré) Noviciado é a iniciação à vida religiosa salesiana, que ocorre sob a mentoria do Mestre de Noviços, por meio das aulas, acompanhamento espiritual, da atividade pastoral, da vida comunitária e da oração.

Professor Waldir permaneceu em Carpina-PE até 1959 e, após escrutínio a respeito da vocação sacerdotal, foi enviado para a cidade de Jaboatão-PE, para seguir nova fase no Noviciado. Terminado um ano de estudos neste local, foi aceito para fazer os votos da congregação salesiana. Aos 22 anos de idade, no dia 31 de janeiro de 1961, dia de comemoração a Dom Bosco, firmou votos de pobreza, castidade e obediência.

Sobre o período, rememora: “Na época [da decisão de seguir no seminário], eu me lembro que para mim era importante lidar com jovens, em especial jovens em situação de vulnerabilidade social. Essa era a missão de Dom Bosco e isso me chamava para a vida salesiana” (Waldir dos Santos Costa, 2018).

A congregação salesiana possui algumas características peculiares que, em seu conjunto, formam uma cultura própria, com suas formas de pensar e agir evidentes na forma de ser do professor Waldir. Os principais alvos da missão salesiana são os jovens em situação de risco social e, sendo o propósito dessa congregação religiosa viver o carisma de seu fundador, infere-se que, ao firmar seus votos, tomara para si o modelo de vida de Dom Bosco.

Enquanto ouvia a respeito de sua formação religiosa, aos poucos se clarificava algo que, até então, era para mim incompreensível. Sua postura manifesta na forma calma ao falar e a



expressão simples de se vestir (era invariavelmente camiseta, calça e sandálias) remetia a um comportamento monacal. A resposta estaria na adoção de um estilo de vida apregoadado por Dom Bosco, a partir de sua devoção a Dom Francisco de Sales?

## 2.2 Marcas da educação salesiana

A congregação salesiana é uma comunidade cristã fundada em 1859, no norte da Itália, pelo padre João Bosco, que desde 1841 iniciara em Turim uma obra educativa com jovens provenientes de área rural que migravam para essa importante cidade, onde se implantava o processo de industrialização. Sendo assim, a mola propulsora para a obra salesiana foi a necessidade de ofertar instrução religiosa adequada à juventude carente e marginalizada. Estabeleceu-se no Brasil em 1883, consolidando suas atividades ao final da época imperial (AZZI, 2000, p. 23).

Azzi (2000) assinala que este foi um período de mudanças significativas na sociedade brasileira. Não somente por se tratar da implementação de um novo regime político, decorrente do fim da monarquia em 1889, mas de fatos históricos como a abolição da escravatura no ano anterior, com a gradativa transição do trabalho escravizado para a utilização da mão de obra livre, o que criou condições para o maior desenvolvimento do sistema capitalista. Além disso, a progressiva abertura do país para a imigração europeia e o processo de urbanização crescente despertaram maior interesse da sociedade pela instrução escolar. Sobre isso, o autor afirma:

Foi na região Sudeste, compreendendo o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, onde essa transição da sociedade patriarcal para a burguesia emergente ocorreu de forma mais acelerada e significativa. Esse foi também o espaço territorial que serviu de base para a implantação e desenvolvimento inicial da obra salesiana (AZZI, 2000, p. 21).

Chegado ao Brasil após contatos no Rio de Janeiro e São Paulo, o padre Luís Lasagna<sup>29</sup> realizou, em 1882, viagem até Belém do Grão-Pará, mostrando-se entusiasmado com os novos horizontes missionários. Posteriormente, em carta de 24 de novembro de 1882, ele fez um relato completo a Dom Bosco de sua viagem ao Brasil, no qual enfatizou o aspecto missionário da futura fundação no Pará.

Contudo, Dom Frederico da Costa Aguiar, bispo de Manaus, obteve mais êxito em sua

---

<sup>29</sup> Dom Luís Lasagna, padre italiano, nascido Luigi Giuseppe Lasagna (1850-1895), chegou ao Império brasileiro vindo do Uruguai, em 1882, com a intenção de expandir a obra de Dom Bosco, uma vez que aqui predominava um modelo de crença enraizado na tradição portuguesa, designado como catolicismo popular ou, ainda, Catolicismo luso-brasileiro. Neste contexto, a Santa Sé, acompanhando o processo de expansão colonial europeu, decidiu empreender uma nova ação missionária, na África, na Ásia e na América Latina (AZZI, 2000, p. 23).

solicitação pela presença salesiana em sua diocese. Em 1908, após relato de viagem pelos rios Negro e Uaupés, solicitou auxílio ao papa Pio X, descrevendo, com riqueza de detalhes, a falta de assistência material, moral e religiosa presente na Região Norte do país. Em resposta, uma das providências da Santa Sé foi a criação, em 1910, da prefeitura Apostólica do Rio Negro, desmembrando-a da Diocese de Manaus. A criação da Prefeitura apostólica do Rio Negro foi assumida pela congregação de cooperadores salesianos e marcou a efetiva presença salesiana entre os povos indígenas do Rio Negro (COSTA, 2009, p. 16-21).

Salazar (2009) relata que, ao assumir as missões do Rio Negro, os salesianos constataram a necessidade de abertura de uma casa em Manaus que servisse de apoio e sustentação para as obras salesianas no interior do Amazonas. Segundo a “Síntese Histórica” do Colégio, datada de 5 de novembro de 1973, a primeira atividade da Congregação Salesiana em Manaus teve início em 1921, com o Oratório Salesiano, oratório festivo, que funcionava aos domingos e dias santos no terreno baldio próximo ao prédio episcopal. Nesta atividade, os salesianos mantinham a catequese, a recreação e as celebrações eucarísticas como estratégia de difusão da educação salesiana.

Concernente à educação formal salesiana, a autora supracitada assinala que a fundação do colégio ocorreu em 24 de julho de 1921, com 72 estudantes, oferecendo curso primário (primeiro ao quarto ano elementar) e primeiro ginásial no regime de internato, cujas aulas aconteciam à noite. Na proposta educativa do colégio, os salesianos priorizavam a disciplina, a religião e a preparação para o ensino superior, sendo por isso justificada a alta procura por matrículas, dado o bom resultado do ensino que ali se ministrava (SALAZAR, 2009, p. 127).

Uma outra instituição de ensino salesiano relevante na formação e direcionada à docência do professor Waldir foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, interior do Estado de São Paulo<sup>30</sup>, local onde permaneceu no período de 1961 a 1963.

---

<sup>30</sup> Os salesianos ali se estabeleceram por ser uma região estratégica, situada no Vale do Paraíba, de acesso para o Mato Grosso e Minas Gerais e, neste sentido, é importante pontuar que o Colégio São Joaquim precedeu a Faculdade de Ciências, Letras e Filosofia de Lorena, que surgiu para suprir a necessidade de professores salesianos em seu corpo docente. Desde 1887, o padre Lasagna estivera em Lorena, onde o Conde Moreira Lima havia oferecido aos salesianos um novo edifício para a fundação do colégio. A obra teve início no Largo do Rosário, mas logo em seguida foi transferida para junto da igreja de São Benedito. Assim, o Conde de Moreira Lima havia cedido aos salesianos o chalé construído ao seu lado e, no dia 03 de março de 1890, foram abertas as matrículas do colégio São Joaquim, nome este dado em homenagem ao conde e ao pontífice reinante Leão XIII, Joaquim Pecci, que teve como primeiro diretor o padre Carlos Peretto (até então ecônomo do Colégio Santa Rosa, em Niterói) (AZZI, 2000, p. 169 a 171). Ferraz (2014) informa que a preocupação do Conde com a juventude de Lorena, que não tinha uma escola de nível médio na cidade, fez com que ele oferecesse ao padre Lasagna um grande edifício para a fundação da terceira casa salesiana no Brasil, além de terrenos, mobílias e reformas necessárias. Ressalta-se aqui que a localização da cidade, situada entre São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, também foi um importante atrativo. Importa saber que, desde 1883, os padres salesianos estavam estabelecidos em Niterói, no Colégio Santa Rosa e, desde 1885, em São Paulo, com o Liceu Coração de Jesus. Ambos estavam

O professor Waldir concretizou o período Pós-Noviciado nesta faculdade, que foi organizada a partir de três objetivos: habilitar candidatos ao exercício do magistério, preparar trabalhadores intelectuais e facilitar e promover trabalhos científicos. Por meio do primeiro objetivo, seria possível atender a uma necessidade da congregação com relação à carência de professores padres para suas escolas e garantir a continuidade da obra salesiana. O segundo objetivo estava relacionado à necessidade de se formar uma liderança intelectual católica, capaz de atuar na sociedade, disseminando a doutrina católica. Concernente ao último objetivo, observa-se a demonstração de preocupação com o rigor e a seriedade da formação intelectual, através da promoção de trabalhos científicos.

Assim, a Faculdade Salesiana em Lorena foi constituída, inicialmente, com quatro seções fundamentais: 1) Filosofia, com o curso ordinário de Filosofia; 2) Ciências, com os cursos ordinários de Geografia e História; 3) Letras, com os cursos ordinários de Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-germânicas; e 4) Pedagogia, com o curso ordinário de Pedagogia. Além destas, por uma seção especial de Didática (TOLEDO, 2003).

É justamente neste contexto de formação de liderança intelectual católica e docente que Waldir dos Santos Costa é inserido nesta instituição. Quanto ao fato, afirmou:

Minha intenção era seguir o sacerdócio. Como os salesianos tinham a obrigação de mandar os seus seminaristas para fazer uma faculdade, então eles mandaram para Lorena, São Paulo, que é a Faculdade Salesiana em Lorena e lá a gente era obrigado a fazer a Filosofia, mas também eles obrigaram a fazer outro curso. Eu fiz o curso de Letras e, paralelamente, nós tínhamos todos os sábados um curso de pedagogia salesiana. Era uma espécie de um curso de Pedagogia mais amplo, para realmente depois trabalhar com os jovens de rua, jovens carentes (Waldir dos Santos Costa, 2018).

Cabe aqui o entendimento a respeito da Pedagogia Salesiana, cujos pilares são pautados na *Amorevolezza*, na razão e na religião, enfatizadas pelo professor Waldir como questões centrais da sua educação e trajetória de vida.

Efetivamente, a *Amorevolezza* é considerada o centro do sistema educativo de Dom Bosco, pois significa presença afetuosa e contínua do educador entre seus alunos. O próprio Dom Bosco afirmava que era preciso que os jovens soubessem que são amados. A Razão se refere aos processos de compreensão de si mesmo e do mundo. Seu princípio está voltado para o desenvolvimento das capacidades de compreender, confrontar, raciocinar, adaptar-se, inventar, escolher, decidir. Razão significa, ainda, bom senso, simplicidade, normalidade, naturalidade. Já a Religião, na prática do Sistema Preventivo, se apresenta como uma proposta

---

subordinados à Inspeção Salesiana Uruguaio-Brasileira, com sede em Vila Colón, em Montevideu, no Uruguai, sendo seu superior o Padre Luís Lasagna.

de valores que transparece em todo momento e em toda parte (FERRAZ, 2014, p. 37).

Em paralelo à formação acadêmica no interior de São Paulo, uma atividade ressaltada por Waldir como importante foi sua atuação na transmissão de notícias por rádio feita pela faculdade. Isto porque, por intermédio dessa atividade, que o colocava em destaque, foi convidado por acadêmicos não seminaristas a participar do diretório acadêmico da instituição. Sobre isso, ele afirma:

Eu fui também colocado aí para fazer leitura de notícias dessa rádio que era dos salesianos em Lorena. Nessa época, o Brasil estava passando por uma situação política difícil. Então, os diretórios, as agremiações faziam parte também. Porém, os salesianos não permitiam que os seminaristas fizessem parte do diretório da faculdade, porque a faculdade era aberta, era para os salesianos em formação, mas ao mesmo tempo recebia alunos externos que estudavam ali (Waldir dos Santos Costa, 2019).

Alguns aspectos se tornam claros nesta fala. O primeiro é seu interesse em se informar por meio da leitura de jornais, o que o colocava atualizado em relação à vida social e política brasileira, que nesse período estava em efervescência, numa prévia ao golpe militar. O segundo diz respeito ao seu desejo de participar do diretório acadêmico, mesmo sabendo que isso não era visto com bons olhos por seus superiores.

Neste aspecto, observa-se que havia resistência por parte dos padres salesianos em permitir o convívio dos seminaristas com os alunos externos à congregação. Provavelmente por receio de que estes corrompessem costumes e a rotina de seminarista, desviando-se do sacerdócio. Contudo, a perseverança estava presente no comportamento de Waldir. A insistência em participar do diretório denotaria aqui um possível engajamento e/ou posicionamento ante às demandas políticas da época?

Algumas notícias a gente sabia e tanto é verdade que os próprios alunos externos pediram para o diretor, Padre Carlos Leôncio, para que eu fizesse parte do diretório. Ele (padre Leôncio) reagiu de um lado, reagiu de outro, porque era norma não deixar. Mas ele era muito, muito bom e, depois de um tempo, me deixou participar das reuniões do diretório que faziam na faculdade juntamente com os alunos externos. Porque eu também gostava muito disso dentro da congregação (Waldir dos Santos Costa, 2018).

O relato acima, de que a faculdade não permitia, por parte dos seminaristas, nenhum comportamento que fizesse referência a algum tipo de militância, denota o motivo da relutância do diretor em deixá-lo participar do diretório acadêmico, como se pode observar em sua narrativa.

### **2.3 Escolhas e mudanças profissionais**

Propus-me a imaginar como teria sido tal contato com a agremiação de estudantes

leigos. Teria este fato despertado nele o descontentamento com a congregação, ao ter o desejo de maior envolvimento nas questões políticas (seculares) cerceado, além dos questionamentos sobre o rigor das regras impostas aos seminaristas? Em seus relatos, observo que alguns aspectos pareciam chateá-lo profundamente, tais como as restrições a andar sozinho, andavam em grupos de seminaristas até mesmo para ir à missa. Quando indagado sobre seus aborrecimentos no período final do seminário, ele respondeu:

A prisão, quer dizer, a prisão no sentido de não se ter uma liberdade maior. Hoje eles saem, não tem mais o uso de batina, mudou muita coisa. Mas na época nós não podíamos sair. Só podíamos sair se fossem todos os seminaristas que iam fazer um passeio, não tinha passeio individual nem nada. Missa, por exemplo, nós íamos assistir missa na catedral todos juntos. Havia brincadeira dos seminaristas, né?! Nem todos ficaram (seguiram o sacerdócio). Como eu não fiquei, então eles brincavam “Waldir, aquela menina tá olhando pra ti!”. Não sei o quê... “Ela quer namorar contigo!”. [risos] Isso aí você corta [risos]<sup>31</sup>, só para te dizer o que nós realmente questionávamos como seminaristas salesianos (Waldir dos Santos Costa, 2019).

Ao que tudo indica, o padre Leôncio tinha motivos para resistir à socialização entre os estudantes seminaristas e os externos. Imaginemos, por um instante, os conflitos de um jovem aos 22 anos, experimentando do convívio e da liberdade com outros de sua idade, nas atividades do diretório acadêmico da faculdade. Teria sido este um fato importante, gerador de conflitos e de questionamentos de seguir a vida sacerdotal?

Contudo, concluiu seus estudos em Lorena-SP e, em 1964, retornou a Recife-PE para uma nova fase de formação, o Tirocínio, ou seja, para a prática preliminar da vida salesiana. Sobre este retorno, afirma: “Tive que ir pra uma casa salesiana, por três anos, a fim de ser testado se na realidade era aquilo que estava querendo” (Waldir dos Santos Costa, 2018).

Em Recife, trabalhou como professor assistente no Colégio Sagrado Coração de Jesus, tinha 58 alunos sob sua responsabilidade, uma turma entre 13 e 15 anos de idade, chamados de “menores”, eram filhos de usineiros de cana-de-açúcar de Pernambuco. Foi durante o período de Tirocínio, ante os desafios práticos da vida salesiana, que seus questionamentos sobre sua permanência na vida religiosa tomaram força. Ademais, uma viagem realizada a Manaus, para visitar sua mãe, firmou seu ímpeto.

Sobre isso, relembra: “Eu comecei o Tirocínio, no início de 1964, já com bastante questionamento. No meio do ano eu vim a Manaus visitar a minha mãe, então eu mais ainda questioneei e via o desejo de ter uma vida leiga” (Waldir dos Santos Costa, 2019).

---

<sup>31</sup> Após a leitura transcrita da entrevista, o professor Waldir não fez objeções quanto ao uso dessa parte da narrativa dentro da tese.

A ênfase dada por ele a essa viagem mostra que o momento de distanciamento do ambiente religioso, vivido ininterruptamente nos anos anteriores, agudizou seu conflito interno. Os meses subsequentes de atividades clericais em Recife serviram apenas para confirmar sua decisão. Em dezembro do mesmo ano, em meio a um retiro cujo pregador era Dom Lustosa, seu orientador enquanto seminarista naquele momento de Tirocínio e bispo de Fortaleza, Waldir solicitou uma conversa particular em que relatou sua insatisfação. Afirmou que à época estava descontente com as transformações da Igreja Católica, postuladas a partir do Concílio Vaticano II. Em resposta às suas queixas, Dom Lustosa o aconselhou a deixar a vida sacerdotal sem, necessariamente, deixar a Igreja.

Parece-me ter sido uma decisão envolta de conflitos internos e externos. A própria relutância em tocar no assunto comigo me fez refletir sobre a possibilidade de haver tantos outros conteúdos não explicitados, silenciados, além das pautas do Concílio Vaticano II, com as quais ele estaria em desacordo. Seriam as questões relacionadas ao celibato? Ou aquelas relacionadas aos rituais litúrgicos da missa? A cada tentativa de aprofundar tais questões, observei que eram assuntos delicados de abordar.

O silenciamento, segundo Pollak (1992), pode ser interpretado como uma postura de resistência. Ou haveria algo interdito neste discurso? Baseada tão somente em sua afirmação: “Não estava satisfeito com os rumos que a Igreja Católica estava tomando no Concílio Vaticano II”, o que eu poderia inferir sobre as pautas de sua oposição às mudanças em vigência?

Convém pensar, a partir de Certeau (2017), que escrever a história significa torná-la inteligível, buscar sentido nas ideologias e acontecimentos, fornecer outras perspectivas e chaves de leitura, ou seja, formas distintas de compreender um mesmo fenômeno. Aqui me cabe dar inteligibilidade à decisão do professor Waldir de deixar o seminário, refletindo sobre as situações que, como um mosaico de influências, fizeram-no redefinir o curso de sua vida.

O período que sucedeu sua saída do seminário foi marcado por algumas condições sociais, políticas e afetivas que, certamente, influenciaram sua tomada de decisões e formação. Dentre tais condições relevantes, considero: discussões e reflexões permanentes sobre as mudanças na organização da Igreja Católica, com o advento do Concílio Vaticano II (1962-1965); o período da Ditadura Militar (1964-1985), com impacto direto na organização social e política brasileira; a participação no grupo de leigos liderado por Dom Helder Câmara a partir de 1964 e, portanto, a proximidade com seus ideais de vida, quando Câmara foi Arcebispo de Recife e Olinda; sua formação em Psicologia (1967-1971) e o encontro com Louse Marilene. Consideremos estes aspectos mais de perto.

O Concílio Vaticano II aparece na narrativa do professor Waldir como uma fala inicial

de não conformidade com as mudanças na Igreja Católica à época, fala que soa contraditória, por razões a serem demonstradas mais adiante. Trata-se de uma reunião que congregou mais de 2.300 bispos de todo o mundo, com discurso de abertura realizado em 11 de outubro de 1962 pelo papa João XXIII, predecessor do papa Paulo VI, que assumiu a liderança após sua morte em 1963 e teve como finalidade fomentar reflexões sobre a posição da Igreja em relação a si mesma e com o mundo moderno.

A reunião durou três anos e teve como resultado a promulgação de três classes compostas por 16 documentos<sup>32</sup>: quatro constituições, documentos que expõem de maneira organizada as verdades doutrinárias da Igreja; nove decretos correspondentes às disposições disciplinares, com a finalidade de organizar as atividades da Igreja e concretizar as constituições e três declarações apresentando o Concílio, em nome da Igreja Católica, tomando decisões frente à sociedade (VIER, 2015).

Na introdução geral aos documentos do Concílio, presente no Compêndio do Vaticano II (VIER, 2015), escrita por Frei Boaventura Kloppenburg, são expostas as intenções expressas no discurso de abertura da primeira sessão, na qual o papa João XXIII afirmou o seguinte:

[...] o espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro esperava um progresso

---

<sup>32</sup> 1. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a igreja: “tem a intenção de oferecer aos seus fiéis e a todo o mundo um ensinamento mais preciso sobre sua missão universal”; 2. Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a revelação divina: “se propõe expor a genuína doutrina acerca da Revelação Divina e de sua transmissão”; 3. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a igreja no mundo de hoje: “pretende falar a todos, para esclarecer o mistério do homem e cooperar na descoberta da solução dos principais problemas de nosso tempo”; 4. Constituição *Sacrosanctum Concilium*: sobre a Sagrada Liturgia: “quer lembrar os princípios de estatuir as normas práticas para a renovação e incremento da Liturgia”. Decretos: 5. *Unitatis Redintegratio*, sobre o ecumenismo: “quer propor a todos os católicos os meios, os caminhos e os modos que lhes permitam corresponder a esta divina vocação e graça [para a restauração da unidade entre todos os cristãos]”; 6. *Orientalium Ecclesiarum*, sobre as Igrejas Orientais Católicas: “resolve estabelecer alguns pontos principais (capitula) para que aquelas igrejas floresçam e realizem com novo vigor apostólico a missão que lhes foi confiada”; 7. *Ad Gentes*, sobre a Atividade Missionária da Igreja: deseja delinear os princípios da atividade missionária”; 8. *Christus Dominus*, sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja: “tem a intenção de determinar com maior precisão o múnus pastoral dos Bispos”; 9. *Presbyterorum Ordinis*, sobre o mistério e a vida dos Presbíteros: “quer tratar mais ampla e profundamente dos Presbíteros”; e, “com o intuito de sustentar-lhes com mais eficácia o ministério e de prover-lhes melhor a vida nos ambientes pastorais e humanos tantas vezes inteiramente mudados, declara e estabelece [...]”; 10. *Perfectae Caritatis*, sobre a atualização dos religiosos: “propõe-se tratar da vida e da disciplina dos Institutos” e estabelece normas; 11. *Optatam Totius*, sobre a Formação Sacerdotal: “proclama a suma importância da formação sacerdotal e declara alguns dos seus princípios básicos”; 12. *Apostolicam Actuositatem*; sobre o Apostolado dos Leigos: “tem a intenção de ilustrar a natureza do apostolado dos leigos, sua índole e possibilidades, enunciando ainda os princípios fundamentais e transmitindo as instruções pastorais para uma ação mais eficiente”; 13. *Inter Mirifica*, sobre os Meios de Comunicação Social: “julga seu dever de abordar as principais questões conexas com os instrumentos de comunicação social. Confia outrossim que sua doutrina e disciplina assim propostas [...]”. Declarações: 14. *Gravissimum Educationis*, sobre a Educação Cristã: quer emitir alguns princípios fundamentais da educação cristã; 15. *Dignitatis Humanae*, sobre a Liberdade Religiosa: “propõe-se declarar quanto [os atuais anelos dos espíritos] são conformes à verdade e à justiça e desenvolver a doutrina dos últimos Sumos Pontífices sobre os direitos invioláveis da pessoa humana e sobre a ordenação jurídica da sociedade” e 16. *Nostra Aetate*, sobre as Relações da Igreja com as Religiões não cristãs: “no seu dever de promover a unidade e a caridade entre os homens e mesmo entre os povos, considera aqui sobretudo o que é comum aos homens e os move a viver juntos o seu destino” (VIER, 2015).

na penetração doutrinal e na formação das consciências, em correspondência mais perfeita com a fidelidade à doutrina autêntica; mas também que esta seja estudada e exposta por meio de formas de indagação e formulação literária do pensamento moderno (VIER, 2015, p. 08).

Se, por um lado, Vier (2015) apresenta o Concílio Vaticano II como um processo dinâmico de renovação doutrinária e litúrgica, sem atentar contra a tradição da Igreja Católica, por outro, Souza (2005), ao analisar esse processo e as suas contribuições para a Igreja, e neste ponto em especial para a América Latina, detectou que ao mesmo tempo em que o evento trouxe ares novos e oportunidades de se traçar um caminho alternativo, também frustrou ao não colocar ao centro dos debates questões não só latino-americanas, mas que católicos de todo o mundo consideravam relevantes como, por exemplo, o empobrecimento da população e as expectativas dos fiéis de uma Igreja inserida diretamente no mundo, em contínuo diálogo.

Seriam também as questões que, somadas ao cerceamento da liberdade à vida secular entre os seminaristas, compuseram o escopo de saída do professor Waldir do seminário?

Aos 25 anos de idade, o professor Waldir decidiu “deixar a batina”. Atento aos conselhos de Dom Lustosa, tomou coragem, segundo ele e, no dia 30 de dezembro de 1964, fez o comunicado ao diretor do Colégio Sagrado Coração de Jesus, que, após alguma resistência, concordou em fazer o ofício dirigido aos superiores salesianos e à Santa Sé, solicitando a sua liberação dos votos já realizados. Rememora ele:

Mas o padre me aconselhou “Olha, segue teus votos, fizeste voto a Deus”, entende? Então é aquela ideologia religiosa, aí fiquei lá em Recife e aí eles disseram “Olha, agora você vai pra Manaus”, eu digo “Vou não, eu vou ficar aqui.”, “Mas Waldir, rapaz, e sua mãe?” Eu disse: “Não, eu já conversei com a minha mãe e ela disse que posso ficar aqui” (Waldir dos Santos Costa, 2018).

A força do ritual de firmar os votos aparece no discurso de forma polifônica, confortadora, inclusiva, mas também ameaçadora, manifestada na lembrança da frase enunciada pelo padre superior: “fizeste voto a Deus”. Deixar a vida sacerdotal, ainda que sem o ímpeto de deixar suas crenças religiosas, significava romper com um sistema no qual estava inserido e que o condicionava em uma direção no pensar e agir desde sua infância.

Nesta frase, ainda é possível pensar no rompimento com as expectativas criadas por aqueles que exerciam alguma autoridade sobre sua vida, a saber, o seu retorno a Manaus, especificamente à casa materna. Algo que se faz relevante por causa dos desdobramentos de sua decisão de permanecer em Recife, sobretudo em relação aos custos para ali viver. Lembra o quão difícil foi esse recomeço:



A única ajuda que eles podiam me dar na época, eu me lembro, eram 150 cruzeiros. Eu digo “Ah tá, tudo bem”, como eu tinha contato com os professores do colégio, tinha um professor de geografia (PG) que me disse:

PG – Olha, Waldir, inicialmente a gente pode fazer o seguinte, você pode ir pro meu apartamento, o meu apartamento é de dois quartos...

Waldir – Ah, mas eu tenho que pagar?

PG – Não, tu pagas o que tem...

Aí eu dividi com ele. Como era janeiro e fevereiro, eu dividi os 150 em 75 e 75 [cruzeiros], achando que durante esses dois meses eu encontraria um lugar para dar aula. Pronto, aceitei e fui para lá com ele. Paguei o mês, não só moradia, mas a própria alimentação, ele tinha uma pessoa que fazia isso lá. E disse “Tenho que começar a pesquisar” [procurar emprego]. Eu me lembro que um dia eu fiz um monte de cartas me apresentando. Uma espécie de currículo. Aí andei distribuindo nos colégios de Recife e levei também pra SEDUC, Secretaria de Educação. Eu me lembro que aconteceu outro fato interessante. Eu passei uma manhã todinha andando distribuindo essas cartas. Quando chegou mais ou menos 11h, eu cheguei em um colégio que era de freiras. Então, quando eu saí eu me senti fraco, me encostei, assim, no muro, chega eu estava branco. Ia passando um picolezeiro e uma senhora disse: “O senhor tá passando mal, o senhor tá branco” e eu disse: “Não, vai já passar”. Eu tinha uns centavos lá, chamei o picolezeiro e tomei o picolé. Passou. Voltei lá para o apartamento, já cansado, fui dormir. Almocei e dormi (Waldir dos Santos Costa, 2019)

A construção do texto sobre si mesmo revela nas entrelinhas, ou no não dito, um período de incertezas e dificuldades econômicas que, uma vez superado e após décadas à frente, ali durante a nossa conversa, apresentava o sorriso de um homem idoso com a convicção de que foi corajoso por arcar com as demandas e inseguranças de uma vida fora dos muros clericais. A resposta às suas cartas não demorou:

Quando foi no outro dia, o telefone tocou. Era o padre reitor do seminário da Arquidiocese de Olinda e Recife, que ficava na Várzea. Ainda hoje tem o prédio, agora não sei o que eles tão usando, não sei para quê, mas nessa época eles tinham o Seminário Menor. Aí o padre, padre Pôncio, perguntou se eu podia conversar com ele e eu disse “Posso” e fui até ele. [...] Aí ele disse: “Olha Waldir, eu vim aqui conversar contigo porque eu estou precisando de professor de português” [risos]. Ele disse: “Eu sei da tua situação”. Ele era padre, padre secular na época, e disse “Pois é, aí tu vais ficar lá com o pessoal da 4ª série e no ginásio, pra dar aula de português, o professor teve que sair”. Eu respondi: “Tá bom, eu vou”. Ele disse: “Olha, você vai, pode ir bem cedo, pega o ônibus, aí você vai chegar na hora que os seminaristas estão assistindo missa. Você fica lá assistindo missa com eles e depois vai pro refeitório tomar café com eles. Você pode passar a manhã toda, pode merendar com eles, na hora do almoço você pode almoçar e só vir para casa depois de ter se alimentado”. Quando eu estava dando aula lá, eu fui chamado pra SEDUC. Disseram que iam fazer uma seleção, eu disse que eu ia fazer. Eles me conheciam, sabiam que eu era salesiano. Passei nessa seleção e passei a dar aula também nesse ginásio que tem na rua da Aurora, é a rua da Aurora, que fica ali perto daquela ponte e do colégio estadual (Waldir dos Santos Costa, 2019).

A despeito das dificuldades de se manter financeiramente após sair do seminário, encontrou amparo ainda na religião, por meio de um companheiro de fé que lhe arrumou emprego e alimentação. Retornaria para um ambiente que lhe era familiar, entre os seminaristas,

mas neste momento na condição de professor laico.

Somente um ano após a solicitação de saída da congregação salesiana chegou a carta procedente da Santa Sé, liberando-o dos votos, mas o conselho dado por Dom Lustosa foi seguido, e, embora vivendo fora da vida clerical, não deixou de exercer atividades religiosas. Em Recife, a partir do ano de saída do seminário, participou do grupo de padres e leigos liderado por Dom Helder Câmara, nos anos de 1964 a 1966, período em que se preparou para prestar vestibular para o curso de Medicina.

Contudo, chamou-lhe a atenção o curso de Psicologia na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), criado em 1962 e, por considerar a proximidade na atuação com a carreira de professor, decidiu, em 1967, cursar esta nova graduação. Naquele mesmo ano conheceu Louse Marilane Poroca, que viria a ser sua futura esposa.

Ao refletir sobre a proximidade do professor Waldir das atividades e o engajamento com os ideais de Dom Helder Câmara em Olinda e Recife, pareceram-me contraditória suas narrativas de discordância com o Concílio Vaticano II.

É possível inferir que a chegada de Dom Helder Câmara para assumir como arcebispo de Olinda e Recife tenha dado ao professor Waldir, agora como leigo, uma forma satisfatória e contextualizada de exercer sua religiosidade junto à sociedade, em especial junto àqueles em situação de vulnerabilidade social. Ao pensar no modo de compreensão própria como sendo análogo ao modo de construção da narrativa, atentei a essas afirmativas:

Nessa época também eu participava do grupo do Helder, Helder Câmara, que foi um grande bispo que começou realmente a defender os mais pobres, os operários. Ele teve bastante coragem para fazer isso. Foi o fundador também da CNBB, do Conselho Nacional dos Bispos Brasileiros, um dos fundadores. Eu fiz parte desse grupo e, quando foi em 66... Eu, eu estava em 64, 65, eu estava me preparando para fazer Medicina. Mas como o curso de Psicologia era novo, a Universidade Católica de Pernambuco no Brasil, era bastante novo, aí eu digo, sabe de uma coisa, eu acho que vou fazer Psicologia, porque estava mais dentro da minha linha de formação (Waldir dos Santos Costa, 2018).

Neste sentido, também vale pensar que a participação do professor Waldir no grupo de trabalho de Dom Helder Câmara revela coerência com sua formação na pedagogia salesiana, cujo foco principal é voltado para a educação e o desenvolvimento de jovens à margem da sociedade. Não ficou explícita a sua forma de participação no grupo, porém, a partir de seu depoimento, pode-se deduzir que compartilhava das ideias e atuação deste bispo que movimentava a Igreja Católica na direção de um maior compromisso social.

O padre José Oscar Beozzo, ao apresentar o Volume I – Tomo 1 das cartas circulares conciliares de Dom Helder, evidenciou o carisma de direção e liderança como marcas pessoais

daquele que, na segunda metade do século XX, representou papel importante de articulação e inspiração da Igreja Católica brasileira<sup>33</sup>. A convocação (1956) e a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965) representaram uma experiência decisiva e um momento ímpar para ele, projetando-o na esfera internacional, colocando sua imagem e opiniões nos principais jornais e redes de rádio e televisão da Europa e de outras partes do mundo.

O padre José Oscar afirma que, durante as sessões e nos períodos entre as sessões, Dom Helder manteve um registro diário dos eventos, encontros regulares com os bispos conciliares, reflexões e projetos, numa fidelidade e dedicação monacal que se cristalizaram num epistolário dirigido a um círculo íntimo de colaboradores, a família São Joaquim<sup>34</sup>, residência dos cardeais arcebispos no Rio de Janeiro, e em cujo andar térreo estava provisoriamente instalado o Secretariado da CNBB. Quando transferido para Recife, continuou escrevendo à família carioca, ampliando sua rede de influências, agora à nova família a qual chamou de Messejanense<sup>35</sup>, para quem escreveu de abril de 1964 a dezembro de 1982 (BEOZZO, 2009).

A partir de 1936, após sua chegada ao Rio de Janeiro, Dom Helder serviu de forma eficiente à política do Cardeal Dom Sebastião Leme (1882-1942) de aproximação com Getúlio Vargas (1930-1945) e seus sucessores, com o intuito de restabelecer a presença visível e atuante da Igreja na vida social e política do Brasil. Ele foi um agente importante para o crescimento do ensino católico com o apoio dos poderes públicos. Dom Helder representou a Igreja no Conselho Nacional de Educação e oportunizou sua participação nos atos da vida pública.

A fundação da CNBB revelou sua intenção de incrementar a presença da Igreja na vida nacional. Afastou-se da linha conservadora católica do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara e aderiu aos projetos reformistas e nacionalistas dos presidentes Juscelino Kubitschek (1956-

---

<sup>33</sup> Dom Helder Câmara foi fundador e secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) por doze anos (1952-1964) e atuou no interior do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Desde os tempos de seminário, Helder Câmara desenvolveu o hábito de fazer vigílias durante as madrugadas. E foi nas madrugadas do Concílio que ele escreveu as primeiras 297 de um corpus de 2.122 cartas-circulares, somando cerca de 7.000 páginas manuscritas, que hoje compõem a parte mais importante dos arquivos do Centro de Documentação Helder Câmara (CEDOHC). São uma espécie de diário, que teve como objetivo colocar os seus colaboradores (em sua maioria, colaboradoras) do Rio de Janeiro, e posteriormente do Recife, a par dos acontecimentos, de suas impressões, conquistas e conflitos, e formá-los intelectual e espiritualmente para as tarefas que os esperavam terminado o Concílio (BEOZZO, 1999).

<sup>34</sup> O Palácio São Joaquim foi construído no início do século XX (1912-1918), para ser a residência do primeiro cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante.

<sup>35</sup> Família Messejanense corresponde ao grupo de apoio composto por leigos, homens e mulheres que teve o privilégio de receber, em forma de cartas, o diário do Arcebispo durante o Concílio. Nelas ele narra, sem censura, os bastidores do conclave. Esse nome faz referência ao distrito cearense onde Dom Helder Câmara nasceu – Messejana. Fonte: [http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/freibetto/betto\\_dhelder.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/freibetto/betto_dhelder.html). Acesso em: 22 de jun. 2021.

1961) e de João Goulart (1961-1964). Promoveu encontros com João Goulart<sup>36</sup> sobre a reforma agrária, estimulou a criação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e voltou o olhar da Igreja Católica para uma necessária transformação social do país. Contudo, a Ditadura Militar de 1964 tentou interromper seu trabalho.

Neste momento crítico, Dom Helder liderou a resistência da Igreja Católica, ao fazer desta um polo de oposição e um dos elementos-chave da redemocratização do país. Influenciou sua rede de relacionamentos, sobretudo os bispos, por meio de suas sucessivas presidências e secretariado na CNBB, mantendo uma política de oposição ao governo em defesa dos direitos humanos e do desenvolvimento social dos pobres e marginalizados (COMBLIN, 2009).

Para Halbwachs (2003), muitas vezes acreditamos pensar e sentir livremente, sem tomar consciência das influências sociais a que obedecemos de forma despercebida. Afirma que, constantemente, a dosagem das nossas opiniões e a complexidade dos nossos sentimentos e gostos representam a expressão das situações que nos puseram em contato com diversas realidades. Nossa parte em cada modo de ver e de ser é determinada pela intensidade desigual das influências que exerceram em separado em nós.

Isso significa dizer que a postura profissional do professor Waldir, a forma como ele viria a conduzir suas atividades em Manaus nos anos vindouros, como professor e psicólogo, foram forjadas a partir do mosaico de experiências profundas ocorridas na década de 1960. Ideia que fica clara em seu discurso, feito em 1996, na ocasião do recebimento do título de professor emérito na Universidade Federal do Amazonas, ao iniciar sua fala afirmando “Minha missão é servir”. Ao retornar minha atenção às suas vivências em Recife, encontrei o eco dessa afirmativa, presente além das palavras, no modo de vida de Dom Helder Câmara, com quem foi contemporâneo no período de 1964 a 1972.

Além das inúmeras influências externas, considero, baseada em Pollak (1992), sua forma peculiar de processar as informações a respeito de si, dos outros e das situações. É possível que sua origem pobre, sua infância marcada por dificuldades em ascender a uma escola considerada de qualidade, tenha despertado, mais uma vez, seu olhar e forças no engajamento aos menos favorecidos socialmente.

No mesmo escopo de militância de Dom Helder, sua postura política de resistência à Ditadura Militar se torna explícita no período em que se graduava em Psicologia na

---

<sup>36</sup>A citação não faz referência ao nome do Presidente da República em questão, contudo, o verbete com a biografia de Dom Helder traz informações do encontro realizado com João Goulart. Fonte: Verbetes. CÂMARA, HÉLDER. Religioso; Mov. Integralista; Arceb. Olinda e Recife 1964-1985. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/helder-pessoa-camara>. Acesso em: 22 jun. 2021.

Universidade Católica de Pernambuco. Sobre isso, relata:

É, aí comecei a fazer Psicologia, terminei em 72, janeiro de 72. Nós colamos grau nessa época. Jovem, eu me envolvi bastante com os movimentos contra a Ditadura, entende como é? E o curso de Psicologia juntamente com o curso de arquitetura eram os dois cursos que mais tinham participação nesse movimento (Waldir dos Santos Costa, 2018).

Schwarcz e Starling (2018, p. 460) afirmam com segurança: “Nunca foi tão perigoso ser estudante no Brasil”. Relatam que, em 1968, a notícia da morte do secundarista Edson Luís de Lima Souto, assassinado pela polícia com um tiro numa manifestação de protesto no Restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, percorreu o país, sensibilizou a população e marcou o momento em que a mobilização estudantil se transmudou em movimento social de massa.

Neste ensejo, mais de seiscentas pessoas compareceram à missa de sétimo dia celebrada no Rio, pelo vigário da cidade, Dom José de Castro Pinto. Com a Igreja da Candelária cercada por centenas de fuzileiros e cavalarianos da Polícia Militar, quinze padres deram as mãos formando duas correntes para permitir a saída dos fiéis em segurança – “Inesquecível, padres”, gaguejou, emocionado, o crítico literário Otto Maria Carpeaux (SCHWARCZ e STARLING, 2018, p. 461).

As autoras asseguram que não foi a primeira, nem seria a última ocasião em que padres corajosos ofereceram proteção contra a violência e o arbítrio. A comprovação da prática de tortura pelos militares levou um grupo de bispos da Igreja Católica ao campo da oposição e a utilizar seus próprios canais de comunicação para fazer chegar à opinião pública internacional os relatos sobre a tortura no Brasil. Neste contexto de militância estava inserido Dom Helder Câmara, cujo auxiliar direto, o padre Antônio Henrique Pereira Neto, foi sequestrado, torturado e morto no Recife. Era a primeira vez no país que se assassinava um padre por motivos políticos (SCHWARCZ e STARLING, 2018).

Se, por um lado, compreendo a postura militante do professor Waldir como estudante do curso de Psicologia na UNICAP, por outro é necessário considerar a da categoria profissional em si, ante ao regime militar. Estariam tais psicólogos, aqui incluídos os professores de Psicologia, envolvidos com o movimento contra a violação dos direitos humanos, presente na ditadura?

Neste sentido, Silva (2017) versa sobre as relações da Psicologia com a sociedade no contexto da Ditadura Militar, considerando o papel das entidades de Psicologia naquele período. Lembra-nos que tal período histórico brasileiro, marcado pela violação dos direitos humanos, foi também o período de consolidação da Psicologia como profissão no Brasil e que as

associações profissionais dos psicólogos priorizavam questões organizativas e técnicas e evitavam entrar em conflito com a ideologia do Estado ditatorial. Tais associações apresentavam uma postura ambígua frente à violência do Estado, ao não se pronunciar contra o regime, ao mesmo tempo em que expressavam um discurso em defesa aos direitos humanos.

Do mesmo modo, Hur (2012), após analisar documentos dos conselhos regionais de Psicologia no período ditatorial, constatou que no início houve um alinhamento político das entidades com a Ditadura Militar, quando se recusaram a participar de movimentos críticos ao regime e quando premiaram representantes militares com o título de psicólogo honorário.

Somente ao fim da década de 1970, período em que os movimentos sociais se reorganizam no Brasil, uma oposição com ideologia de esquerda se articulou e venceu as eleições em duas entidades na cidade de São Paulo: No Conselho Regional de Psicologia (CRP) e no Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo (SPESP). Essas duas entidades foram as que apresentaram maior atuação política e canalizaram as reivindicações dos psicólogos nas lutas sociais e, a partir da década de 1980, contribuíram com movimentos sociais do país, como a fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o movimento das Diretas Já.

Isso significa dizer que, provavelmente, a postura política do professor Waldir não foi nutrida pelos ideais das entidades representativas da categoria de profissionais psicólogos à época de sua formação. Tampouco pelos interesses da ala conservadora da Igreja Católica, da qual ele fizera parte e compactuou anteriormente ao período de 1964. Ao que tudo indica, suas motivações estavam alinhadas ao movimento da Igreja Católica Progressista, em defesa dos direitos humanos, dirigida no Recife por Dom Helder Câmara.

As três imagens a seguir seguem uma sequência cronológica. A primeira, fotografia da colação de grau, ocorreu em janeiro de 1971, foi uma das primeiras a me chamar a atenção, porque ocupava espaço privilegiado na estante, de forma que, ao entrar na casa do professor Waldir, era logo percebida.

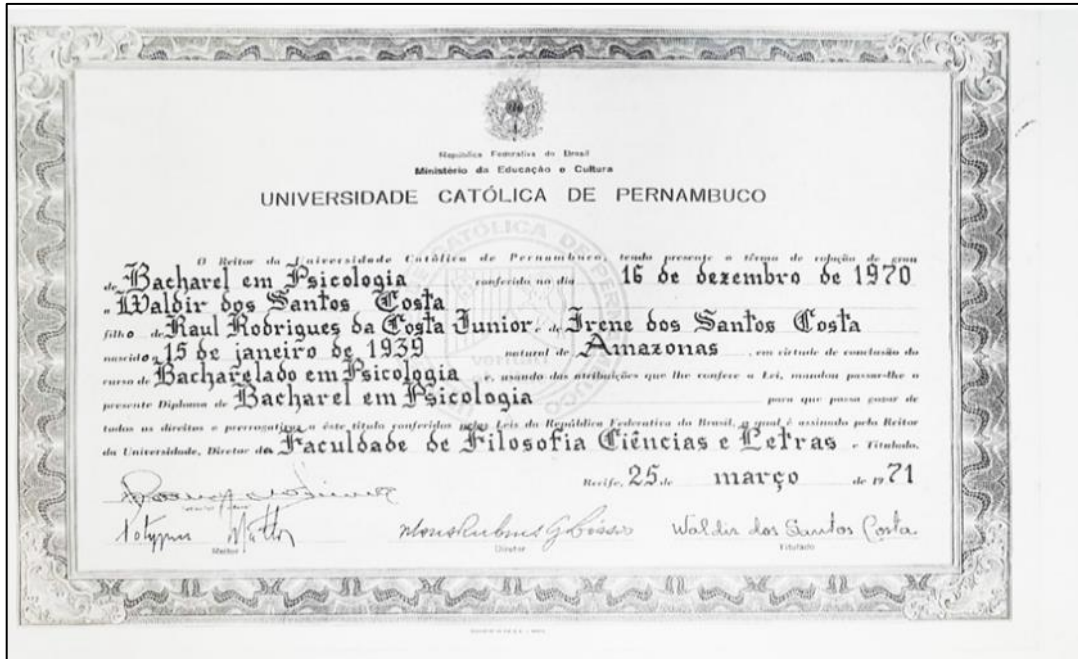
Este destaque aponta para um objeto autobiográfico que, provavelmente, está na estante como um marco de um período de formação à profissão que decidiu se dedicar nas décadas vindouras. É certo dizer que ele nunca deixou de ser professor. A docência permeou toda sua trajetória e, sempre que tinha oportunidade, lembrava que era educador. Contudo, foi a partir do ano de formação em Psicologia que suas ações profissionais foram direcionadas a esta área.



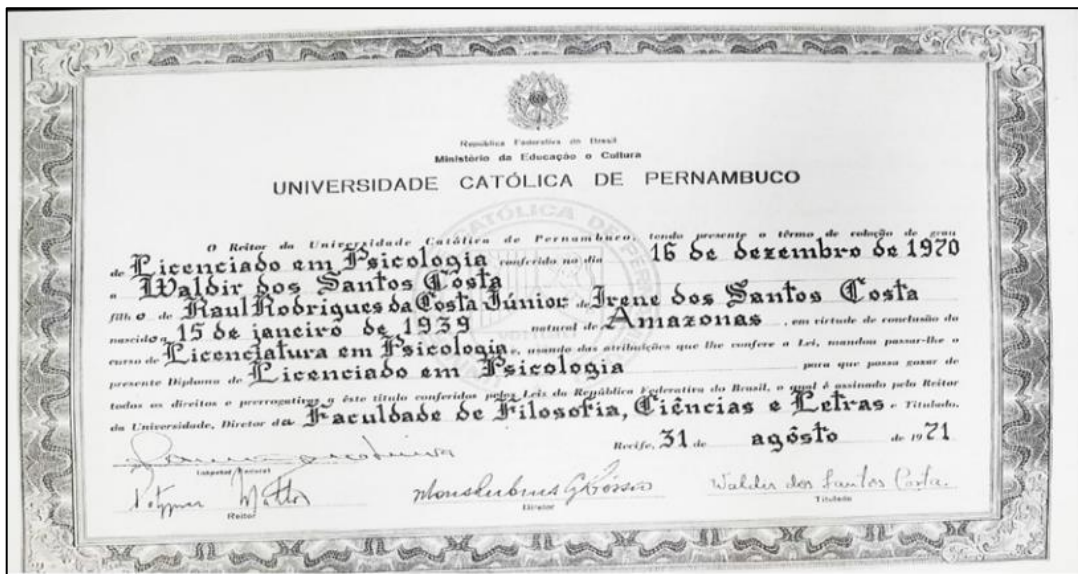
Legenda: Colação de grau em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco, ocorrida na cidade de Recife, em janeiro de 1972.  
Fonte: ACERVO FAMILIAR.

Em seguida, emitidos em março e agosto de 1971, os dois diplomas estavam juntos com os demais documentos pessoais guardados na pasta. Como pode ser observado, à época era possível obter os dois títulos em Psicologia, o de Bacharel e, se houvesse complemento de carga horária, o de Licenciatura. Assim, pode-se inferir que Waldir dos Santos Costa pretendia manter sua atividade como professor, agora de Psicologia, o que provavelmente possibilitou seu pronto ingresso na Universidade Federal do Amazonas - UFAM, ao retornar a Manaus.

Figura 1 - Diplomas de Waldir dos Santos Costa de Graduação em Psicologia



(a)



(b)

Legenda: (a) Diploma de Bacharel em Psicologia, em 25 de março de 1971; (b) Diploma de Licenciado em Psicologia, em 31 de agosto de 1971.

Fonte: ACERVO FAMILIAR.

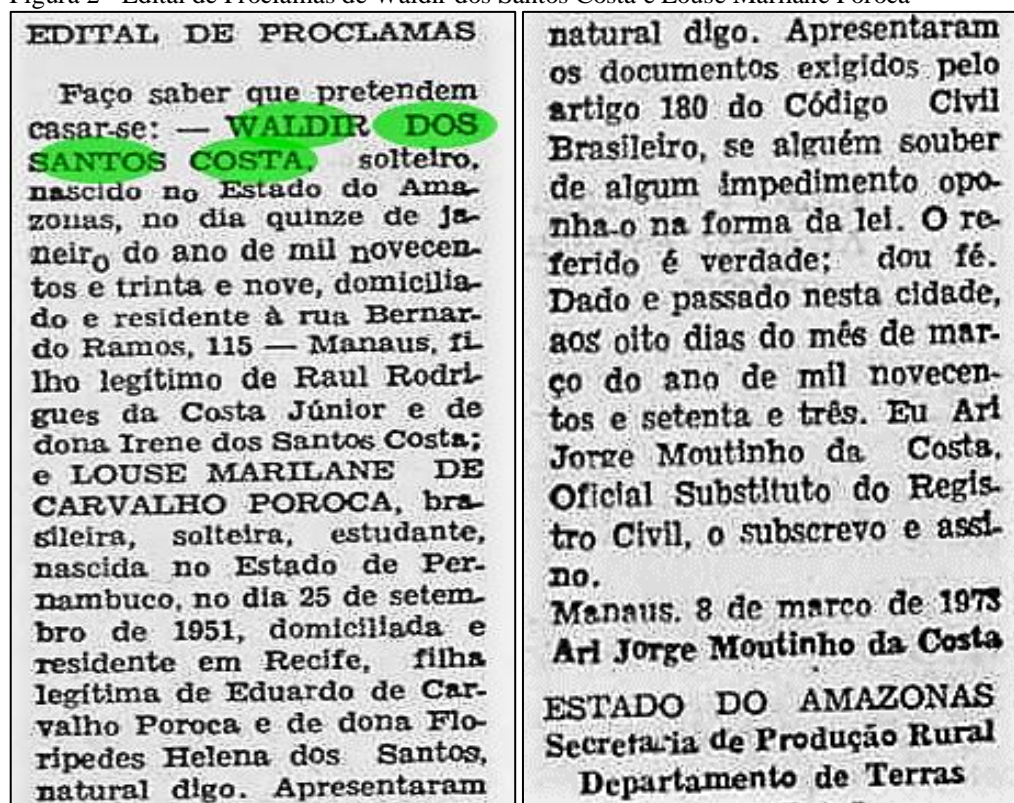
Após a colação de grau, em janeiro de 1972, recebeu a proposta de estabelecer sociedade numa clínica de avaliação psicológica, em Araçatuba, interior de São Paulo. Firmou parceria com um administrador e se mudou para a Região Sudeste. Ali iniciaria um período de constante contato com o Detran-SP, na cidade de São Paulo, local que lhe conferiu capacitação e expertise para atuar nesta área nos anos vindouros.

Rompeu com os contratos firmados com as escolas onde trabalhava, contudo manteve



o vínculo afetivo cultivado com Louse Marilene, com quem havia iniciado um relacionamento em 1967. Apesar de desentendimentos e rompimentos temporários, mantiveram o compromisso à distância, enquanto trabalhava em Araçatuba e se capacitava no setor de avaliação psicológica para obtenção da Carteira Nacional de Habilitação, na cidade de São Paulo. Em dezembro de 1972, após viagem a Manaus para visitar sua mãe e, analisando uma proposta recebida para ali trabalhar, retornou a Recife, ocasião na qual marcaram o casamento para 28 de abril de 1973.

Figura 2 - Edital de Proclamas de Waldir dos Santos Costa e Louse Marilane Poroca



Fonte: COSTA, Jorge Moutinho da. Edital de Proclamas. *Jornal do Commercio do Amazonas*, Manaus, 8 mar. 1973. Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira. Acesso em: 27 fev. 2019.

O edital de proclamas, necessário para noivos com residência em diferentes estados brasileiros, demonstra a pretensão dos nubentes de se casarem, como de fato aconteceu no mês seguinte daquele ano. Do ponto de vista historiográfico, a reportagem se apresenta como mais uma evidência de que o primeiro ano de retorno de Waldir dos Santos Costa a Manaus foi marcado por mudanças e vinculações expressivas em sua vida profissional e pessoal. Se, para fins de legalidade, um edital de proclamas é necessário para a comunicação entre cartórios para averiguação de possíveis impedimentos das pessoas envolvidas, para mim, significou uma fonte histórica de uma relação matrimonial que perdurou por toda a sua vida.



### 3 VOZES PLURAIS NOS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Conforme visto, Waldir dos Santos Costa saiu de Manaus para a formação clerical na sua adolescência e, ao retornar à cidade, aos 34 anos, deparou-se com uma região em pujante transformação. Como era a cidade de Manaus que o recebeu no início da década de 1970? No decorrer de sua atuação profissional, quais espaços abrigaram suas memórias? Como os profissionais de sua rede de sociabilidade narraram sobre sua vida?

A construção deste conhecimento se deu a partir da busca das respostas a tais perguntas, a partir da composição de muitas vozes que, no exercício da compreensão, possibilitaram a atribuição de novas interpretações e significados às narrativas. Somado a isso, alguns aspectos a respeito do desenvolvimento social e econômico de Manaus se tornam necessários para a compreensão de como foi o retorno de Waldir dos Santos Costa a esta cidade, além de dar indícios sobre o processo de formação de sua rede de sociabilidade intelectual, uma vez que foi um período marcado por um forte movimento migratório.

A pluralidade de vozes daqueles que fizeram parte da rede de sua sociabilidade formaram um conjunto de narrativas convergentes à forma como se deu a atuação profissional de Waldir dos Santos Costa, ao mesmo tempo em que foi possível identificar novos sentidos que preservaram a relação entre si, uma vez que apontaram para o seu protagonismo na formação do campo profissional da Psicologia nesta região.

Vale ressaltar aqui, a partir das premissas de Halbwachs (2003), a relevância do convívio social na constituição da memória, que o sujeito que lembra está inserido ao mesmo tempo em que é habitado por um grupo de referência. Neste sentido, a vitalidade das relações sociais de um determinado grupo a confere também às imagens que constituem a lembrança. Esta, por sua vez, é fruto de um processo coletivo e está inserida num contexto social.

Significa dizer que, se por um lado, ao rememorar suas vivências nos lugares de atuação profissional, Waldir dos Santos Costa trazia consigo eventos e narrativas de outros sujeitos, os quais fez questão de mencionar, por outro, dados e noções comuns foram lembrados por aqueles por ele mencionados. Assim, é reconhecido nesta rede de sociabilidade intelectual o sentimento de pertencimento a um grupo que, mediante o convívio social, formou memórias.

Nesta mesma perspectiva, pode-se considerar que, a partir das referências das diferentes vozes que compuseram a narrativa dos espaços de atuação profissional de Waldir dos Santos Costa, houve o exercício de reconhecimento do que se havia vivenciado, à medida em que se colocavam em contato com o que já foi visto. Ao mesmo tempo em que cada voz construiu suas memórias a partir do seu ponto de vista, ancorada em eventos vivenciados por aquele grupo,

localizados num mesmo período de tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais partilhadas.

Enfatiza-se aqui o preceito de que a memória é um processo de (re)construção do passado a partir do presente e deve ser analisada mediante dois aspectos. Primeiro, ela não é uma repetição linear dos acontecimentos e vivências no contexto de interesses atuais e segundo, ela se diferencia dos acontecimentos e vivências que podem ser evocados e localizados em um determinado tempo e espaço, envolto num conjunto de relações sociais. Sendo assim, a memória é a (re)construção, vivificação e (res)significação do ocorrido (HALBWACHS, 2003).

Com isso, o autor afirma que a construção da memória ocorre mediante ao convívio social e, por mais que ela tenha um aspecto individual, sempre estará ancorada em referências relacionais do grupo e do contexto ao qual o indivíduo pertence ou já esteve inserido. Para ele, a memória individual representa um ponto de vista da pessoa sobre a memória coletiva e pode sofrer alterações conforme o lugar que se ocupa em determinado grupo, assim como também está condicionada às relações que mantemos com outros ambientes. De modo que “só lembraremos se nos colocarmos no ponto de vista de um ou muitos grupos e se nos situarmos em uma ou mais correntes do pensamento coletivo” (HALBWACHS, 2003, p. 40).

Assim, torna-se possível compreender que as diferentes narrativas podem ser pensadas a partir da premissa de que, qualquer que seja a lembrança do passado, ela só pode existir a partir de quadros sociais da memória, tendo como referencial as estruturas simbólicas e culturais do grupo. É exatamente nesta afirmativa que se basearam as reflexões das narrativas de Waldir dos Santos Costa e de seus pares, o que constituiu a pluralidade de vozes na constituição da memória social.

Tal conjunto de narrativas, somadas à apreciação de alguns contextos concernentes à cidade a qual Waldir retornara após quase 20 anos para sua formação, deram-me possibilidade de, junto a ele, visitar alguns aspectos da constituição de serviços específicos da Psicologia neste local, num exercício contínuo de interpretação do contado, buscando novos significados.

Neste sentido, é necessário observar este sujeito inserido em aspectos históricos referentes à cidade de Manaus. Capital do Amazonas, foi fundada em 1669, teve um expressivo desenvolvimento social e econômico principalmente em dois momentos: o primeiro foi durante o período da borracha (1880-1914), seguido de um longo período de declínio, marcado pelo empobrecimento e desintegração da região. O segundo iniciou em 1967, quando foi inaugurada a Zona Franca de Manaus (ZFM), como parte das estratégias da Operação Amazônia, que consistiam em uma série de projetos de desenvolvimento econômico, arguidos pela Ditadura Militar.

A ZFM foi o resultado de um acordo entre a Prefeitura de Manaus, Governo do Amazonas e Governo Federal e representou uma área de livre comércio de importação e incentivos fiscais, com o objetivo de criar um centro industrial, comercial e agropecuário no interior da Amazônia (SILVA ARAÚJO, 2009). Com a sua chegada, a cidade de Manaus, no início da década de 1970, estava em ampla transformação social e demográfica.

Loureiro (2003) afirma que seus habitantes se multiplicaram, chegando a 1,6 milhões em 2002, concentrando 53% da população do estado. Silva Araújo (2009) relata ter sido um período de ampliação dos serviços urbanos, associado ao crescimento da economia, marcado por uma forte migração de pessoas do Nordeste, do Pará e do interior do Amazonas, motivo pelo qual se observou a desestabilização da ocupação dos espaços urbanos. A autora afirma que, em 1970, uma terça parte da população era constituída por migrantes. Foi justamente este movimento migratório que trouxe psicólogos de distintas regiões do Brasil para Manaus. Inicialmente atraídos pela oferta de trabalho na ZFM e, num segundo momento, para atender às demandas de serviços psicológicos da região.

Na década de 1970, havia em Manaus um “entusiasmo” com a implementação da ZFM, que surgia com a proposta de desenvolvimento regional, integração nacional e “representava a esperança comum de uma geração de elites regionais em franca maturidade política e econômica” (Silva et al., 2019, p. 39).

Neste contexto, ao retornar em 1973, o professor Waldir encontrou a cidade em uma circunstância de superação da estagnação econômica, dadas as estratégias federais, governamentais e municipais para a integração da região aos projetos de desenvolvimento nacional. É possível inferir que havia uma atmosfera de anseios e perspectivas de que a industrialização seria um vetor de desenvolvimento e visibilidade regional.

Ao considerar que ele, em suas primeiras atividades de trabalho, ao chegar a Manaus, implementou o Serviço Médico e Psicológico no DETRAN-AM, refleti sobre o impacto da sua criação no campo da Psicologia no Amazonas. Para o exercício dessa compreensão, ouvi e cotejei as narrativas e documentos pessoais à luz de Pierre Bourdieu (1930-2002), em especial sua concepção de campo, presente em suas obras *O poder simbólico* (2010) e *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico* (2004).

Tal escolha foi pautada na centralidade do conceito na teoria de Pierre Bourdieu, ao considera campo como um espaço estruturado de posições, em que sujeitos lutam pela definição, manutenção e pela obtenção de determinados postos. Para este autor, campo é um subespaço social e deve ser pensado na dinâmica das relações interpessoais que ocorrem ali. Nele, os agentes interagem mutuamente e as consequências destas interações estão intimamente

relacionadas às características dos sujeitos que o ocupam.

Waldir dos Santos Costa, após seu período de formação e atuação profissional em outras regiões brasileiras, retorna à sua terra natal. A ocupação de determinados postos, algumas relações estabelecidas nestes espaços, as especificidades de seu retorno e as áreas de atuação ocupados por ele serão abordados nas seções que seguem.

### 3.1 Criação de um Laboratório de Psicometria no retorno à terra natal

O Departamento de Trânsito (DETRAN), enquanto parte integrante do Sistema Nacional de Trânsito, foi criado no Brasil em 21 de setembro de 1966 e, em decorrência de rearranjos administrativos, a partir de 1968, cada estado brasileiro procedeu com a criação do seu departamento. A respeito da articulação em torno da sua implementação dentro do Amazonas e da necessidade de formação de pessoal, Waldir dos Santos Costa relembra:

Quando foi o final do ano de 1972, eu vim pra Manaus visitar minha mãe, porque meu pai já havia falecido. Meu pai faleceu em 1969, mas antes minha mãe já tinha ido lá comigo, em São Paulo. Eu queria vir passar o Natal com ela aqui, né? Aí eu vim passar o Natal, foi quando o DETRAN do Amazonas estava deixando de usar os militares para constituir um órgão específico, uma autarquia, essa autarquia que até hoje existe aí. E o primeiro, a primeira pessoa que foi nomeada foi o Maués, o Doutor Maués, e conversando ele disse “Não, você não vai mais voltar para São Paulo não, você vai ficar aqui, porque eu acho que você pode contribuir bastante com o estado”. Eu disse “Tá bom”. Eu tive que entrar em contato com o meu sócio, ele ficou muito chateado, mas depois arranhou outra pessoa. São Paulo ainda era... Psicólogo ainda era luxo, porque não tinha, porque ainda estavam começando as faculdades, tanto em São Paulo, como também do Rio de Janeiro. E eu vim pra Manaus e aí eu comecei a montar o curso e o ambiente todo para a avaliação psicológica. Como eu tinha experiência em São Paulo, tinha lidado muito com os médicos, eu sabia o que eles realmente faziam naquela época. Aí eu também treinei aqui uma mão de obra, que é o estudante de Medicina, daqui de Manaus. Estudantes que queriam ajudar e queriam bolsa e o estado deu e eu fiquei orientando. Eu dizia “Agora a parte científica é com vocês... É melhor verificar”, mas é mais ou menos esse o serviço que os médicos faziam. Eu comecei também a orientar as pessoas, nessa época era permitido pessoas que possuísem o segundo grau, se eu fizesse o treinamento, poderiam ser aplicadoras de testes. Eu cheguei em dezembro de 72 e ele me contratou a partir de janeiro, dia 15 de janeiro de 73, foi no dia do meu aniversário, assinou... Assinou a minha carteira. Aí fiquei até hoje. Me aposentei, mas fiquei no DETRAN, só tive que me afastar do DETRAN por causa dessa minha doença, que é a fibrose (Waldir dos Santos Costa, 2018).

Neste contexto, quando pensamos sob a perspectiva histórica da inserção da Psicologia no trânsito, a literatura revela que os primeiros automóveis e caminhões no Brasil datam do início do século XX, sendo em 1910 a primeira iniciativa no sentido de se normatizar regras para prevenir acidentes causados por “motoneiros”, motoristas assim denominados à época.

Contudo, nas décadas de 1940 e 1950, dado o aumento da malha viária num país em franco processo de urbanização, tal demanda obrigou as autoridades a desenvolverem e

implementarem medidas preventivas de acidentes, sendo uma delas a seleção médica e psicotécnica, com vistas a restringir o acesso ao volante por pessoas propensas a causá-los (SILVA e GUNTHER, 2009).

Em 1956, Juscelino Kubitschek tomou posse como Presidente da República (1956-1961) e uma de suas primeiras ações foi apresentar um Plano de Metas com 31 objetivos, com enfoque em quatro pontos<sup>37</sup>. Neste plano, como prioridade inicial, o governo previa alocar investimentos para o setor de transportes, em especial o rodoviário, e incentivar a indústria automobilística, enquanto outros três pontos prioritários canalizavam recursos em energia, indústria pesada e alimentos.

De acordo com Schwarcz e Starling (2018), “o Plano de Metas foi o primeiro e mais ambicioso programa de modernização já apresentado ao país”. Com ele, o Presidente Juscelino Kubitschek (JK) dava concretude ao *slogan* que animara a campanha presidencial – a promessa de que sob seu comando o Brasil cresceria “cinquenta anos em cinco” – e se propôs a efetuar uma mudança estrutural na capacidade produtiva nacional. O Plano de Metas fez do governo de JK um sucesso. Atribuiu ao Estado a tarefa de viabilizar uma agenda de crescimento econômico acelerado, aprofundou o processo de industrialização e privilegiou o setor de bens de consumo duráveis, alterando os hábitos e o cotidiano da população que, deslumbrada e espantada, passou a conviver com um sem-número de novidades.

A partir de 1958, os brasileiros viram se materializar nas ruas e estradas, por exemplo: o DKW-Vemag, que era o primeiro automóvel a sair da fábrica com 50% de peças nacionais, e a Rural Willys, o primeiro carro também nacional com tração nas quatro rodas. A expansão da malha rodoviária foi provavelmente o melhor momento do Plano de Metas. Juscelino pavimentou 6 mil quilômetros de novas rodovias entre 1956 e 1960, num país que até então contava com apenas 4 mil quilômetros de estradas, e viabilizou uma rede de integração territorial capaz de garantir a circulação de mercadorias entre as áreas rurais e os principais centros industrializados, além de criar mercados.

Em janeiro de 1958, com o preço do petróleo relativamente baixo e a entrada da indústria automobilística no país, Juscelino avaliou que o desafio de abrir novas rodovias de terra vermelha e asfalto valia a pena e propôs cortar os cerrados do Brasil Central, “arrombar a selva

---

<sup>37</sup> Foi encontrada na literatura uma subdivisão do Plano de Metas diferente de Schwarcz e Starling (2018), apresentando as metas em cinco setores primários, não quatro como citam as autoras. São eles: energia, transportes, alimentação, indústria de base e educação (CAMPOS, 2012). Para esta pesquisa, vale ressaltar que neste período o Brasil iniciou efetivamente um projeto para dotar o país de fábricas de automóveis, caminhões e ônibus de produção nacional. O programa foi exitoso, a despeito de contar com duas partes interessadas de alto poder e opositoras do projeto, a área econômica e as três maiores empresas multinacionais do setor atuando como exportadoras de veículos, ônibus e caminhões de suas fábricas centrais (REGO e FAILLACE JUNIOR, 2017).

e unir o país de norte a sul”. A rede rodoviária Belém-Brasília interligou por estrada de rodagem os estados de Goiás, Maranhão e Pará, inseriu a Amazônia no mercado brasileiro e forneceu uma nova alternativa para atenuar desequilíbrios regionais (SCHWARCZ e STARLING, 2018, p. 415 e 416).

A avaliação das condições psíquicas dos motoristas ocorreu neste contexto de desenvolvimento do interior do país, forte marca do governo de Juscelino, que teve como uma das estratégias interligar as regiões Centro-Oeste e Norte, por meio da construção e ampliação da malha viária brasileira. O momento se associou à chegada e ao incentivo político para a indústria automobilística nacional, momento em que se ampliou a demanda na legislação das leis de trânsito, assim como as exigências e normas que demonstravam que a pessoa estava apta ou não para dirigir.

No ensejo da regulamentação das regras de trânsito, e sob forte influência da Teoria da Propensão<sup>38</sup> aos acidentes, discutia-se, no âmbito internacional, a avaliação das condições psíquicas dos motoristas. No Brasil, inicialmente, tais avaliações eram feitas por engenheiros, médicos e psicólogos estrangeiros ou com formação em outros países, que se instalaram por aqui. Dentre eles, vindo da Espanha, destaca-se o médico e psicólogo Emílio Mira y López, fundador do Instituto de Seleção e Orientação profissional (ISOP), em 1947, na cidade do Rio de Janeiro e criador do teste denominado Psicodiagnóstico Miocinético (PMK)<sup>39</sup>.

Ao final da década de 1940 o trabalho de Mira y López ganhou proeminência na área de avaliação psicológica e, conseqüentemente, em resposta às demandas sociais no âmbito da psicologia aplicada ao trânsito. Isso significa que, ao ser regulamentada como profissão no Brasil, em 1962, já havia uma prática prévia de profissionais que recebiam treinamento específico para exercer tais funções, conhecidos como psicotécnicos. Segundo Silva (1997), foi somente em 1968, em função da nova organização do Sistema Nacional de Trânsito e criação dos departamentos nos estados, que o psicólogo foi inserido no processo de habilitação, realizando avaliação psicológica parcial de motoristas.

---

<sup>38</sup> A teoria afirma que há pessoas mais propensas que outras a se envolverem em acidentes, o que justificou a elaboração de um processo de habilitação para identificar os indivíduos propensos (SILVA e GUNTER, 2009).

<sup>39</sup> O PMK é um teste de expressão gráfica que avalia características de personalidade tais como emoção, tensão, agressividade, tônus vital, adaptabilidade, relacionamento intrapessoal e impulsividade. Ele permite realizar uma análise quantitativa e qualitativa, tanto estrutural quanto racionalmente. Sua aplicação é individual, sendo indicado para aplicação em um grande universo de sujeitos, independentemente da sua realização de nível socioeconômico-cultural. Proporciona a investigação de aspectos da personalidade por meio do estudo de sua “fórmula atitudinal mediante a análise das tensões musculares involuntárias, que revelam as tendências fundamentais de reação (MIRA, 2004).



Em dezembro de 1972, Waldir dos Santos Costa viajou de São Paulo para Manaus com o objetivo de passar o período de férias com sua mãe. Aquela época estava noivo de Louse Poroca, com quem fazia planos de se casar, como de fato veio a acontecer meses depois. No estado do Amazonas, a inauguração e mudança para autarquia do Detran-AM data de 1973, tendo como primeiro diretor presidente o engenheiro José Aldemar Maués, o qual convidou o professor e psicólogo Waldir dos Santos Costa para organizar o primeiro serviço médico e psicológico desta instituição. Na área do Trânsito, organizou o primeiro Laboratório de Psicometria e formou uma equipe para a avaliação de candidatos à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH).

Os rumores e expectativas para a criação do primeiro Laboratório de Psicometria no Amazonas podem ser constatados por meio da divulgação feita pelo *Jornal do Commercio do Amazonas*, no ano de 1972, conforme reportagem a seguir:

#### PSICOTÉCNICO VOLTA A SER FEITO EM 73<sup>40</sup>

A fim de adquirir equipamento para instalação de Manaus de um Laboratório para exame de psicotécnico, viajou as primeiras horas da tarde de ontem para São Paulo, o engenheiro José Aldemar Maués, Diretor do Departamento Estadual de Trânsito. O seu retorno à capital amazonense está previsto para os primeiros dias da próxima semana, quando ele mesmo trará todo o equipamento para o importante laboratório.

#### SOLUÇÃO

Explicou o engenheiro Maués que, com a aquisição desse laboratório, o DETRAN passará a realizar novamente os exames para motoristas profissionais, solucionando o problema. Saliento ainda que esses exames deverão voltar a ser feitos no mês de janeiro, quando o laboratório já estará em condições de funcionamento. Além da compra do equipamento, na capital bandeirante, o titular do DETRAN entrará em contato com as autoridades do DETRAN paulista, visando conseguir alguma coisa de positivo para nosso trânsito. Segundo disse o diretor Maués, o Departamento de Trânsito do Estado de São Paulo, tem colaborado muito com nosso DETRAN, inclusive no fornecimento de grande parte do material de sinalização já instalados em nossas principais artérias (Fonte: *Jornal do Commercio*, 29 dez. 1972).

A análise da reportagem do jornal coaduna com a narrativa do professor Waldir, que me fez constatar que o ano de 1972 foi o período de negociação para o seu retorno a Manaus e planejamento para a instituição do Serviço Médico e Psicológico no Detran-AM, além de ter o Detran-SP como referência para a instalação do laboratório de Manaus.

Assim afirmo porque a viagem do engenheiro José Aldemar Maués<sup>41</sup> aconteceu na tarde do dia 28 de dezembro de 1972 e, ao que tudo indica, já estava acertada a instituição do Serviço Médico e Psicológico em janeiro de 1973, faltando apenas equipamentos trazidos pelo próprio

<sup>40</sup> Reportagem realizada por: GADELHA, Guilherme (Editor Geral). Psicotécnico volta a ser feito em 73. *Jornal do Commercio*. Manaus, 29 dez. 1972. Acesso em: 27 fev. 2019.

<sup>41</sup> Era Engenheiro e foi o Diretor do DETRAN-AM, a partir de 1973, quando esta instituição passou a ser autarquia.

engenheiro para o “importante laboratório”.

A contratação de Waldir dos Santos Costa no Detran-AM ocorreu no dia 15 de janeiro de 1973. Sobre este momento de sua vida, revelou:

Bom, quando eu coleí grau em 1971, eu já vinha dando aula no curso de preparação para vestibular, lá em Pernambuco. Aí apareceu nessa época também, em São Paulo, estavam surgindo as clínicas, com os psicólogos e com os médicos, para a [obtenção da] Carteira Nacional de Habilitação. Aí veio uma pessoa, que não era psicólogo, era simplesmente administrador e tinha um ambiente em Araçatuba, São Paulo. Ele disse: “Vamos lá comigo, lá pra São Paulo”. Aí o pessoal do cursinho não gostou muito, mas eu disse: “Eu vou, não tem problema não, eu vou”. Fui pra São Paulo, passei um ano nessa clínica, para fazer avaliação psicológica para habilitação. Nessa época [em 1972] eu vivia dentro do Detran de São Paulo, porque era uma rigidez (nos trâmites para adquirir a habilitação para dirigir). Tinha lá o professor Cólton, que era o primeiro [em São Paulo]. Para que ele me aceitasse, eu tinha que fazer um teste, era sobre o PMK, o Psicodiagnóstico Miocinético. Fiz o teste e ele disse: “Ah, tá bom, então. Mas você vai ter que ficar aqui, vindo (de Araçatuba para a cidade de São Paulo), porque nós queremos que os psicólogos que estão fazendo essa avaliação psicológica através do PMK e do resto (bateria de testes), realmente façam com uma certa segurança”, como de fato recebi. Eu ia de Araçatuba para São Paulo, [...] passei esse ano (Waldir dos Santos Costa, 2018).

É plausível pensar que o engenheiro José Aldemar Maués já o conhecia, ou ao menos já tinha referências do professor Waldir e vinha em negociação com ele desde o ano anterior à sua vinda definitiva. Especialmente porque constatamos na reportagem o diálogo e parceria entre as instituições Detran-AM e Detran-SP e, na narrativa de Waldir, a presença constante desta última na aquisição do seu conhecimento em psicometria.

Fato interessante é observar a concepção que o professor Waldir tinha de si, ao explicitar a percepção de sua competência durante o seu treinamento com o professor que era referência em São Paulo, afirmando que realizava a aplicação dos testes com segurança, reafirmado pelo prestígio daquele professor, o que, provavelmente, dava-lhe legitimidade.

Igualmente, denota que os conhecimentos adquiridos o tornaram apto para “montar o curso e o ambiente todo para a avaliação psicológica” e, por ter trabalhado junto aos médicos, instruiu também os estudantes de Medicina para a função, sabendo que o laboratório de psicometria funcionaria inserido no Serviço Médico e Psicológico do Detran-AM.

Dois anos após esta implementação, o Detran-AM passou a contar com um segundo psicólogo, João Bosco Bezerra Araújo, cuja parceria de trabalho fora estabelecida desde o retorno de Waldir a Manaus. Sobre a emergência da Psicologia como profissão no Detran-AM, João Bosco relata:

Quem organizou esse Detran-AM e foi seu primeiro diretor geral, foi um engenheiro, doutor Maués. Esse doutor Maués, alguém apresentou o Waldir a ele, ou informou alguma coisa, sobre as qualidades do Waldir. Ele chamou o Waldir para estruturar o setor Médico e Psicológico, médico também. E aí como já era aquela tabelinha

[referindo-se à parceria de trabalho entre os dois desde 1973]. Isso foi em 1973. Em 1975, o Detran-AM já funcionando, o Waldir me chamou: “Vem me ajudar” e aí eu fui. Éramos o Waldir, eu, uma estudante de Medicina que logo se formou, Isabel Barroncas e um outro estudante, Genival Azevedo. Aí o setor foi crescendo, chegou a funcionar com 11 psicólogos e 10 médicos porque não tinham, não existiam essas clínicas credenciadas (conforme organização atual). Todo o serviço era feito no Detran-AM, a bateria de testes e tudo foi definido por nós. O que que a gente usava, em nível mental: Raven [Matrizes Progressivas de Raven] normal e escala avançada, D48, dominó, não é? Chegamos a usar nas pessoas de baixa escolaridade o INV, Inteligência Não Verbal, Pierre Weil. Personalidade a gente trabalhava diretamente com PMK, do Mira Y Lopéz. Compramos as mesas e fomos autorizados pelo Conselho Federal de Psicologia, que já começava a funcionar, a usar estagiárias como aplicadoras ou aplicadores de testes. Então nós treinamos esse pessoal, hoje algumas são psicólogas, como a Lourdes Toga e outras, começaram sobretudo como aplicadoras de PMK. Usávamos também atenção concentrada, atenção difusa, usávamos, como é que se chamava... Um ambidestrimetro. Era um cara que tinha no Rio de Janeiro, que criava esses aparelhos, o ambidestrimetro. Eram duas manivelas, uma comandava movimentos verticais e a outra movimentos horizontais, como uma trilha traçada num papel, colocada lá e um lápis que ficava preso ao aparelho, girando as duas coordenadamente. Ele fazia curvas, ia para cima, pra baixo, ia pro lado, pro outro, o que exigia uma afinada coordenação bimanual, que nós julgávamos importante para a condução de veículos (João Bosco Bezerra Araújo, 2019).

O Laboratório de Psicometria estava atrelado ao Serviço Médico e tinha suas atividades coordenadas pelo professor Waldir. É relevante pontuar a falta de profissionais médicos para compor a equipe. Ele contou que, para iniciar o trabalho, foram oferecidas bolsas de estudos para estudantes de Medicina e do colegial, a fim de que estes fossem habilitados para atuar na avaliação psicológica.

Tal ação era permitida pelo Conselho Federal de Psicologia à época, dada a escassez de profissionais, desde que houvesse um psicólogo responsável pela execução, correção e emissão dos laudos dos testes. Tudo aponta para um espaço social ávido por responder às demandas exigidas pela lei, em resposta aos problemas relacionados ao tráfego de automóveis na cidade.

As memórias do psicólogo João Bosco, somadas às de Waldir dos Santos Costa, fizeram-me refletir a respeito da relação entre memória e espaço. Suscitada por Halbwachs (2003), ao afirmar que um grupo social se encontra inserido em um espaço, passa a moldá-lo à sua imagem, isto é, às suas concepções e valores, ao passo que também se adapta à materialidade do lugar que, por sua vez, oferece resistência à sua influência. Neste sentido, vale pensar que nessa dinâmica de forças o ato de rememorar vai construindo uma narrativa coerente a respeito da formação de um espaço.

Para o autor, cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem sentido que só é inteligível para os membros do grupo, “porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida em uma sociedade” (HALBWHACHS, 2003, p. 160). Ao que parece, o Laboratório de Psicometria do DETRAN-AM se tornou um espaço de referência aos psicólogos de Manaus, uma vez que tanto o professor Waldir, quanto João

Bosco, estavam ali vinculados.

Sobre as práticas e características de Waldir dos Santos Costa, a também psicóloga Lígia Maria Duque Johnson de Assis agregou detalhes às ações e estratégias tomadas por ele no Detran-AM, especificamente no que concerne à formação especializada de psicólogos, na década posterior à implementação do serviço Médico e Psicológico na região. Sobre tal forma de atuação, narra:

Por parte do Waldir, havia uma responsabilidade, um compromisso com a qualidade do trabalho, com o trabalho qualificado. Uma preocupação em buscar cursos e atualização. Porque nós dizemos, até hoje dizemos, que nós moramos caro, não moramos longe [risos]. Então para a gente poder fazer um curso fora é muito caro e aí ficava muito melhor trazer os profissionais. Nós nos juntávamos e trazíamos profissionais para fazer a nossa atualização. O Waldir organizou um curso para formar peritos do trânsito, peritos examinadores, psicólogos peritos. Peritos examinadores do trânsito porque os psicólogos do trânsito, até aquele momento, não havia uma formação específica e houve a determinação legal e, como eu falei nós moramos caro [risos]. Os psicólogos não podiam sair também porque eles exerciam atividade aqui, e se os psicólogos sássem a atividade deixava de ser feita. Então o Waldir buscou, organizou a formação dos primeiros peritos examinadores de trânsito aqui do Amazonas. Foi do Waldir a primeira e a segunda turma. Ele trouxe tanto de Psicologia, quanto de Medicina. Ele quem encabeçou. Na primeira turma eu era fiscal ainda<sup>42</sup>. A psicologia do trânsito, ela tem algumas peculiaridades e eu precisava conhecer um pouco mais para fiscalizar, então eu conversei com Waldir, que eu gostaria de fazer esse curso para entender um pouco mais, para poder fazer a fiscalização de uma maneira adequada. Então eu participei na primeira turma de peritos examinadores. Depois o Waldir promoveu uma segunda turma, também de peritos, tanto uma turma de psicólogos, quanto uma turma de médicos peritos. E aí, mais uma vez, com uma preocupação grande, ele orientou aos psicólogos e aos médicos que fosse feita uma associação, fosse criada uma associação, para que houvesse atualização do conhecimento. Nós, na época, iniciamos uma Associação dos Psicólogos do Trânsito, não conseguimos levar adiante, foi organizada uma Associação das Clínicas de Trânsito e onde, mais uma vez, nós tivemos o Waldir ministrando cursos de atualização para os psicólogos em três... Três eventos, três versões, foram três anos seguidos, onde ele também fazia atualização (Lígia Maria Duque Johnson de Assis, 2019).

A narrativa traz indícios de que havia, por parte do professor Waldir, o interesse na construção de um campo profissional pautado no conhecimento científico, certificado por cursos de formação específica, ao incentivar a formação de associação de psicólogos do trânsito. Fica evidente também sua visão e desejo de ocupar os espaços de representatividade social e política da categoria. Importante afirmar que, àquela época, década de 1980, ele coordenava a Seção do Conselho Regional de Psicologia-01 no Amazonas e a psicóloga Lígia Duque realizava a fiscalização das atividades dos psicólogos, respondendo a este Conselho.

As três edições dos cursos de formação de peritos em Psicologia do Trânsito ocorreram

---

<sup>42</sup> Lígia Duque se refere ao período em que a entidade de classe profissional de psicólogos mudou de Núcleo de Psicólogos para Seção do Conselho Regional de Psicologia do Distrito Federal, em que ela assumiu a função de fiscal no Amazonas. O assunto também será detalhado no capítulo 4 desta tese.

na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O vínculo docente de Waldir no Detran-AM e nesta instituição de ensino viabilizou o diálogo contínuo entre elas, em todo período de atuação profissional dele. As décadas posteriores serviriam para o amadurecimento das ideias semeadas nos cursos de formação. Observa-se que alguns frutos foram colhidos depois da saída do professor da instituição.

Após a implementação do curso de Psicologia na UFAM<sup>43</sup>, tal parceria interinstitucional marcou relevante participação no campo da pesquisa científica na área da avaliação psicológica, demarcando uma importante área intelectual na produção de conhecimentos psicológicos na região. Sobre a viabilização acadêmica no campo da pesquisa em Psicologia, o professor José Humberto da Silva Filho relatou:

Em 2008, nós tivemos algumas conversas sobre avaliação psicológica no trânsito, como estava acontecendo avaliação psicológica no trânsito e nós, os psicólogos dessa área, já nos incomodávamos porque nós tínhamos testes, antigos e outros com normas antigas e outros com normas de outras regiões. Então, como nós não tínhamos referências normativas da nossa Região Norte, isso nos obrigava a avaliar um amazonense comparando com as tabelas normativas dos de São Paulo ou de Recife ou de Brasília ou do Rio de Janeiro. Então nós discutimos a necessidade de ter as nossas normas regionais. Foi aí que o Waldir incentivou essa discussão e ele observava isso nas clínicas de atendimento psicológico do trânsito, na ocasião. Por iniciativa nossa, no laboratório de avaliação psicológica, com a Lígia, que é coordenadora de uma das clínicas do serviço no trânsito e o Gibson que é outro coordenador de uma outra clínica também no trânsito, nós tomamos uma iniciativa de fazer uma pesquisa sobre qual era o padrão normativo para os testes psicológicos usados aqui no estado do Amazonas. Identificamos quais eram os testes que eram usados e o Waldir definia os testes psicológicos no Amazonas. [...] O nosso laboratório [na UFAM] já tinha 2 anos e eu estava com esse interesse de fazer esse projeto. O Gibson e a Lígia entraram nessa parceria e nós fizemos uma pesquisa com mais de 900 pessoas, fizemos normas e atualizamos. Além de nós termos normas para o Amazonas, nós também fizemos faixa, por faixa de escolaridade. Então há normas pra pessoas com nível de formação fundamental, ensino médio e ensino superior. A partir dessa pesquisa nós concluímos nossa pesquisa em 2008, convidamos as autoridades do Detran-AM para uma apresentação aqui no auditório da Universidade. O Waldir trouxe pessoas do Detran, nós entregamos, convidamos todos os psicólogos, de todas as clínicas que trabalhavam com trânsito para entregar pra eles as novas normas dos testes psicológicos. E ali, naquela entrega, o Waldir declarou: “A partir de hoje”, o Waldir era psicólogo do Detran-AM e ele tinha essa prerrogativa. “A partir de hoje todos os testes psicológicos desenvolvidos no estado do Amazonas, com a nossa população, serão baseados nessas novas normas técnicas desenvolvidas pela UFAM”. Nós temos até hoje, já está na hora de atualizar de novo, já tem 11 anos e nós já estamos nos programando para 2020 a gente atualizar essas normas porque elas já precisam de atualização. Doze anos depois elas precisam ser atualizadas. E foi o Waldir que bateu o martelo e disse: “Todas as clínicas agora precisam usar essas normas técnicas” e essas normas foram parar nos manuais das editoras, de todas as editoras. Então hoje todas as editoras desses instrumentos que nós usamos, eles têm as normas do Amazonas, pesquisados pela UFAM (José Humberto da Silva Filho, 2019).

---

<sup>43</sup> O protagonismo de Waldir dos Santos Costa na implementação do curso de Psicologia na UFAM será o tema abordado numa próxima seção.

O relato do professor José Humberto revela aspectos centrais da participação do professor Waldir para viabilizar pesquisas na área da avaliação psicológica, além de apontar para características de sua atuação, úteis para incitar reflexões concernentes à conquista pela autonomia durante sua trajetória profissional, não somente no Detran-AM, como também no apoio para o desenvolvimento científico na região, impactando de forma direta as normas técnicas utilizadas para a avaliação psicológica no estado do Amazonas.

Ao afirmar “A partir de hoje...” será feito dessa forma, como de fato está estabelecido até os dias atuais, seus colegas de trabalho reconhecem sua autoridade. Na perspectiva de Pierre Bourdieu (2010), a narrativa “ele tinha essa prerrogativa” também nos aponta para uma liderança reconhecida. Sinaliza que ele tinha apoio e cumplicidade de seus pares, o que lhe conferia poder simbólico. Fica evidente que, a essa altura, já havia no estado um corpo de profissionais coesos e engajados com o desenvolvimento da profissão, ligados à UFAM e ao Detran-AM.

A partir da implementação dos serviços no Detran-AM, pode-se observar que este intelectual produziu e mediou conhecimento por três formas de atuação que colaboraram, direta ou indiretamente, para a emergência e expansão da Psicologia dentro do estado.

A primeira diz respeito à criação de empregos, abriu-se espaço para o trabalho específico da categoria profissional. As regras para obtenção da CNH e a expansão no conhecimento da avaliação psicológica por meio de testagem nas décadas anteriores a 1970 formaram um solo fértil para que a Psicologia firmasse suas bases profissionais no Amazonas, à semelhança do que aconteceu em outras regiões brasileiras.

Vale ressaltar que, ademais às leis que impulsionaram novas práticas, esse desenvolvimento e delineamento das fronteiras da área também foram corroborados pela força da categoria profissional adquirida pela recente organização, a partir da instituição dos Conselhos Federal e Regionais de Psicologia, ocorrida em 1971, e a publicação do Código de Ética do Psicólogo, que passou a regulamentar as ações dos profissionais da classe.

A segunda área que deu visibilidade à profissão e promoveu a permanência e desenvolvimento dos novos profissionais que se achegavam a este campo de atuação no Amazonas, concerne à organização de eventos, cursos de capacitação e formação específica ao que chamamos hoje de Psicologia do Trânsito<sup>44</sup>.

Neste sentido, a UFAM foi uma forte aliada, ao viabilizar cursos dentro da especialidade, à época chamado de formação de peritos do trânsito, oferecendo a esta categoria

---

<sup>44</sup> Somente em 2013 o Conselho Federal de Psicologia instituiu o Título de Especialista em Psicologia do Trânsito.

de trabalhadores e à sociedade a legitimidade por parte de uma instituição federal.

Por fim, a expansão no âmbito da ciência foi a terceira área identificada, uma vez que o Detran-AM, nas décadas posteriores à implementação do serviço médico e psicológico, abriu portas para ser campo de pesquisa em avaliação psicológica, cujos dados fornecidos serviram de base para adequação e estabelecimento de novas tabelas normativas que consideraram as características da população amazonense.

Portanto, o desenvolvimento de campo profissional, gerando empregabilidade para o psicólogo, a criação de cursos, a formação de peritos e capacitação para que estes atuassem nesta área específica, associada à viabilidade dada à pesquisa, foram ações importantes que marcaram o protagonismo do professor Waldir no campo da Psicologia no Amazonas.

Dentre os objetos autobiográficos<sup>45</sup> presentes na estante de sua sala de visitas está uma placa de homenagem feita pelo DETRAN-AM, que nos aponta para a representatividade social que Waldir dos Santos Costa tinha nesta instituição. Fotografada e disposta abaixo, ela estava recém-chegada à sua casa no momento dos nossos primeiros encontros para as entrevistas.

Ele tinha várias delas, de diferentes instituições com as quais atuou. Contudo, especificamente esta, pareceu-me especial a ele, pois permitiu constatar não só o longo período de dedicação à instituição, mas os vínculos ali formados e a agregação de psicólogos ao serviço no decorrer das décadas.

Por meio de algo material, uma placa de metal com foto e dedicatória, ficou explicitado o reconhecimento e a homenagem prestada pelas diretorias, colegas de trabalho e amigos. Com a intenção de prestigiar e reconhecer a sua atuação, ao criar o serviço de Psicologia ali existente, nela se evidencia o seu pioneirismo, mais uma vez. Além de nos servir de suporte memorialístico para revisitar sua trajetória.

Figura 3 - Placa de homenagem do Detran- AM

---

<sup>45</sup> Objetos (auto)biográficos, acompanham a vida do sujeito e são pontos de referência para a memória de fatos relevantes à sua vida (KOTRE, 1997).



Legenda: Placa entregue ao professor Waldir dos Santos Costa em reconhecimento ao pioneirismo na área psicológica nesta instituição, desde 1973.

Fonte: ACERVO FAMILIAR.

Waldir dos Santos Costa atuou no Detran-AM no período de 1973 a 2018, não só inaugurou o primeiro Laboratório de Psicometria no serviço Médico e Psicológico da instituição, como fez do serviço um lugar de referência para a prática de avaliação psicológica da região, na década de 1970. Neste local, seus pares de profissão o encontravam. Veremos nos capítulos seguintes, por exemplo, que era o espaço onde ele recebia a documentação dos psicólogos que chegavam à cidade, enquanto exercia funções de secretário do Conselho Regional de Psicologia, sediado em Brasília (CRP-01).

Ali também foi o ambiente que abrigou reuniões de professores psicólogos da UFAM, na década de 1990, para a concepção do curso de Psicologia, enquanto a universidade passava por período de greve. Portanto, em uma perspectiva histórica, a instituição ganhou um olhar privilegiado como um “lugar de memória” (NORA, 1993), onde ocorreram fatos inauguradores de processos fundamentais à sua trajetória de vida e suas inserções no campo da Psicologia no Amazonas.



### 3.2 Parceria com o amigo João Bosco

Conforme dito anteriormente, ao retornar a Manaus em 1973 e logo ao iniciar suas atividades no DETRAN-AM, o professor Waldir entrou em contato com um psicólogo que aqui já estava desde 1962, João Bosco Bezerra Araújo, egresso da primeira turma do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), que à época atuava como psicoterapeuta em seu consultório particular e como diretor da Penitenciária Estadual Anísio Jobim<sup>46</sup>.

Segundo a narrativa do psicólogo João Bosco, em 1963, o Governador Gilberto Mestrinho, no seu mandato de 1959 a 1963, criou uma vaga de psicólogo para atuação específica junto aos detentos, que viria ser o primeiro cargo estatutário oficial específico para a profissão no estado. Ele relatou este fato da seguinte forma:

Bom, como nada havia instituído para um psicólogo, a primeira coisa que eu fiz foi, com a ajuda de um irmão mais velho (Platão Araújo), que era médico, eu dividi com ele o consultório dele. Então ele atuava à tarde como médico e eu usava a instalação do consultório, lá no Centro, pela parte da manhã, para atuar como psicoterapeuta. Ele era otorrino e eu, pela parte da manhã, atuei recebendo clientes e fazendo orientação psicológica e psicoterapia, inicialmente predominaram os adultos. Depois eu comecei a receber também adolescentes, mas era um número pequeno porque eu só tinha a parte da manhã para isso, não é? Um pouco adiante, era governador do estado o professor Gilberto Mestrinho e ele soube, através do então diretor da Penitenciária Central do Estado, que era o doutor Joaquim Marinho, não o filho que está aí, o velho, que já morreu algum tempo atrás, que era advogado e que viera pra Manaus como administrador hospitalar pra trabalhar na Beneficente Portuguesa, ele era português. Ele soube da minha atuação, da minha chegada, dessa profissão nova, se interessou e pediu ao governador que criasse um cargo de psicólogo na Penitenciária Central do Estado, ali na avenida 7 de setembro, esse cargo foi criado especificamente para mim, porque não tinha outro. Foi criado e eu fui nomeado. Lá na penitenciária o doutor Marinho me entregou uma função, um cargo que tinha o título de Diretor da Divisão de Recuperação Social. Então dividimos o trabalho: o doutor Marinho tinha a gestão na mão dele, tinha a parte de relacionamento com o poder judiciário, com polícia, com o Governo do Estado, tudo era com ele e ele passou pra mim a administração interna do presídio. Acontece que quando eu cheguei lá, eu fiquei muito... Muito assustado, muito preocupado porque era um regime muito duro que implicava inclusive castigos físicos (João Bosco Bezerra Araújo, 2018).

O início da transcrição me apontou para uma possível resposta a uma das questões de pesquisa ao revelar que, em 1963, “nada havia instituído para um psicólogo” na cidade de Manaus, conforme introduz João Bosco sobre a organização de suas atividades como psicoterapeuta e, em seguida, com a criação de um cargo, tornando-se perceptível que, fora dos portões das instituições médicas e de ensino, a Psicologia estava dando os seus primeiros passos na direção de uma atuação profissional autônoma, o que o colocou em destaque na cidade.

---

<sup>46</sup>Atualmente denominado Complexo Penitenciário Anísio Jobim (COMPAJ).

Era uma profissão nova, recém-regulamentada no país<sup>47</sup>, o que me faz pensar sobre a necessidade de se criar um cargo específico, ainda que para muitos não houvesse clareza sobre o tipo de atuação deste profissional. Ao que tudo indica, seu trabalho dentro da penitenciária ganhou contornos administrativos e não necessariamente interventivos na área da Psicologia. Relatou que, durante aqueles tempos iniciais ali, soube da existência de mais dois profissionais psicólogos militares. Lembrou-se do nome de Aluísio de Azevedo<sup>48</sup>, contudo, não houve aproximação maior com eles, dada a não permanência deles na cidade, em função das atividades militares.

A aproximação e parceria de trabalho entre o professor Waldir e João Bosco se estabeleceu no início da década de 1970 e permaneceu até o final de sua vida, sendo lembrada por este último da seguinte forma:

O primeiro a chegar foi aquele que por 50 anos se tornou o meu companheiro e o meu amigo direto, o professor Waldir dos Santos Costa. Ele chegou por aqui pela década de 70, começo da década de 70, 72, 73, por aí. Eu o levei para trabalhar comigo na penitenciária e nos associamos porque, afinal, a gente precisava viver, né? Sobreviver, no atendimento psicológico de certas instituições. Nós atendíamos o Banco Real, na questão de seleção de pessoal, o Banco do Estado do Amazonas também. Ninguém era admitido sem passar por nós, atendíamos alguns colégios em Manaus, na área de orientação profissional, o Colégio Santa Dorotéia, Colégio Dom Bosco, Escola Técnica Federal do Amazonas, atendíamos, Waldir e eu. Depois eu apresentei ao diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que já era o professor Afonso Nina e ele também contratou o Waldir para lá. Waldir foi, ainda era estadual a faculdade, o Waldir se tornou também professor como eu era e começou aí uma tarefa, uma jornada que foi até a morte dele há poucos dias atrás (João Bosco Bezerra Araújo, 2019).

O encontro entre estes dois psicólogos, bem como a parceria por eles estabelecida e mantida, constitui-se como parte importante da trajetória intelectual do professor Waldir. João Bosco pertence a uma família conhecida na cidade, filho do Juiz André Vidal Araújo e de Milburges Bezerra de Araújo. A parceria de trabalho de ambos colocou o professor Waldir em contato com o diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFAM. Num outro momento, foi chamado para ser diretor da Escola Mello Mattos, instituição formada por André Vidal Araújo para a recuperação de menores infratores.

A princípio, essa vinculação tinha um propósito explicitado na fala “nos associamos porque, afinal, a gente precisava viver, né? Sobreviver [...]”. Posso inferir que o termo “viver” ou “sobreviver” não foi utilizado somente para as questões práticas da vida, mas também para

---

<sup>47</sup>A Psicologia como profissão foi regulamentada pela Lei 4.119, promulgada em 27 de agosto de 1962, que regulamenta a profissão de psicólogo(a) e o currículo mínimo dos cursos de graduação em Psicologia.

<sup>48</sup> Não obtive informações sobre o psicólogo militar Aluísio de Azevedo.

a atuação de ambos como psicólogos pioneiros na cidade, na formação de um time que teria protagonismo na formação do campo da psicologia no Amazonas<sup>49</sup>.

Bourdieu (2010) nos lembra que campo é um espaço de rearranjo e de embate onde se dá a prática, numa relação entre a subjetividade do indivíduo e a objetividade da estrutura social. É o local de disputa em torno dos interesses específicos de tal área, o campo é um espaço no qual a ação do agente já está disposta, sendo que ele terá a capacidade de desenvolver sua ação desenvolvendo aquele caminho, seguindo as regras do jogo.

Naquele momento, entendi que estava presente nestes dois psicólogos a necessidade de se afirmar uma nova prática, própria da área profissional de conhecimento e da Psicologia, até então conhecida na região por meio dos preceitos teóricos da Educação e da Medicina. Acredito que havia neles interesse em formar e se apropriar desse campo, fato corroborado ao constatar que ambos, em 1979, fundaram a Associação dos Psicólogos Amazonenses (APA), assunto a ser aprofundado numa próxima seção.

É possível pensar que a parceria se fortalecia à medida que novas possibilidades de atuação, específicas da Psicologia, apresentavam-se nas escolas e instituições que demandavam testagem psicológica. Os contornos iniciais das práticas executadas dentro do campo são revelados na afirmação: “Ninguém era admitido sem passar por nós”. Explicitando que havia ali um conhecimento e uma prática específica, num espaço social em formação, com o estabelecimento de relações de poder e influência.

Tal pensamento é adensado ao analisar a continuação de sua narrativa e ao observar os contornos iniciais na formação do campo da Psicologia no Amazonas, assim como o poder simbólico<sup>50</sup> que iam adquirindo diante da sociedade. João Bosco narrou o seguinte:

Pois bem, caminhamos sempre assim, sempre assim, à medida que o volume de trabalho foi crescendo, porque nós começamos a, sei lá, a ter uma reputação favorável na cidade, e a demanda começou a crescer e nós dois sozinhos já tínhamos dificuldade pra atender. Foi quando, no Colégio Militar de Manaus, chegou um psicólogo formado

---

<sup>49</sup> É preciso pontuar que, no início da década de 1970, algumas organizações contavam com a presença de profissionais vindos de outras regiões brasileiras. Consideramos aqui ao menos duas grandes instituições que os contratavam. A primeira corresponde à área organizacional com ênfase nos processos de seleção, treinamento e acompanhamento de pessoal, em resposta às demandas do setor industrial, devido à implantação da Zona Franca de Manaus (ZFM), a partir de 1967, atualmente denominada Polo Industrial de Manaus (PIM). A segunda corresponde às Forças Armadas, sobretudo o Exército Brasileiro presente em Manaus e no interior do Amazonas e nas fronteiras internacionais (Peru, Colômbia e Venezuela). Contudo, ambos contavam com profissionais itinerantes, dado o número reduzido da categoria e as características das atividades destas organizações. O fato é constatado ao recorrermos à lista dos inscritos no Conselho Regional de Psicologia do Amazonas (CRP/20), em que a inscrição número 1 (um) pertence ao psicólogo João Bosco e a número dois ao professor Waldir.

<sup>50</sup> Utilizo aqui o termo “poder simbólico” ao me referir ao conceito cunhado por Pierre Bourdieu, como um poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 2010, p. 7-8).

numa instituição do Exército Brasileiro, não sei qual era, era o Major Castor, Hugo de Castor Nogueira. Ele, ele nos procurou e começou a trabalhar conosco. Depois chegou um capitão, Aluísio Azevedo Coutinho, esse gostava do magistério, foi professor e também trabalhou conosco e teve um terceiro e último, cujo nome hoje eu não me lembro mais. Então ficamos assim, os três militares e os dois civis trabalhando (João Bosco Bezerra Araújo, 2019).

Ao citar o aumento da demanda pelos serviços psicológicos e ao serem procurados por profissionais oriundos de outras regiões para o exercício da profissão, professor Waldir e João Bosco estavam estruturando uma realidade, a partir do conhecimento e da prática psicológica, ao mesmo tempo que adquirindo reconhecimento social e criando regras de funcionamento desse novo campo de atuação no estado.

Assim, é possível pensar, a partir de Bourdieu (2010), que a autonomia de determinado campo se constitui na medida em que um corpo especializado de produtores de discursos se desenvolve. Neste sentido, o autor conceitua o poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, pelo discurso, pelo fazer ver e pelo modo de fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo.

Constitui, também segundo ele, um poder quase mágico, que permite obter quase o equivalente àquilo que é obtido pela força física ou econômica, graças ao efeito específico de mobilização. Contudo, ele só é exercido se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Como produto dessa reflexão, entendi que, durante os primeiros anos de relacionamento profissional entre João Bosco e Waldir dos Santos Costa, delimitou-se um espaço profissional de atuação, ao mesmo tempo em que se instituía um campo específico da Psicologia enquanto profissão no Amazonas.

Ainda na década de 1970, novos campos para atuação da psicologia se abriram a partir das demandas sociais e na área da educação, dentre elas a criação da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM), marcando a atividade do professor Waldir na área socioeducativa no estado do Amazonas.

### **3.3 Um gestor de instituições assistenciais**

À medida em que o professor Waldir me entregava os documentos, ao analisá-los em suas minúcias, ficava impressionada com a quantidade de atividades exercidas por ele, sobretudo na década de 1970. Em 1973, recém-casado, aos 34 anos, ele inaugurou o Laboratório de Psicometria no Detran-AM, ingressou como professor de Psicologia na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas – FACED/UFAM. Contudo, decidiu abraçar

novos desafios no âmbito da educação e, no contexto social, relacionando-os à prática da Psicologia, denotando a inquietude de um profissional que disputava por novas posições num campo ainda por ser delimitado.

Pouco ele me disse sobre sua atuação fora do Detran-AM e UFAM, o que me conduziu a pensar que as duas instituições foram os principais lugares onde se estabeleceram seus vínculos e sociabilidade intelectual. Porém, ao receber os documentos, foi possível identificar outros espaços ocupados por ele durante um longo período de atuação profissional. Algumas pistas foram dadas a partir da seguinte fala:

Bom, em 73 mesmo aconteceram algumas coisas. Primeiro, um padre que dirigia uma escola de menores infratores Mello Mattos, teve que sair. Aí o governador, através do próprio DETRAN, o governador me chamou e disse “olha, você como é psicólogo, eu gostaria que você fosse dirigir essa escola” eu digo “rapaz, como se eu já estou no DETRAN?” “Não, mas no DETRAN você orienta o pessoal e esteja presente mais ou menos, né? Vá também orientar os professores”. Então eu assumi, assumi a direção da escola Mello Mattos, junto com isso também tinha a escola que dava assistência às meninas de rua, Darcy Vargas é o nome dessa escola (Waldir dos Santos Costa, 2018).

Ao visitarmos juntos seu álbum de fotos familiares, suas placas de homenagens e pastas de documentos, decidi me entregar alguns que trouxeram à luz práticas de trabalho desenvolvidas no âmbito educacional e social, até então desconhecidas por mim, uma vez que estavam pouco presentes em sua narrativa de vida.

Eram papéis grampeados, amarelados pela ação do tempo, guardados sem dobras, numa pasta que trazia, dentre outras coisas, o artigo citado na seção anterior, sua carteira profissional de trabalho e sua carteira do registro de psicólogo. Por que alguém guardaria cópia de certidões de trabalho, declarações de instituições por onde passou e resoluções publicadas no Diário Oficial da União por mais de quarenta anos? Estaríamos diante do que Artières (1998) denominou como “arquivamento da própria vida”?

Segundo o autor, a prática pode revelar uma intenção autobiográfica, cuja motivação seria a de ter sua identidade reconhecida, controlar a sua própria vida, recordar, tirar lições do passado, preparar o futuro e inscrever a existência. Ainda neste sentido, afirma que:

Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.

[...] Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.

[...] Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte. (ARTIÈRES, 1998, p. 11, 31-32).

Reconheci o valor autobiográfico dessa guarda que me auxiliou na construção de sua trajetória intelectual, na identificação dos seus lugares e posições ocupados. Assim, um documento apresentou o registro dos cargos exercidos por Waldir dos Santos Costa como subsecretário do Estado do Trabalho e Serviços Sociais, no Governo do Estado do Amazonas. Eles foram considerados como fontes históricas, uma vez que trazem informações de suas ações, de lugares ocupados por ele, o que pode me proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado, especificamente no que concerne à intencionalidade de se produzir e de manter o registro até o presente. Neste momento de sua vida e, dada as circunstâncias em que eles me foram dados, estava diante de fontes de pesquisa biográfica. Neles encontrei respostas a questões a respeito de ações e intervenções suas relacionadas à história da categoria de psicólogos no Amazonas.

Tais documentos apontam para os lugares ocupados por este profissional, desde seu período de estágio até sua ascensão a subsecretário do Estado e do Trabalho e Serviços Sociais. Estaria ele ocupando um cargo de forma inapropriada, uma vez que havia na cidade profissionais nas Ciências Sociais?<sup>51</sup> Compreendi que, apesar de os documentos terem chegado a mim por ele, o período que se dedicou a tais atividades não foi aprofundado em nossas conversas, o que deu a impressão de que as atividades exercidas ali não diziam respeito à Psicologia, ou à sua atuação dentro da área.

O que esses papéis guardados por quatro décadas poderiam revelar sobre ele? Estariam ali implícitas pistas, traços ou indícios de suas experiências, sentimentos e pensamentos? Seriam algum reduto de sensibilidade que, no campo historiográfico, criam possibilidades de buscar traços descontínuos e vestígios sobre o passado, que imprimem inteligibilidade àqueles tempos? Tais documentos guardados me permitiriam entrever o tempo-espço social em que se instituía os serviços específicos de Psicologia no Amazonas? Além das memórias, do que foi lembrado por ele, meu interesse foi direcionado para os documentos que, por sua escolha, estavam ali para se perpetuarem em sua história de vida.

---

<sup>51</sup> Em 3 de julho de 1964, na realização da 18ª reunião do Conselho Diretor da Fundação Universidade do Amazonas, foi decidido que a data de comemoração da instalação da Universidade do Amazonas seria a mesma data criação da primeira universidade brasileira, a Escola Universitária Livre de Manaus. A Universidade do Amazonas consolidou-se e ampliou sua estrutura por meio da criação de novos cursos e absorção de outros já existentes. A partir de 1968, a estrutura da instituição passa a ser a seguinte: Faculdade de Direito do Amazonas, Faculdade de Estudos Sociais, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Faculdade de Engenharia, Faculdade de Medicina e Faculdade de Farmácia e Odontologia. Fonte: <https://ufam.edu.br/historia.html>. Acesso em: 10 out. 2021.

Para refletir a respeito disso, ative-me a Mignot e Cunha (2006), quando entendem os arquivos pessoais de intelectuais da educação como uma forma de escrita de si, que permite pensar na importância de uma memória de papel para o reconhecimento de diferentes propostas e práticas. Consideram a relevância dessa guarda ao afirmarem:

Guardar é diferente de esconder. Guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor partilhar; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo (MIGNOT e CUNHA, 2006, p. 41).

Cunha (2019, p. 20), após distinguir entre arquivo e acervo privado<sup>52</sup>, esclarece-me que os documentos deste último “guardam histórias individuais e familiares, trazem marcas da escolarização de seus titulares e permitem pensar distintas interpretações”. Revela ainda que, ao resistir à passagem do tempo, podem trazer à tona a possibilidade de não esquecimento, como “lugar de memória”.

Sendo assim, minha tarefa diante de tais papéis guardados foi a de realizar um ato significativo de interpretação, tanto para quem o guardou quanto para mim, que os recuperou para o presente. Quais informações a respeito da trajetória intelectual do professor Waldir estavam naqueles documentos guardados com tanto esmero?

A certidão emitida pela Secretaria de Estado de Trabalho e Serviços Sociais - Governo do Estado do Amazonas, revelou que, em 1973, ele foi nomeado para exercer o cargo de diretor da Colônia Agro Escolar Mello Mattos, designado para responder pela coordenação do Plano de Prevenção da Marginalização do Menor-PLIMEC<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> Acervo é um conjunto de bens e, neste sentido, seu significado se aproxima do sentido geral da palavra “patrimônio”. Costuma designar um conjunto de documentos, peças ou obras reunidas e abrigadas (custodiadas) por instituições, com museus, bibliotecas, arquivos e centro de documentação, ou ainda existentes em coleções particulares, enquanto arquivo é o acervo reunido por uma pessoa ou instituição, por conta das atividades realizadas no decorrer da sua existência (CUNHA, 2019, p. 19).

<sup>53</sup> Em 1975, foi criado o PLIMEC – Plano de Integração Menor-Comunidade, sob a compreensão de que o internamento do menor, procedimento vigente até então dentre as ações da política do bem-estar social, era um procedimento negativo. Assim, o PLIMEC estabeleceu como prioridade a efetivação de programas de integração do menor à sua comunidade de origem. É importante considerar que em 1º/12/64, pela Lei 4.513, cria-se a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM). Ela se consagrou como entidade administrativa e financeiramente autônoma, diretamente ligada à Presidência da República com exclusiva competência para definir, implantar e fiscalizar a chamada Política Nacional de Bem-Estar do Menor (PNABEM). Consubstanciando-se, portanto, em uma instituição com poderes de regulação nacional, a qual, mais que financiar projetos públicos e privados, inaugurou no plano teórico, uma nova política de atendimento para a infância abandonada, ao mesmo tempo em que manteve tradicionais práticas repressivas assistenciais, dentre elas o sistema de internação, o qual o PLIMEC, em 1975, propôs modificar ao implementar medidas socioeducativas para a integração do menor à sua comunidade (ROSSATO, 2008).

A Colônia Agro Escolar Mello Mattos, em um momento seguinte denominada Instituto Mello Mattos<sup>54</sup>, foi inaugurada em 1940, na administração do prefeito Antônio Botelho Maia, com a finalidade de recolher das ruas os menores infratores e de oferecer a eles lazer, atividades desportivas, recreativas e profissionalizantes. Nasceu da iniciativa do juiz André Vidal Araújo<sup>55</sup>, pai do psicólogo João Bosco Bezerra Araújo, protagonizando mais uma vez como membro da sociabilidade intelectual do professor Waldir. Foi inaugurado sob a forma de internato para menores infratores e crianças pobres onde, além de recreio, eram realizados eventos escolares.

A colônia foi uma instituição importante com relação às políticas públicas de educação e de assistência social direcionadas a crianças e adolescentes, entre as décadas de 1940 a 1970, uma vez que tinha a pretensão de retirar meninos e meninas<sup>56</sup> em situação de delinquência das ruas, dando a estes a oportunidade de receber educação moral, cívica e profissionalizante. A “Escola Mello Mattos” se destinava aos meninos e a “Escola Darcy Vargas” para meninas. Ambas passaram a ser administradas pela Fundação do Bem-Estar ao Menor (FEBEM), em 1976 (VASCONCELOS, 2018).

Se, por um lado, no período da adolescência e juventude, o professor Waldir teve em sua experiência de vida o trabalho com jovens em situação de vulnerabilidade social junto à congregação salesiana, por outro, agora como profissional, deparou-se com o trabalho como gestor e psicólogo destinado a este mesmo público, desenvolvendo ali atividades administrativas e técnicas. O escopo dessas atividades o fez se aproximar afetivamente das vivências e objetivos do Oratório Festivo?

Interessante considerar as várias iniciativas no entrelaçamento da educação e assistência social que vinham tomando forma nas décadas de 1960 e 1970, na cidade de Manaus, dentre elas esta escola. Sobre isso, destaco parte da narrativa do psicólogo João Bosco Bezerra Araújo ao contextualizar a participação do professor Waldir nesta instituição:

Quando o governador Álvaro Maia criou o Juizado Tutelar de Menores em Manaus, foi buscar meu pai que estava nesse momento como juiz de Manacapuru. Trouxe meu pai para Manaus para ser o primeiro Juiz de Menores e ali ele se revelou. Ele criou

---

<sup>54</sup> O nome do Instituto presta homenagem a José Cândido de Albuquerque Mello Mattos, que foi o primeiro juiz de menores do Brasil e da América Latina.

<sup>55</sup> André Vidal de Araújo foi diretor do 1º Juizado de Menores do Estado do Amazonas entre os anos de 1935 a 1944. O Juizado Privativo de Menores foi criado em 1935, sob a responsabilidade do juiz Dr. André Vidal de Araújo e funcionava em uma sala no edifício Palácio da Justiça. Com atribuições corretivas e educacionais, o Juizado defendia um trabalho preventivo na infância, para ter-se um resultado positivo na vida adulta.

<sup>56</sup> As meninas eram internadas em instituições como a “Escola Premonitória Bom Pastor”, que nas décadas seguintes passou a se chamar “Instituto Maria Madalena” e, posteriormente, escola “Darcy Vargas”.



várias instituições, dentre eles o Instituto Mello Mattos, para menores pré-delinquentes, como se dizia, e o Instituto Maria Madalena para meninas desamparadas, sujeitas a prostituição e outras coisas, não é? Criou uma creche, a primeira creche que se teve notícia aqui, para que as mães trabalhadoras deixassem seus filhos, chamava-se Creche Seculista Menino Jesus, em frente à Penitenciária Central do Estado, na Avenida 7 de Setembro. E criou um negócio inusitado, uma coisa muito, muito interessante: o Círculo Operário de Manaus que foi um predecessor da previdência social, que ainda não existia, porque o Getúlio Vargas ainda não fora Presidente da República. Esse Círculo Operário não só dava assistência médica, odontológica, que mantinha escola, mantinha uma creche, como dava aposentadoria aos operários que trabalhavam nas usinas de borracha e de castanha na capital (João Bosco Bezerra Araújo, 2019).

Uma busca feita na Hemeroteca Digital Brasileira agregou informações à sua narrativa e revelou atividades deste instituto nos idos de 1978, na orientação educacional integral, promovido pela FEBEM, o que me faz inferir que, neste período, o Instituto Mello Mattos estava subordinado a este órgão, conforme descrito no *Jornal do Commercio*:

O programa sócio terapêutico desenvolvido pela FEBEM Amazonas conta com as unidades educacionais Mello Mattos e Darcy Vargas [...] Na Escola Mello Mattos, no bairro de Flores, 80 menores com problemas de conduta antissocial recebem, em regime de internato, uma orientação educacional integral com característica profissionalizante e outros meios de terapia educacional e ocupacional. O mesmo sucede na Escola Darcy Vargas, onde 60 meninas estão internadas (*Jornal do Commercio*, 30 de junho de 1978, p. 5).

No período de 1973 a 1975, o professor Waldir exerceu suas funções na direção do Instituto Mello Mattos. A partir de 1975, foi designado para a presidência da FEBEM. Neste lugar de liderança, sua abrangência de atuação se ampliou para o interior do estado do Amazonas. Nesta função ficou encarregado de elaborar diretrizes gerais, para aplicação no âmbito estadual, da Política Nacional do Bem-Estar do Menor e, neste contexto, inseriu-se a execução do Plano de Integração do Menor na Comunidade (PLIMEC).

Ocupar o cargo de presidente da FEBEM no Amazonas, por um período de cinco anos, não parece ser um evento periférico à trajetória de um profissional. Por que em suas narrativas tal acontecimento ficou à margem dos demais assuntos? O silenciamento de Waldir dos Santos Costa estaria ligado às suas possíveis dificuldades quanto ao exercício dessa tarefa desafiadora?

Para pensar sobre isso, é necessário considerar a complexidade envolvida no gerenciamento de uma instituição que trazia consigo um forte estigma social. A FEBEM foi criada para restaurar a fama do Serviço de Assistência a Menores (SAM)<sup>57</sup>, que carregou forte

---

<sup>57</sup> Nos dados do Arquivo Nacional do Ministério da Justiça e Segurança Pública, encontra-se a informação de que o SAM foi organizado em 1941, por meio do Decreto-Lei nº 3779, e tinha como objetivo prestar, em todo território nacional, amparo social aos menores desvalidos e infratores. Além disso, tinha objetivos de natureza assistencial, quando enfatizava a importância de estudos e pesquisas, bem como o atendimento psicopedagógico às crianças e adolescentes carentes e com problemas de conduta, os quais eram denominados desvalidos e delinquentes. Fonte:

valoração negativa, ao ser considerada uma prisão de menores transviados e escola de crime.

Na década de 1950 foram realizadas inúmeras denúncias que detalhavam a exploração de menores que, uma vez apuradas, condenaram o órgão e propuseram, em 1964, a criação da FUNABEM, que tinha por missão inicial instituir o “anti-SAM”. Como órgão normativo, seu objetivo era o planejamento e coordenação da ação assistencial e do estudo do menor. As unidades-modelo foram instaladas no Rio de Janeiro, o que viria a ser o centro piloto deste novo formato<sup>58</sup>. Uma vez instauradas tais unidades, a FUNABEM, no período de 1966 a 1973, dedicou-se à interiorização da Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBEM) nas cinco regiões brasileiras (RIZZINI, 2004, p. 33-36).

Apenas dois anos após o seu retorno, o Amazonas agora contava com um professor-psicólogo à frente da presidência de uma grande instituição. O fato me fez refletir, a partir de Bourdieu (2010), sobre as diferentes formas de capital social que ele precisou mobilizar, de maneira a ser reconhecido em sua competência, em consonância com os valores, demandas e regras de cada espaço social que ocupava, permitindo assim sua existência e atuação em cada um deles. O professor Waldir trazia consigo um amplo repertório de conhecimentos e habilidades adquiridas no exercício da docência, nas práticas assistenciais salesianas e de processos psicológicos que o colocavam em uma posição privilegiada neste contexto.

A despeito das raras informações narradas por Waldir dos Santos Costa frente à presidência da FEBEM no Amazonas, selecionei informações específicas dessa atividade nos documentos que ele me entregou. Além disso, observei a abrangência das atividades do PLIMEC/FEBEM ao ler as notícias que circulavam no jornal sobre esta instituição, especificamente em uma notícia no *Jornal do Commercio*, em 1977. A reportagem informa que:

Depois de Parintins e Itacoatiara, o município de Coari vai ganhar, ainda este ano, um núcleo do Plano de Prevenção da Marginalização do Menor, segundo anunciou na manhã de ontem a Secretária de Trabalho e Serviços Sociais, Profa. Maria Eleonora Peres. O projeto de implementação de mais este núcleo do PLIMEC no interior do

---

<http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/servico-de-assistencia-a-menores-1941-1964>. Acesso em: 24 mar. 2022.

<sup>58</sup> Vale pontuar que, segundo Siqueira (2019), “O SAM foi extinto devido à intensa campanha promovida pela imprensa, capitaneada pela trágica morte do primogênito de Odylo Costa, filho, que fora assassinado por um menor que passara pela instituição diversas vezes. A FUNABEM irá substituir o SAM como o resultado – ao menos no discurso – de um projeto crítico ao funcionamento da instituição precedente. Assim, fundada em 1 de dezembro de 1964, a FUNABEM é regulamentada pela Lei nº 4.513. Por outro lado, surgiu como projeto diferente do SAM, mas manteve a filosofia dos internatos, utilizando os espaços físicos e arquitetura da instituição precedente. Desta forma, recebeu como herança todo o patrimônio do SAM, além do seu esquema de atendimento e respectivas atribuições. Em 1970, o Presidente da República, Emílio Garrastazu Médici, fez um discurso na Fundação por ocasião da abertura das comemorações da Semana da Criança na instituição, onde critica duramente o SAM” (SIQUEIRA, 2019, p. 69).

Estado será executado sob a responsabilidade da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor – FEBEM – criado no começo deste ano e que está na fase final de implementação. A implementação e funcionamento imediato de mais este núcleo do PLIMEC está dentro do programa de expansão da política estadual do bem-estar do menor, que vem sendo executada em Manaus e no interior do Estado. Atualmente o PLIMEC mantém em funcionamento 3 unidades e três núcleos em Manaus, um núcleo em Parintins e outro em fase final de implementação em Itacoatiara devendo instalar até a metade do ano o de Coari. A partir do momento em que colocar em funcionamento o núcleo de Coari, a FEBEM vai manter os contatos com o Prefeito Antonio Vital, de Uricurituba, para a instalação ainda este ano, de um núcleo do PLIMEC para atender a todos existentes naquele município. Em Parintins, o PLIMEC está trabalhando com 645 menores, distribuídos em grupos etários de 6 a 18 anos, havendo a possibilidade de até junho ocorrer um aumento na ordem de 50 por cento no índice quantitativo de atendimento (*Jornal do Commercio*, Manaus – Domingo, 13 de março de 1977, p. 5).

Como presidente da FEBEM, o objetivo de suas ações era colocar em prática as estratégias de integração do menor à comunidade nos diferentes municípios do Amazonas, o que fez sua atuação ganhar maior alcance.

Ao verificar uma certidão emitida pela Secretaria de Estado de Trabalho e Serviços Sociais – Governo do Estado do Amazonas, de outubro de 1979, observei que o documento faz referência aos cargos ocupados por ele, na referida secretaria, no período de 1973 a 1979. Nele, a descrição, a certificação das atividades e os cargos exercidos por Waldir dos Santos Costa prestados à Secretaria de Estado de Trabalho e Serviços Sociais do Amazonas foram apresentados com o Quadro 3 a seguir, em ordem cronológica, conforme descrito oficialmente.

Quadro 3 - Atividades exercidas e cargos ocupados por Waldir dos Santos Costa, prestados à Secretaria de Estado de Trabalho e Serviços Sociais do Amazonas, de 1973 a 1979.

Ano	Descrição da atividade e/ou cargo
1973	Foi nomeado para exercer o cargo de diretor da Colônia Agro Escolar Mello Mattos, designado para responder pela coordenação do Plano de Prevenção da Marginalização do Menor-PLIMEC;
1975	Foi designado como Presidente da FEBEM, encarregado de elaborar diretrizes gerais para aplicação no âmbito estadual da Política Nacional do Bem-Estar do Menor;
1975	Foi designado para coordenar a Montagem do Serviço de Orientação Permanente, aos Técnicos de nível superior da Secretaria de Estado de Serviços Sociais. Designado a se deslocar para Parintins-AM, para tratar de assuntos desta pasta;
1976	Foi designado a se deslocar para Parintins-AM e Itacoatiara-AM, para tratar de assuntos na área do menor; designado a responder como responsável pela Unidade do Bem-Estar do Menor da Secretaria;
1977	Além da função de presidente da FEBEM, passa a realizar atendimento psicológico às sextas-feiras pela manhã, na sede do Sistema Nacional de Emprego-SINE/AM;
1979	Foi nomeado para exercer o cargo comissionado de subsecretário de Estado de Trabalho e serviços sociais.

Fonte: ELABORADO PELA AUTORA, 2021.

No aspecto documental, não é possível identificar uma intencionalidade na ação de

formar um espaço social para a prática da Psicologia, tal qual foi possível pensar com relação à implementação do laboratório de psicométrica do Detran-AM. As ações descritas nos documentos revelam um mosaico de atividades e recursos que o colocam em vantagem social, representada por sua formação salesiana, docente, pedagógica e psicológica. Estaria ele exercendo um desvio de função na assistência social? Ou simplesmente sua formação o colocava em um espaço de liderança?

Embora estivesse atuando em campos distintos, espaços sociais de embates e rearranjos, onde se operou a relação entre a subjetividade do indivíduo e a objetividade da estrutura (BOURDIEU, 2010), ao considerar o itinerário profissional, é possível pensar que suas atividades enquanto gestor da FEBEM o distanciavam da prática clínica psicológica, ao mesmo tempo em que o colocavam em contato com seus valores, fomentados na congregação salesiana, ao assistir jovens em situação de vulnerabilidade. Ainda é importante observar que, diante da multiplicidade de cargos que exercia, reservou o período da manhã das sextas-feiras para fazer atendimento psicológico individual. O fato denotaria seu desejo de não se distanciar da prática clínica?

Após sete anos de dedicação à gestão pública no âmbito socioeducacional, em 1979, solicitou exoneração desta secretaria. Conforme mencionado inicialmente, suas narrativas mencionam pouco sobre sua atuação nas atividades e cargos aqui relatados. O fato de ele deixar tais atividades a pedido, levam-me a considerar possíveis escolhas que teve que fazer em função da sobreposição de cargos. Talvez este seja um dos motivos para a interdição, ou silenciamento, do assunto em sua história de vida.

Há, ainda, um outro aspecto das múltiplas funções desenvolvidas neste período de sua vida, que me faz ponderar sobre as alianças e as relações de amizade que compunham sua sociabilidade intelectual. Torna-se possível pensar que, somada à sua competência e capacidade de liderança, estava uma enorme habilidade relacional, o que provavelmente lhe permitiu fazer acordos nos horários de trabalho nas diferentes instituições em que atuava.

Fato é que seu trabalho era reconhecido publicamente por onde passava. Sobre sua atuação na Secretaria de Estado de Trabalho e Serviços Sociais do Estado do Amazonas, Therezinha de Brito Nunes assinou uma portaria específica para agradecer e elogiar o trabalho desenvolvido por ele, durante o exercício do cargo de subsecretário do Estado do Trabalho e Serviços Sociais.

As práticas de Waldir dos Santos Costa me revelaram parte de sua forma de pensar e de atribuir valor e significado às suas ações. Uma compreensão intrinsecamente vinculada à sua história de vida, ao menino que foi acreditado pela professora Diana em suas primeiras

experiências escolares, ao jovem dedicado a distribuir bolachas no Oratório Festivo àqueles menores em situação de vulnerabilidade, ao seminarista devoto de Dom Bosco e dedicado à congregação salesiana, à sua formação em Filosofia e Letras, ao exigente professor de Língua Portuguesa do colegial, às suas escolhas profissionais ao abandonar o projeto de cursar Medicina e investir em uma nova carreira, a Psicologia.

O repertório de experiências de sua trajetória de vida me apontou para os princípios geradores de sua prática, para sua maneira de ser, para sua forma de perceber o mundo e suas relações sociais e para seu jeito peculiar de se articular num espaço social, ora mantendo sua posição de influência, ora conquistando novas posições para si e para os novos psicólogos que chegariam à cidade nas seguintes décadas.

A compreensão de seu estilo, disposições para a ação e posições ocupadas neste campo prepararam meu caminho para o entendimento do processo de mobilização, disputa e representação ocorridas no âmbito acadêmico e também as que deram forma à categoria de representação social e política dos psicólogos e psicólogas do Amazonas, o Conselho Regional de Psicologia (CRP-20), questões essas a serem discutidas a seguir.

### **3.4 Um psicólogo na Universidade**

Compreender a trajetória individual do professor Waldir, bem como as narrativas daqueles que caminharam junto a ele na implementação do curso de Psicologia na UFAM, é considerar que as memórias expressas nas narrativas destes atores sociais sofrem oscilações de acordo com o momento em que são articuladas ou que estão sendo expressas (POLLAK, 1992). Neste sentido, o tempo e o espaço em que as entrevistas com os professores da Universidade ocorreram interessa como parte do contexto em que foram construídas, para que se compreenda o engajamento destes sujeitos à tarefa de lembrar.

As entrevistas com os professores que implementaram o curso de Psicologia com o professor Waldir aconteceram em junho de 2019, pouco mais de um ano após nossa primeira entrevista. Levava comigo um caderno, onde anotava pontos principais da nossa conversa e, dentre eles, uma lista de nomes de psicólogos, professores da UFAM, que apareciam com frequência em suas narrativas.

Quando me referi à implementação do curso de Psicologia, o professor Waldir me pediu para aprofundar informações com os seguintes psicólogos: Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, Lídia Rochedo Ferraz, Luis Alberto Passos Presa e Nazaré Maria de Albuquerque Hayasida. Além de citar pessoas sobre quem há tempos não tinha notícias, como

o caso das professoras Hildes do Amparo Delduque Farina, Raquel de Almeida Castro e Rosangela Dutra de Moraes.

Decidi, no primeiro ano, dedicar-me somente às suas narrativas, talvez com o receio de que minhas percepções fossem direcionadas às outras pessoas que não ele. Sabia que haveria um momento para expandir minha busca. O tempo chegou com o advento da sua morte, em 4 de maio de 2019.

A despeito dos contatos prévios que já havia feito com alguns, foi nos rituais fúnebres (velório, enterro, missa do sétimo dia) que me fiz conhecida por eles, por intermediação dos familiares do professor Waldir, com os quais eu vinha estabelecendo contato periódico, em especial sua esposa, Louse Costa, e sua filha caçula, Natália. Suspeito também que a reportagem do *Jornal do Comercio*, informando que um estudo sobre sua história de vida estava em andamento, também tenha me colocado numa situação privilegiada, conferindo a mim pronto acesso a estes professores, ao solicitar agendamento para entrevistá-los.

Um mês após a morte do professor Waldir, o contexto das narrativas daqueles que fizeram parte da sua trajetória acadêmica era o luto. Rememorar a trajetória em comum significava também elaborar a dor da separação, o que pode explicar o empenho de cada um deles em estruturar suas memórias. Talvez como uma das formas de homenagear aquele que acabara de partir. Durante a coleta de dados, procurei indícios para construir e narrar a história de sua vida, sem me dar conta de que a compreensão seria ampliada ao entrelaçar sua trajetória à história do curso de Psicologia na UFAM.

Era tempo oportuno para reacender a memória e considerar este contexto é concordar com Pollak (1992) sobre o fato de a memória ser um fenômeno construído, consciente ou inconscientemente, sendo o resultado de um engajamento de organização. Compreendi nas falas daqueles professores a estreita relação entre memória, a percepção de pertencimento a um determinado grupo e um forte sentimento de identidade social.

Ao me narrarem as histórias, observei que cada professor reafirmava não somente sua própria identidade, de sua participação nos processos de mudança na Universidade, mas também delimitava as fronteiras de um grupo que vivenciou experiências conjuntas num espaço social em comum. Comecei a refletir sobre o engajamento do grupo que, a partir da construção da identidade coletiva de professores psicólogos na UFAM, produziu efeitos sociais reais, como o Departamento de Psicologia (DEPSI) e, num momento seguinte, a Faculdade de Psicologia (FAPSI), que hoje abriga o curso de graduação, mestrado em Psicologia e diversos laboratórios e núcleos de pesquisa.

Pensar na trajetória de um professor que contribuiu para a formação de uma identidade

social dos psicólogos dentro da instituição acadêmica é também pensar numa geração que inaugurou um curso, pontuando uma série de posições por ele ocupadas no campo da Psicologia, no espaço universitário público federal, sujeito a transformações pelos (e nos) agentes pertencentes a este campo.

O primeiro aspecto a ser considerado nessa compreensão é o tempo por ele ocupado dentro da instituição. Ele ingressou na UFAM em 1973, na Faculdade de Educação e, mesmo depois da sua aposentadoria, em 1994, seguiu trabalhando no curso de Psicologia até os anos 2000. Portanto, foram 37 anos de atuação na docência universitária. O segundo que me remete a tal análise, que diz respeito ao espaço e posição, é o exercício da docência na FACED. Lembremos que lá trabalhava, também como docente, o amigo e psicólogo João Bosco, que em alguns períodos ocupou o cargo de Diretor do Instituto de Ciências História e Letras (ICHL). Ambos trabalharam juntos na Penitenciária Antônio Jobim e a primeira experiência de docência universitária do professor Waldir foi a convite dele, conforme explicitado em sua narrativa.

A partir dos relatos de João Bosco, recebi pistas de que havia entre eles um acordo implícito: o professor Waldir ficaria com as disciplinas da Psicologia, enquanto João Bosco ministraria as de Filosofia e se dedicava aos cargos administrativos. A divisão de responsabilidades assim estabelecida em relação à ministração de disciplinas definiu a posição e os lugares ocupados por ambos, as quais geraram desdobramentos importantes ao desenvolvimento da Psicologia nesta instituição.

É possível pensar que, no decorrer da primeira década de exercício da docência universitária, o nome do professor Waldir ficou conhecido como responsável pelas disciplinas da Psicologia, ministrada na FACED. Dessa forma, constituiu-se aí a sua legitimidade na área, uma vez que as demandas relacionadas a ela passavam por ele, por meio da coordenação do Departamento de Teorias e Fundamentos. Tal visibilidade acadêmica foi corroborada por outras atividades que exercia na cidade neste campo, tal como a formação das entidades de classe e atividades de orientação psicopedagógica em instituições de ensino privadas.

As posições ocupadas na FACED conferiram ao professor Waldir autoridade e autonomia para selecionar e admitir psicólogos para a docência em seu departamento, no período em que ali esteve. Com essa dinâmica, reuniu uma equipe de professores psicólogos que, na década de 1990, viriam a inaugurar o curso de Psicologia. Assim afirmo, baseada em diferentes relatos de que, ao abrir concurso público para psicólogo, o professor Waldir era membro recorrente das bancas de seleção.

Com isso, não pretendo afirmar que havia nesta ação um propósito deliberado, correndo

o risco de uma criação artificial de sentidos, que conta com a minha cumplicidade natural. Refiro-me ao equívoco sobre o qual nos alerta Pierre Bourdieu (2006) a respeito da ilusão retrospectiva, descrita em seu artigo *A Ilusão Biográfica*, no qual o autor faz críticas aos estudos em que História de Vida é concebida de forma linear, cronológica e organizada a partir de um conjunto de eventos de uma existência individual, sob o aspecto de um determinismo existencial, como se uma trajetória já estivesse predestinada e como se o ser não fosse socialmente constituído.

Assim, o autor alerta ao erro da História de Vida, como sendo uma criação artificial de sentidos e que conta com a cumplicidade natural do biógrafo. Mas não posso deixar de considerar que nele havia motivação para reunir psicólogos, não somente para as atividades relativas à docência superior, como também para agregá-los a serviços psicológicos instituídos por ele na cidade. Essa ideia é corroborada aos indícios de que os professores psicólogos admitidos na UFAM também trabalharam no Detran-AM e participaram junto com ele da formação da categoria autorreguladora profissional, desde a APA até o CRP-20.

Aos poucos, formou-se na UFAM um grupo de psicólogos agrupados ao Departamento de Teorias e Fundamentos, que por ele foram incitados a fomentar uma existência autônoma no campo da Psicologia neste espaço universitário. A cooptação de psicólogos fortaleceu tais ideais e inaugurou acontecimentos que me permitem pensar neste grupo como uma geração de psicólogos pioneiros.

O estudo sobre eles nos aspectos geracionais se torna aqui uma unidade de análise relevante à história social, uma vez que visa reabilitar os acontecimentos da criação do primeiro curso de Psicologia numa universidade pública no Amazonas, por meio das narrativas das pessoas que inauguraram tal evento. O autor revela que um extrato demográfico só se torna uma geração quando adquire uma existência autônoma e uma identidade, sendo ambas determinadas por um acontecimento inaugurador. Afirma ainda que a geração é também uma reconstrução do historiador que a classifica e rotula. Ao término, conclui que a geração é uma categoria importante de análise, dentro de um período específico de tempo em que ocorreram transformações (SIRINELLI, 2006).

A articulação deste conceito com os eventos e acontecimentos ocorridos no campo da Psicologia da UFAM vem da compreensão de que um grupo específico de professores, no qual Waldir dos Santos Costa estava inserido, foi concebido numa escala móvel de tempo, desde a concepção do curso, até a condecoração do professor Waldir como emérito, como sinal de reconhecimento a este feito.

De acordo com Gomes e Hansen (2016), fazer referência à geração é parte fundamental



quando o assunto é a historiografia de um intelectual, sendo a categoria analisada não como um grupo de idade, mas

Principalmente como um grupo de formação, em que vivências comuns de acontecimentos ou de crises (não só políticos) marcam esses intelectuais, independente do seu conhecimento interpessoal (GOMES e HANSEN, 2016, p. 25).

A importância de se dar contornos a um grupo que atuou num período caracterizado por fatos inauguradores no campo da Psicologia na UFAM é enfatizada por Sirinelli (2006) ao afirmar que, no território do historiador, geração é um termo considerado tanto como objeto de história quanto instrumento de análise e é, seguramente, uma peça fundamental na compreensão do evento num determinado tempo, cuja relevância pode variar conforme os setores e períodos analisados.

A geração existe, portanto, no território do historiador, ao mesmo tempo como objeto de história e como instrumento de análise. Pode ela então ser instrumento de medida do tempo? [...] Por um lado, seguramente a geração padrão não existe: em nenhum caso podemos distinguir nela uma estrutura cronologicamente invariável, que transcende as épocas e os países. Por outro, e sem que haja contradição com a primeira observação, a geração é seguramente uma peça essencial da “engrenagem do tempo”, mas cuja importância pode variar conforme os setores estudados e os períodos abordados” (SIRINELLI, 2006, p. 137).

Ao realizar o mapeamento dos psicólogos que atuaram na UFAM, juntamente com o professor Waldir, entendi que estava diante de um grupo que legitimava a sua liderança, a despeito de terem seus ideais individuais relacionados à docência em Psicologia na FAGED, uma vez que já eram vinculados, numa relação empregatícia de estabilidade. Eles decidiram abraçar uma causa e se articularam em torno da instauração do ensino público de Psicologia nesta instituição.

Neste âmbito acadêmico, observei que os esforços se voltavam a uma direção: era necessário dar forma ao campo da Psicologia dentro da universidade pública, a partir da oferta à sociedade amazonense de curso gratuito nesta área. Foi na FAGED, no decorrer das décadas de 1980 e 1990, que se deu forma e concretude a esse ideal. A professora doutora Cláudia Sampaio relata algumas nuances que permeavam o período de construção do projeto pedagógico para instauração do curso:

Bem, pensando sobre o momento da construção do curso de Psicologia na UFAM, eu diria assim: o Waldir foi fundamental para que naquele momento nós nos mobilizássemos para isso. Não que o curso não fosse existir no momento posterior, mas naquele momento eu acredito que sem o Waldir o grupo presente não teria se mobilizado, essa é a minha opinião. Qual a razão? Eu estava recém-ingressando na universidade, como eu falei também, a Lídia, outras colegas, logo depois de mim professora Rosângela, professor Luiz Alberto, professora Nazaré. Então éramos um grupo de psicólogos com pouquíssima experiência do que é a vida universitária, seus

espaços, como espaço político e de negociação. Você imagina que fundar um curso envolve uma série de questões como vagas, como o espaço onde esse curso vai ser sediado. É, muitas coisas, que para um recém-ingresso... (Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, 2019).

Sobre os fatores que viabilizaram a criação do curso, o professor doutor Luis Alberto Presa relatou que, em uma conversa, o professor Waldir lhe revelou que, na ocasião em que o reitor Nelson Fraiji assumiu a reitoria da UFAM, foram disponibilizadas pelo MEC cinquenta vagas para contratação temporária de professores, das quais dez foram destinadas à implementação do curso de Psicologia. Neste ensejo, o professor Waldir foi chamado por este reitor, que reanimou o propósito de retomar o projeto. A respeito, ele traz a seguinte recordação:

O primeiro projeto que eu apresentei para o reitor que na época era o Marcos Barros. Ele disse “Waldir, olha, eu não vou abrir esse curso de psicologia porque eu estou muito preocupado com os cursos que a gente vai oferecer no interior”. Tá... Tudo bem, mas como o tempo dele foi curto, foi no final, logo mudou [o reitor]. Foi o Nelson Fraiji o outro reitor, né? Médico também, porque o Barros também era médico. Aí disse “Ah não, eu vou querer esse curso” e aí eu já estava de férias, eu já tinha me aposentado, de férias não, eu já estava aposentado, tá? Porque houve uma situação em termos de administração federal, o Bresser, por exemplo, soltou uma nota dizendo que não podia de maneira nenhum professor aposentado passar mais do que 2 anos. Mas o reitor mandou me chamar e disse “Você vai voltar e você vai assumir a coordenação desse curso” e o edital para o vestibular, ele já tinha lançado, né? (Waldir dos santos Costa, 2019).

Uma questão política institucional estava em jogo. No final da década de 1980, o projeto do curso, apresentado ao reitor Marcus Luiz Barroso Barros<sup>59</sup>, fora recusado. A alegação foi de que a prioridade daquela gestão era a implementação de cursos no interior do Amazonas e não a criação de novos cursos na capital. Portanto, naquele momento, não havia justificativa para contratar professores para um curso novo em Manaus. De acordo com o professor Waldir, foi necessário ter paciência e esperar que a nova gestão assumisse a reitoria, para que a proposta fosse apresentada novamente.

O período de espera foi útil para reformulação e ajustes do projeto. O professor João Bosco que, durante o período, atuava como diretor do ICHL, revisou a proposta do curso. Contudo, era necessário articular novas estratégias. Assim, a partir do início da década de 1990, editais de contratação de psicólogos para a docência na FACED foram lançados. Em 1993, a

---

<sup>59</sup> Médico Infectologista, instalou e dirigiu o núcleo original da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em Manaus, que é hoje o Centro de Pesquisa Leônidas e Maria Deane. Foi reitor da Universidade Federal do Amazonas no período de 1989 a 1993, criou o Museu Amazônico Para a Preservação da Cultura dos Povos da Amazônia Ocidental e o Centro de Ciências do Ambiente. Dirigiu o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Ibama). Atualmente é secretário de governo da cidade de Manaus. Fonte: BARROS, Marcus. Marcus Barros fala sobre meio ambiente e doenças tropicais na Amazônia. Entrevista a Stella Oswaldo Cruz Penido; apresentação de Ruth B. Martins. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p. 291-302, dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14s0/13.pdf>. Acesso em: 8 out. 2020.

faculdade já contava com seis novos psicólogos, vinculados à disciplina de Teorias e Fundamentos, coordenada pelo professor Waldir, e atendia as demandas dos mais variados cursos do Instituto. Naquele período, formou-se ali uma equipe de psicólogos.

Em 1994, o médico Nelson Abrahim Fraiji assumiu a reitoria da Universidade e este foi o momento oportuno para o professor Waldir apresentar novamente o projeto de instauração. Ao que tudo indica, o professor Nelson Fraiji não mediu esforços para viabilizar a implementação do curso de Psicologia na UFAM.

A despeito da provável iniciativa tomada por este reitor na disponibilidade das vagas para contratação, a professora Cláudia Sampaio reconhece a representatividade política que o professor Waldir possuía na Universidade ao afirmar:

É complicado para quem está chegando, nova enquanto profissional. Eu estava com 22, 23 anos de idade, as colegas também entrando e se apropriando ainda de como é que funcionava a Universidade. Éramos um grupo muito pequeno e até tímido, porque nós estávamos dentro de uma Faculdade de Educação, onde as questões principais, os focos de discussão, não eram as questões da Psicologia, obviamente, né? Eram questões dos programas da educação etc. Uma faculdade forte politicamente, com três departamentos. Então nós tínhamos colegas de departamento que eram os nomes, hoje já aposentados, mas de muito peso na Universidade, e daí a importância do Waldir. O Waldir era extremamente respeitado por todas as pessoas da Faculdade de Educação e por toda a Universidade. O Waldir era conhecido, como eu falei, ainda no Rio de Janeiro ouvia falar do psicólogo Waldir do DETRAN e do CIEC, que era uma escola na época. E ele era muito respeitado como psicólogo na Faculdade de Educação e o nome dele era conhecido. Então não me estranha que o reitor o tenha chamado e que não chamaria um de nós possivelmente, né? Mas mesmo antes do reitor Nelson Fraiji, porque eu entrei na gestão ainda anterior, a do reitor Marcus Barros [...] também da Faculdade de Medicina, como o professor Nelson Fraiji, e eu conheci o Waldir na gestão Marcus Barros. Nessa gestão o Waldir já me cutucava, até porque eu, como ele, era amazonense. A gente tinha essa coisa também da identificação e assim como o Waldir, eu também saí daqui para fazer o curso que eu queria fora, e assim como ele eu também retornei (Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, 2019).

O relato da professora Cláudia nos situa no clima institucional em que se deu a negociação e a viabilidade do curso. Sua narrativa corrobora o pensamento de Bourdieu (2010), ao afirmar que o poder e a dominância não são derivados apenas da posse de recursos materiais, mas também dos recursos culturais e sociais necessários a qualquer forma de capital. Neste caso, o capital simbólico do professor Waldir era explicitado pelo respeito demonstrado por seus pares dentro da Universidade. Sua trajetória profissional era reconhecida e é provável que, no momento de negociação das vagas de professores e disputa no campo universitário na formação de um novo curso, tal capital simbólico tenha sido definidor.

O que primeiro se destaca é a noção de que o professor Waldir tinha uma boa articulação política na FACED. Aliás, a narrativa nos dá indícios que os professores psicólogos recém-ingressados estavam inseridos num setor forte politicamente. Vale ressaltar que, dos três departamentos vinculados à faculdade, ele coordenava o de Teorias e Fundamentos, onde

agregou os professores de Psicologia.

Como a admissão de psicólogos e, talvez, como estratégia à implementação do curso de Psicologia, ele inaugurou o quarto departamento, o Departamento de Psicologia (DEPSI). Com isso, o grupo de psicólogos da FACED começou a delinear os contornos da existência autônoma e identidade do grupo, assim como o sentido de pertencer a um departamento específico dentro deste espaço acadêmico.

Com a força representativa, autonomia, proclamação identitária de pertencer ao DEPSI, juntamente com o incentivo do reitor, o grupo de psicólogos foi incitado pelo professor Waldir a dar passos na direção do curso.

Era uma campanha de sedução que o Waldir fazia conosco, recém-chegados e cheios de força, né? “Vamos construir o curso de Psicologia. Nós temos que fazer”, era o que ele nos dizia. (Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, 2019).

Ao que tudo indica, havia uma força interna presente no grupo nestes primeiros anos da década de 1990, que motivava as ações tais agentes. Além da disputa interna pela constituição do campo da Psicologia dentro da universidade, havia o risco de perder espaço de influência na cidade, uma vez que em 1993 se instituiu o primeiro curso de Psicologia em Manaus, na ULBRA. Contudo, é possível pensar que o surgimento do primeiro curso de Psicologia na cidade de Manaus em outra instituição, iniciado com profissionais alheios aos da UFAM, tenha sido um alerta aos psicólogos do Depsi/FACED, de que o campo do ensino da Psicologia no Amazonas estava em disputa.

Eu lembro que o nosso diretor da FACED disse assim: “A UFAM tem uma dívida com a sociedade amazonense. Então nós temos que fazer o resgate dessa dívida, que é oferecer uma formação em Psicologia aqui pela universidade pública, pela Universidade Federal”. Nessa época, começa a chegar em Manaus a Universidade Luterana do Brasil, inclusive eu, a professora Raquel, algumas professoras foram chamadas a dar aula na ULBRA. Nós dissemos “não”, primeiro porque nós éramos dedicação exclusiva, né? E aí Waldir chega com mais força ainda e disse assim: “Agora que a gente tem que fazer o nosso curso mesmo, né? Como que a gente vai dar fogo para o vizinho? Vamos aqui aquecer a nossa universidade, vamos fazer aqui o nosso curso”. E assim começamos as primeiras discussões. Primeiro dentro do nosso departamento, Departamento de Teoria e Fundamentos, onde as disciplinas de Psicologia eram oferecidas, onde estavam os poucos psicólogos, uns cinco ou seis, não sei quantos psicólogos na universidade, começando, né? Assim, germinando a ideia de vamos fazer o curso. Waldir dizia: “A gente tem que ter o Departamento de Psicologia para ter uma certa autonomia, para gerenciar as disciplinas e tudo”. Eu fui a primeira chefe de Departamento, professor Luiz Alberto foi o segundo chefe do Departamento de Psicologia, a Lídia a terceira e assim por diante. Então, o Departamento surgiu antes da Faculdade Psicologia (Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, 2019).

É interessante observar, dentro da narrativa das memórias da professora Cláudia

Sampaio, os espaços ocupados por estes psicólogos, que estavam começando a carreira docente na FACED. Num primeiro momento, eles eram responsáveis pelas disciplinas de Psicologia ministradas aos mais diferentes cursos da UFAM. Estavam reunidos no Departamento de Teoria e Fundamentos, fazendo parte deste junto a outros professores não psicólogos.

Neste sentido e, de acordo com Halbwachs (2003), penso que a partir do momento em que um agrupamento social de seis psicólogos se encontra inserido em um espaço, passa a moldá-lo à sua imagem, às suas concepções e valores, ao passo que também exige do próprio grupo adaptações à materialidade deste lugar, que por sua vez resiste às influências de mudança.

Assim, acredito que nessa dinâmica de negociações da ocupação deste espaço, a materialidade do lugar se alterou quando se instituiu o Departamento de Psicologia. Este, por sua vez tornou-se local de importante ancoragem das memórias do grupo de psicólogos que instituíram o curso de Psicologia nesta instituição.

Quando a professora Cláudia Sampaio diz que foi a primeira coordenadora do DEPSI e indica “e assim por diante”, é possível interpretar uma espécie de rodízio na coordenação do Departamento, um acordo entre professores para a divisão de tarefas. Porém, também é possível inferir que tal acordo decorreu em resposta ao engajamento e contribuição no âmbito administrativo de todos os seis psicólogos. Eles tinham em comum o desejo de fundar um curso, todos, com exceção do professor Waldir, eram novos na instituição e era interessante que todos tivessem conhecimento administrativo junto à coordenação.

É provável que o nascimento do DEPSI tenha fortalecido o senso identitário deste grupo de psicólogos, dando a eles maior sentido de pertencimento à classe de profissionais dentro do espaço acadêmico. É possível também presumir que, a partir deste acontecimento inaugurador, a existência autônoma de um grupo de psicólogos tenha ficado em evidência, o que pode ter ajudado a reitoria a enxergar a viabilidade de um curso.

Fato é que os movimentos de conquista de espaço dentro da FACED e a transformação das dinâmicas de atuação do grupo de psicólogos, dentro de um período de tempo, na Universidade podem ser observados por ele ser relativamente pequeno dentro deste espaço social. Eram seis psicólogos. Dessa forma, torna-se possível observar as mudanças geracionais nos processos, pois se trata de um setor bem determinado, conforme esclarece Sirinelli (2006):

de fato, se considerarmos que um estrato demográfico só se torna uma geração quando adquire uma existência autônoma e uma identidade – ambas geralmente determinadas por um acontecimento inaugurador (SIRINELLI, 2006, p. 137).

Sobre o contexto, a professora doutora Lídia Rochedo Ferraz relembra:

Então, a gente se reunia bastante na sala de professores lá (na Faculdade de Educação), na sala do Waldir, na sala do departamento, na sala de reuniões. Eram os locais que a gente se reunia. E cada um guardava também o seu materialzinho nas suas, nos seus espaços, não é? Eu não lembro, assim, quantas reuniões foram feitas, mas foram muitas [risos]. Foi intenso! Naquela época não havia computador, mas nós tínhamos uma máquina eletrônica [risos]. Então a gente tinha que digitar tudo na máquina e se errasse, nossa! Tinha que voltar... Eu acho que fiquei perita em digitação naquela época [risos]. Então a gente digitou todo o projeto pedagógico e as reuniões eram muito gostosas. Primeiro porque a gente acabou fazendo um vínculo muito grande na construção desse processo. Foram algumas idas e vindas, né? Eu acho que a gente foi bem feliz e a gente teve uma oportunidade boa, né? Nós tivemos muito apoio do reitor e isso foi positivo (Lídia Rochedo Ferraz, 2019).

O testemunho do professor Luis Alberto Passos Presa complementa a ideia anterior:

Lembro uma passagem pitoresca. Era 5 de maio de 1994, uma sexta-feira, dia do enterro de Ayrton Senna. Nosso grupo, coordenado pelo Waldir, encontrava-se no Detran-AM, pois a UFAM estava em greve. Trabalhávamos na redação do Projeto Pedagógico, sua primeira versão. Dividíamos tarefas. Deslocávamo-nos entre nossas moradias. Waldir mantinha-nos atuantes e produtivos. Em meados de 1996, o CONSUNIV aprovou a criação do Curso de Psicologia da UFAM. Waldir foi indicado por unanimidade para ser seu primeiro Coordenador. Assumiu (como sempre) a importante tarefa. E foi bem-sucedido, cumprindo seu mandato até o final. Em seguida, aposentou-se (Luis Alberto Passos Presa, 2012).

Tais narrativas explicitam o empenho intelectual e político de um grupo na construção do projeto do curso. O que faz deles contemporâneos a uma mesma influencia condutora, tanto cultural e intelectual, quanto a situação político-social. A formação identitária deste grupo não foi de caráter aleatório, havia neles um propósito comum.

A despeito de a Universidade vivenciar um período de greve em 1995 e, portanto, com suas dependências fechadas, o grupo de psicólogos se reunia em lugares distintos, incluindo sábados e domingos, nas dependências da FACED, no DETRAN, local de trabalho do professor Waldir. O propósito era firme: implementar o curso de Psicologia na UFAM.

Tal dinâmica revela uma nuance do aspecto geracional e diz respeito ao espaço social, e não físico-estrutural, comum em disputa. Não se tratava de conquistar apenas um campo de trabalho. Ademais a isso, observo que havia neles o desejo de construir a representação profissional do “ser psicólogo” dentro da rede intelectual naquela universidade, o que, provavelmente, justificava o acréscimo de atividades docentes ao assumir tal responsabilidade.

Neste sentido, Mannheim (1993) compreende o conceito de geração partindo do pressuposto de suas relações com o meio social em que é concebida, não somente em distinção às outras gerações, mas também relacionada aos aspectos em comum existentes entre membros de uma conexão geracional. Para este grupo, a conexão foi dada pelo propósito em comum no qual todos estavam engajados.

Xavier (2006) ressalta que diferentes grupos etários podem experimentar tempos interiores diferentes ou iguais, independentemente da idade, valendo mais as formas de sentir e atuar junto às tensões de seu tempo do que demarcadores cronológicos. A autora reitera que a definição do conceito de geração com base na idade e no tempo cronológico perde força e, ao se tratar deste conceito e da classificação de indivíduos e grupos de uma unidade geracional, tanto o engajamento intelectual e político nas questões em pauta, quanto a autoconstrução de representações sobre si e sua rede de sociabilidade devem ser levadas em conta.

Assim, Sirinelli (2006) enfatiza a análise da geração como “elemento de periodização”, com vantagem sobre o século ou década, sendo ela o produto de uma cultura e, portanto, “reflexo da inserção do homem na profundidade histórica”. O autor afirma que “a geração é também uma reconstrução do historiador que classifica e rotula” (SIRINELLI, 2006, p. 132).

Ademais a isso, os professores se reconhecem como uma geração, o que se tornou explícito na narrativa da professora Lídia Rochedo Ferraz:

Eu estou quase também para me aposentar. Aí eu tenho tentado resguardar a documentação para deixar um arquivo. É o filho que a gente não quer deixar sozinho [risos]. Ainda quer dar uma protegida, né? Para que depois caminhe, agora com novas gerações. E é gostoso lembrar (Lídia Rochedo Ferraz, 2019).

Sendo assim, ousa afirmar que estamos diante de uma geração de pioneiros do curso de Psicologia da UFAM. A propósito, o primeiro, e até o momento o único<sup>60</sup>, em instituição de ensino público no estado do Amazonas.

O exame vestibular para o curso de Psicologia da UFAM aconteceu em 1995 e, durante quatro dias de inscrição, mil e duzentos candidatos se apresentaram para concorrer a quarenta vagas. A aula inaugural foi ministrada pelo professor João Bosco, no dia 28 de agosto de 1996, na Semana do(a) Psicólogo(a) e teve como tema a obra *De Anima*, de Aristóteles.

Através da Portaria Nº 0199/99, do Magnífico Reitor, de 02 de fevereiro de 1999, foram lotados no referido Departamento, 13 (treze) professores, sendo eles: Cícero Guella Fernandes, Claudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, Cristine Fares Maia, Ermelinda Nascimento Salém Muniz, José Humberto da Silva Filho, Lidia Rochedo Ferraz, Luís Alberto Passos Prêsa, Maria Lucicleide Falcão Melo Rodrigues, Nazaré Maria Albuquerque Hayasida, Raquel Almeida Castro, Rosângela Dutra de Moraes, Rosimeire de Carvalho Martins e Sandra Leal de Melo Dahia. A implantação do Curso só foi possível mediante o apoio da direção da unidade acadêmica, e dos professores chefes do departamento da Faculdade de Educação e colegas da área (CAPsico, Histórico do Curso de Psicologia da UFAM).

---

<sup>60</sup> A Universidade do Estado do Amazonas (UEA) possui o curso de pós-graduação em Psicologia da Saúde. A respeito do curso de graduação em Psicologia, existe uma proposta de implementação em análise.

Os dados presentes na portaria em questão mostram que somente três anos após a instituição do Curso de Psicologia, inaugurado em 1996, houve a lotação de outros professores para o Departamento de Psicologia. Então, neste período, o curso foi mantido com o apoio daqueles que atuavam junto à FACED. Dos treze psicólogos, seis foram aqueles que se dedicaram à criação do curso: Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, Lídia Rochedo Ferraz, Luís Alberto Passos Presa, Nazaré Maria Albuquerque Hayasida, Raquel Almeida Castro e Rosângela Dutra de Moraes. Estes fizeram parte da equipe que o inaugurou, junto com o professor Waldir dos Santos Costa. Os demais citados<sup>61</sup> foram agregados ao departamento nesta segunda instância, juntamente com aqueles que criaram o curso.

---

<sup>61</sup> A seguir uma breve descrição do perfil de psicólogos que foram lotados no Departamento de Psicologia da UFAM, em 1999. Tal descrição foi possível mediante pesquisa de informações coletadas na plataforma Lattes no período de 25 jun. 2020 a 30 jun. 2020. São eles: 1. Cícero Guella Fernandes possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1983), Especialização em Ciências Políticas pela ULBRA, Mestrado em Educação pela UFAM (2005) e Doutorado em Psicologia pela USP-RP (2011). Professor titular da Universidade Federal do Amazonas; 2. Cristine Fares Maia possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990). Atualmente é professora em lotação provisória da Universidade Federal Fluminense e professora auxiliar da Universidade Federal do Amazonas. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Construção e Validade de Testes, Escalas e Outras Medidas Psicológicas, atuando principalmente nos seguintes temas: testes psicológicos, seleção de pessoal, técnicas psicológicas, terapia cognitivo-comportamental, neuropsicologia, Alzheimer e cuidadores; 3. Maria Ermelinda Nascimento Salém Muniz possui Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1981), Especialização em Psicodrama Terapêutico pelo Centro de Estudos Psicodramáticos da Fundação Instituto do Homem/CE (1987), Especialização em Antropologia da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz/AM (2005), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM (2006) e Doutorado Interinstitucional em Psicologia pela Universidade de São Paulo/Campus de Ribeirão Preto - UFAM (2010). Atualmente é professora adjunta nível I da UFAM. Tem experiência nas áreas de saúde e educação, com ênfase em saúde mental, atuando nos seguintes temas: psicologia, saúde mental, luta antimanicomial, diálogo Intercultural. Desenvolveu trabalhos relacionados à educação e à saúde do Povo Indígena Sateré-Mawé. Atualmente é Coordenadora do Grupo de Trabalho "Psicologia e Povos Indígenas" do Conselho Regional de Psicologia da Vigésima Região; 4. Maria Lucicleide Falcão Melo Rodrigues possui graduação em Formação de Psicólogo pela Faculdade de Ciências Humanas Esuda (1987), graduação em Licenciatura em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas Esuda (1987), especialização em Capacitação Pedagógica de Professores e Instrutores pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1993) e Mestrado em Educação pela universidade Federal do Amazonas (2004). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco, Tutora da Universidade Federal de Pernambuco, Vice-coordenadora do Serviço de Pronto Atendimento da Universidade Federal de Pernambuco, Membro do Núcleo Docente Estruturante da Universidade Federal de Pernambuco, Orientadora de estágio da Universidade Federal de Pernambuco, Supervisora de estágio curricular da Universidade Federal de Pernambuco e Psicóloga Clínica da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Psicologia; 5. Rosimeire de Carvalho Martins Possui Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2007). Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (2002). Especialização em Psicodiagnóstico pela Universidade Federal do Ceará e em Recursos Humanos pela Universidade Estadual do Ceará. Graduação em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1996). Graduação em história pela Universidade Federal do Amazonas (1991). Tem experiência na área de Psicologia desenvolvendo e orientando estudos nos seguintes temas: violência, resiliência, identidade, exclusão social, gênero, interculturalidade e Ecossistemas comunicacionais; e 6. Sandra Leal de Melo Dahia possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (1992), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (1996) e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Atualmente é professora associada da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência na área de Psicologia Social e Sociologia do Conhecimento, principalmente nos seguintes temas: racismo, preconceito racial, discriminação, deficiência e direitos humanos.



Figura 4 - Placa de homenagem da Faculdade de Educação (FACED)



Legenda: Reconhecimento da Universidade do Amazonas (UA), denominada Universidade Federal do Amazonas (UFAM) a partir de 2002, concedida ao professor Waldir dos Santos Costa, em 1997, por seus esforços na criação e coordenação do curso de Psicologia.

Fonte: ACERVO FAMILIAR.

A placa de homenagem acima, entregue pela FACED, escrita em caligrafia em metal, apresentando corrosão pela ação do tempo, comunica que, por parte desta faculdade, havia reconhecimento de seu protagonismo na instituição do curso de Psicologia. Não obtive informações precisas a respeito do momento em que ela foi produzida e entregue.

Contudo, em 1997, o Curso de Psicologia completava seu primeiro ano de vida. Ocorre-me supor que o ato de registrar em forma de placa de homenagem pode ter sido um instrumento de delimitação de um espaço conquistado por ele. Sabemos que não foi só por ele, tal homenagem não pode ser vista apenas como gesto afetivo de professores que o queriam bem. É possível pensar que havia neste ato a intenção de preservar uma memória que, futuramente, poderia ser disputada.

No início da década de 2000, já com a primeira turma de psicólogos entregue à sociedade amazonense, os professores se depararam com a necessidade de se dedicar à qualificação docente. A posição específica ocupada por estes indivíduos era semelhante e investir no processo de doutoramento era um outro destino comum a eles.

Na UFAM, o vínculo institucional declarado no Currículo Lattes do professor Waldir compreende o período de 1973 a 1993. Contudo, ele permaneceu nesta instituição até meados de 2010, quando a equipe de psicólogos já estava qualificada. Após sua aposentadoria, além de

atividades docentes, especializou-se em Psicologia do Trânsito e em Psicologia Clínica, no decorrer do ano de 2002. Mantinha-se ativo nas deliberações concernentes à implementação do curso e sabia da relevância da formação *stricto sensu* para sua concepção e sustentação.

No período de 2001 a 2004, a professora Hildes do Amparo Delduque Farina cursou mestrado em Saúde Pública (Sanitarista) pela Fundação Oswaldo Cruz. Os demais já eram mestres e se dedicaram ao processo de doutoramento. A primeira a ingressar neste nível foi Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, a qual se tornou Doutora em Ciências/Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz/RJ (ENSP/FIOCRUZ), finalizando em 2007. A segunda foi Rosangela Dutra de Moraes, que recebeu o título em 2008 de Doutora em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade Federal do Pará (UFPA), com doutorado sanduíche na Faculdade de Psicologia da Universidade Autônoma de Madrid, Espanha.

Vale ressaltar que, em 2002, uniu-se a este quadro de professores, por meio de concurso público, a professora Iolete Ribeiro da Silva que, em 2004, concluiu seu doutoramento em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Conforme visto no capítulo anterior, ela desenvolveu (e desenvolve) papel fundamental junto aos Conselhos Regional e Federal de Psicologia, atuando nestas instâncias, em períodos distintos, como presidente e conselheira, respectivamente. Atualmente é diretora da Fapsi/UFAM.

Em seguida, foi estabelecido um Doutorado Interdisciplinar (DINTER) em Psicologia, entre UFAM e Universidade de São Paulo, na cidade de Ribeirão Preto (USP/RP), no período de 2006 a 2010. Dele, fizeram parte Lídia Rochedo Ferraz, Luis Alberto Passos Presa, Nazaré Maria de Albuquerque Hayasida, Raquel de Almeida Castro e Rosangela Dutra de Moraes.

A partir da compreensão das narrativas e vivências deste grupo, que ocupou um espaço social de experiências conjuntas e, por meio dos seus movimentos e articulações, compreende-se as transformações dos fenômenos relacionados à Psicologia na UFAM. O conjunto de sete professores psicólogos, sob a liderança do professor Waldir, construiu uma forma autônoma de existência para a Psicologia dentro da instituição. Com a formação do departamento, curso de graduação e, depois, Faculdade de Psicologia (Fapsi), reafirmaram uma identidade profissional, sobretudo na formação de psicólogos.

Assim, ficam presentes nas declarações os indícios do quanto eles se sentiam representados pelo professor Waldir, ao mesmo tempo em que se sentiam representantes dos psicólogos nesta instituição, o que faz pensar que, no bojo dessas transformações, foi forjado também um forte sentido de pertencimento a esta classe de profissionais dentro da Universidade.

A despeito da relevância de se compreender os elementos que produziram este vínculo geracional, julguei importante expandir o olhar para outros membros de sua rede intelectual, sobretudo no que concerne às memórias tecidas por eles sobre este protagonista, contempladas com o próximo capítulo.

#### 4 LUTA POR DISTINÇÃO: ESPAÇOS DE REGULAMENTAÇÃO

Cotejar a trajetória profissional de Waldir dos Santos Costa, suas lutas e disputas, no campo de regulamentação da Psicologia no Amazonas é o objetivo deste capítulo. Se recentemente, a partir de 2011, a cidade de Manaus hospeda a sede do Conselho Regional de Psicologia (CRP/20), um olhar não muito distante para trás revela os movimentos de um grupo de psicólogos que se engajaram nessa construção. Para tecer este conhecimento foi necessário enxergar este protagonista à luz do contexto da construção do campo da psicologia brasileira, no decorrer das décadas em que se engajou na formação da categoria, no Amazonas. Suas memórias sobre tais eventos foram evocadas da seguinte maneira:

É interessante que eu tinha que receber os (psicólogos) que estavam chegando aqui, pegar a documentação, levar pra Brasília, participar das reuniões. Então era mais ou menos esse... Esse trânsito que eu fazia, né? Inclusive uma coisa curiosa é que, pra eu não perder a documentação dos que estavam chegando, eu tinha uma caixa, onde eu ia colocando nessa caixa a documentação dos psicólogos pra depois levar. [risos] (Waldir dos Santos Costa, 2018).

Neste capítulo, trago sua trajetória, a partir de 1973, desvelando sua atuação junto ao Conselho Federal de Psicologia-CFP<sup>62</sup>, sediado em Brasília; na Associação de Psicólogos do Amazonas (APA), fundada em 1979; no Núcleo de Psicólogos do Amazonas, com vigência na década de 1980; na Seção do Conselho Federal de Psicologia na década de 1990 e, finalmente, sua presença na constituição do Conselho Regional de Psicologia - CRP/20, inaugurado em 2011.

O diálogo foi contextualizado com os momentos históricos da Psicologia brasileira a partir de publicações bibliográficas oriundas do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché, do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por Soares (2010)<sup>63</sup> e Pereira e Neto (2003)<sup>64</sup>.

Neste sentido, é importante dizer que uma das formas para que uma profissão seja reconhecida na sociedade é por agregação e representação dos seus interesses em organizações

---

<sup>62</sup> “O Conselho Federal de Psicologia – CFP é uma autarquia de direito público, com autonomia administrativa e financeira, cujos objetivos, além de regulamentar, orientar e fiscalizar o exercício profissional, como previsto na Lei 5766/1971, regulamentada pelo Decreto 79.822, de 17 de junho de 1977, deve promover espaços de discussão sobre os grandes temas da Psicologia que levem à qualificação dos serviços profissionais prestados pela categoria à sociedade”. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/cfp/conheca-o-cfp/>. Acesso em 31 mar. 2022.

<sup>63</sup> Antônio Rodrigues Soares disserta sobre a Psicologia na legislação nacional, sobre os encontros das Sociedades e Associações de Psicologia, eleição, posse e atividades do primeiro Conselho Federal.

<sup>64</sup> Os autores discorrem sobre o processo de profissionalização do psicólogo no Brasil e apresentam uma proposta de periodização para a história desta profissão. Relatam sobre a organização dos psicólogos em conselhos profissionais (a partir de 1971) e a criação do Código de Ética da Profissão.

profissionais (FREIDSON, 1996). Pensar na organização da categoria de psicólogos(as) é também explicitar de que maneira o campo se transformou, distinguiu-se e se organizou, ao ponto de se tornar uma autarquia representativa e reguladora da profissão no Amazonas.

Neste contexto, os esforços empenhados na constituição de tal autarquia são contemplados a partir das particularidades de um determinado grupo nas tentativas estratégicas, nos dispositivos de comunicação para disputar conhecimento e reconhecimento das práticas psicológicas específicas no espaço social. No movimento de formação da categoria havia a necessidade de distinção, ou seja, a de estabelecer as diferenças práticas de uma profissão.

Se atualmente contamos com um Conselho Regional no Amazonas (CRP-20), podemos indagar: qual a participação histórica do professor Waldir neste acontecimento? As respostas a esta questão de pesquisa foram tecidas na análise interpretativa das narrativas realizadas por este protagonista e por profissionais que atuaram diretamente com ele na organização da categoria.

#### **4.1 Definição da categoria de psicólogos no Brasil**

Na década de 1970, quando o professor Waldir retornou a Manaus, tanto a profissão e curso de Psicologia estavam recentemente regulamentados<sup>65</sup> no Brasil, quanto era algo novo a inauguração dos conselhos profissionais e código de ética da categoria, documento em que se fazem presentes as regras do espaço social, ou seja, do campo dos que se propõem a exercer a profissão.

No âmbito nacional, até o ano de 1971, os psicólogos se congregavam em Associações e Sociedades, sobretudo nas principais capitais brasileiras. Neste mesmo ano foi realizado o I Encontro Nacional de Psicologia, na cidade de São Paulo, e nele estavam presentes diversas associações de Psicologia. Nesta oportunidade, foi defendida a criação do Conselho Federal de Psicologia, com a função oficial de orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão, além de zelar pela fiel observância dos princípios da ética e disciplina da classe. Neste encontro, os Conselhos Federal<sup>66</sup> e regionais foram criados sob a Lei n. 5.766, de 20 de dezembro de

---

<sup>65</sup> A Lei 4.119 de 27 de agosto de 1962 regulamenta a profissão de psicólogo no Brasil e foi promulgada pelo Presidente da República, João Belchior Goulart. A referida lei dispõe também sobre os cursos de formação em Psicologia (SOARES, 2010, p. 21).

<sup>66</sup> O Conselho Federal de Psicologia (CFP) é uma autarquia de direito público, com autonomia administrativa e financeira, cujos objetivos, além de regulamentar, orientar e fiscalizar o exercício profissional, como previsto na Lei 5766/1971, regulamentada pelo Decreto 79.822, de 17 de junho de 1977, deve promover espaços de discussão sobre os grandes temas da Psicologia que levem à qualificação dos serviços profissionais prestados pela categoria

1971. Ficou definido também o dia 27 de agosto como o Dia do(a) Psicólogo(a), por ser a data da regulamentação da profissão no Brasil (SOARES, 2010).

Pereira e Pereira-Neto (2003, p. 25), partindo do referencial teórico da Sociologia das Profissões, constataram que, em meados de 1970, a Psicologia conseguiu todos os requisitos necessários para ser considerada profissão, a saber: conhecimento pouco acessível e institucionalizado, mercado de trabalho formalmente assegurado, regulamentação instituída em Conselhos e Código de Ética. Assim, uma vez constituído em 1971, o CFP criou os sete primeiros Conselhos Regionais.

Sobre a Sociologia das Profissões, no entender do sociólogo Eliot Freidson (1996), para que uma profissão seja reconhecida socialmente como tal, além de deter um conhecimento delimitado, complexo e institucionalizado, tem que organizar seus interesses em associações profissionais que padronizem a conduta dos pares. Tais normas e regras funcionam como uma autorregulação, cujo controle interno da profissão é feito através da fiscalização das condutas de trabalho, dentre os quais o Código de Ética se destaca como um dispositivo formal (FREIDSON, 1996).

O conceito traz à luz o conhecimento de que a década de 1970 foi decisiva para o delineamento da Psicologia como profissão no Brasil. Neste sentido, Soares (2010) escreve:

Promulgada a Lei n. 5.766, de 20 de dezembro de 1971, que cria os Conselhos Federal e Regionais de Psicologia, os Psicólogos brasileiros sentiram chegado o momento de se unirem em classe coesa e identificada, movidos pelo espírito da Lei, que lhes oferecia direitos profissionais privativos e imagem diferenciada e típica, diante da opinião pública (SOARES, 2010, p. 24).

Nas palavras do autor, “os psicólogos brasileiros concertavam uma luta que se haveria de concluir, meses depois, com sua grande vitória: a definição profissional de uma classe” (SOARES, 2010, p. 26).

Depois de criado o Regimento Interno do Conselho Federal de Psicologia, este fixou através da Resolução n. 01/74 de 30 de abril, as zonas de jurisdição e sedes dos Conselhos Regionais que ficaram assim distribuídos da seguinte forma: 1ª Região, CRP-01, com sede em Brasília abrangendo o Distrito Federal, estados do Acre, Amazonas, Goiás, Pará e Territórios Federais do Amapá, Roraima e Rondônia; 2ª Região, CRP-02, com sede em Recife, abrangendo os estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão e Território Federal de Fernando de Noronha; 3ª Região, CRP-03, com sede em Salvador,

---

à sociedade. É um órgão central do Sistema Conselhos, o CFP tem sede e foro no Distrito Federal e jurisdição em todo o território nacional. Fonte: <https://site.cfp.org.br/cfp/conheca-o-cfp/>. Acesso: em 18 jun. 2020.

abrangendo estados de Bahia e Sergipe; 4ª Região, CRP-04, com sede em Belo Horizonte, abrangendo os estados de Minas Gerais e Espírito Santo; 5ª Região, CRP-05, com sede no Rio de Janeiro, abrangendo os estados da Guanabara e Rio de Janeiro, 6ª Região, CRP-06, com sede na cidade de São Paulo, abrangendo os estados de São Paulo e Mato Grosso; 7ª Região, com sede em Porto Alegre, abrangendo os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná (SOARES, 2010).

A organização e mobilização da categoria de psicólogos no âmbito nacional, por meio das deliberações do CFP e das regionais por meio dos CRPs, em torno dos seus direitos privativos e em busca de uma identidade social, desencadearam inúmeras iniciativas de agregação de grupos de sociabilidade profissional em luta por tais ideais. O Quadro 4 a seguir sinaliza alguns enlaces entre fatos ocorridos nacionalmente que, possivelmente, influenciaram a formação do processo de regulamentação da Psicologia no Amazonas.

Quadro 4 - Eventos relevantes à formação da categoria de psicólogos no Brasil e no Amazonas no período de 1960 a 2010.

Período/ Década	Psicologia no Brasil	Psicologia no Amazonas
1960	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>1962:</b> O Presidente da República, João Belchior Goulart, promulga, a 27 de agosto, a Lei nº 4.119. É o primeiro diploma legal específico sobre Cursos de Formação de Psicólogos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A psicologia era uma disciplina ministrada nas ENS e outros cursos ofertados na cidade de Manaus;</li> <li>▪ Waldir dos Santos Costa cursa Filosofia, Letras e Pedagogia na cidade de Lorena-SP;</li> <li>▪ <b>1963:</b> Governador Gilberto Mestrinho cria uma vaga para Psicólogo na Penitenciária Anísio Jobim, ocupada por João Bosco Bezerra Araújo, recém-formado pela PUC-RIO;</li> <li>▪ <b>1968-1972:</b> Waldir dos Santos Costa cursa Psicologia na INICAP- Pernambuco.</li> </ul>
1970	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>1971:</b> Presidente da República, Emílio Garrastazú Médici, promulga a Lei nº 5.766/1971, que cria os Conselhos Federal e Regionais de Psicologia.</li> <li>▪ <b>1974:</b> Os Conselhos Regionais são distribuídos em sete regiões.</li> <li>▪ Os psicólogos do Brasil se unem em torno de uma mesma e única bandeira: a própria afirmação como classe e como profissão, com características privativas:</li> <li>▪ A 17 de janeiro de <b>1973</b>, uma Comissão, composta pelos Psicólogos Clínicos: Elisa Dias Velloso e Therezinha Lins de Albuquerque e pelo médico psiquiatra Samuel Menezes Faro, entrega ao Senhor Ministro da Saúde, Dr. Mário Machado Lemos, um Memorial, assinado pelo Presidente da Associação Brasileira de Psicologia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>1973:</b> Waldir dos Santos Costa institui o primeiro serviço Médico e Psicológico no Detran-AM;</li> <li>▪ <b>1973:</b> João Bosco Bezerra Araújo convida Waldir dos Santos Costa para ministrar aulas na UFAM (Universidade do Amazonas (UA), à época);</li> <li>▪ <b>1974:</b> O Amazonas fica vinculado ao CRP-01, juntamente como Distrito Federal, Estados do Acre, Goiás, Pará e Territórios Federais do Amapá, Roraima e Rondônia;</li> <li>▪ <b>1975:</b> João Bosco Bezerra Araújo se integra à equipe psicológica do Detran-AM;</li> <li>▪ <b>1979:</b> Instituída a Associação dos Psicólogos Amazonenses (APA), sob a liderança de Waldir dos Santos Costa com o intuito de: unir a classe e tratar de assuntos de interesse dos Psicólogos e aprimoramento dos serviços prestados a pessoa humana; colaborar para o progresso da Psicologia como ciência e como profissão; incentivar o apreço e a solidariedade que refletem a harmonia da classe e lhe aumentem o conceito público. São sócios fundadores da APA: Waldir dos Santos Costa, João Bosco Bezerra Araújo, Lair Levi Buarque, Celestino</li> </ul>

	Aplicada, Psicólogo Aroldo Soares Rodrigues, solicitando a anexação do documento aos autos dos processos no 000918/72, 000944/72 e 000031/72, onde se contrariam e se contrastam posições explícitas daquele Ministério contrárias aos direitos do Psicólogo ao uso da Psicoterapia.	Oliveira Martins, Maria Luiza Siqueira, Maria Angela Persilva e Maria Beatriz Borges Correa ( <i>Jornal do Commercio</i> , Manaus, 8 de março de 1979).
1980	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Subdivisões dos Conselhos Regionais de Psicologia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Instituído o Núcleo de Psicólogos do Amazonas, sob a liderança de Waldir dos Santos Costa;</li> <li>▪ Professor Waldir dos Santos Costa apresenta pela primeira vez à Reitoria da UA (atual UFAM) o projeto para implementação do Curso de Graduação em Psicologia nesta Instituição;</li> </ul>
1990	-	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Instituída a Seção Norte/Amazonas do CRP-01, com fiscal residente em Manaus;</li> <li>▪ <b>1993:</b> Inaugura-se o Curso de Psicologia na cidade de Manaus na Universidade Luterana Brasileira (ULBRA);</li> <li>▪ <b>1996:</b> Inaugura-se o Curso de Psicologia da Universidade do Amazonas (UA), atual Universidade Federal do Amazonas (UFAM).</li> </ul>
2000	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>2007-2010:</b> Iolete Ribeiro da Silva, professora de psicologia na UFAM, membro da seção Amazonas/CRP-01, participou do XIV Plenário do Conselho Federal de Psicologia, como membro efetivo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O Amazonas garante representação de Iolete Ribeiro da Silva junto ao CFP.</li> </ul>
2010	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>2016-2019:</b> Iolete Ribeiro da Silva retornou como conselheira efetiva no Conselho Federal de Psicologia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>2011:</b> Estabelece-se o CRP-20, com sede no Amazonas: Iolete Ribeiro da Silva assume a presidência.</li> <li>▪ <b>2011-2013:</b> Conselho Regional de Psicologia (CRP-20), I PLENÁRIO.</li> <li>▪ <b>2013-2016:</b> Conselho Regional de Psicologia (CRP-20), II PLENÁRIO.</li> <li>▪ <b>2016-2019:</b> Conselho Regional de Psicologia (CRP-20), III PLENÁRIO.</li> </ul>
2020	-	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>2019-2022:</b> Conselho Regional de Psicologia (CRP-20), IV PLENÁRIO.</li> </ul>

Legenda: Quadro baseado em informações retiradas de publicações de Soares (2010), Resolução CFP nº 005/11, em que se estabelece o Conselho Regional de Psicologia da 20ª Região, história oral de Waldir dos Santos Costa e de sua rede de sociabilidade intelectual.

Fonte: ELABORADO PELA AUTORA, 2021.

Conforme observado, o estado do Amazonas ficou vinculado ao CRP-01 e, neste ensejo, desde 1973, por solicitação deste órgão, o professor Waldir passou a exercer o cargo que denominou de “secretário regional”, cuja atribuição era enviar a Brasília a documentação de psicólogos que chegavam para trabalhar no Amazonas, a fim de comunicar a transferência daquele profissional e providenciar novo registro.



Não havia nesta função o direito a voto nas decisões do CRP-01, muito menos a representatividade das demandas específicas da região. Tratava-se apenas de ter alguém com quem pudesse ser estabelecido diálogo referente às questões administrativas e documentais. Caso alguma ilegalidade fosse denunciada, um fiscal viajaria ao Amazonas para averiguar.

Os psicólogos que eram transferidos para o Amazonas encontravam o professor Waldir no Serviço Médico e Psicológico no Detran-AM. Gibson Alves dos Santos, ex-presidente do CRP-20, II e III plenário, relatou que era curioso encontrá-lo organizando os documentos numa caixinha de sapatos, que carregava para onde houvesse necessidade.

Tal atitude deflagrou algumas reflexões. Diante de tantas atividades laborais, quais suas motivações para se envolver com burocracias de interesse coletivo? Por um lado, pensei a respeito de sua postura de liderança inata, aprimorada nos anos de seminário, somada à sua conduta inclinada para o serviço ao próximo, também como reflexo de um comportamento sacerdotal. Por outro lado, é possível que tenha lhe ocorrido a necessidade de ter o controle interno da profissão, ou seja, mecanismos de regulamentação da categoria, visto que havia profissionais que se autointitulavam psicólogos sem ao menos saberem da necessidade de formação nesta área. Se engajar na luta para formar tal instrumento no âmbito local era também uma forma de proteger sua identidade profissional.

Neste sentido, a atividade lhe daria o acesso aos agentes e, por que não dizer, a possibilidade de fiscalização das condutas profissionais. Penso que a decisão abarcou um mosaico de motivações não reveladas em sua narrativa. Contudo, houve o propósito de fazer algo em função de um bem coletivo. Tal postura foi mantida por toda a sua trajetória de vida junto à categoria.

Com o desenrolar dos acontecimentos, o professor Waldir forneceu indícios de estar interessado em organizar um grupo, agregado a partir das relações de trabalho, que estivesse mobilizado a formar um campo profissional da Psicologia na cidade de Manaus, com representatividade social e política, além de promover espaço de discussão e qualificação dos serviços profissionais prestados pela categoria à sociedade.

Tais indícios e ações serão desveladas nas próximas seções, a partir do seu engajamento na fundação da primeira Associação dos Psicólogos do Amazonas (APA), a articulação para formar o Núcleo de Psicólogos do estado e a Seção vinculada ao CRP-01, além de sua participação nos dois primeiros plenários do CRP/20, representados pelo estado do Amazonas, Roraima, Rondônia e Acre.

Para auxiliar a compreensão da escrita, apresento, como Apêndice A, um quadro com a relação de entrevistas e documentos analisados no decorrer das próximas seções, com suas

respectivas sínteses de interesse para a pesquisa. A coluna que apresenta os nomes dos(as) psicólogos(as) envolvidos no processo de organização da classe representativa me forneceu pistas para pensar em sua trajetória e sociabilidade intelectual na organização de uma instituição política da categoria.

Na década de 1970, Waldir dos Santos Costa, juntamente com o psicólogo João Bosco Bezerra Araújo e alguns colaboradores, demonstrou interesse em organizar uma categoria regulamentadora da profissão de psicólogos no Amazonas. Decidiu tomar a iniciativa de montar uma organização que regulamentasse a prática dos psicólogos e, dessa forma, inseriu-se no âmbito do interesse coletivo da categoria.

A primeira iniciativa que se tem notícia foi a criação da Associação dos Psicólogos do Amazonas (APA), descrita a seguir, parece-me ter sido o embrião dessa inserção no Amazonas. Os processos de implementação amadureceram no decorrer das décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010 e ele se manteve constante em suas lutas coletivas ao permanecer nas gestões subsequentes, no Núcleo de Psicólogos do Amazonas, na Seção vinculada ao Conselho Regional de Psicologia de Brasília e, finalmente, na inauguração e como conselheiro das duas plenárias do Conselho Regional de Psicologia do Amazonas – CRP-20.

Narrar sua trajetória intelectual no órgão regulamentador da categoria relevou um aspecto de seu interesse coletivo para além do profissional, com o intuito de garantir e preservar os direitos da sociedade amazonense na recepção de serviços psicológicos de qualidade.

Historicamente, os conselhos profissionais foram criados para fiscalizar as práticas de cada categoria conforme suas especificidades. Eles exercem o papel do Estado, uma vez que observa se os trabalhadores exercem sua profissão da forma explicitada pela lei. Tal atividade de fiscalização é de fundamental importância, pois preserva a sociedade daqueles inaptos às suas práticas específicas e, dessa forma, proporciona segurança para todos que necessitam de seus serviços. Além de fiscalizar, também têm a função de disciplinar e orientar seus membros.

Há de se considerar que as profissões nascem e se estabelecem como resposta às necessidades sociais históricas e em determinados contextos que justificam sua existência e, assim sendo, os conselhos se constituíram como entidade jurídica e federativa, com autonomia administrativa e financeira, mantidos pelas contribuições de cada profissional inscrito. Além disso, contribuem para o fortalecimento dos mecanismos de controle social, uma vez que participam, por meio do processo democrático, na formulação de políticas públicas referentes à categoria. Bem como, defendem o interesse da sociedade ao reprimir faltas ético-disciplinares, atuando em defesa dos direitos fundamentais do cidadão (COSTA e VALENTE, 2008).

Waldir dos Santos Costa parece ter entendido desde cedo a relevância social de empenhar-se a criar e manter um órgão regulamentador profissional da Psicologia no Amazonas. A narrativa de seus pares revela que tinha zelo em preservar os interesses coletivos, tanto do âmbito profissional, ao agregá-los e orientá-los, quanto da sociedade, ao preservá-la de trabalhadores não habilitados à prática.

#### 4.2 Associação de Psicólogos do Amazonas (APA)

Com o objetivo de “unir a classe e tratar de assuntos de interesses dos Psicólogos e aprimoramento dos serviços prestados à pessoa humana; colaborar para o progresso da Psicologia como ciência e profissão; incentivar o apreço e a solidariedade, que refletem a harmonia da classe e lhes aumente o conceito público” (*Jornal do Commercio*, 1979), foi concebida a APA.

Na década de 1970, a cidade de Manaus contava com escassos psicólogos, os oriundos de outras regiões, que ali estavam para trabalhar junto à Zona Franca de Manaus (ZFM), atualmente denominada Polo Industrial de Manaus (PIM), os que estavam agregados às forças armadas e ainda aqueles que acompanhavam seus cônjuges em função da transferência do local de trabalho. Como uma exigência legal à prática destes profissionais, era necessário estar vinculado ao Conselho Regional de Psicologia ao qual o estado do Amazonas estava inserido, o CRP/01, com sede em Brasília.

É provável que ao final da década de 1970, por causa da expansão da ZFM, tenha crescido o número de psicólogos na cidade e, em função disso, os psicólogos aqui presentes sentiram a necessidade de distinguir<sup>67</sup> o espaço social. É possível pensar também que, além da distinção, havia o desejo de que a Psicologia fosse percebida socialmente como profissão e não como uma função que poderia ser exercida por pessoas que se autointitulavam.

Os estudos em Sociologia das Profissões indicam que uma das formas para que uma profissão seja reconhecida é a agregação e a representação dos seus interesses em organizações profissionais (FREIDSON, 1996). Pensar na organização das categorias de representação profissional de psicólogos no Amazonas é também analisar de que maneira a área de conhecimento, este campo de atuação, tornou-se diferenciado e organizado, a ponto de ser

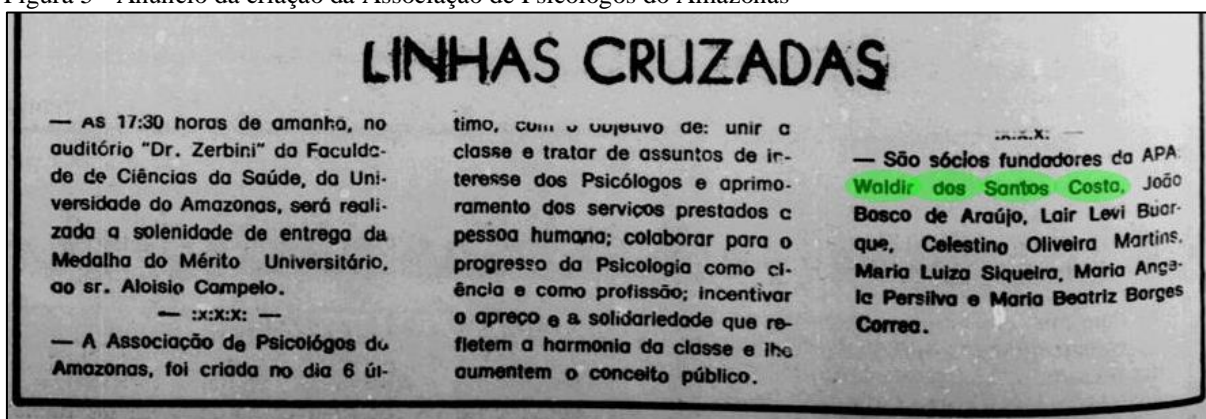
---

<sup>67</sup> O termo utilizado faz referência ao conceito descrito por Pierre Bourdieu em que “Distinção” é a diferença inscrita na própria estrutura do espaço social quando percebida segundo as categorias apropriadas a essa estrutura (BOURDIEU, 2010, p. 144).

reconhecida como uma instituição influente na sociedade amazonense. Se atualmente, e por que não dizer recentemente, contamos com um Conselho Regional no Amazonas, podemos indagar: de que forma seus criadores se mobilizaram e sustentaram tal empreendimento?

No dia 6 de março de 1979, foi criada a Associação de Psicólogos do Amazonas (APA) e, conforme anúncio descrito no *Jornal do Commercio*, cujos objetivos denotam esforços para distinguir a categoria no campo profissional. Na lista de sócios fundadores, constam os seguintes nomes: Waldir dos Santos Costa, João Bosco Bezerra Araújo, Lair Levi Buarque<sup>68</sup>, Celestino Oliveira Martins, Maria Luiza Siqueira, Maria Angela Persilva e Maria Beatriz Borges Correa, conforme demonstra anúncio a seguir<sup>69</sup>.

Figura 5 - Anúncio da criação da Associação de Psicólogos do Amazonas



Fonte: GADELHA, Guilherme (Editor Geral). Linhas Cruzadas, *Jornal do Commercio*. Manaus, 8 mar. 1979.

O ano de fundação da APA é o mesmo da solicitação de exoneração de suas atividades exercidas na Secretaria do Bem-Estar Social do Amazonas. Haveria alguma relação nesta tomada de decisão? Ela poderia fortalecer a ideia de que ele estava engajado na formação do campo ético-político da Psicologia amazonense? Seria plausível pensar que, a despeito de estar vinculado ao CRP-01, havia necessidade de ter na região um organismo que lhes assegurasse a identidade social da categoria de psicólogos?

Pouca referência há em suas narrativas e na rede de sociabilidade do professor Waldir sobre a APA. A respeito desta primeira instituição formal da categoria profissional de

<sup>68</sup> Lair Levi Buarque: tem-se a referência por meio de uma publicação de 1995 de que era Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Os demais citados na reportagem são psicólogos de outras regiões do Brasil que não permaneceram no Amazonas. Não há registros de atuação profissional enquanto aqui estiveram, nem para onde mudaram.

<sup>69</sup> Transcrição literal: A Associação de Psicólogos do Amazonas, foi criada no dia 6 último, com o objetivo de: unir a classe e tratar de assuntos de interesse dos Psicólogos e aprimoramento dos serviços prestados a pessoa humana; colaborar para o progresso da Psicologia como ciência e como profissão; incentivar o apreço e a solidariedade que refletem a harmonia da classe e lhe aumentem o conceito público. São sócios fundadores da APA: Waldir dos Santos Costa, João Bosco de Araújo, Lair Levi Buarque, Celestino Oliveira Martins, Maria Luiza Siqueira, Maria Angela Persilva e Maria Beatriz Borges Correa.

psicólogos, especificamente do Amazonas, temos, além da nota do jornal, o registro do depoimento do psicólogo João Bosco, ao lembrar:

Bom, mas aqui nós não tínhamos nada, tudo era em Brasília, aí a ideia do Waldir: “Bosco, vamos criar um sindicato”, eu digo: “Não, é pouca gente pra um sindicato, podemos criar uma associação”, “Ah, uma associação”. Aí fizemos uma ata, registramos Associação de Psicólogos, ou de Psicologia, como é que chamava? Do Amazonas? Associação de Psicólogos Amazonenses, APA. Foi instalada numa casa de propriedade do Waldir, lá na rua Bernardo Ramos, no centro histórico da cidade e os primeiros que se formaram na ULBRA e outros que vieram de outros estados começaram a conviver conosco e se associaram à APA. Então a APA funcionou durante algum tempo como um órgão de congregação, de unificação, de discussão de problemas da profissão etc. funcionava aos sábados. [...] Aos sábados nós usávamos a casa. Não, ele usava, inclusive, como consultório todos os dias que ele tinha clientes, ele os atendia lá. Eu ia mais aos sábados porque eu ia para atender pequenos grupos de orientação profissional, e tal, e alguma orientação individual, psicoterápica, e tal, que eu depois comecei a fazer lá. [...] Pois bem, e caminhamos sempre assim, sempre assim... À medida que o volume de trabalho foi crescendo, porque nós começamos a, sei lá, a ter uma reputação favorável na cidade. (João Bosco Bezerra Araújo, 2019).

É interessante ressaltar o fato de que a casa do professor Waldir, à época situada no Centro da cidade de Manaus, passou a ser o lugar de agregação e convívio de psicólogos que chegavam de outros estados. Neste local, aos sábados, os psicólogos se reuniam para discutir problemas relacionados à profissão. Ali a APA foi concebida.

Podemos pensar a partir de Bourdieu (2010) que a APA, recém-instituída, na ordem da luta simbólica pelo monopólio da nomeação legítima, poderia representar naquele momento uma estratégia por meio da qual os agentes procuraram impor a sua visão das divisões do mundo social. Neste sentido, ela emerge como a primeira classificação oficial dos psicólogos amazonenses e tal taxonomia adquire um valor social com tendência a estabelecer hierarquia.

Pensemos no prestígio, destaque e engajamento desses psicólogos (as) e do professor Waldir ao sediar a APA em sua residência, fomentando com essa atitude um espaço de relações e de convívio entre os pares, operando como “um órgão de congregação, de unificação, de discussão de problemas da profissão”. A existência de um espaço objetivo representava a existência de um lugar social já conquistado naquela década e, neste ato, constituía-se um grupo prático, onde seriam identificados os membros, suas compatibilidades, proximidades e distâncias. Fomentava-se ali a possibilidade de se pertencer a um coletivo de profissionais que possuíam semelhanças nas suas posições na sociedade, atitudes, interesses, práticas e, quiçá, nas tomadas de decisões relativas à categoria, no âmbito local.

Se, por um lado, fundar a APA pode ter significado ao professor Waldir e demais colegas envolvidos serem detentores de uma posição hierárquica de privilégio, numa instituição destinada a assegurar a regulamentação da prática dos psicólogos, por outro, parece ter sido uma estratégia prática para proteger e fomentar a identidade social da categoria nesta região.

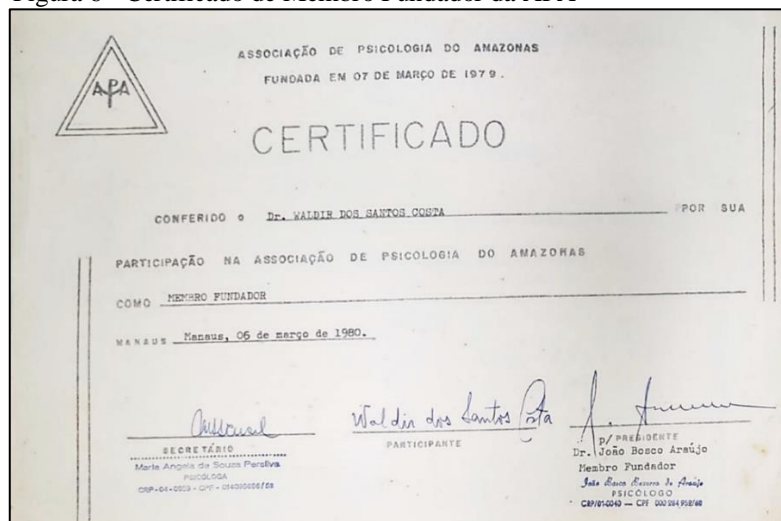
Ter uma reputação favorável na cidade, ou seja, uma imagem profissional diferenciada e típica, parece ter sido um valor motivador para esses (as) os psicólogos (as) se engajassem na formação da APA. A narrativa deste último denota a representação que eles, enquanto agentes, estavam construindo no espaço social de atuação da Psicologia, ao mesmo tempo que contribuíam para a construção da visão que eles mesmos tinham desse espaço social.

Em 1979, já havia na cidade rumores de pessoas que se diziam psicólogos e se sentiam à vontade para participar de programas de televisão para aconselhar os telespectadores sobre questões dos mais variados temas. Havia também profissionais que trabalhavam em empresas da ZFM que se autointitulavam psicólogos, com identificação em seus gabinetes de trabalho, sem terem realizado curso de Psicologia. Parecia existir uma confusão sobre o que era ser psicólogo e suas práticas profissionais. O problema se estendia à medida em que não havia na cidade um órgão regulamentador da profissão, com autoridade para fiscalizar tais práticas. Tal função cabia ao CRP-01, cuja logística de fiscalização era dificultada em virtude da distância.

Dáí também pode ter vindo a necessidade de se instituir uma categoria local, um espaço de relacionamento entre os psicólogos da cidade, um grupo capaz de regular, ainda que de forma indireta e não punitiva, as condutas da profissão, de forma a zelar pela reputação, ou seja, pela representação social da categoria que estava sendo construída. Mais do que isso, criar e liderar um espaço de relações também poderia ser uma maneira de contribuir para a construção da visão desse espaço social. Seria esta a primeira tentativa explícita de uma luta simbólica pela produção e imposição da visão do espaço social da Psicologia no Amazonas?

Um ano após a formação da APA, Waldir dos Santos Costa recebeu um certificado de membro fundador da entidade, conforme mostra a Figura 6:

Figura 6 - Certificado de Membro Fundador da APA



Legenda: Conferido a Waldir dos Santos Costa, em 6 de março de 1980.  
Fonte: ACERVO FAMILIAR.

Ao observar este documento, questiona-se: qual instituição no Amazonas estava legitimada a emitir tal certificação? É interessante observar que os próprios membros fundadores da APA assinam o certificado, que foi criada uma logomarca com o símbolo da Psicologia, dentro de dois triângulos, inseridos um no outro. Fato é que quem assina assume a responsabilidade de atestar como verdadeiro o que se declara e, provavelmente, este foi mais um recurso de reafirmação de que havia uma categoria profissional de Psicologia no estado.

Neste contexto, entendi que “todo campo é lugar de uma luta mais ou menos declarada” (BOURDIEU, 2010, p. 150). Fundar a APA significava dar visibilidade aos poucos psicólogos radicados na cidade de Manaus, que lutavam por distinção e delimitação do espaço profissional. É possível pensar que fez parte de uma estratégia para mostrar à sociedade amazonense o grupo de psicólogos “autorizados”, ou ainda, “legitimados” a exercer suas funções, distintamente daqueles que se diziam sê-lo.

Ao mesmo tempo, a associação tornava evidente à categoria a posição hierárquica dos seus fundadores. Tais reflexões me fizeram compreender que a APA serviu como um dispositivo, ou seja, uma categoria pela qual a sociedade amazonense passaria a perceber o que era ser psicólogo(a) e quais suas funções. Conforme nos postula Pierre Bourdieu:

O conhecimento do mundo social e, mais precisamente, as categorias que o tornam possível, são o que está, por excelência, em jogo na luta política, luta ao mesmo teórica e prática pelo poder de conservar ou de transformar o mundo social conservando ou transformando as categorias de percepção desse mundo (BOURDIEU, 2010, p. 142).

A constituição de uma associação denotava a capacidade de fazer existir explicitamente, de tornar pública, visível e oficialmente, uma profissão e suas práticas, que até então permanecia no âmbito da experiência individual e representa um “considerável poder social, o de construir os grupos, constituindo o senso comum, o consenso explícito, de qualquer grupo” (BOURDIEU, 2010, p. 142).

A partir do momento em que se estabelecia “um órgão de congregação, de unificação, de discussão de problemas da profissão” (João Bosco, 24 de maio de 2019), estabelecia-se explicitamente uma luta pela imposição de uma visão social da profissão, na qual os agentes que a exercem detêm o poder proporcionalmente ao reconhecimento que recebem deste grupo.

Além disso, e talvez aqui o elemento de maior relevância para a delimitação da categoria de profissionais, a APA, pelo caráter de “associação”, constituiu a união de psicólogos(as) que se organizaram para fins não econômicos, mas para definir, compartilhar e transmitir os traços e características culturais da profissão, condicionando os comportamentos por meio de suas práticas e tomadas de decisões dialogadas nas reuniões aos sábados, na casa do professor

Waldir. Neste sentido, a APA pode ter contribuído para a delimitação das fronteiras simbólicas da profissão no Amazonas.

Sendo assim, ser sócio fundador da APA, congregando psicólogos(as) em sua própria residência, em torno de discussões pertinentes à essa categoria, conferiu ao professor Waldir a aquisição de um capital. Pode-se pensar a partir de Bourdieu (2010) que, em todos os campos, os atores melhor sucedidos são aqueles que investem seu tempo, seu conhecimento, ou seu trabalho para adquirir o capital, que é a chave do poder no seio do campo.

#### 4.3 De Núcleo para Seção

Há algumas lacunas nesta operação historiográfica que não me permitiram identificar a extinção da APA. Primeiro pela impossibilidade de recorrer à fonte oral principal e, segundo, pelo esquecimento de detalhes e da sequência como se deram alguns acontecimentos por parte daqueles que entrevistei. É possível pensar que em algum momento a tarefa de estabelecer a comunicação dos(as) psicólogos(as) que atuavam em Manaus com o CRP/01 foi delegada a outra pessoa. Contudo, mesmo tendo outra pessoa responsável, a referência continuava sendo o professor Waldir.

Em uma tentativa de tecer esta teia de conhecimento histórico, Lígia Maria Duque Johnson de Assis, atual presidente do Conselho Regional de Psicologia (CRP-20)<sup>70</sup>, relatou que por dois anos, a partir do momento da sua chegada a Manaus no início da década de 1980, tentou transferir o registro de psicóloga da Região 06, São Paulo, para a região de correspondência de sua atuação (CRP-01). Porém, a pessoa que na época era responsável pela tramitação de documentos trabalhava em São Gabriel da Cachoeira-AM e se trasladava para Manaus a cada quatro a seis meses, o que dificultava o processo. Ela narra da seguinte forma:

Quando eu me registrei, quando eu consegui me registrar, nós éramos 72 psicólogos aqui no Amazonas. Mas quando eu comecei a buscar, quando eu cheguei aqui em Manaus, a primeira psicóloga que eu conheci foi a Selma, Selma Xavier, trabalhava na Bosch. Através da Selma, eu conheci pessoas que trabalhavam na área de recursos humanos, mas que não eram psicólogos e eu buscava pessoas pra falar, assim, a mesma [risos], a mesma linguagem e troca de conhecimento. Logo depois eu conheci a Fumiko, também psicóloga e, já há alguns meses em busca de fazer o meu registro, eu conheci o Luiz Alberto e o Luiz Alberto me disse assim... Ah, e também a Fátima Hayek. O Luiz Alberto me disse assim: “Olha, eu vou te apresentar uma pessoa que ele vai te ajudar a ver como resolver essa questão do teu registro” e o Luiz Alberto me apresentou o Waldir, ele me disse: “Oh, você encontra o Waldir lá no Detran e ele também é professor”. Aí então: “Tá, então deixa eu conversar com Waldir”. E o Waldir me ajudou muito. O Waldir tinha as datas que essa pessoa vinha pra Manaus,

---

<sup>70</sup> Lígia Duque, no ano de 2019, assumiu a presidência do CRP-20, IV Plenário (2019/2022), cujo lema é “Frente em Defesa da Psicologia”.



o período, endereço onde ele ficava, e aí consegui fazer o meu registro. Mas aqueles dois anos me indignaram muito, porque eu encontrei diversas, é... Vamos dizer assim, irregularidades com relação à Psicologia, com pessoas se dizendo psicólogos que não eram, desenvolvendo atividades que eram da Psicologia e as pessoas desenvolvendo. Várias vezes eu conversava com Waldir a respeito e, essa pessoa que representava o Conselho, ele morando longe era muito complicado a Psicologia ganhar o respeito em nós psicólogos (Lígia Maria Duque Johnson de Assis, 2019).

O relato permite imaginar o grau de dificuldade para regularizar a situação profissional dos psicólogos que aqui chegavam. Todos, à exceção do professor Waldir e João Bosco, vinham de fora do estado. Diante das dificuldades de representação impostas, apesar de não ter atuado formalmente no Conselho Regional de São Paulo (CRP-06) enquanto lá morava, Lígia Duque participava das reuniões com frequência, a partir do contato com o professor Waldir e outros colegas. Então começaram a vislumbrar atuação mais presente para a regulamentação da categoria.

Eu conversava muito com Waldir a respeito disso e, em encontros, nós buscamos saber quem é que podia representar o Conselho, quem podia assumir essa representação. E o Waldir já tinha tentado. Ele, nós dizíamos que ele tinha [o núcleo] na pastinha. Ele já havia até conseguido a Associação dos Psicólogos do Amazonas e ele estava andando na busca de trazer o sindicato. Então por que não o Waldir, se ele já trazia Associação e já estava com documentação para o sindicato? Então, nos reunimos e, por aclamação, o Waldir foi indicado para coordenar o Núcleo. Era o Núcleo de Psicologia do 01, porque na época o núcleo já existia, mas o representante não ficava em Manaus, o que dificultava. Então passou ao Waldir (Lígia Maria Duque Johnson de Assis, 2019).

Dessa forma, tornava-se explícita nesse comportamento a necessidade de delimitar o espaço profissional. Eles queriam fiscalização das práticas profissionais presentes, a começar pela cidade de Manaus, onde a maioria estava atuando. Dessa forma, e por aclamação, estabeleceu-se o Núcleo de Psicólogos do Amazonas, como parte integrante do CRP-01 e, por aclamação, o professor Waldir foi eleito coordenador.

A delimitação da prática profissional parecia ser uma preocupação perene para aquela equipe. A profissão recentemente regulamentada se empenhava em conquistar espaços para a atuação e sofria com aqueles que se autointitulavam “psicólogos”. Lígia Duque contou que era muito comum, em visitas ao departamento pessoal de empresas, encontrar uma placa assim designada, sem a pessoa ter a formação adequada. Era frequente também encontrar trabalhadores de outras áreas do conhecimento participando de processos seletivos ou aplicando testes se autodenominando psicólogos.

A respeito deste desafio, o professor Waldir trouxe à memória a lembrança de um homem que se dizia psicólogo e ia com regularidade a um programa local de televisão para responder questões do cotidiano e para oferecer conselhos aos manauaras. Aquilo muito o

preocupava, pois ia de encontro a todo seu trabalho de construção de uma imagem profissional séria e comprometida com a ciência.

Em sua gestão, o intuito inicial era conhecer e agregar os psicólogos locais e uma das primeiras providências relatadas por Lígia Duque foi o planejamento de uma mostra de trabalhos de Psicologia. Os membros do Núcleo organizaram uma mostra de prática, mediante sondagem de interesses de temas e articulação com outros psicólogos. O professor Waldir viabilizou o evento no Detran-AM. E “a partir desse movimento, o pessoal começou a se integrar”, afirmou Lígia Duque.

A estratégia de congregar os profissionais mediante uma atividade acadêmica parece ter dado certo. A demanda seguinte a este encontro foi conseguir um local fixo para as reuniões do Núcleo. Até aquele momento, o elemento simbólico que representava a constituição da organização de classe era a “pastinha”. Inicialmente a “caixinha de sapatos” que o acompanhava no dia a dia e agora, com a instituição do Núcleo, a pasta marca uma nova fase do processo. Lígia Duque rememora:

Ele conseguiu uma sala e aí nós tivemos a primeira sala, o primeiro endereço do Conselho, né? O primeiro endereço do Núcleo do Conselho Regional de Psicologia aqui. Foi uma coisa, assim, uma alegria muito grande, porque nós conseguimos o espaço, mas alguns meses depois... Acredito que nem um ano depois, aconteceu uma coisa assim, que ninguém esperava. O Waldir nos chamou pra uma reunião e disse que Brasília tinha decidido fechar, encerrar o Núcleo porque era muito longe. Nós não aceitamos de jeito nenhum essa justificativa. Era muito longe, é... A região muito grande pra fazer a fiscalização, os fiscais ficavam em Brasília, então Brasília tinha duas fiscais que cobriam o Distrito Federal, Amazonas, Roraima, Rondônia e Acre e eles iam mais em Rondônia. O Acre, Amazonas e Roraima ficavam mais esquecidos e nós não aceitamos. O Waldir falou: “Mas o que que nós vamos fazer? Precisamos tomar uma providência. Então vamos tomar uma providência” (Lígia Maria Duque Johnson de Assis, 2019).

A crise instalada a partir da notícia de encerramento do Núcleo parece ter servido de oportunidade. Diante da dificuldade de acessibilidade sinalizada pelo CRP-01, ainda que com a justificativa da distância e falta de logística para uma fiscalização eficaz, os psicólogos do Amazonas se uniram para fazer valer suas conquistas. Lígia Duque contou que os 74 psicólogos inscritos na época, não só acolheram a ideia de lutar pela permanência do Núcleo como se mobilizaram para reverter a situação.

A estratégia foi entrar em contato com os psicólogos reunidos em Núcleos nos estados vizinhos, os quais se uniram aos profissionais do Amazonas. A indignação foi manifestada por meio de um documento que continha as assinaturas dos membros do Núcleo e a resposta do CRP-01 foi de acordo. Constatando a força política de representatividade, a regional do Distrito Federal sugeriu a formação de uma Seção e, neste ensejo, o Amazonas ganhou o direito à

contratação de um fiscal residente na região.

Com a contratação de um fiscal, os(as) psicólogos(as) do Amazonas saíram da condição de Núcleo para Seção. As pessoas que compunham o Núcleo passaram a ser denominados conselheiros, a formatação da organização permaneceu e o professor Waldir manteve a liderança à frente do trabalho.

Os desafios de atuar no estado do Amazonas eram grandiosos em vários aspectos. O primeiro era em relação à capacitação dos(as) psicólogos(as). Os cursos de Psicologia, assim como as formações continuadas, pós-graduações e congressos se concentravam nas regiões Sul e Sudeste, eventualmente na região Centro-Oeste e no Nordeste. A distância destes centros de formação exigiu dos profissionais do Amazonas um empenho adicional na busca de conhecimento e capacitação.

Além dos fatores acima, havia também uma outra questão complicadora a ser considerada na continuidade das ações: a transitoriedade daqueles que tentavam aqui nova chance de trabalho, mas não se adaptavam e retornavam aos seu lugar de origem. Era comum profissionais psicólogos militares, ou aqueles que vinham para acompanhar seus cônjuges ou familiares das Forças Armadas e que, ao término do período de cumprimento das suas atividades, mudavam de localidade. Estes aspectos eram levados em consideração quando a pauta era a necessidade de engajamento para a consolidação da Seção no Amazonas. Isto fica explicitado nas diversas narrativas dos(as) psicólogos(as) entrevistados nesta pesquisa.

Desde a instalação da APA, ao final da década de 1970, o psicólogo João Bosco relata que o professor Waldir e ele foram procurados por psicólogos militares para se unirem em algumas atividades relacionadas à testagem psicológica na seleção de pessoal para as agências bancárias que se instalavam na cidade. É possível pensar que a falta de enraizamento pode ter sido empecilho para a continuidade do trabalho junto à organização da categoria profissional, o que justifica o longo período para sua estruturação.

O contentamento pela contratação da fiscal da Seção foi interrompido logo em seguida, por motivo da transferência do seu esposo, que era militar. Diante deste fato e para que o trabalho em andamento não retrocedesse, o professor Waldir tomou providências para que Lígia Duque assumisse como fiscal da Seção, exercendo a função até que esta se transformasse em Conselho. Sobre o assunto, ela relata:

Aconteceu da nossa fiscal, o marido dela foi transferido [risos] e ela precisou sair daqui. O marido dela era militar, me parece que ele foi transferido pra Minas Gerais. E aí ela se desligou e nós ficamos sem fiscal e mais uma vez nós fomos buscar “O que vamos fazer, sem ter ninguém pra fazer a fiscalização?”. Então o Waldir propôs que nós, os conselheiros efetivos, assumissem a fiscalização. E durante um período nós

assumimos essa atividade em substituição. O Waldir emitiu um documento em que nós oficialmente podíamos realizar as fiscalizações. Então era por parte do Waldir, assim, uma responsabilidade, um compromisso com essa qualidade do trabalho, com o trabalho qualificado. Fomos buscar cursos, atualização, porque nós dizemos até hoje que nós moramos caro, não moramos longe [risos]. Então pra gente poder fazer um curso fora é muito caro e aí ficava muito melhor trazer os profissionais. O grupo de psicólogos aqui nós nos juntávamos e trazíamos profissionais pra fazer a nossa atualização. Nesse momento também foi um período onde nós fizemos a mostra que nós, lá no início, nós definimos assim: vai acontecer uma mostra anual pra marcar a presença da Psicologia (Lígia Maria Duque Johnson de Assis, 2019).

A Seção Amazonas teve vigência nas décadas 1990 e primeira década de 2000. Neste período, houve rotatividade de membros conselheiros, contudo, pode ser observada a presença contínua de Waldir dos Santos Costa, na coordenação, e de Lígia Duque, como fiscal, dentre outros psicólogos que se agregaram, tais como Hildes do Amparo Delduque Farina, José Humberto da Silva Filho, Denise Gutierrez, dentre outros.

Em 1996, chegou ao Amazonas o psicólogo José Humberto da Silva Filho. Nascido e formado em Maceió, município de Alagoas, realizou parte dos seus estudos na cidade de São Paulo, onde, ao fazer consultoria para a UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância, teve contato com a Região Norte do país, especificamente via escritório situado em Belém, onde desenvolvia atividades com ênfase na investigação sobre abuso sexual infantil. Uma outra frente de pesquisa em área indígena o trouxe para Manaus, onde teve oportunidade, no ano seguinte, de prestar concurso para professor de Psicologia na UFAM.

O professor relatou que, mesmo antes de iniciar a docência superior, buscou contato com membros que representassem a categoria profissional e conheceu a psicóloga Hildes do Amparo Delduque Farina. Ele narrou da seguinte forma:

A psicóloga Hildes que tinha assumido no ano anterior, em 95 e ficou até 98 e o Waldir fazia parte. O Waldir já estava pedindo sucessores, ele já tinha carregado essa história dentro de uma caixinha durante muitos anos. E ele pedia sucessores. Conta a história da Psicologia que o CRP era dentro de uma caixinha, uma história muito... Interessante [suspiro e lágrimas]. O Waldir era uma pessoa muito querida [pausa longa], desculpe. Enfim, uma história prosaica que era carregada pelo Waldir, não é? E, naquela ocasião, a Hildes estava assumindo e eu encontrei essa equipe. Ali tinha a Lígia [Duque], o Waldir, não é? E eu fui muito bem recebido pelo Waldir. Carinhosamente recebido por ele e eu, na verdade eu fui me informar como é que eu fazia pra eu transferir minha carteira de psicólogo, precisava fazer a atualização do meu CRP, não é? E ele me convidou "Você não quer participar junto conosco do Núcleo? Venha nas reuniões, conviva conosco!". Então eu me senti muito bem acolhido, porque eu estava recém-chegado na cidade e encontrei uma família que me acolheu e ficamos amigos. Eu convivo com essas pessoas até hoje, são amigos muito queridos e o Waldir também era uma dessas pessoas muito queridas (José Humberto da Silva Filho, 2019).

Tal acolhimento propiciou a integração do professor José Humberto da Silva Filho que, em 1998, foi indicado pelo professor Waldir para assumir a coordenação da Seção do CRP-01

no Amazonas. Ele explicou que, à época, havia 128 psicólogos inscritos e que, além de não serem muitos, havia poucos que trabalhavam diretamente na Psicologia, “Talvez metade ou menos da metade, talvez 1/3 de 128 psicólogos, talvez 40 psicólogos na época trabalhavam com Psicologia realmente, aqui em Manaus, em 1996, éramos poucos.”, relembra o psicólogo.

Em 98, nós fizemos uma pesquisa, eu e meus alunos da UFAM. Nós fizemos uma pesquisa sobre o potencial, a demanda potencial do trabalho do psicólogo na cidade de Manaus. Viemos com algumas referências, assim... Sobre quantos psicólogos seriam necessários na área da educação, quantos psicólogos seriam necessários na área da saúde, quantos psicólogos seriam necessários no trânsito, nas empresas, na organizacional e eu lembro que, nessa época, nós tivemos algumas referências. Por exemplo, na área da educação a gente tomou como base uma referência de São Paulo, que na época pra cada 500 alunos deveriam ter 1 psicólogo nas escolas e as escolas com número menor que 500 alunos deveriam ter ao menos 1 psicólogo. [...] Com essa referência, nós chegamos aqui na região do Amazonas, só na capital a gente precisava de mais de 800 psicólogos na rede de educação, só com essa referência no total. Pegando outras referências semelhantes, a gente tinha uma demanda de 5.000 psicólogos em 1998, nós precisávamos de 5.000 psicólogos em Manaus pra esse estudo, pra esse levantamento que nós fizemos da demanda reprimida ou da demanda potencial do trabalho do psicólogo na região. Nós éramos apenas 128 e só tinham 40 psicólogos trabalhando [risos]. Era um sonho pensar em 5.000 psicólogos, mas isso serviu para muitas faculdades abrirem curso, né? Esse levantamento que nós fizemos justificou a abertura de muitos cursos, logo depois muitas faculdades usaram essa informação pra justificar a necessidade de abrir vários cursos de Psicologia aqui no estado do Amazonas (José Humberto da Silva Filho, 2019).

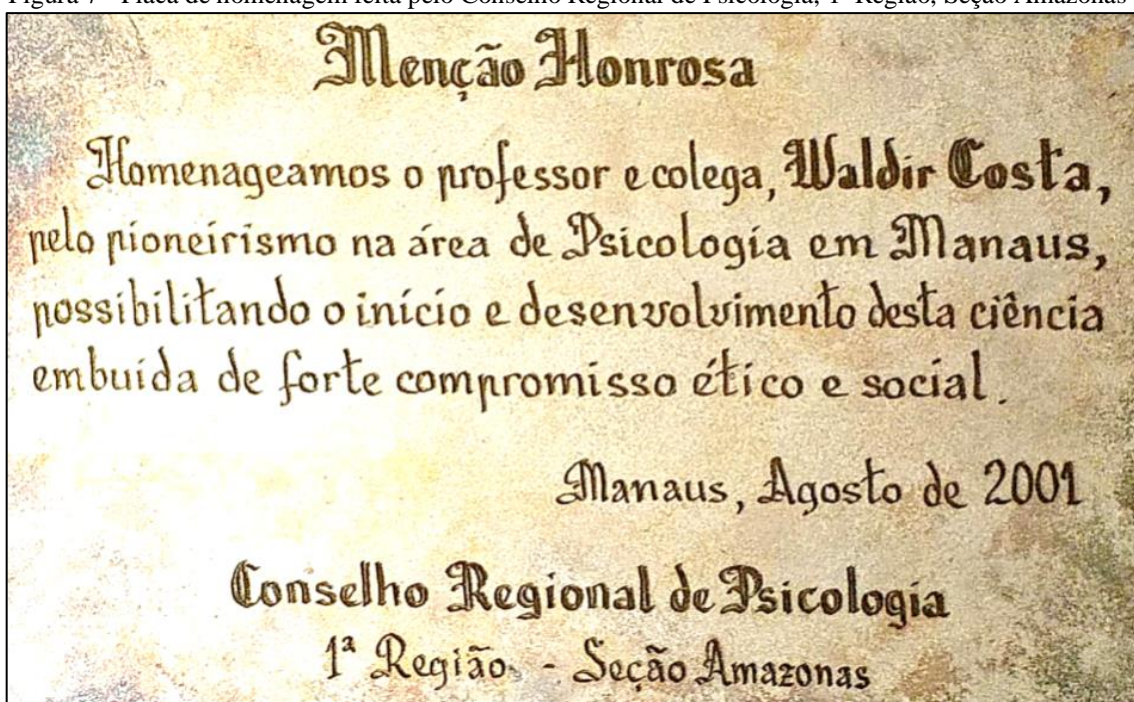
Outro fato observado por ele durante sua gestão (1998-2001) foi a Psicologia sendo confundida com cargo, não como uma profissão. Não era raro encontrar nos departamentos de empresas do Distrito Industrial (Zona Franca de Manaus), a referência “psicólogo” na porta de profissionais de outras áreas que sequer sabiam das exigências para o exercício da profissão. “Foi um trabalho árduo, contínuo e de divulgação para que o ‘território’ científico e profissional da Psicologia fosse formado e preservado”, relatou o professor José Humberto, tornando explícitas nesta fala as disputas pelo espaço social enfrentadas na delimitação do campo da Psicologia nessa região.

A formação do sindicato de psicólogos do Amazonas, no início da década de 2000, foi mais uma tentativa de se fazer presente nos espaços sociais e políticos na sociedade amazonense, contudo, observei lacunas na história da constituição deste órgão, conforme indica o relato da psicóloga Lígia Duque:

Teve uma outra pessoa que ele repassou toda a documentação inicial pra levar o sindicato dos psicólogos adiante, porque ele (o Waldir) também já tinha iniciado. Então, assim, ele percebia bem a realidade e identificava os psicólogos “Nós, psicólogos, precisamos disso, de tal coisa, disso, disso, então vamos levar adiante”. Não ficava na posição “É alguém precisa levar...” [risos]. Não! Ele era o alguém, ele “arregaçava as mangas” e ia adiante (Lígia Maria Duque Johnson de Assis, 2019).

As interdições e silêncios a respeito da constituição do sindicato de psicólogos se evidenciam nas referências ao assunto como “uma outra pessoa”, ou ainda, na observação de que a formação desta entidade profissional foi esquecida, ou omitida, nos relatos do professor Waldir e de sua rede de sociabilidade. Apesar disso, o corpo de profissionais foi ganhando força e o engajamento de seus membros culminou em mudanças expressivas para a categoria, a partir da primeira década de 2000. A placa abaixo sinaliza, mais uma vez, a importância que a categoria atribuiu à presença do professor Waldir nos processos relacionados ao desenvolvimento da Psicologia em Manaus.

Figura 7 - Placa de homenagem feita pelo Conselho Regional de Psicologia, 1ª Região, Seção Amazonas



Legenda: Em reconhecimento a Waldir dos Santos Costa, por seu pioneirismo na área da Psicologia em Manaus, em agosto de 2001.

Fonte: ACERVO FAMILIAR.

Ela apresenta dados importantes que demonstram a relação que era estabelecida entre a liderança da Psicologia junto ao órgão regulador da profissão e Waldir dos Santos Costa, anunciando seu pioneirismo nessa região, possibilitando o início e desenvolvimento da ciência psicológica imbuída de forte compromisso ético e social. Indica, ainda, um período em que a seção era vinculada ao Conselho Regional de Psicologia em Brasília, 1ª Região. A data de produção da placa, agosto de 2001, remete às comemorações do Dia do Psicólogo, 27 de agosto. Provavelmente ela foi entregue nesta ocasião.

Se, por um lado, dedicar a placa simbolizou reconhecimento a este protagonista, por outro, guardá-la com desvelo aponta para o desejo de comungar informações sobre sua trajetória

intelectual. Afinal, conforme considerado anteriormente: “Guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor partilhar; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo” (MIGNOT e CUNHA, 2006, p.41). Estava diante de mais um objeto autobiográfico. Nele, algumas memórias de Waldir dos Santos Costa foram vivificadas.

#### 4.4 Constituição do CRP/20

Dentre os psicólogos(as) migrantes, Iolete Ribeiro da Silva, natural do estado de Tocantins, com formação acadêmica, mestrado e doutorado na Universidade de Brasília (UnB), chegou a Manaus em janeiro de 2001, com o objetivo de coordenar do curso de Psicologia da ULBRA. Após um ano e meio de atuação, fez concurso para docente na UFAM e, uma vez aprovada, passou a trabalhar nesta instituição, a partir de 2003.

Iolete Ribeiro da Silva relata que, logo ao chegar, teve interesse imediato de compreender como a categoria profissional estava organizada e seu passo inicial nesta direção foi procurar as pessoas que compunham a Seção Amazonas. Formada em 1989, seu primeiro registro foi feito em Brasília, no Conselho Regional de Psicologia - 01 (CRP-01), que à época tinha uma grande abrangência nos estados brasileiros, incluindo Goiás, Tocantins num momento seguinte, Pará, Amazonas, Acre, Roraima e Amapá. Sobre seu engajamento junto à categoria profissional, ela relata:

Quando eu cheguei no Amazonas e fui em busca de informação, recebi alguma indicação de pessoas, de psicólogos que eu podia procurar pra conversar. A primeira psicóloga foi a Lígia [Duque] e a Lenice, que eram pessoas que atuavam de alguma forma na profissão, eram conhecidas na cidade. Também o professor José Humberto, que era professor da Universidade Federal e também tinha atuação na Seção Amazonas. E aí eu busquei essas pessoas para conversar e, desde o início, me inseri e sempre continuei desenvolvendo alguma atividade na Seção do Conselho Regional [Amazonas] (Iolete Ribeiro da Silva, 2019).

Dentre as suas primeiras percepções sobre a organização de classe dos psicólogos, estava a constatação de que havia um número bem reduzido de cadastros, em torno de 400 profissionais, além da ausência de espaços de articulações e diálogos. Ao identificar as possibilidades para isso, aproximou-se de profissionais da área da saúde, como a psiquiatra Ana Maria Marques, que trabalhava com uma psicóloga, Maria Ermelinda Nascimento Salém Muniz. Juntas, organizaram atividades que visavam congregar psicólogos, na tentativa de fomentar espaços de diálogo e troca de experiências.

Em sua busca de compreender o cenário de organização da categoria de psicólogos(as) no Amazonas e no ensejo de inserção e criação de espaços para tal, Iolete Ribeiro da Silva passou a conhecer não só as referências históricas deste grupo de profissionais, como a trajetória da criação da APA, Núcleo de Psicólogos e, à época Seção, como também teve a oportunidade de se relacionar com o professor Waldir, com o qual se vinculou numa nova fase de transformação da Seção Amazonas para CRP-20.

A gente tinha referência do professor Waldir como profissional que tinha uma preocupação com a profissão, de sempre manter as pessoas vinculadas ao Conselho Regional, atualizando sua documentação. Então professor Waldir era uma referência histórica, de alguém que cuidava da profissão na cidade e de alguma forma tinha influenciado todas aquelas pessoas que estavam ali, dispondo do seu tempo para o Conselho Regional no ambiente que naquele momento era a Seção Amazonas. Em 2001, avaliação que a gente fazia era de que nós precisávamos articular os profissionais, criar espaços de diálogo. A gente precisava dar visibilidade pra que as atividades desenvolvidas pelos profissionais de Psicologia na cidade, no estado, porque a gente não tinha conhecimento de quem trabalhava no interior, em municípios ou não. E aí o primeiro esforço foi nessa direção. Naquele momento a gente tinha consciência de que não dava para pensar em criação de Conselho Regional, porque tem uma regra do sistema Conselhos de Psicologia de que o escritório, né, toda a logística administrativa, ela tem um custo e o número mínimo de profissionais pra se criar um Conselho Regional. Naquela época, era estabelecido em 1000. Então precisava de 1000 profissionais registrados para poder ter condição de instalar um Conselho Regional (Iolete Ribeiro da Silva, 2019).

A narrativa de Iolete Ribeiro da Silva revelou a manutenção da participação na Seção Amazonas, da qual era membro, e presença ativa do professor Waldir na tentativa de manter a vinculação dos psicólogos junto ao Conselho e como uma referência histórica atuante nos processos de amadurecimento da categoria.

A despeito do número de profissionais exigidos para o desmembramento do CRP-01 e consequente formação de uma nova regional, Iolete Ribeiro da Silva, uma vez vinculada à Seção Amazonas desde sua chegada, em 2004, foi convidada para integrar a chapa que concorreu ao Conselho Federal de Psicologia. Uma vez eleita, passou a assumir como secretária da Região Norte. Este foi um importante passo para a representatividade do Amazonas junto ao Conselho Federal de Psicologia. Com isso, o estado do Amazonas ganhou voz e voto nacionalmente.

Ela afirmou que mantinha constante contato com os representantes das seções de Rondônia, Roraima e Acre, no intuito de conversar sobre questões pertinentes à região amazônica, tão distinta das características das demais regiões brasileiras. Além de fomentar a coesão política dos(as) psicólogos(as) no Amazonas, havia um empenho e desejo legítimo de não mais silenciar as vozes daqueles que trabalhavam no norte do país e que lutavam para não mais ficar à sombra das decisões tomadas para a categoria de psicólogos(as) no âmbito nacional.

O sistema Conselho de Psicologia tem vários espaços de participação. Esses espaços são por representação de regional. Como a regional que a gente estava vinculada era



de Brasília, a gente se achava sendo excluída de muitas comissões, de muitos debates, porque eles priorizavam a participação dos conselheiros do DF. Então a gente quase não tinha essa possibilidade de ter voz, de se envolver nas decisões. Além de Brasília não ter noção da realidade da Amazônia, não conhecer as necessidades daqui, as dificuldades que a gente tinha, as peculiaridades, que era questões importantes para pensar Psicologia aqui. Então a gente já avaliava que para o crescimento da Psicologia [no Amazonas] era preciso ter um Conselho Regional e aí nós fomos trabalhando assim, criando oportunidade de encontro dos quatro estados [Rondônia, Roraima, Acre e Amazonas] para discussão e produção de relatórios (Iolete Ribeiro da Silva, 2019).

O contato com os representantes das Seções dos outros três estados (Rondônia, Roraima e Acre) gerou relatórios e o primeiro projeto para o desmembramento do CRP-01 e criação do CRP-20 que, “em termos numéricos só teve condição de ser aprovado em 2011. Ele foi aprovado final de 2010 e em 2011 ele se concretizou com a instalação do CRP-20”, comenta Iolete Ribeiro da Silva e acrescenta informações relevantes ao processo de implementação deste Conselho:

Apresentamos a proposta lá na Assembleia das Políticas, da Administração e das Finanças (APAF)<sup>71</sup> em Brasília e foi aprovado por unanimidade, então o Conselho foi instalado. Não foi um processo fácil, porque quando nós apresentamos a proposta, existia uma diretoria no Conselho Regional do Distrito Federal e, quando ele foi implantado, a diretoria tinha mudado. Então, a nova diretoria era contrária. Ela achava que a gente não tinha condição de crescer é... e... Porque assim, ia diminuir a arrecadação do Conselho... E aí ia ter impacto lá [risos]. Mas nós lutamos e falamos: “Não, nós queremos! Já está aprovado e a gente vai funcionar”. Mas foi aquela separação difícil, muito difícil e que até hoje impacta de alguma forma no CRP, porque nós tínhamos quase um ano de preparação para que o Conselho fosse implantado. Nesse um ano era para o CRP-01(DF) ter apoiado a organização. A gente tinha que pensar com é que ia fazer com o quadro de funcionários, com o patrimônio, porque tinham funcionários concursados pelo DF que trabalhavam aqui na região, telefone era em nome do CRP de Brasília... Era assim, muitos detalhes, mas que travavam a tomada de decisões, né? Precisava da ajuda da comissão do DF. E eles se negaram a ajudar, né? E não ajudaram em nada. E era responsabilidade pelo custeio-financeiro também era do DF e do CFP. A gente tinha que fazer o orçamento e ele tinha que ser rateado entre as duas entidades pra instalar o conselho aqui. O DF dificultou ao máximo a definição de que equipamentos a gente teria direito, como faria com os servidores, como é que seria transferência. Inicialmente, eles queriam demitir todo mundo, a gente ficaria sem nenhum servidor, o que inviabilizaria o funcionamento do escritório, né? A gente não pode, por lei, fazer contrato temporário. Tem uma regulamentação de quantidade de tempo, então não poderia ficar muito tempo com servidor temporário e não poderia ter um número grande de servidores temporários. Mas foi uma série de entraves administrativos que impactaram o funcionamento, mas que a gente foi bancando e fazendo isso pra garantir a instalação. E hoje, assim, a avaliação que eu faço é que a... Nós avançamos muito, né? A gente já tá num outro momento, inclusive de criação de um novo regional na região, que é Rondônia e Acre. Já foi aprovado o projeto e deve ser aprovado a implantação em dezembro (Iolete Ribeiro da Silva, 2018).

O desencadear dos acontecimentos se entrelaçou com uma rede de relacionamentos que, ora viabilizou a emancipação de alguns estados da Região Norte, como foi o caso da escrita do

---

<sup>71</sup> Assembleia das Políticas, da Administração e das Finanças – APAF em reunião realizada nos dias 11 e 12 de dezembro de 2010, descrito na RESOLUÇÃO CFP Nº 005 /11 onde “Cria o Conselho Regional de Psicologia da 20a Região, fixa novas jurisdições e dá outras providências.” Fonte: [http://crp20.org.br/ohs/data/docs/22/RESOLUCAO\\_CFP\\_005\\_2011.pdf](http://crp20.org.br/ohs/data/docs/22/RESOLUCAO_CFP_005_2011.pdf). Acesso em: 30 mar. 2020.

projeto realizado pelos representantes da seção de Roraima, Rondônia, Acre e Amazonas, ora foi entrave para o desenvolvimento da região, revelada na descrição da postura opositora da gestão que tomou posse no CRP-01, em 2011.

O relato nos deixa pistas de que havia uma questão de diminuição da arrecadação das anuidades, contudo, cabe considerar as possíveis disputas de espaços de representatividade no âmbito nacional, uma vez que, com a separação, a regional do Distrito Federal perderia a abrangência territorial que mantinha há muito tempo.

Fato é que o Conselho Regional de Psicologia da 20ª Região, implementado sob RESOLUÇÃO CFP Nº 005 /11<sup>72</sup>, com sede administrativa em Manaus, passou a atuar nos estados do Amazonas, Rondônia, Roraima e Acre, através de suas respectivas Seções. Os conselheiros efetivos e suplentes que compuseram o primeiro Plenário<sup>73</sup> do CRP-20 (2011-2013) foram eleitos pelos psicólogos residentes nos estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, em pleito realizado no dia 7 de agosto de 2011. Eles adotaram como tema da gestão “Pra cuidar da Profissão”.

Uma outra peculiaridade a ser considerada na Resolução é que os psicólogos residentes nos estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, inscritos no Conselho Regional de Psicologia da 1ª Região, foram automaticamente transferidos para o CRP-20, na data de sua instalação e, em decorrência dessa transferência, os psicólogos deveriam comparecer à Sede ou Seções do novo Conselho Regional para proceder à troca da carteira profissional antiga pela nova, sem ônus, contendo o novo número de inscrição.

Neste contexto de regulamentação, coube uma homenagem aos psicólogos amazonenses que iniciaram suas atividades no início da década de 1970 em Manaus. A João Bosco Bezerra



---

<sup>72</sup> Sob a presidência de Humberto Costa Verona, no dia 27 de fevereiro de 2011, a referida resolução resolveu, dentre outras questões, criar o Conselho Regional de Psicologia da 20ª Região, de sigla CRP-20, com jurisdição nos estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, e com sede na cidade de Manaus (AM). O Conselho Regional de Psicologia da 1ª Região teve sua jurisdição modificada, ficando circunscrita ao estado do Distrito Federal e o novo Conselho Regional foi instalado em agosto de 2011, quando da posse do seu primeiro Plenário, em dia fixado pelo Conselho Federal de Psicologia em conjunto com o Conselho Regional de Psicologia da 1ª Região. Coube ao primeiro Plenário empossado eleger a sua Diretoria e elaborar o Regimento Interno do CRP-20, encaminhando-o ao Conselho Federal para aprovação. Fonte: [http://crp20.org.br/ohs/data/docs/22/RESOLUCAO\\_CFP\\_005\\_2011.pdf](http://crp20.org.br/ohs/data/docs/22/RESOLUCAO_CFP_005_2011.pdf). Acesso em: 30 mar. 20.

<sup>73</sup> I Plenário (2011/2013): “Pra cuidar da Profissão”. Conselheiros Efetivos: Iolete Ribeiro da Silva, Consulena Lopes Leitão. Lígia Maria Duque Johnson de Assis, Maria do Socorro Rodrigues de Souza, Selma de Jesus Cobra, Luciana Oliveira Lopes, Waldir dos Santos Costa, Júlio César Carregari, Déborah Crystina Gomes Barretos. Conselheiros Suplentes: Macleine Paula de Melo, Arianne Pereira de Freitas Vígiato, Sigríd Gabriela Duarte Brito, Sônia Maria Lemos, Patrícia Cavalcante Souza, Ana Lúcia Mitoso de Araujo Carvalho, Janete Santos Vieira, Itamara Scaini Amaral dos Santos, Maria Edith Pereira Martins. Fonte: Termo de Posse do CRP20 de 27 de setembro de 2011.

Araújo foi concedida a inscrição CRP 20/00001 e para Waldir dos Santos Costa CRP 20/00002.

Figura 8 - Carteira de Identidade Profissional de João Bosco Bezerra Araújo, com inscrição 00001, no CRP 20ª região

CARTEIRA DE IDENTIDADE PROFISSIONAL LEI Nº 5766/71		
CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA		
REGIÃO	INSCRIÇÃO	DATA DE INSCRIÇÃO
20ª	00001	06/03/1975
JURISDIÇÃO		VIA
AM/RR/RO/AC		1ª
NOME		
JOAO BOSCO BEZERRA ARAUJO		
FILIAÇÃO		
ANDRE VIDAL DE ARAUJO MILBURGES BEZERRA DE ARAUJO		
NATURALIDADE		
MANAUS/AM		
NACIONALIDADE	DATA NASCIMENTO	
BRASILEIRA	01/10/1936	
LOCAL DE EXPEDIÇÃO	DATA DE EXPEDIÇÃO	
MANAUS-AM	20/12/2011	
ASSINATURA OU CHANCELO MECÂNICA DO CRP		
Iolete R. Silva Presidente CRP - 20		
IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA		
 		
POLEGAR		
CPF		
[REDACTED]		
RG	DATA EXPEDIÇÃO	UF
[REDACTED]	28/11/1963	AM
OBSERVAÇÃO		
[REDACTED]		
ASSINATURA DO PSICÓLOGO		
[REDACTED]		

Fonte: ACERVO PESSOAL DE JOÃO BOSCO BEZERRA ARAÚJO.

Figura 9 - Carteira de Identidade Profissional de Waldir dos Santos Costa, com inscrição 00002, no CRP 20ª região

CARTEIRA DE IDENTIDADE PROFISSIONAL LEI Nº 5766/71		
CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA		
REGIÃO	INSCRIÇÃO	DATA DE INSCRIÇÃO
20ª	00002	10/04/1975
JURISDIÇÃO		VIA
AM/RR/RO/AC		1ª
NOME		
WALDIR DOS SANTOS COSTA		
FILIAÇÃO		
RAUL RODRIGUES DA COSTA JUNIOR IRENE DO SANTOS COSTA		
NATURALIDADE		
MANAUS/AM		
NACIONALIDADE	DATA NASCIMENTO	
BRASILEIRA	15/01/1939	
LOCAL DE EXPEDIÇÃO		DATA DE EXPEDIÇÃO
MANAUS-AM		29/12/2011
ASSINATURA DO PRESIDENTE DO CRP		
Iolete R. Silva Presidente CRP - 20		
IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PSICOLOGO		
 		
CPF		
[REDACTED]		
RG	DATA EXPEDIÇÃO	UF
[REDACTED]	18/06/1974	AM
OBSERVAÇÃO		
Especialista Psicologia Clínica Especialista Psicologia do Trânsito Especialista em: PSICOLOGIA CLÍNICA PSICOLOGIA DO TRÂNSITO		
ASSINATURA DO PSICOLOGO		
Waldir dos Santos Costa		

Fonte: ACERVO FAMILIAR.

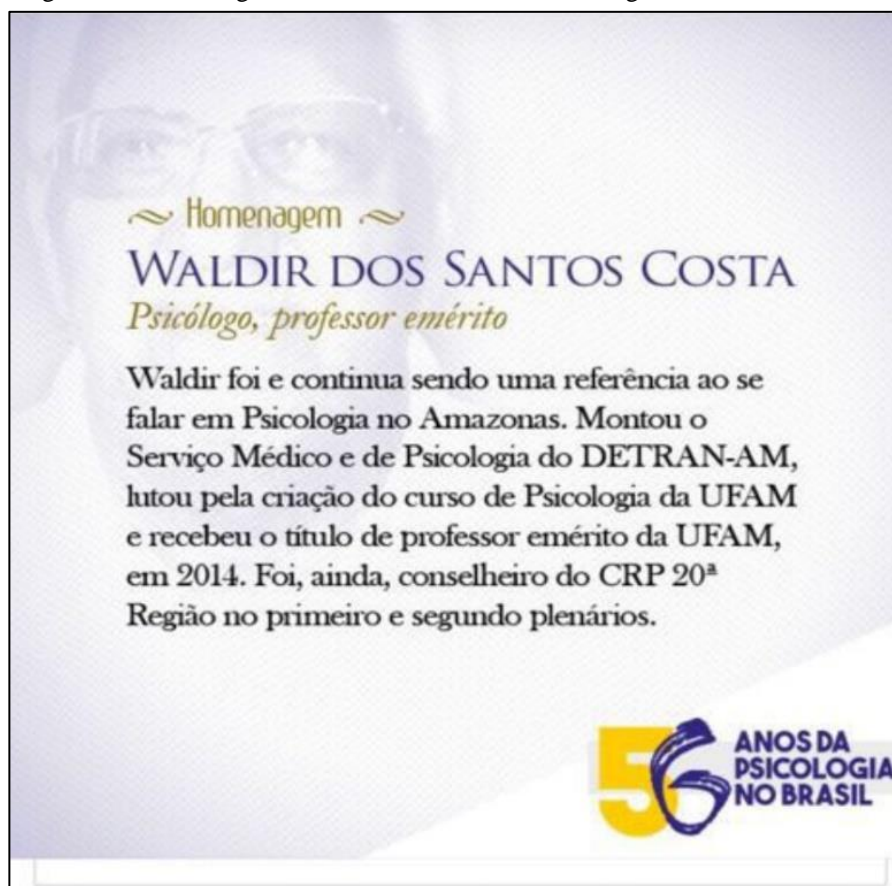
Importante considerar que o professor Waldir participou dos dois primeiros plenários do CRP- 20, o que corresponde aos seis primeiros anos de existência, junto ao Conselho de Ética, como conselheiro efetivo. Sobre sua atuação, Iolete Ribeiro da Silva afirmou:

Eu pude conviver mais diretamente [com o professor Waldir] durante o primeiro plenário (2011/2012), em que todo mês a gente estava ali nas reuniões e a cada vez eu me surpreendia com essa postura dele, de generosidade, de alguém que abria espaços pra outras pessoas. Nos lugares onde ele passou ao longo da história dele foi isso que ele fez. Ele dizia: “Olha existe Psicologia, a Psicologia pode contribuir” e ele começava um trabalho e falava: “Agora eu tô indo para outro lugar, contratem alguém”. Ele foi abrindo espaços de trabalho. Então a generosidade dele se manifestou de várias maneiras, seja nessas de abrir espaço de trabalho, seja no cuidado de manter o nome da profissão, de colocar os profissionais vinculados a uma instituição, respeitando essa instituição. E isso como uma oportunidade de manter a qualidade, não é qualquer um fazer qualquer coisa de qualquer jeito, mas é tendo uma referência. No espaço da Universidade, tanto ele foi muito importante na criação do curso e na abertura que se deu depois, como consequência da existência do curso, que é a ampliação da pesquisa, da produção de conhecimento local (Iolete Ribeiro da Silva, 2019).

O reconhecimento como referência à categoria profissional foi explicitado pelo Conselho Federal de Psicologia, em 2019, mediante homenagem na ocasião das festividades em comemoração aos 56 anos da regulamentação da Psicologia como profissão no Brasil.



Figura 10 - Homenagem do Conselho Federal de Psicologia



Legenda: Reconhecimento ao trabalho realizado no estado do Amazonas por Waldir dos Santos Costa, em 2019, com divulgação ampla nas redes sociais.

Fonte: DOMÍNIO PÚBLICO.

Compreender o relato de Iolete Ribeiro no entrelaçamento da trajetória do professor Waldir, narrar seu engajamento para a representatividade e autonomia da Seção-AM para CRP-20, é uma das formas de valorizar as vozes de quem está construindo, preservando e lutando por espaços de diálogo e representatividade social e política dos(as) psicólogos(as) no Amazonas.

Finalmente, pude constatar que Waldir dos Santos Costa atuou na organização de um órgão que regula a categoria profissional de psicólogos. Ele exerceu, deliberadamente, a função de um intelectual que fez suas inserções no campo social e político da Psicologia no Amazonas.

Observei também que suas inserções foram realizadas de forma continuada na luta por esse espaço social de regulamentação. Desde o período anterior à concepção da APA (1979), quando os documentos dos psicólogos cabiam na caixinha de sapatos, quando ainda não havia um órgão regulamentador da categoria presente no estado do Amazonas, até o segundo plenário do CRP/20 (2013/2016). Manteve presença constante junto ao grupo de psicólogos(as) que visavam gerir e delimitar as fronteiras do campo da Psicologia nesta região.

O discurso daqueles que compuseram sua rede de sociabilidade intelectual, com os quais ele conviveu neste processo, é carregado de respeito para além da esfera acadêmica. Reconhecem nele um profissional engajado e que exercia uma liderança de forma natural, tendo por ele um enorme carinho.

Há de se pensar na constância de suas ações em prol de uma causa coletiva. Foram cinco décadas atuando de forma direta junto à categoria de psicólogos no Amazonas. Causa essa que foi potencializada com seu engajamento para a criação do curso de Psicologia numa instituição federal. Certamente sua trajetória profissional deixa um legado para as novas gerações.

## 5 O LEGADO DO PSICÓLOGO

Se eu pudesse deixar algum presente a você, deixaria aceso o sentimento de amar a vida dos seres humanos. A consciência de aprender tudo o que foi ensinado pelo tempo a fora. Lembraria os erros que foram cometidos para que não mais se repetissem. A capacidade de escolher novos rumos. Deixaria para você, se pudesse, o respeito àquilo que é indispensável. Além do pão, o trabalho. Além do trabalho, ação. E quando tudo faltasse, um segredo: de buscar no interior de si mesmo a resposta e a força para encontrar a saída.  
*Mahatma Gandhi*

A citação de Mahatma Gandhi com a qual Waldir dos Santos Costa finalizou seu discurso como professor emérito, exposta acima em forma de epígrafe, parece demonstrar sentimentos e valores humanos nutridos e partilhados por este protagonista em sua trajetória de vida. Seria ela também uma forma de falar de si? Assim, ao considerar suas intenções em investir esforços nas diferentes dimensões do campo profissional (prática, política e no ensino), ao enxergar o desvelo com o qual acolhia os profissionais de sua rede de sociabilidade intelectual, interrogo: Quais memórias foram construídas sobre ele? Em que momento dizem a respeito dele? Quais memórias Waldir dos Santos Costa selecionou para falar de si?

Pensar sobre esta seleção de informações a seu respeito, realizada no momento de redigir um discurso, somada à coletânea de narrativas de sua rede de sociabilidade sobre a sua trajetória intelectual, conduziu-me a uma reflexão a respeito de um possível legado deixado. Por definição, legar significa deixar, transferir valores e, em sentido figurado, aquilo que é deixado às gerações que se seguem.

Ao observar os documentos guardados por ele e as narrativas de si e de seus pares nesta perspectiva, suspeitei de que poderiam conter a intenção de comunicar suas contribuições para aqueles que dariam continuidade às atividades realizadas nos diferentes campos da Psicologia no Amazonas. Importante ressaltar que o foco de interesse esteve “no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na sua vida”, seguindo os mesmos preceitos deixados por Bosi (1994, p.37).

Neste ensejo, Kotre (1997), ao escrever sobre velhice e revisão de vida, ilustrou dois tipos de memória autobiográfica relevantes a essa fase. A primeira é a instrumental, cujo foco é a recordação do planejamento passado, da solução de problemas e de conquistas de metas. Este tipo de lembrança é útil para sublinhar um sentido de competência no presente. A segunda é a transmissiva, cujo objetivo é passar adiante a herança cultural de alguém ou sua sabedoria pessoal. O autor enfatiza que esta última frequentemente assume a forma de instrução sobre valores de uma época passada. Na dinâmica entre sublinhar competências e a necessidade de

transmitir um legado de valores, ocorre uma revisão de vida, cuja função é a tentativa de colocá-la em ordem, de forma coerente, como se fosse uma antecipação da morte.

É provável que, no momento em que Waldir dos Santos Costa foi comunicado por seus colegas que receberia uma importante honraria da Universidade, tenha iniciado sua revisão de vida e, como produto e seleção de suas memórias, decidiu pontuar suas mais importantes lembranças em seu discurso. Para além de delinear sua trajetória, escolheu revelar o propósito de suas ações. Estaria ele atribuindo sentido ao seu passado para reafirmar seu senso de realização, integridade e competência?

Ao que tudo indica, as memórias são necessárias para a preservação da identidade e “para sustentar as imagens das pessoas que sempre fomos” (KOTRE, 1997, p.183). Ao mesmo tempo em que ele reorganizava sua trajetória de vida em forma de narrativa, com sentido e propósito, criava para aqueles que o ouviam um sentido de continuidade, num formato por meio do qual as gerações vindouras poderão ser inspiradas.

Se, por um lado, havia a intenção de explicitar, de forma escrita, suas principais memórias, como seus pares o viam em sua trajetória profissional? Identificaram em seu itinerário contribuições para as próximas gerações? Quais recordações de Waldir dos Santos Costa se fizeram presentes em sua rede de sociabilidade?

### **5.1 Memórias da rede de sociabilidade intelectual**

À procura de respostas, encontrei narrativas de pessoas que estiveram com ele em momentos importantes do processo de indicação como professor emérito, em registros de professores da área da Educação que estiveram presentes em sua trajetória desde a sua chegada à Universidade, como o caso do Prof. Dr. Thomé Eliziário Tavares<sup>74</sup>, e o da professora Maria Helena Freire<sup>75</sup>, pedagoga que, num primeiro momento, na década de 1970, foi sua aluna e, num segundo, década de 1980, colega como professora universitária. As experiências vivenciadas por este grupo social, neste espaço, possibilitaram a formação de uma memória coletiva, ou seja, “o processo de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo social” (HALBWACHS, 2003, p. 91).

---

<sup>74</sup> Professor Doutor Thomé Eliziário Tavares Filho teve formação em Filosofia, Psicanálise e Teologia. Foi docente e pesquisador da carreira do magistério superior, atuou na Universidade Federal Fluminense e Universidade do Estado do Amazonas. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/3916010205813285>. Acesso em: 06 mar. 2022.

<sup>75</sup> Professora Maria Helena Freire trabalhou no mesmo departamento de Waldir dos Santos Costa como professora na FACED.



Suas narrativas sinalizaram aspectos das possíveis intenções do professor Waldir, da sua forma de agir e de se articular politicamente, neste ensejo, na instituição acadêmica. Também desvelaram um jeito singular de como conduzia seus relacionamentos, apontando para uma forma específica de se vincular às pessoas de maneira amigável, bem-humorada e disponível a conversas.

Este olhar para trás, no intuito de buscar as memórias que os outros construíram da sua trajetória intelectual, começou a tomar forma quando entrevistei o professor Luis Alberto Passos Presa, autor e articulador da proposta que culminou na obtenção do título dado a ele de professor emérito. Este, entusiasmado, entregou-me uma cópia de um e-mail enviado ao professor Waldir, informando-o sobre a recente conquista, um dossiê com depoimentos de professores que estiveram com ele durante o exercício da docência:

Prezado Colega Waldir:

Fostes agraciado, contemplado, com o título honorífico de Professor Emérito da UFAM, pela Faculdade de Psicologia. A decisão foi aprovada em reunião do CONSUNIV que ocorreu terça feira passada, dia 22 de janeiro. Parabéns também pelo seu aniversário em 15/1.

A Comissão composta por Profa. Nair, diretora da enfermagem e os Profs. Nelson Noronha e Jamal Chaar, diretores do ICHL<sup>76</sup> e do ICE<sup>77</sup>, respectivamente, emitiu parecer favorável. Não houve objeções. Houve aprovação por unanimidade. Não sei se eles te contaram... Também não sei se já tens essa bela notícia neste momento.

Afinal, já se passaram três dias...

A data do cerimonial ainda não está marcada. Mas hoje, sexta-feira, 25/1, reservamos o auditório Eulálio Chaves de 11 a 15 de março para a Semana da Psicologia. Sugerimos à secretaria da Reitora Marcia Perales que a concessão possa ser realizada no dia da abertura da Semana da Psicologia, ou seja, segunda-feira, 11/3, a partir da 18:30h.

É uma possibilidade viável. Seria ideal porque todos os acadêmicos em curso te conheceriam. Muitos veriam a Reitora pela primeira vez. E tiraríamos aquelas fotos dos sete fundadores que nunca foram (ainda) tiradas, onde tu és o personagem central. Legal, né?

A propósito, estou sugerindo o nome do João Bosco Araújo para o Diretor do ICHL (Filosofia) Nelson Noronha, no sentido de que ele proponha a mesma homenagem ao Bosco, visto que sem dúvida ele também merece. E tu sabes melhor do que ninguém o quanto... Foi ele que ministrou nossa aula inaugural em 1996. O Cyrino admira muito o Bosco.

Por fim, segue em anexo alguns depoimentos nossos sobre você, os quais agora tenho o prazer de te passar.

Precisava aguardar o resultado da Comissão. Segue com cópia aos colegas que deporaram para que constatem os resultados positivos dos seus depoimentos.

Abraços, Luis Alberto (número do telefone celular) (Correspondência eletrônica enviada ao professor Waldir dos Santos Costa, por Luis Alberto Passos Presa, em 25 de janeiro de 2014).

A cópia dos depoimentos que compuseram o dossiê do então candidato a professor

---

<sup>76</sup> Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade do Amazonas ICHL/UA. Atualmente, se chama Instituto De Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (IFCHS/UFAM).

<sup>77</sup> ICE: Instituto de Ciências da Educação.

emérito não só corroborou a percepção das principais áreas de atuação acadêmica, como também me fez enxergar novos personagens que estiveram junto a ele nesta caminhada. Ademais, os membros de sua rede de sociabilidade intelectual explicitaram em depoimentos as memórias construídas sobre ele.

O documento organizado pelo professor Luis Alberto Passos Presa foi encaminhado à Comissão responsável pela análise do mérito no dia 1 de novembro de 2012. Foi dividido com depoimentos de professores universitários atuantes e pertencentes a três campos de atuação: a Faculdade de Educação (FACED/UFAM), a Faculdade de Psicologia (Fapsi/UFAM) e o Conselho Regional de Psicologia (CRP/20).

A FACED teve a representatividade da professora aposentada Maria Helena Freire e do Professor Doutor Thomé Eliziário Tavares Filho; a Fapsi com os depoimentos dos pioneiros da Psicologia nesta instituição, a saber, das(os) Professoras(es) Doutoras(es) Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, Lídia Rochedo Ferraz, Luis Alberto Passos Presa, Nazaré Maria de Albuquerque Hayasida, Raquel de Almeida Castro e Rosângela Dutra de Moraes. Representando o Conselho Regional de Psicologia (CRP/20), o Professor Doutor José Humberto da Silva Filho e a Professora Doutora Iolete Ribeiro da Silva, que à época era presidente do CRP/20 e diretora da FAPSI, ambos professores da UFAM.

Com o intuito de descortinar suas memórias coletivas e, neste exercício, revelar indícios de trajetória intelectual e rede de sociabilidade deste protagonista, a seguir transcrevo os depoimentos dos professores supracitados. Para ser fiel ao documento enviado à comissão destinada à avaliação da candidatura, colocarei as narrativas na íntegra, na sequência supracitada, na mesma ordem de aparecimento no dossiê.

A primeira narrativa a encabeçar a lista foi escrita por uma ex-aluna do curso de Pedagogia que, num momento posterior, fez parte do corpo docente no mesmo departamento do professor Waldir. Nele, evidencia-se a constância de um modo de ser que, para além da competência e ética, mostrou disponibilidade afetiva para escutar e aconselhar colegas de profissão sobre assuntos da vida privada. A professora Maria Helena Freire relata o seguinte:

Fui aluna do Prof. Waldir no curso de Pedagogia. Logo depois me tornei sua colega quando prestei concurso para a FACED. Convivi com ele bastante tempo, o suficiente para conhecer a pessoa especial que é, tanto no campo profissional e me sinto autorizada a falar de sua competência profissional, da ética com que sempre se conduziu e também sobre o excelente amigo e aconselhador.

Sempre foi capaz de fazer ponderações pertinentes e seguras quando conversávamos sobre trabalho, sobre alunos, sobre família (filhos principalmente) o que me fez muito bem. A criação do curso de Psicologia foi tema constante, pois era um sonho por ele acalentado e que viria depois se tornar realidade graças ao seu interesse e empenho para a realização desse projeto.

Agradeço ao Waldir pelas aulas de Aconselhamento Psicopedagógico, pela paciência

e sabedoria e bom humor que sempre manifestou nos nossos intermináveis “bate papos” nos corredores. Considero que essa homenagem que a UFAM agora presta é devidamente merecida e justa. (Maria Helena Freire, 1 de novembro de 2012).

O depoimento dado pelo professor e psicólogo Thomé Eliziário Tavares mostrou nuances das várias áreas de atuação do professor Waldir no estado do Amazonas, ressaltando sua função como educador. Ele afirma:

Conheço o Professor Waldir Santos desde os meados dos anos 80 quando ingressei na Universidade, e o tenho como o principal precursor da História da Psicologia no Estado do Amazonas, pois sempre teve um sonho acalentado da criação do curso de Psicologia na UFAM. Nesse tempo, havia muitos Psicólogos lotados no Departamento de Teoria e Fundamentos da Faculdade de Educação, atuando na área de Psicologia da Educação.

No final da década de 90, na ocasião em que a FACED se transferiu para o ICHL, finalmente se implantou o curso de Psicologia sendo o professor Waldir o principal protagonista dessa conquista. Assim, o Professor Waldir é referência em nosso Estado, como Educador, como Psicólogo, atuando com eficiência e competência na área Clínica, na área técnica, na área de Recursos humanos, e na Educação como um excelente Professor/Orientador (Thomé Tavares). (Thomé Eliziário Tavares Filho, 1 de novembro de 2012).

Na sequência, a escrita da professora da Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa aparece como um sinal de alerta ao que deve ser priorizado na avaliação do mérito acadêmico na análise do dossiê. A despeito de a UFAM ter critérios abrangentes para concessão do título, ela considera o seguinte:

Acho importantíssimo argumentar que a avaliação do mérito não recaia nos critérios atuais da CAPES, CNPq etc., e sim no histórico e contribuição ao longo da trajetória do Waldir, em um momento completamente diferente do cenário acadêmico atual. Pessoas da FACED que trabalharam com Waldir antes de 1992 também podem fornecer ricos depoimentos sobre as qualidades do colega Professor Waldir dos Santos Costa (Cláudia Regina Brandão Sampaio, 1 de novembro de 2012).

A professora Lídia Rochedo Ferraz mostrou que a coesão do grupo de professores psicólogos se deu a partir de um propósito que extrapolava os objetivos individuais relacionados à carreira acadêmica. Revelou também que, mesmo aposentado e distante das atividades docente, o professor Waldir era uma força incentivadora para continuidade do processo de desenvolvimento do curso de Psicologia. Ela revela:

Conheci o professor Waldir em 1992, quando ingressei no Departamento de Teoria e Fundamentos da Faculdade de Educação da Universidade do Amazonas. Inicialmente, não tivemos muito contato, pois trabalhávamos em horários diferentes, mas uma inquietação cada vez mais nos aproximava, pois o desejo de criar o curso de Psicologia extrapolava nossas individualidades.

No trabalho de criação desse curso, vale destacar o empenho e dedicação do prof. Waldir, num empreendimento bastante ousado para seis professores, dentre eles, cinco em início de carreira acadêmica. Waldir nos motiva a iniciar e a continuar esse processo, com sabedoria, desprendimento e atenção às nossas ideias, expectativas,

tensões e angústias. O conhecimento dos tramites administrativos e a facilidade na condução do relacionamento interpessoal foram fatores significativos para o andamento das atividades e a construção do curso de Psicologia da UFAM.

A positividade, o bom humor, a serenidade na realização das atividades marcou nossos encontros. Waldir nos impregnava com dinamismo e desejo de realização. Um amigo, que antevia nossas preocupações e mesmo após sua aposentadoria, esteve pronto a aconselhar o grupo iniciante.

Waldir tem o seu nome na história da Psicologia do Amazonas, participando na organização do Conselho Regional de Psicologia, na Faculdade de Educação /UFAM, no DETRAN, na produção de programas de Educação para o Trânsito, e nas diferentes parcerias que travou para a inserção da psicologia em diferentes espaços públicos e/ou privados (Lídia Rochedo Ferraz, 1 de novembro de 2012).

Além da competência como educador e o mérito calcado no empenho de criar o curso, os depoimentos repetem as características do temperamento e da forma como o professor Waldir conduzia seus relacionamentos dentro da Universidade. Neste sentido, posso deduzir que isso também o colocava em destaque, conferindo a ele poder de influenciar por meio de seu jeito cativante, acolhedor, amigo e aconselhador. Assim, ter conhecimento dos trâmites administrativos e habilidade na condução dos relacionamentos interpessoais eram “ativos” com importante valor social.

Concernente ao mérito do título, a escrita da professora Cláudia Sampaio solicitou que a avaliação do merecimento em receber a honra não recaísse nos crivos atuais das instituições que estabelecem critérios, tais como ter galgado o título de mestre, doutor, publicações de livros ou artigos. Aliás, o professor Waldir não possuiu tais credenciais. Mesmo assim, indo na contramão dos valores acadêmicos do século XXI, o grupo de psicólogos doutores ousou indicá-lo à maior honra acadêmica, forjando neste ato o reconhecimento de um trabalho realizado por décadas e a construção de uma memória social do grupo de psicólogos pioneiros.

Tal intenção parece ficar ainda mais clara na escrita do professor Luis Alberto Passos Presa, que apresenta o professor Waldir sob a perspectiva de alguém que se empenhou por um bem coletivo. Em sua narrativa, fica implícito que ele respondeu adequadamente às demandas de uma época e, por este motivo, era digno de receber honra, narrando da seguinte forma:

Em 1994 não havia curso de Psicologia na UFAM. Waldir, motivado por um notável idealismo público, motivou o grupo para criar o curso de Psicologia. Houve o apoio dos Diretores e Coordenadores da FACED. Deduzo que esse apoio integral à ideia de criar um novo curso dentro da FACED, que podia ser visto como rival, somente ocorreu devido a capacidade do Waldir de estabelecer relações interpessoais fundamentadas no respeito, bom humor, coleguismo e ética. Penso que se ele não tivesse essa característica haveria entraves para que o Curso de Psicologia nascesse dentro da FACED. Waldir é o grande fundador do Curso de Psicologia da UFAM.

[...] Em 2009, eu estava na fase de coleta de dados para a Tese de Doutorado sobre a raiva dos motoristas. Procurei o DETRAN-AM, através do Waldir, para obter acesso a motoristas infratores, a fim de aplicar testes psicológicos.

Waldir, como sempre, foi extremamente receptivo e colaborador, encaminhando-me aos outros setores do DETRAN-AM.

Waldir trabalhou na UFAM como professor numa época em que não se exigia qualificação contínua na carreira docente (Especialização, Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado). Tampouco se estimulava a produção e publicação de artigos em periódicos indexados, como ocorre atualmente.

Desse modo, Waldir dedicou-se às tarefas, ao trabalho prático, com ênfase no Ensino, em detrimento à Pesquisa e Extensão. Waldir é um incentivador das pessoas, dotado de um cativante coleguismo.

Quanto à profissão de psicólogo, Waldir é um grande articulador em sua organização no Estado do Amazonas. Há cerca de 40 anos Waldir trabalha no Conselho Regional de Psicologia. Foi seu primeiro Coordenador há 20 anos. Atualmente, está na diretoria do mesmo. São inestimáveis e até pouco conhecidas as contribuições de Waldir em sua atuação no CRP.

Se o tempo de serviço de Waldir na UFAM é inferior a 25 anos (22 anos), seus trabalhos e produções fora da UFAM são tão numerosos e relevantes que poderiam justificar com sobras um requerimento de Doutor Honoris Causa.

Nós seis, Luis, Cláudia, Lidia, Nazaré, Raquel e Rosângela, hoje todos Doutores, em algum aspecto sutil, fomos influenciados e facilitados pelo Waldir para que seguíssemos nossas trajetórias de qualificação (títulos e publicações). Imaginamos que com outros inúmeros colegas, Waldir significava algo semelhante, pois ele possui a rara qualidade de expressar: “Vão vocês primeiro. Depois, se der, eu vou”.

Desejamos que os jovens, especialmente os acadêmicos dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia, conheçam Waldir, seus méritos, suas produções, seu significado essencial e crucial na existência da Faculdade de Psicologia.

Enfim, nos 16 anos de existência do curso de Psicologia, é a primeira vez que solicitamos uma concessão dessa natureza, a qual julgamos ser extremamente justa e merecida. (Luis Alberto Passos Presa, 1 de novembro de 2012).

A despeito de o professor Waldir ter se dedicado ao ensino em detrimento da extensão e pesquisa, incentivou fortemente o grupo de psicólogos a seguirem a carreira *stricto sensu*. É possível pensar que enxergava a impossibilidade de sobreviver no meio acadêmico de outra forma, a partir de então. Portanto, os manejos administrativos feitos por ele e a sua insistência para que o grupo se capacitasse eram uma estratégia assertiva para a ocupação e gerenciamento dos espaços da Psicologia na UFAM por esta geração.

Vale pensar na construção dessas memórias também como um ato político. Os seis psicólogos, ao homenagearem Waldir dos Santos Costa, inscreviam seus nomes na história que estava sendo narrada.

Neste sentido, a narrativa escrita pela professora Nazaré Hayasida, psicóloga que ingressou na UFAM juntamente com o professor Luis Presa, diz o seguinte:

O desprendimento, luta e interesse formam provas e continuam sendo as características do Waldir. Nós somos mensageiros e continuadores dos mesmos ideais implantados por ele, como mentor na criação do curso, há 15 anos, bem como do próprio CRP, hoje Regional/20 [ele foi o 2º. Psicólogo a cumprir o mandato de presidente no CRP/AM<sup>78</sup>] (Nazaré Maria de Albuquerque Hayasida, 1 de novembro de 2012).

---

<sup>78</sup> Provavelmente a professora Nazaré Hayasida estava se referindo à trajetória do professor Waldir na organização da entidade de classe profissional, anterior à instituição do CRP/20, no qual ele fez parte da diretoria nas duas primeiras plenárias, contudo, não ocupou o cargo de presidente. Para maiores esclarecimentos, consultar o quarto capítulo desta tese.

Em seguida, o depoimento da professora Raquel de Almeida Castro:

O professor Waldir representa para o grupo de psicólogos da Universidade Federal do Amazonas uma referência profissional e pessoal. Sua motivação para a fundação do curso de Psicologia possibilitou de forma efetiva que os profissionais também desenvolvessem a sua motivação pessoal para esse projeto. Como psicólogos iniciando na carreira do magistério superior tomamos a sua atuação, visão sobre a educação e, sobretudo, sua trajetória como professor e psicólogo para construir a nossa identidade profissional e também para a construção do curso de Psicologia. Sua orientação como educador foi fundamental para que, contando apenas com a formação na área da psicologia, permitisse ao grupo a elaboração de algo tão complexo como um projeto de um curso superior.

Opino que essa é uma merecidíssima homenagem. Se conseguimos conquistar a titulação de Doutor isso muito se deve ao apoio e incentivo permanentes que o colega Waldir sempre nos proporcionou e continua proporcionando. Sugiro que quando o prédio da Psicologia for inaugurado, esse se chame Prof. Emérito Waldir dos Santos Costa (Raquel de Almeida Castro, 1 de novembro de 2012).

Neste relato, há algo singular que merece atenção, pois aponta para um fato que esteve implícito em todos os demais. Nele, a professora Raquel de Almeida Castro descreve a atuação do professor Waldir na construção da identidade do grupo, precedendo a construção do curso de Psicologia.

Quando se estabelece um novo grupo, este passa a existir a partir das distinções que apresenta em relação aos outros. O que significa dizer que os movimentos anteriores de formação de um departamento de Psicologia delimitaram as fronteiras de pertencimento ao coletivo de psicólogos. Neste contexto, é importante lembrar um outro fator a ser observado por Pollak (1992), ao afirmar que a própria memória é um elemento estabelecedor deste sentido de pertencimento. Ele afirma o seguinte:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Assim, é interessante observar que as narrativas denotam a delimitação de um grupo que se estabeleceu, desenvolveu um trabalho coletivo por um período contínuo, que expressou senso de coerência nas ações realizadas na universidade e que, por meio do dossiê, buscava reconhecimento, abrangente aos pioneiros, no ato da indicação a um emérito. Este desejo ficou explicitado nos pronomes possessivos presentes nas narrativas “nosso grupo que criou o curso [...], “nós seis, os fundadores do curso de Psicologia”:

Nosso grupo que criou o curso de Psicologia da UFAM não teria obtido êxito na empreitada se não houvesse Waldir dos Santos Costa liderando e coordenando os trabalhos de criação. Desse modo, em minha opinião, apenas por ter criado o curso de Psicologia, já justificaria a concessão do título honorífico de Professor Emérito. Abnegado e desprendido de interesses pessoais, Waldir foi o grande incentivador para que seguíssemos nossas trajetórias de Capacitação Docente. De fato, nós seis, os

fundadores do curso de Psicologia, hoje temos o título de Doutor. Somente ele não o possui, porém tem todos os méritos. Nesse sentido, fui a primeira pessoa do grupo fundador a estimular o início dos tramites para a concessão do título ao prof. Waldir (Rosângela Dutra de Moraes, 1 de novembro de 2012).

Nesse movimento de indicação para a homenagem de um professor, firma-se também o senso de pertencimento e identidade social de um grupo. As duas narrativas que seguem foram as representantes do Conselho Regional de Psicologia (CRP/20), a começar com a do professor José Humberto da Silva Filho:

Homenageamos o prof. Waldir em 2001 quando eu era Coordenador da Seção Amazonas do CRP pelos seus relevantes serviços prestados no que se refere ao desenvolvimento e reconhecimento da profissão de psicólogo no Amazonas. Criamos o prêmio Waldir dos Santos Costa, sendo que a Profa. Cláudia Regina foi a primeira vencedora. Considero que a UFAM e a FAPSI estão prestando uma justíssima homenagem a um dos mais importantes (senão o mais importante) vulto da História da Psicologia no Amazonas. (José Humberto da Silva Filho, 1 de novembro de 2012).

A professora Iolete Ribeiro da Silva complementa ao afirmar:

Atualmente, sou coordenadora do recém-criado Conselho Regional de Psicologia da 20ª. Região (AM, RO, RR, AC). O prof. Waldir faz parte da Diretoria como membro conselheiro. Em nossas plenárias aos sábados, Waldir sempre comparece. Ele é a referência mais erudita ao qual todos recorremos em assuntos complicados que necessitam de deliberação. Aos 74 anos de idade, com notável disposição e entusiasmo, Waldir enriquece de modo competente, experiente e sobretudo com cuidados éticos a nossa gestão. Waldir participa do CRP há décadas; foi seu primeiro coordenador em Manaus, Amazonas (Iolete Ribeiro da Silva, 1 de novembro de 2012<sup>79</sup>).

Considerar a trajetória acadêmica do professor Waldir para encaixá-lo na classificação de intelectual dentro da Universidade seria reduzir sua atuação no campo da Psicologia amazonense. Conforme descrito nos capítulos anteriores, ele ocupou diversas funções e posições em mais de quatro décadas de trabalho dedicado à área, criando serviços específicos, gerando empregabilidade, viabilizando capacitação na área do trânsito, fomentando a organização da entidade de representação e regulamentação da classe de profissionais e, finalmente, implementando e coordenando o curso de Psicologia na UFAM. A vida de uma pessoa que aponta para a dinâmica de atividades e agregação de um grupo onde se inscreve parte da escrita da história de uma profissão.

É no conjunto e na dinâmica de tais atividades que se pode perceber os processos de mudanças em que se inscreve a sua trajetória de vida na história da Psicologia no Amazonas. É também neste desencadear de acontecimentos que se pode enxergar um personagem carismático, persistente e bem articulado, empenhado em consolidar seu campo específico.

---

<sup>79</sup> Neste ensejo, a Profa. Dra. Iolete Ribeiro da Silva ocupava também o cargo de Diretora da FAPSI/UFAM.

Um professor que decidiu, com todas as incertezas inerentes, não se capacitar na carreira *stricto sensu*, mas que incentivou a capacitação docente dos que faziam parte do DEPSI, como forma de ocupar posição e espaços acadêmicos de poder. O reconhecimento explicitado por seus pares o insere como intelectual, porque indicam a distinção com a qual sempre atuou e de forma estratégica a fomentar espaços políticos e sociais para a Psicologia. As lembranças individuais dos membros de sua rede intelectual provavelmente estiveram ancoradas nas relações de pertencimento àquele grupo.

Os esforços coletivos para a preservação da memória do professor Waldir são contínuos. Um deles foi a homenagem feita pelos alunos dando o nome dele ao Centro Acadêmico de Psicologia da UFAM (CAPSICO/UFAM). Atualmente existe o desejo explicitado de professores da Fapsi em prestar tributo semelhante no momento da inauguração do novo prédio desta faculdade.

Ao me aprofundar nas minúcias das honrarias prestadas, tive a oportunidade de analisar a Ata<sup>80</sup> da sessão solene à outorga do Título Honorífico de Professor Emérito concedida ao professor Waldir, por mim acolhida como fonte documental. Nela, estão a descrição ritualística do momento, contendo a lista dos que estavam ali para prestigiar o homenageado e o discurso na íntegra do professor Waldir. Além de fonte, concebi este documento como um “lugar de memória”, ao concordar com Pierre Nora, quando assegura:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais (NORA, 1993, p. 13).

Tendo previamente no repertório inúmeras horas de entrevistas gravadas buscando compreender sua história de vida, agora, diante deste documento, perguntei-me: Quais singularidades de sua trajetória de vida foram selecionadas por ele para serem divulgadas em forma de oratória? Que memórias o professor selecionou para falar de si?

## **5.2 *Habemus* um emérito: o professor dos doutores!**

---

<sup>80</sup> Uma ata pode ser qualificada enquanto registro formal de um encontro promovido por um órgão, associação, entidade ou grupo de sujeitos, tanto com seus pares quanto subordinados, visando deliberar sobre assuntos de interesse comum ou repassar informações. É um potencial documento com valor jurídico, e tem a prerrogativa de consubstanciar se enquanto um fiel registro do que ocorreu na reunião (deliberações, decisões, discussões) e por esse motivo pode servir como uma rica fonte documental, sobretudo para a história da educação. Fonte: ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. As atas de reuniões enquanto fontes para a história da educação: pautando a discussão a partir de um estudo de caso. *Educação Unisinos* 11(2):103-110, maio/agosto 2007.



“Nemo summo fit repenter”, nada de muito grande se faz repentinamente, “A solis ortu usque ad occasum”, do nascer do sol até o ocaso (Waldir dos Santos Costa, 26 de março de 2014).

Sob a presidência da Reitora e presidente do Conselho Universitário, professora doutora Márcia Perales Mendes Silva, a sessão solene de outorga do Título Honorífico de Professor Emérito ao professor Waldir foi realizada no dia 26 de março de 2014, às nove horas, no Auditório da Faculdade de Direito da UFAM. A mesa diretora foi composta pelo Vice-Reitor, professor doutor Hedinaldo Narciso Lima, a Representante do Conselho Regional de Psicologia do Amazonas, professora doutora Iolete Ribeiro da Silva e o Diretor em exercício da Faculdade de Psicologia, Professor Mestre Sergio Sócrates Baçal de Oliveira. Após a composição da mesa, todos os presentes foram convidados a ficarem de pé para receber o homenageado, acompanhado da professora doutora Nazaré Maria de Albuquerque Hayashida.

O professor Waldir vestia terno e gravata, apesar de apresentar resistência em se trajar dessa forma, cedeu aos apelos da família, sob a justificativa de que a ocasião pedia tal indumentária.

Ele era uma pessoa muito simples [...] ele nem queria ir porque tinha que usar paletó. Claro que ele iria, mas ele não queria usar o paletó [risos]. E o paletó que ele usou era um paletó de mil novecentos e bolinha, que era um único que ele tinha, pra você ver que ele realmente não gostava. E ele foi, colocou o paletó na lavanderia e tal e nós todos fomos. Foi uma homenagem maravilhosa (Natália Costa, 2019).

Após a execução do Hino Nacional Brasileiro, a palavra foi entregue ao professor Luis Alberto Passos Presa para saudar o homenageado. Inicialmente pontuou o lugar social que ocupava para proferir seu discurso: “Falo em nome dos colegas professores e dos acadêmicos” (Luis Alberto Presa, 2014). Ele tinha autoridade para fazer tal afirmação, afinal, ficara responsável pelo dossiê de indicação ao título e, portanto, conhecia as minúcias dos depoimentos que compuseram o documento.

Inicialmente, contextualizou a atmosfera que envolvia aquele momento, ao afirmar: “O espírito predominante desta sessão é a gratidão” (Luis Alberto Presa, 2014), sendo este o principal sentimento dos colegas ali presentes, demonstrado em forma de reconhecimento público por meio do título a ser entregue.

Descreveu a relevância de se obter tal título e incitou os presentes a olharem para o fundo do auditório: “Vejam, ao fundo deste auditório, há quatro retratos: são os professores eméritos da secular Faculdade de Direito, que gentilmente nos abriga nesta sessão. O Professor Emérito Waldir dos Santos Costa é a primeira indicação da Faculdade de Psicologia, criada há seis anos” (Luis Alberto Presa, 2014).

Até o dia da cerimônia, havia quatro quadros de professores eméritos na parede do auditório. Contudo, a UFAM contava com cinco professores homenageados. O primeiro deles foi o professor de Direito José Russo (Resolução 041/2007). Em seguida, contemplados numa mesma resolução, (034/2008) Afrânio de Sá, graduado e mestre em Direito, o médico Carlos Augusto Telles de Borborema e a educadora Mirian Trindade Garrett. O quinto a receber o título foi o arquiteto Severiano Mário Vieira de Magalhães Porto e o sexto, naquele exato momento, sob a resolução 001/2013, o professor Waldir dos Santos Costa.

Após ele, apenas outros três receberam a honraria, o médico Júlio Rufino Torres em 2014, o jornalista Walmir de Albuquerque Barbosa em 2015 e, por último, o biólogo Spartaco Astolfi Filho em 2019. Assim, até o momento, a UFAM conta com nove professores eméritos.

O professor José Russo foi diretor da Faculdade de Direito no período de 1995 a 2004 e a decisão unânime do colegiado considerou sua trajetória ímpar na Universidade. A partir dele, é interessante observar a semelhança das motivações de concessão da honra até o ano de 2015. A maioria é de professores que contribuíram para a construção de algo dentro da Universidade, em sua área específica do ensino, e investiram, ou seja, empreenderam em algum fato inaugurador.

Carlos Augusto Telles de Borborema, na década de 1970, criou no Hospital Getúlio Vargas uma enfermagem para tratar pacientes com doenças tropicais infecto-parasitárias. Tal iniciativa se tornou relevante, pois foi o embrião para a construção do Hospital de Moléstias Tropicais, que depois se transformou na atual Fundação de Medicina Tropical Dr. Heitor Vieira Dourado (FMT-HVD), referência brasileira da especialidade médica.

Juntamente com ele e Afrânio de Sá, a educadora Mirian Trindade Garrett recebeu o título de professora emérita como reconhecimento pela participação na construção da UFAM. De igual forma, Severiano Mário Vieira de Magalhães Porto, conhecido como "O arquiteto da Amazônia", idealizou mais de 300 projetos, dentre eles o do campus universitário da Universidade.

Somente em 2015 se observa uma mudança do padrão de critérios ao recebimento do título. Além do destaque na área do ensino, a partir deste ano, parece contar como reconhecimento a produção acadêmica por meio da publicação de livros e artigos científicos. Tais indícios são evidentes ao se observar a trajetória do jornalista Walmir de Albuquerque Barbosa, com a produção de 19 livros, três artigos, cinco capítulos de livros, dentre outras produções.

Finalmente, para fechar o cenário de eméritos do qual o professor Waldir é parte, o último homenageado foi o professor Spartaco Astolfi Filho, idealizador do Programa Brasileiro

de Ecologia Molecular para o Uso Sustentável da Biodiversidade da Amazônia PROBEM/Amazônia, um programa do Governo Federal que objetivou o desenvolvimento sustentável da Região Amazônica por meio da implementação de Polos de Bioindústrias com tecnologias amigáveis ao meio ambiente. Orientou, até o momento, 77 dissertações e 45 teses, publicou 116 artigos científicos completos em revistas indexadas e desenvolveu diversos processos biotecnológicos, sendo que 3 deles foram motivos de concessão de patentes internacionais.

É importante dizer que as universidades têm autonomia para estabelecer seus critérios para indicação e obtenção do título de emérito. Ainda que de forma não explicitada, no âmbito acadêmico, sabemos que tal honra é dada a professores ilustres, aposentados, que tiveram prestígio e reconhecimento, dentro de um sistema de valores de acordo com o período de atuação.

O Regimento Geral da UFAM, publicado no Diário Oficial da União em 16 de junho de 2017<sup>81</sup>, disciplina os aspectos de organização e funcionamento comuns aos vários órgãos e serviços, afirma no Artigo 89 que a Universidade poderá conferir títulos honoríficos, mediante proposta justificada do Reitor ou de Colegiados: “de Professor Emérito, aos docentes do seu quadro efetivo que tenham alcançado posição eminente no ensino, na pesquisa ou na extensão.” Neste ensejo, no âmbito acadêmico, é possível situar o professor Waldir com distinção na área do ensino, visto que não se implicou diretamente em pesquisas e não publicou livros ou artigos científicos.

O certificado que lhe conferiu o título apresenta as razões da obtenção desta honraria, o documento leva os brasões do Ministério da Educação da República Federativa do Brasil, concedido pela autoridade da Reitora da Universidade Federal do Amazonas, tendo como base seu estatuto, por decisão unânime de um colegiado de professores, conforme apresenta a figura a seguir.

---

<sup>81</sup> A data de publicação do Regimento no Diário Oficial da União é posterior à concessão do título de professor emérito ao professor Waldir. Não foram encontradas publicações anteriores que estabelecessem critérios anteriores a este. Presume-se que não foram alterados.

Figura 11 - Certificado do título de Professor Emérito da Universidade Federal do Amazonas



Legenda: Certificação conferindo a Waldir dos Santos Costa o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Amazonas, em 26 de março de 2014.

Fonte: ACERVO FAMILIAR.

Narrar e distinguir a trajetória profissional do professor Waldir diante da sessão solene também sinalizou a todos os desafios que um determinado período demandou deste profissional. Nas décadas de 1970, 1980 e até meados de 1990, não era condição *sine qua non* à docência ter mestrado e doutorado. Algo que se transformou nas últimas décadas e, desde então, novos critérios de reconhecimento acadêmico têm se apresentado. O mérito ali em pauta parecia estar na habilidade de atuar de diferentes formas para constituir espaços próprios da Psicologia, não só na Universidade, mas na sociedade amazonense.

Após relatar aspectos fundamentais da trajetória profissional do professor Waldir, o professor Luis Alberto Passos Presa encerrou seu discurso da seguinte forma:

Nós seis, Cláudia, Lidia, Nazaré, Raquel e Rosângela e eu, hoje todos Doutores, sutilmente fomos facilitados pelo Waldir para que seguíssemos nossas trajetórias de qualificação.

Waldir nos apoiou. Ele é o Professor dos Doutores, reconhecimento unânime entre nós seis. Repito: Waldir é o professor dos Doutores.

Nosso prédio próprio está para começar a ser construído. Desde já sugerimos o nome do prédio: Professor Waldir dos Santos Costa.

Finalizando, cito o título do famoso filme com o ator Sidney Poitier no papel de professor. Ao Mestre, com carinho!

Muito obrigado a todos! (Prof. Dr. Luis Alberto Passos Presa, 26 de março de 2014, parte do discurso proferido na cerimônia de concessão do título de professor emérito dado ao professor Waldir dos Santos Costa).

O título honorífico parece apontar para uma prova necessária de honra e para a ocupação de um espaço de reconhecimento interno, para a classe de psicólogos, e externo, para a comunidade acadêmica em geral. Foi um momento nobre de visibilidade da categoria de psicólogos, para além dos muros da Universidade.

Buscava-se naquele ato de honra fomentar uma memória histórica? De acordo com Halbwachs (2003, p. 109), a memória histórica, diferentemente da memória coletiva, “busca respostas para o presente no passado”. Como as seguintes gerações de psicólogos conheceriam o processo de implementação do curso de Psicologia na UFAM, se não houvesse algo de concreto para apoiarem suas memórias? O questionamento faz pensar que o ato trouxe consigo uma luta pela preservação das memórias e conquistas coletivas dessa geração de psicólogos.

Além disso, encontra-se no discurso do professor Luis Presa elementos que apontam para a importância do seu trabalho na construção da identidade social da profissão nesta região. Ele revela:

Waldir trabalhou na UFAM como professor numa época em que não se dava muita ênfase à qualificação docente (Mestrado, Doutorado etc.). A importância da produção e publicação de artigos não era tão importante como é atualmente. Desse modo, Waldir dedicou-se às tarefas, ao trabalho prático, com ênfase no Ensino. Waldir tem prestado relevantes serviços a nossa categoria através do Conselho Regional de Psicologia. Foi seu primeiro Coordenador há mais de 20 anos. Atualmente está na Diretoria do mesmo. (Prof. Dr. Luis Alberto Passos Presa, 26 de março de 2014, parte do discurso proferido na cerimônia de concessão do título de professor emérito dado ao professor Waldir dos Santos Costa).

Fato é que este gesto, a manifestação da honra, valorizou tanto o trabalho docente na área do ensino quanto colocou a classe de psicólogos em situação de prestígio, destacando um período relevante de organização e desenvolvimento da Psicologia na cidade de Manaus, uma vez que pontuou fatos relevantes à história da profissão.

Neste discurso de saudação, pode ser descortinada uma dimensão expressiva no campo acadêmico, no que diz respeito à hierarquia e ao seu sistema de valores exaltados naquele ato, a saber, a sua dedicação com excelência às tarefas do cotidiano docente, ao trabalho prático na sala de aula e às questões de coordenação, inerentes ao exercício diário do professor. No grupo de sete, ele se distinguiu dos demais, persuadindo-os para a ação, além de facilitar a qualificação docente do time de psicólogos. Fica explícito o elogio à sua experiência, o carinho e a gratidão dos que caminhavam com ele.

Após o pronunciamento do professor Luis Presa, foi outorgado pela reitora o título honorífico de Professor Emérito. O diploma foi entregue e a palavra foi concedida ao homenageado. A filha caçula, Natália Costa, destacou que se lembrava de dois momentos na

vida em que viu seu pai emocionado a ponto de chorar: a primeira foi durante um almoço, logo após o falecimento do seu irmão e, a segunda vez, foi no instante em que começou a proferir o discurso como professor emérito.

"Bom dia! 'Nemo summo fit repenter a solis ortu usque ad occasum'<sup>82</sup>" foram as primeiras palavras pronunciadas por ele<sup>83</sup>. Inevitavelmente, a citação em latim me fez pensar em suas referências religiosas, o seminário salesiano no qual estudou e atuou nas décadas de 1950 e início da década de 1960, quando as missas ainda eram realizadas neste idioma. Nela, fica implícita a percepção de uma trajetória de vida acadêmica construída com persistência, dedicação e, paralelamente, revela o seu modo de ser, em forma de memória e consciência de si. Estaria ele reconhecendo sua insistência e paciência no decorrer das quatro décadas?

A frase introdutória foi complementada por outra que lançaria luz a algo que parecia ser essencial ao professor Waldir, ao mesmo tempo em que me deu pistas para pensar a respeito de sua postura política, assunto por ele interdito em nossas conversas:

"Cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro" (Leonardo Boff, 1999)<sup>84</sup> (Waldir dos Santos Costa, 26 de março de 2014).

Aparentemente, estava diante da ideia de uma possível motivação, ou ainda, da forma de agir que o impelia a assumir uma responsabilidade: o cuidar. Porém, ao fazer referência em seu discurso a Leonardo Boff, estaria o professor dando indícios de sua inclinação a uma postura político-religiosa progressista da Igreja Católica? Ao que tudo indica, após sua saída do seminário, o contato com Dom Helder Câmara em 1964 determinou uma postura progressista que o acompanhou na vida. Apesar de perceber que o assunto foi claramente interdito por ele em nossos encontros.

É interessante pensar que, nas nuances da sua narrativa, mostra como gostaria de ser lembrado. Neste sentido, declara que a atitude de cuidar, a atenção, o zelo e o desvelo estavam presentes em sua forma de lecionar, de gerir e de se relacionar em equipe. De forma genuína e

---

<sup>82</sup> Tradução livre, do latim: "Nada de muito grande se faz repentinamente, do nascer do sol até o acaso".

<sup>83</sup> O discurso feito por Waldir dos Santos Costa está transcrito integralmente e anexo a esta tese.

<sup>84</sup> Leonardo Boff (1938) é um teólogo, escritor e professor brasileiro e um dos maiores representantes da Teologia da Libertação, corrente progressista da Igreja Católica. Esteve presente nos inícios da reflexão que procura articular o discurso indignado frente à miséria e à marginalização com o discurso promissor da fé cristã, gênese da conhecida Teologia da Libertação. Foi forte defensor da causa dos Direitos Humanos e ajudou a formular uma nova perspectiva dos Direitos Humanos a partir da América Latina. Fonte: [https://www.ebiografia.com/leonardo\\_boff/](https://www.ebiografia.com/leonardo_boff/). Acesso em: 23 mar. 2021.

autêntica, apropriou-se das palavras do teólogo citado, pois reconhecia em si, e em sua trajetória de vida, uma atitude de “envolvimento afetivo com o outro”. Para além do conhecimento acadêmico e de sua competência nas intervenções no campo da Psicologia, que fez dele alguém digno de credibilidade profissional, o professor Waldir mobilizou aqueles que faziam parte de sua equipe de trabalho por praticar tais valores nas suas relações interpessoais, marcadas por seu carisma.

No desenvolvimento de seu discurso, saudou e agradeceu aos presentes, afirmou amar sua família, dedicou-se a contextualizar a ciência psicológica, o que reafirmou a percepção de si inserido na historiografia da Psicologia na região e, em seguida, demonstrou como compreendia e atribuía significado à homenagem que estava recebendo:

Hoje, Sras. e Srs. aqui, no ambiente acadêmico da UFAM, estamos reunidos para comemorar o que aconteceu pela instituição do curso de Psicologia, com a especificidade de uma Faculdade, precisamente porque se constituiu num anseio, reflexão e necessidade da sociedade amazonense. Aqui estou para receber o presente da UFAM para o grupo que trabalhou a fim de iniciar o curso de psicologia - Presente para a Faculdade de Psicologia. Quando fui notificado que os companheiros/amigos da Faculdade de Psicologia estavam solicitando a minha presença para receber este grande presente de professor emérito, eu pensei: Por que eu? Ah! Sim, eu e o grupo iniciador do curso de Psicologia da UFAM. Então verifiquei que queriam presentear o trabalho, o serviço. Sim, aqui estou como servidor, ou como aquele que dedicou a servir o ser humano e participou de políticas educacionais, sociais e religiosas. Minha vocação é de servir (Waldir dos Santos Costa, 26 de março de 2014).

Ao mesmo tempo em que o professor Waldir atribui significado à sua trajetória, apresentou também fortes indicativos das memórias construídas de si mesmo: “[...] queriam presentear o trabalho, o serviço [...] Minha vocação é servir”. Soma-se ainda a forma como se definiu em uma de nossas conversas “Sou educador, é isso que sou na vida”. Ali, durante aquele momento de honra pública, as memórias que construiu de si vieram ao encontro daquelas que os professores tinham dele.

A narrativa de sua trajetória a partir dos 11 anos de idade, em especial a lembrança de sua participação nos rituais do Oratório Festivo do Colégio Salesiano Dom Bosco, foi o ponto de sustentação para a ideia de si com a vocação de servir. Reafirmou que, neste ato, entendeu que deveria dedicar a vida à educação de jovens desassistidos.

Inicialmente, o fez por meio da Pedagogia Preventiva de Dom Bosco. Relembrou seu período de estudante, saindo de Manaus aos 15 anos, passando pelo nordeste brasileiro, depois como seminarista na cidade de Lorena, interior de São Paulo e, por fim, retornando a Pernambuco. Pontuou que em 1964 deixou o serviço sacerdotal para “começar uma nova etapa de serviços (salesiano externo)”. A partir deste ano, na cidade de Recife, dedicou-se ao magistério e, em seguida, à Psicologia.

Quanto ao seu retorno a Manaus para instituir o Serviço de Psicologia no Detran-AM, atribuiu o seguinte significado “um serviço em favor da comunidade. Na época, trabalhei treinando e supervisionando estagiários de segundo grau ou estudantes da Faculdade para os serviços de aplicação de testes”. Citou nomes de médicos que, há quase quatro décadas, eram os primeiros estudantes de Medicina, foram seus estagiários e “hoje, médicos, trabalhando no trânsito: Dra. Izabel, Dra. Creuza, Dr. Genival e outros”.

Ao falar de sua atuação na Escola Mello Mattos e FEBEM, vários nomes foram lembrados:

Em Manaus só tínhamos dois psicólogos, eu e João Bosco Araújo. Surgiu um outro serviço, o Governo do estado precisou de um profissional para a direção da Escola Melo Matos, pois o então diretor Pe. César estava deixando a direção. No momento fui nomeado como diretor da escola, logo em seguida foi criada a Secretaria de Serviço social, com o Dr. Lupercino Nogueira, e eu passei a pertencer aos quadros técnicos como assessor técnico. Comecei a trabalhar com os profissionais de serviço social, com Nayry, Graça Prola, Nazaré Soeiro, Eleonora Peres e outros servidores. Foi criada a FEBEM - Fundação do Bem-Estar do Menor e eu fui o primeiro presidente da Fundação com a responsabilidade de desenvolver os programas de educação para jovens em riscos sociais tanto na capital quanto no interior. Passei quatro anos como assessor técnico na Secretaria de Serviço Social (fui subsecretário indicado pela Senadora Eunice Michiles) e depois fui trabalhar como psicólogo na Penitenciária Anísio Jobim. Em 1973 (agosto), a Faculdade de Filosofia estava precisando de um professor de Psicologia e chamaram-me para fazer uma seleção. O Professor Valente e o professor Roberto Vieira assistiram uma aula de Psicologia, ministrada por mim, em uma turma de administração e aprovaram. Neste momento, comecei a fazer parte do quadro de docentes da Faculdade de Filosofia na Rua Tapajós até 1994, quando aposentei. (Waldir dos Santos Costa, 26 de março de 2014).

Considerou que fazer parte do corpo docente da FACED foi algo que lhe trouxe felicidade. Considerou este espaço como “o berço da Psicologia”. Citou os nomes dos doutores e doutoras que empreenderam a criação do curso, enfatizando a relevância da Faculdade de Educação, sobretudo dos professores Arminda Mourão, José Dantas Cyrino Júnior; Francinete Massulo Corrêa chefe do Departamento de Teoria e Fundamentos, e demais servidores dos quais recebeu apoio.

[...] Assim começou a Faculdade de Psicologia, que hoje possui um corpo docente de alto nível, todos bem qualificados. Como vocês puderam perceber, minha colaboração foi de servir, de representar e assessorar projetos de ações públicas, sociais e educacionais a serviço da comunidade social do Amazonas (Waldir dos Santos Costa, 26 de março de 2014).

Ao que tudo indica, o professor Waldir, tal como seus colegas psicólogos, reconhecia os frutos do seu trabalho em outras instâncias que não a Universidade. Escolheu assim afirmar:

Servi também ao conselho Regional de Psicologia 01 e hoje estou a serviço do CRP-20, no Centro Universitário Ciesa, no Núcleo de apoio Psicopedagógico e Ouvidoria. Trabalhei também no CIEC com a psicologia educacional. E após a minha aposentadoria na UFAM, em 1994, desenvolvi o projeto pedagógico com o uso do jornal (A crítica) na sala de aula (11 anos e 8 meses e no Amazonas em Tempo, 2 anos). Trabalhei com aconselhamento psicológico no Seminário São José para os



seminaristas por 11 anos. Muito obrigado a todos que hoje me presenteiam com o título de Professor Emérito e pelo reconhecimento da minha vocação de serviços. Muito obrigado à UFAM, na pessoa da Magnífica Reitora Dra. Márcia Perales, e ao CONSUNI. A querida FACED, onde tudo começou, ao prezadíssimo grupo de hoje, todos doutores. A vocês da Faculdade de Psicologia, eu amo vocês e muitíssimo obrigado pela representação de vocês (Waldir dos Santos Costa, discurso de posse de professor emérito, 2012).

Dentre as muitas memórias que professor Waldir escolheu para falar de si, o verbo “servir” e a palavra “serviço” apareceram inúmeras vezes em seu discurso. Com isso, sedimentou na escrita e na oratória a imagem que tinha de si, para si e como gostaria de ser visto pelos outros.

É certo que, para a ocasião, cabia fazer conhecida à plateia as singularidades de sua trajetória, contudo, parece evidente a forma como gostaria de ser lembrado ao concluir seu discurso com as palavras de Gandhi: “deixar aceso o sentimento de amar a vida dos seres humanos [...]A consciência de aprender tudo o que foi ensinado pelo tempo afora [...]A capacidade de escolher novos rumos [...]o respeito àquilo que é indispensável: além do pão, o trabalho... Além do trabalho, a ação.

Fotografia 4 - Waldir dos Santos Costa após a concessão do título de professor emérito



Legenda: Waldir dos Santos Costa ao centro, a Reitora Márcia Perales à sua direita e o Vice-Reitor Helinaldo Costa, à esquerda, em 26 de março de 2014.

Fonte: ACERVO FAMILIAR.

Nas singularidades da história de vida de Waldir dos Santos Costa, nas minúcias de sua trajetória intelectual e nas relações estabelecidas em sua rede de sociabilidade se manifestam as

características de um educador que investiu no processo de desenvolvimento de pessoas, na implementação de serviços e na formação acadêmica de psicólogos para o estado do Amazonas.

Neste sentido, o discurso proferido pode ser pensado como uma maneira de preparar uma “espécie de memória histórica para os homens de sua época e da posteridade, e que também podem ser chamadas de fontes testemunhais no sentido em que criam um discurso que visa a posterior recepção histórica” (BARROS, 2019, p.44).

Nos dois documentos, dossiê e ata da sessão solene, para além da intenção de se prestar homenagens, o que se disputa implicitamente é a narrativa da interpretação do passado por meio de uma memória coletiva. Houve dedicação de um grupo no decorrer de um tempo para que tais memórias fossem construídas, descritas e organizadas. Por meio delas, podemos atualizar impressões a respeito do passado, ao mesmo tempo em que criamos a possibilidade de se compreender alguns aspectos da história da Psicologia no Amazonas.

Os discursos dos atos históricos aqui selecionados, explicitados no contexto de sua produção, nos remetem a uma prática humana, num determinado tempo e espaço, o que torna a história uma prática social. Assim, apreendo o que foi postulado por Certeau (2017, p. 20) ao afirmar que a chave de compreensão da história é aquela inserida “na práxis política, econômica ou religiosa, que muda a sociedade e que, num dado momento, a torna possível na compreensão científica”.

O engajamento profissional, a criação de organismos próprios da profissão e a mediação cultural como professor no campo da Psicologia são características evidentes na trajetória do professor Waldir e fazem dele um intelectual. Suas características pessoais, munidas de amplo repertório de habilidades sociais, e suas relações de amizade garantiram a ele forças de adesão que subsidiaram sua atuação e influência em sua participação coletiva na rede de sociabilidade.

Suas ações junto ao grupo de psicólogos fomentaram espaços sociais de experiências conjuntas, o que conferiu a este grupo uma existência autônoma e sua identidade dentro da Universidade, com forte sentido de pertencimento, marcando a geração de psicólogos pioneiros do curso de Psicologia na UFAM.

### **5.3 A despedida: memórias em mim**

Exatamente às 11h12, manhã de sábado, dia 4 de maio de 2019, atendi o celular. Era Natália, filha caçula do professor Waldir. Pensei que fosse confirmar ou ajustar o horário do

nosso café da tarde com ele, agendado para segunda-feira, dia 6. No dia anterior, falamos longamente sobre o pai, que estava se recuperando de uma pneumonia e havia iniciado um medicamento antibiótico por um problema nas pernas. Sua voz embargada logo denunciou o ocorrido:

O papai se foi. Acabou de acontecer e eu nem sei o que fazer. Está todo mundo aqui, minha mãe, meu irmão... Ele comeu pouco no café da manhã, passou mal e pensamos que era pressão baixa, pediu para sentar-se na cadeira de rodas e depois perdeu a consciência (Natália Costa, 4 de maio de 2019)<sup>85</sup>.

O choro e a dor que tomavam Natália tornavam suas palavras difíceis, quase impronunciáveis. O que dizer neste momento? Fiquei emudecida e pensei em tentar atribuir algum significado que aliviasse a tensão do momento. Ele avisou a todos nós quando pediu para perguntar tudo o que queria saber para a pesquisa, quando abriu suas caixas e pastas para me mostrar sua documentação, diplomas e fotos. Parecia ter urgência.

Diversas imagens dos nossos encontros inundaram minhas lembranças. “Natália, eu sinto muito”, foi a única frase que consegui emitir. Os momentos seguintes foram de silêncio, banhado pelo sentimento de dor e, ao mesmo tempo, de privilégio por ter convivido nesses últimos tempos com ele.

Por aqueles mesmos dias estava lendo o livro “Memória e Sociedade”, de Ecléa Bosi, e imaginei o quão valioso teria sido para ele, em seu último ano de vida, narrar suas histórias, visitar sua infância, evocar as memórias de seus familiares, revisitar suas primeiras experiências na educação formal, com a professora Diana e, enfim, passear por toda sua trajetória de vida. “Suas memórias alargaram suas fronteiras”, diria Marilena Chaui (1994, p. 17-33).

Waldir dos Santos Costa teve a oportunidade de recordar o período da sua infância, em que foi alvo de um olhar diferenciado de uma professora que enxergou seus desejos e suas habilidades. Ela acreditou que a reprovação para o ingresso no Colégio Pedro II não era a sentença final. A educadora, reverenciada em sua narrativa, que com veemência aconselhou os pais de Waldir para que investissem em seus estudos, indicando o seu ingresso no Colégio Dom Bosco. Nas últimas transcrições e artigo que levei para ele ler, fez-me essa ressalva:

Você não pode deixar de falar da professora Diana. Ela foi muito importante na cidade, o filho dela era padre, ela tinha uma escola no Centro. Foi ela que me deu oportunidade de ser seu monitor, eu a ajudava ensinando os meninos mais novos e corrigindo as tarefas de casa. Foi ela quem pediu para minha mãe me matricular no Colégio Dom Bosco (Waldir dos Santos Costa, 2019).

---

<sup>85</sup> Como parte dos procedimentos de coleta de dados para a pesquisa, a cada entrevista realizava anotações e percepções das conversas. Foi dessa forma que procedi a anotação desta citação direta. Logo após a chamada telefônica, descrevi a conversa, juntamente com minhas impressões e sentimentos vivenciados naquele momento. Importante dizer que, diferente das demais, esta citação não foi gravada.

Imaginei seu ímpeto ao dar o pontapé inicial em frentes de trabalho na Psicologia na cidade de Manaus, no início da década de 1970. De técnica, a escuta passou a ser curiosa e envolvente. O tempo devotado às nossas conversas me fez entender que estava diante de uma voz privilegiada, de alguém que possuía um patrimônio imaterial nas palavras, que possuía na memória a tradição não só da profissão a qual se dedicou – docência e a Psicologia – mas que desvelava o conhecimento e a experiência de uma ou mais gerações.

Senti reciprocidade na admiração quando, ainda que sem jeito, disse-me que nesse tempo todo de docência, ele nunca havia escrito uma tese e, ainda, mesmo sendo chamado para falar em muitos lugares sobre sua história na Psicologia, nenhum aluno havia se interessado em escrevê-la. Entendi nesta fala o quão engajado ele estava neste projeto. Apesar do declínio físico, dos pés inchados e do cansaço ao falar por muito tempo, o professor Waldir viveu seus últimos dias com uma dolorosa lucidez de que sua vida estava no fim.

Meditei, novamente, nas palavras da Ecléa Bosi (1994), quando adverte que

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda, repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados e que se assemelha a uma obra de arte. O ato desalienador está atrelado à escuta arguta de quem a ouve (BOSI, 1994, p. 82).

Entendi, naquele instante, que ao acolher suas memórias ele me fizera portadora de parte de um patrimônio histórico, o qual eu também procuro apresentar em minha escrita. Em meu celular, reli nossas conversas por mensagens de texto e escutei outra vez as de voz, combinando nossos encontros. Compreendi que com ele havia aprendido a arte de acolher, abrigar, conter experiências de vida sem a menor pretensão de intervir, a não ser por minha curiosidade em conhecer alguns detalhes, que às vezes nem eram tão relevantes, os quais ele não me fez saber.

Acompanhei os rituais de despedida que se sucederam: velório, enterro e missa do sétimo dia, ocasiões em que conheci vários dos personagens presentes em suas narrativas, os quais foram lembrados, vividos, celebrados em seus relatos e que, a partir de então, ganhavam novos significados para mim.

Lamentei a perda, ao mesmo tempo em que constatei a riqueza da experiência de alguém que, em seus últimos anos, meses e dias esteve em pleno contato com sua história de vida. Reconheceu e atribuiu significado às suas ações na Psicologia amazonense, mas sobretudo como educador. O lugar da escuta, o espaço da memória, o ambiente do cultivo da partilha, a troca de experiência e a evocação de suas lembranças foram valorizados em nossos encontros.

Escrever sobre a vida do professor Waldir agora, após a sua morte, introduz-me no campo do sagrado, como uma artesã que tem nas mãos parte de suas vivências materializadas

não somente no papel frio, transcrito palavra a palavra. Mas, sobretudo, no olhar, nas emoções expressas, no choro contido, na voz embargada, nas coisas que não foram ditas e no respeito àquelas que foram silenciadas. Ao narrar, exercitei a função de entrelaçar as palavras às emoções, tentando tornar visível o que está contido nos fatos, nas relações e compromissos cultivados por ele.

Suas narrativas foram e serão tratadas com a dignidade e grandeza de um homem idoso que é detentor de uma tradição, de um saber singular e também coletivo. Contou uma história de si, a possível naquele momento. Contou a história dos “seus”, contou a história dos outros e, sem saber, contou uma perspectiva individual a respeito da história da época e de um espaço em que experienciou sua trajetória intelectual.

O meu contentamento é este: ao contar alguns aspectos da sua história, o professor Waldir ampliou a consciência de sua existência, atribuindo a ela valor, coerência e significados. Marilena Chaui (1979) diz que a função social do idoso é lembrar e aconselhar, unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Ele exerceu muito bem essa função até os seus últimos dias de vida. Escrever suas narrativas é mantê-lo vivo em nossas histórias de vida.

Figura 12 – Em memória de Waldir dos Santos Costa

**C IN MEMORIAN**

O professor Waldir dos Santos Costa morreu no sábado, aos 80 anos

# Legado de serviços

**LUIZ G. MELO**  
luiz.guilherme@acritica.com



Acervo familiar / divulgação

“Minha vocação é de serviço”, dizia o professor Waldir dos Santos Costa, falecido no último sábado, aos 80 anos. A frase foi eternizada ao receber o título de professor emérito da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), em março de 2014, o título máximo da docência. Amigos e familiares são unânimes em afirmar que essa é melhor síntese do legado profissional, acadêmico e familiar do professor.

“Meu pai cuidava tanto das outras pessoas que até esquecia de si mesmo”, lembra a filha mais nova do professor, Natália Costa, 30. “Ele foi o nosso mestre de vida. Como pai, foi muito presente, parceiro, guerreiro, um altruísta nato. Ele nasceu para servir e cumpriu essa vocação até o fim”.

Antes de ingressar como professor na Ufam, na antiga Faculdade de Filosofia e Letras, em 1973, teve formação humanística salesiana e formou-se em psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco, em 1971.

Como pedagogo e psicólogo, Waldir exerceu as duas profissões com paixão e generosidade ao longo da vida. E, como lembra colegas mais próximos, exercia uma liderança amorosa em qualquer projeto que se envolvia.

A psicóloga Selma Perdomo, pesquisadora da História da Psicologia no Amazonas, destaca que o professor Waldir dos Santos fez valer o seu pioneirismo profissional na região Norte ao ter lutado durante muitos anos pela criação do curso de psicologia da Ufam para, dessa forma, consolidar o ofício como ciência e profissão.

“Além de ter sido presidente da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem-AM), na década de 1970, foi o primeiro psicólogo, criador e instalador do serviço de psicologia do Departamento Estadual de Trânsito do Amazonas (Detran-AM), também em 1973, além de ter atuado em diversas instituições de ensino”, conta Perdomo.

O presidente do Conselho Regional de Psicologia da 20ª Região, Gibson Alves dos Santos, recorda que o professor Waldir era conhecido como “doutor dos doutores” por ter sido o primeiro coordenador do curso de psicologia e, no cargo, ter viabilizado que muitos professores saíssem do Amazonas para cursar um doutorado em outros estados.

“Ele é o ‘pontapé inicial’ da profissão de psicólogo na região. Ele nasceu no Amazonas, foi estudar fora e retornou para se dedicar à profissão na sua terra. Todos nós temos o Waldir como o ‘pai da psicologia’ no Estado porque, desde sempre, ele lutou para formar profissionais, e conseguiu. Foi um pai”, disse.

O professor Waldir dos Santos trabalhou em muitos projetos sociais no Amazonas. Alguns criados e coordenados por ele durante anos, como o ‘A CRÍTICA na Escola’, que incentivava alunos das escolas públicas a desenvolverem o hábito da leitura em sala de aula por meio das notícias publicadas no jornal impresso.

Cardíaco, o professor teve insuficiência respiratória e faleceu neste sábado, aos 80 anos. Ele deixa a esposa, Louse Marilene, cinco filhos, seis netos e um bisneto.

Ele foi um dos maiores defensores do curso e da profissão de psicólogo na região

Fonte: MELO, Luiz Guilherme. In Memoriam, *Jornal A Crítica*, C2. Manaus, segunda-feira, 6 de maio de 2019.

A reportagem<sup>86</sup> apresentada no jornal foi entendida por mim como fonte, uma vez que me

<sup>86</sup> Transcrição literal: “Minha vocação é o serviço”, dizia o professor Waldir dos Santos Costa, falecido no último sábado, aos 80 anos. A frase foi eternizada ao receber o título de professor emérito da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em março de 2014, o título máximo da docência. Amigos e familiares são unânimes em afirmar que essa é a melhor síntese do legado profissional, acadêmico e familiar do professor.

“Meu pai cuidava tanto das outras pessoas que até esquecia de si mesmo”, lembra a filha mais nova do professor, Natália Costa, 30. “Ele foi o nosso mestre de vida. Como pai foi muito presente, parceiro, guerreiro, um altruísta nato. Ele nasceu para servir e cumpriu essa vocação até o fim”.

Antes de ingressar como professor na UFAM, na antiga Faculdade de Filosofia e Letras, em 1973, teve formação humanística salesiana e formou-se em psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco, em 1971.

Como pedagogo e psicólogo, Waldir exerceu as duas profissões com paixão e generosidade ao longo da vida. E, como lembra colegas mais próximos, exercia uma liderança amorosa em qualquer projeto que se envolvia.

A psicóloga Selma Perdomo, pesquisadora da História da Psicologia no Amazonas, destaca que o professor Waldir dos Santos fez valer o seu pioneirismo profissional na região Norte ao ter lutado durante muitos anos pela criação do curso de psicologia da UFAM para, dessa forma, consolidar o ofício como ciência e profissão.

“Além de ter sido presidente da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem-AM), na década de 1970, foi o primeiro psicólogo, criador e instalador do serviço de psicologia do Departamento Estadual de Trânsito do Amazonas (Detran-AM), também em 1973, além de ter atuado em diversas instituições de ensino, conta Perdomo. O presidente do Conselho Regional de Psicologia da 20ª Região, Gibson Alves dos Santos, recorda que o professor Waldir era conhecido como “doutor dos doutores” por ter sido o primeiro coordenador do curso de psicologia e, no cargo, ter viabilizado que muitos professores saíssem do Amazonas para cursar um doutorado em outros estados.

sinalizou caminhos na direção da minha questão de pesquisa. O contexto em que a reportagem foi produzida, no dia dos rituais fúnebres, inseriu-me na matéria escrita pelo jornalista Luiz Melo numa dupla função: como fonte e como objeto de pesquisa histórica. Se, por um lado, os dados apresentados na reportagem me mostravam caminhos de como Waldir dos Santos Costa se inseriu no contexto social e histórico da Psicologia no Amazonas, a minha relação com ele, na construção de suas narrativas, posicionou-me num papel de “fonte” de informações a respeito de sua trajetória.

O destaque dado ao advento de seu falecimento, o espaço ocupado na página do jornal, as pessoas presentes, tanto nos rituais fúnebres quanto na reportagem em questão e os apontamentos de suas ações, realizadas em sua trajetória profissional, fizeram-me compreender que havia a intenção de revelar o reconhecimento social da importância deste protagonista à categoria profissional de psicólogos nesta região.

Abreu (1996, p. 66-67) me fez lançar luz à reportagem quando afirma que “no campo da memória, os contornos do sujeito são delimitados fundamentalmente a partir das construções póstumas. Existe, por parte dos familiares e grupos de pertencimentos, o desejo de manter viva a memória da pessoa que morreu”. Neste sentido, a autora afirma que as homenagens póstumas “recriam a pessoa no templo da memória”.

Conviver com o professor Waldir, acolhendo sua história de vida, foi um exercício contínuo de (re)construção de conhecimento, uma vez encarado o processo de ensino-aprendizagem na relação dialógica de sujeitos ativos (SOUZA e MIGNOT, 2008). Enquanto aprendia e reconstituía sua diversidade de vivências, por sua vez, ele certamente atribuía novos significados à sua história, valorando sua existência e desvelando a importância da sua formação e experiência formativa e profissional.

Entendo que narrar sua história de vida deu a ele a oportunidade de transformar suas vivências cotidianas em experiência analisada (JOSSO, 2009, p. 137) e, a mim, a oportunidade de compreender os processos de formação e de aprendizagem ao longo da vida de um educador. Nas análises e interpretações, suas experiências e memórias ganham força e nesta produção de

---

“Ele é o pontapé inicial” da profissão de psicólogos na região. Ele nasceu no Amazonas, foi estudar fora e retornou para se dedicar à profissão na sua terra. Todos nós temos o Waldir como o ‘pai da psicologia’ no Estado porque, desde sempre, ele lutou para formar profissionais, e conseguiu. Foi um pai”, disse. O professor Waldir dos Santos trabalhou em muitos projetos sociais no Amazonas. Alguns criados e coordenados por ele durante anos, como o ‘A CRÍTICA na Escola’, que incentivava alunos da escola pública a desenvolverem o hábito da leitura em sala de aula por meio das notícias publicadas no jornal impresso. Cardíaco, o professor teve insuficiência respiratória e faleceu neste sábado, aos 80 anos. Ele deixa a esposa, Louse Marilene, cinco filhos, seis netos e um bisneto”.

conhecimento o professor Waldir se vivifica.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da narrativa de si, Waldir dos Santos Costa revelou matizes de sua história de vida, desvelou elementos da sua trajetória intelectual, mostrou a complexidade das suas relações e inscrições de sua identidade em seu entorno histórico e social, ao mesmo tempo em que era por este entorno construído, numa relação de reciprocidade e alteridade. Seus objetos (auto)biográficos foram pontos de referência para sua memória e apontaram para a relevância das relações estabelecidas em sua carreira e, subjacente a isso, as crenças, as convicções e as visões de mundo peculiares a ele e ao grupo ao qual pertenceu.

Adentrar no universo individual para compreender como percebeu e atribuiu significado à sua vida foi algo fascinante. O fio das suas memórias me possibilitou tecer conhecimento sobre seu percurso, seus sentimentos de pertencimento social, seus sonhos, seus valores, motivações e, sobretudo, o que para ele era digno de sua atenção e engajamento.

Longe se ser uma história linear e coerente, a biografia deste sujeito revelou a vida de um homem comum, que se frustrou diante da primeira escolha profissional-sacerdotal, que abandonou os planos de cursar Medicina, uma vez que as possibilidades sociais também definiram o contorno das suas escolhas individuais. Ao desvelar sua história, sinalizou algumas trajetórias iniciadas, outras interrompidas, fazendo-me compreender tais processos no seio do espaço social e temporal, mostrando-me como estes deram forma às suas experiências e significados à sua existência.

Nesta dialética do individual e do social, relatou suas intervenções no seu campo profissional, que trouxeram à existência novas realidades sociais. Interveio no processo de identidade social de um grupo inserido na Psicologia no Amazonas em vários espaços: viabilizando ambientes de atuação profissional, os mecanismos de regulamentação da categoria profissional e o campo acadêmico, ao instituir e coordenar o curso de graduação em Psicologia numa instituição pública federal.

O artigo produzido em conjunto pelos membros da Seção Amazonas, na década de 1990, cuja autoria também pertence ao professor Waldir, trouxe à compreensão um período anterior à implementação da Psicologia no Amazonas, que conforme foi visto, seguiu percursos similares ao da Psicologia brasileira, tendo seu primeiro impacto com a entrada das ideias psicológicas nas escolas normais superiores, no final do século XIX e início do século XX. Por meio dele foi possível enxergar os acontecimentos locais à luz de uma continuidade. Ao que tudo indica, Waldir dos Santos Costa ampliou seu nível consciência das suas inserções históricas neste campo ao final de sua vida.

Somente a partir das décadas de 1960 e, em especial da década de 1970, é que se observou a formação concreta de um corpo de profissionais da área com engajamento coletivo. A instituição do Conselho Federal de Psicologia e suas regionais, juntamente com o Código de Ética do psicólogo foram marcos importantes para a categoria. Waldir dos Santos Costa, a partir de 1973, foi quem estabeleceu diálogo com a instância do Conselho Federal e Regional de Psicologia, em Brasília.

A abordagem (auto)biográfica, como meio de investigação para esta tese, foi oportuna por servir como um instrumento pedagógico. Primeiro, porque ela possibilitou a apreensão dos caminhos de formação e de dimensões do cotidiano da vida de um professor-psicólogo. Depois, porque, por meio dela, foi possível tecer conhecimento sobre o trabalho de um profissional que atuou em seu entorno social. Por fim, o estudo de sua trajetória de vida me levou à tomada de consciência sobre o ser educador, a meu ver, partindo da leitura da vida deste protagonista, um intelectual que se engajou numa causa de impacto social e criou novas realidades para o campo da Psicologia no Amazonas.

Por meio de suas narrativas, produziu conhecimento sobre si, sobre sua rede de sociabilidade intelectual e sobre a constituição de um campo profissional, revelando-os a partir de suas experiências e subjetividades. Neste ínterim, Waldir dos Santos Costa descortinou os processos de formação e transformação de si e do meio no qual interveio. A partir da biografia, esta pesquisa apresentou contribuições férteis para a apreensão da cultura de uma profissão, ou seja, do conhecimento da dinâmica, da identidade de valores de um determinado grupo social, numa época específica.

Tanto suas narrativas quanto as de sua rede de sociabilidade sinalizaram seu engajamento e suas ações em diferentes frentes de trabalho dentro da área fomentaram o reconhecimento e o desenvolvimento da Psicologia, no âmbito profissional, na entidade de classe e no ensino, no estado do Amazonas. Foi possível compreender parte do seu itinerário na instituição de novos serviços de Psicologia, que teve como consequência a geração de empregos nesta área, na formação da categoria de representação e regulamentação profissional e na formação acadêmica de psicólogos. Ele atuou como agente articulador desses processos, ora mediando conhecimento, ora inaugurando acontecimentos juntamente com sua rede de sociabilidade intelectual.

É plausível pensar que sua atuação foi possível em decorrência do mosaico de recursos intelectuais e habilidades fomentadas em sua formação, desde as primeiras vivências educacionais com a professora Diana até seu retorno a Manaus. Entendi que suas atividades foram permeáveis mediante a vinculação a uma relevante rede de sociabilidade intelectual

estabelecida e mantida durante sua trajetória profissional, a exemplo da relação de amizade estabelecida com o psicólogo João Bosco Bezerra Araújo e da parceria de trabalho estabelecida por eles por mais de quatro décadas.

Neste mesmo sentido, pode-se compreender que sua experiência profissional e suas habilidades sociais, tanto na negociação quanto na agregação de pessoas, somadas à sua disposição ao trabalho e constância nos propósitos, colocaram-no numa posição estratégica na organização da categoria profissional, desde seu retorno em 1973, quando reunia os documentos dos psicólogos recém-chegados numa caixinha de sapatos, até 2016, quando participou pela última vez como conselheiro do CRP/20. Os espaços ocupados por ele foram transformados no entrelaçamento de uma dinâmica orquestrada pelas demandas sociais e por sua postura de prontidão em resposta a elas. Além disso, atuou como psicólogo no DETRAN-AM até janeiro de 2018.

Na construção de parte desta história e, tendo por base o referencial teórico selecionado, compreendo que Waldir dos Santos Costa esteve engajado no campo profissional, acadêmico e político da Psicologia no Amazonas, sendo estes espaços de rearranjos e de embates onde se deu a prática, numa relação entre a subjetividade do indivíduo e a objetividade da estrutura social. Foram (e são) locais de disputa em torno dos interesses específicos de tal área. Esteve inserido em ações que aumentaram a abrangência na atuação e na distinção de uma categoria profissional.

A partir desta operação historiográfica se pode compreender que a preservação da memória e a função de conservar a experiência social a respeito dos processos de formação ocorridos no passado podem fortalecer os pilares básicos para a construção e manutenção da identidade dos psicólogos no estado do Amazonas.

Sendo assim, acredito que a apreensão e valorização da subjetividade e a narrativa da experiência de Waldir dos Santos Costa foram componentes importantes para a construção do passado. Além disso, permitiu tornar parte da história da Psicologia amazonense inteligível sob alguns aspectos, neste estudo em especial, a partir das suas memórias, revelando o que foi potencialmente possível realizar com o grupo de psicólogos e na sociedade amazonense à época.

Ao observar as consequências de suas inserções no campo, vale enfatizar três estratégias de atuação no Detran-AM que evidenciaram a atuação de Waldir dos Santos Costa na história da Psicologia nesta região. A primeira diz respeito à abertura de campo para a atuação profissional. Ao ser instaurado o Serviço Médico e Psicológico, abriram-se vagas para o treinamento de uma prática profissional e vagas de emprego para a categoria de psicólogos. A

segunda estratégia foi capacitação e formação específica para formação de peritos, o que chamamos hoje de Psicologia do Trânsito. Com isso, compreende-se que a Universidade Federal do Amazonas, local onde Waldir dos Santos Costa lecionou desde 1973, foi um lugar privilegiado para a formação destes profissionais. Por fim, a expansão no âmbito da ciência foi a terceira área identificada, uma vez que o Detran-AM abriu portas para a pesquisa em avaliação psicológica, cujos dados fornecidos serviram de base para adequação e estabelecimento de novas tabelas normativas, que consideraram as características da população amazonense.

Quanto ao espaço de regulamentação da categoria profissional, a APA, desde o final da década de 1970, constituiu um marco inicial importante para a distinção da categoria de psicólogo(as) no Amazonas. Logo que retornou a Manaus, em 1973, se tornou referência ao ser procurado em sua sala no DETRAN-AM para dar encaminhamento à Brasília (CRO/01) da carteira profissional daqueles que aqui chegavam. Deste momento até 2016, ao término do segundo plenário do CRP/20, manteve-se presente nas decisões reguladoras da categoria.

No âmbito universitário, formou e influenciou uma geração de psicólogos que fundou o curso de graduação de Psicologia em instituição federal, a única de caráter público do estado, até o momento. Por seu trabalho dentro da UFAM e por toda a sua trajetória acadêmica, recebeu desta comunidade a honra de Professor Emérito.

Portanto, pensar nestes espaços de sua ação e de produção de conhecimento me deu base para pensá-lo, sob a perspectiva de Sirinelli (1996), como intelectual, a partir da produção e mediação cultural que exerceu, de seu engajamento em inaugurar serviços de Psicologia e das redes de sociabilidade que garantiram seu trânsito no campo. Tal operação foi entrelaçada aos vínculos por ele estabelecidos, ao considerar que trajetória é entendida “como uma série de posições ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2006, p. 189).

Quais novos significados foram adquiridos pelo professor Waldir dos Santos Costas após ter narrado sua trajetória em seu último ano de vida? Morreu com a percepção de que sua existência social foi bem-sucedida?

Kotre (1997) nos esclarece que talvez o tipo mais importante de lembrança de um idoso esteja voltado para uma mudança interior, como o produto de uma revisão de vida. Tal revisão serve à função de colocar as nossas vidas em ordem, numa antecipação da morte. Nela os lembrantes buscam afirmar o que foi indispensável em suas vidas na expectativa de se reconciliar com o que aconteceu. Ela é uma reminiscência com algo mais, uma última oportunidade para reparação e transformação. Traz sensação de integridade, coerência e completude à existência, quando há satisfação.

É possível pensar que Waldir dos Santos Costa, ao realizar sua revisão de vida, encontrou satisfação, significados à sua existência e conseguiu construir uma narrativa de protagonismo em sua trajetória profissional. Com isso ele ampliou sua perspectiva sobre sua trajetória ao enxergar que fez parte de muitos processos de transformação na área da Psicologia no Amazonas.

Entrevistar um idoso envolve um certo risco. A depender do estado de apreciação que este faz do seu passado, algumas revisões podem causar sofrimento psíquico ao resultar tristeza, culpa ou raiva. Isso poderia o colocar em contato com questões sem reparo. Contudo e, apesar de estar adoecido, fico com a impressão de que suas memórias o ajudaram a preservar o seu "eu" e para sustentar as imagens da pessoa que foi.

Neste processo de compreensão da trajetória de vida do outro, revisitei a minha história de vida, na compreensão de que o doutoramento tem provocado um movimento de transformação nas minhas maneiras de ser e nos meus esquemas de leitura da realidade. Certamente contribuiu para conformar e inscrever o meu protagonismo como professora e pesquisadora no campo (auto)biográfico e, por que não dizer, na área da História da Psicologia no Amazonas.

Finalizo parte dessa jornada com o encantamento de ter percorrido um caminho acadêmico seguro, ao mesmo tempo com a angústia de um “endividamento perene”, por não ter conseguido encontrar nas palavras a abrangência de alguns sentimentos inomináveis. Como transformar em palavras o brilho nos olhos de alguém que rememorou sua trajetória com simplicidade e dignidade? Como fazer soar destas páginas o tom e o timbre de voz única? Como fazer o leitor sentir o gosto amargo da voz embargada quando as lágrimas interromperam a narrativa? Como descrever a alegria e a vivacidade que encontrei no professor Waldir ao narrar suas memórias e, por que não dizer, visitar a sua própria identidade? Sua trajetória traz luz ao poder transformador da educação. “Sou educador”, assim ele se autodeclarou em nosso último encontro.

Meu desejo é que esta tese seja “um lugar de memória” de uma pessoa (e de um grupo), numa determinada época, que deixou suas digitais na História da Psicologia no Amazonas e que, ao ser socializada, ocorra um alto nível de identificação-projeção com o passado, tão forte a ponto de se herdar tais memórias, transmitindo-as às novas gerações. É um trabalho iniciado, o qual quiçá abrirá caminhos para novos estudos e novas perspectivas de construção histórica.

Considerar as transformações da história da Psicologia por meio do estudo (auto)biográfico de um psicólogo-professor é afirmar que, uma vez inserido numa sociedade e tempo em que ela tomava formas de autonomia científica e profissional, também no Amazonas,

suas ações foram reflexos deste movimento transformador. A trajetória intelectual de Waldir dos Santos Costa e seu protagonismo dentro da área me possibilitaram compreender um modo de atuação profissional de uma determinada época. Assim, o gênero biográfico se apresentou como uma tentativa de entender o indivíduo como representativo de seu contexto.

Ao término desta pesquisa ainda me deparo com vários questionamentos que merecem ser vistos em camadas mais profundas. O que motivou Waldir dos Santos Costa a se engajar em tantas dimensões coletivas da Psicologia no Amazonas? Como pessoas e grupos sociais constroem suas identidades por meio da memória? O que o fez ser reconhecido como pioneiro, pelos seus pares, mesmo não sendo o primeiro psicólogo amazonense a se estabelecer na região?

Algumas respostas estão dadas e foram explicitadas em sua narrativa, como questões relacionadas ao sustento. Outras ainda carecem de um olhar mais apurado, a partir de novas fontes. Concordo com Elias (1995, p.13), quando sugere que “para compreender alguém é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não na medida em que elas conseguem tais aspirações”. Parece-me que para Waldir dos Santos Costa era importante que as pessoas o reconhecessem como alguém que esteve a serviço de outros, ou de uma causa. Suas palavras expressas no discurso de outorga de professor emérito, momento em que pôde revisitar sua trajetória e atribuir significado a ela, tornaram público este desejo.

Da mesma forma, sua trajetória intelectual só pôde ser compreendida na inter-relação com seu meio social. Se, por um lado, havia em sua personalidade o ímpeto no engajamento e o contentamento na realização de projetos, por outro lado, havia um movimento nacional de reconhecimento da Psicologia como ciência e profissão, no qual ele estava inserido. Colocou em ação e fez a onda de mudanças alcançar uma região longínqua do seu centro irradiador, a Região Sudeste do Brasil.

Fato é que o crescimento econômico da Região Norte na década de 1970, sobretudo a instalação de indústrias em Manaus e arredores, a chegada de migrantes de todas as regiões brasileiras para este local, dadas as oportunidades de trabalho e a carência de profissionais psicólogos, matizaram um campo propício para a atuação de Waldir dos Santos Costa, permitindo que exercesse sua liderança e habilidades sociais com fluência. Os lugares ocupados nesta estrutura social sinalizam o que foi possível de ser realizado por ele, juntamente com sua rede de sociabilidade intelectual.

É importante considerar algumas limitações neste estudo. O fato de a principal fonte de pesquisa ser a oral delineou naturalmente assuntos priorizados pelo protagonista. Contudo, uma

questão que pontuo: será que o fato de eu ser psicóloga e fazer perguntas específicas sobre a sua atuação profissional não o direcionou ao tema?

Neste sentido, é de conhecimento que Waldir dos Santos Costa atuou como gestor no colégio Melo Matos e na FEBEM, no período de 1975 a 1979, assunto pouco explorado por ele. Havia de minha parte o interesse em aprofundar tais aspectos de sua trajetória, contudo, o advento de sua morte impossibilitou o processo e limitou a minha compreensão de sua atuação nessas instituições, a partir dos documentos cedidos por ele.

Outro assunto que merece aprofundamento diz respeito às mudanças da Igreja Católica que fizeram Waldir dos Santos Costa interromper sua trajetória como sacerdote. O período em que o fez correspondia à primeira fase de discussão do Concílio Vaticano II, portanto, o início da reforma da Igreja. Não foi possível explorar suas intenções e motivações, porém, sabe-se que os movimentos de reformas institucionais são permeados de conflitos e se caracterizam por movimentos de saída e entrada de pessoas que concordam ou não com as mudanças propostas.

Finalmente, é possível pensar que sua trajetória intelectual foi balizada, internamente, por seus valores religiosos, que o impeliam ao serviço de questões coletivas e, externamente, por um campo profissional que precisava ser ocupado, disputado, delimitado e regulamentado. A convergência dessas duas forças, que agiam sobre e com ele, deram novas formas e matizes no âmbito social, cultural e na história da Psicologia no Amazonas.

Finalizo esse ciclo desejando revisitar algumas fontes ainda pouco exploradas, que me servirão como caminhos para novas pesquisas. Como por exemplo investigar as primeiras iniciativas de ensino da Psicologia na primeira Universidade instaurada no Amazonas, a Escola Universitária Livre de Manaus, que foi uma remodelação da Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas, inaugurada em 1909. Sabe-se que nessa época os conteúdos da Psicologia eram abordados nos cursos de fundamentação psicológica das ciências sociais e políticas.

Um outro aspecto que desejo lançar luz diz respeito à estreita relação do ensino de Psicologia nos trabalhos realizados na Escola Normal Superior criada em 1880 e inaugurada em 1882, sob a direção de Epifânio José Pedrosa e sobre os conhecimentos psicológicos aplicados nas décadas posteriores nas escolas particulares, estatais e especializadas, como por exemplo as práticas realizadas no Instituto Montessoriano Álvaro Maia, fundado pelo juiz André Araújo, pai do psicólogo João Bosco.

Ainda neste sentido, ocorrem-me questionamentos sobre a fundação e funcionamento do Laboratório Psicopedagógico da Conduta Infantil Araújo Filho que, em meados de século XX, desenvolveu trabalhos com pessoas com deficiência física, auditiva, visuais e mentais, com

ênfase no desenvolvimento de suas potencialidades. Há indícios<sup>87</sup> de que tais atividades profissionais eram desenvolvidas por educadores, no juizado de menores onde André Araújo era juiz, e ali havia um serviço de avaliação e orientação psicológica através de testes psicopedagógicos.

Fica, ainda, o desejo de explorar de forma biográfica a trajetória de vida do psicólogo João Bosco, por meio de suas largas narrativas, e da geração de psicólogos que atuaram junto a Waldir dos Santos Costa. Tais inquietações abrem novas perspectivas de pesquisa e, certamente, ampliarão o horizonte científico no campo da História da Educação e sobre a História da Psicologia no Amazonas.

---

<sup>87</sup> Conforme é possível pensar a partir da leitura do artigo presente dentro da Revista de Psicologia/CRP-01, p.39, s/d, anexo a este trabalho.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil*, 1996.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 155-202.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ARAÚJO, Márcia Antonia Piedade. Conhecendo a psicologia no Maranhão. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 5, n. 1, p. 144-157, 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812005000100010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812005000100010)>. Acesso em: 2 set. 2021.

ARAÚJO, Emanuelle Silva. Desenvolvimento urbano local: o caso da Zona Franca de Manaus. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 1, n. 1, p. 33-42, 2009. ISSN: 2175-3369. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193114456004>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 370 p.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.9-34, jul. 1998. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>>. Acesso em: 22 mai. 2020.

AZZI, Riolando. *A obra de Dom Bosco no Brasil: cem anos de história*. Barbacena: Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, 2000.

BARROS, José D'Assunção. *Fontes históricas. Introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BARROS, Marcus. Marcus Barros fala sobre meio ambiente e doenças tropicais na Amazônia. Entrevista a Stella Oswaldo Cruz Penido; apresentação de Ruth B. Martins. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.291-302, dez. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14s0/13.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2020.

BEOZZO, José Oscar. Apresentação. In: CÂMARA, Helder (1909-1999). *Circulares conciliares: de 13;14 de outubro de 1962 a março de 1964/Dom Helder Câmara: orgs. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria. – Recife: CEPE, p. XVII – XXIII* 2009.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves, 2ª ed, Martins Fontes São Paulo-SP, 1999.

BLANCO, Leila. Convocando outras vozes: a trajetória de Maria Therezinha Machado na História da Educação Especial do Município do Rio de Janeiro / Leila Blanco. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ– 2014. 170 f.

BOLETIM DO CDPHA, Belo Horizonte, n. 29, 2019. Conferência: La Storia Come Amicizia: Dal Mestiere Dello Storico Al Mestiere Di Vivere. p. 39.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. 10ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 484p.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs). Usos & Abusos da História Oral. 8ª.ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 183-93, 2006.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 14ª ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2010.

BRAIDO, Pietro. Dom Bosco, padre dos jovens, no século da liberdade. São Paulo: Editora Salesiana, 2008. Disponível em:  
<<http://sdl.sdb.org/greenstone/collect/portugues/index/assoc/HASH012a.dir/doc.pdf>>.

BRASIL. DECRETO Nº 53.464, DE 21 DE JANEIRO DE 1964. Regulamenta a Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, que dispõe sobre a profissão de psicólogo. Poder Executivo Federal (D.O.U. 22/01/1964). Disponível em:  
<https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/74834-regulamenta-a-lei-nu-4-119-de-27-de-agosto-de-1962>. Acesso em 5 jul. 2021.

BRIANEZI, Thaís; SORRENTINO, Marcos. A modernização ecológica conquistando hegemonia nos discursos ambientais: o caso da Zona Franca de Manaus. Ambiente & Sociedade, v. 15, n. 2, p. 51-71, 2012. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/asoc/a/KJtLbj3ksDLpx8CTGdFtb7p>>. Acesso em: 24 mar. 2020.  
<https://doi.org/10.1590/S1414-753X2012000200004>.

CÂMARA, Helder (1909-1999). Circulares conciliares: de 13;14 de outubro de 1962 a março de 1964/Dom Helder Câmara: orgs. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria. – Recife: CEPE, 2009.

CAMPOS, Francisco. Seleção psicotécnica de motoristas. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, 3(3), 7-26, 1951. Disponível em:  
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/viewFile/13006/11886>. Acesso em 7 out. 2019.

CAMPOS, Regina Helena Freitas. Helena Antipoff: uma biografia intelectual. Rio de Janeiro:

Fundação Miguel de Cervantes, 2012.

CAPSICO. Histórico do curso de Psicologia da UFAM. S.d.

CARVALHO, Denise Barros de; SEIXAS, Pablo de Souza; YAMAMOTO, Oswaldo H. Modernização Urbana e a Consolidação da Psicologia em Natal-Rio Grande do Norte. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.7, n.1, p. 131-141, jan./jun.2002.

CERTEAU, Michel de (1925-1986). *A escrita da história*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CHIAVENATO, Idalberto. *Gestão de pessoas. O novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Editora Campus Ltda: Rio de Janeiro, 1999.

COELHO, Patrícia. *A VOZ DO MESTRE: trajetória intelectual de Carlos Delgado de Carvalho*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. 2007, 146p.

COMBLIN, José. Prefácio. In: CÂMARA, Helder (1909-1999). *Circulares conciliares: de 13;14 de outubro de 1962 a março de 1964* / Dom Helder Câmara: orgs. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria. – Recife: CEPE, p. XXVI e XXVII, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Código De Ética Profissional do Psicólogo*. RESOLUÇÃO CFP Nº 010/05. Brasília, 21 de julho de 2005. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

COSTA, Beatriz Rezende Marques; VALENTE, Manoel Adam Lacayo. *Responsabilidade social dos conselhos profissionais*. Brasília: Câmara dos Deputados/Consultoria legislativa, 2008. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados Centro de Documentação e Informação Coordenação de Biblioteca <http://bd.camara.gov.br>.

COSTA, Mauro Gomes da (org.). *A ação dos salesianos de Dom Bosco na Amazônia*. São Paulo: Editora Salesiana, 2009.

COSTA, Patrícia Claudia da. *Ilusão biográfica: a polêmica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu*. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 51 – 71, set./dez. 2015.

CUNHA, Maria Teresa Santos. (Des) arquivar: arquivos pessoais e ego-documento no tempo presente. 1ª ed. São Paulo: Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *Das histórias de vida às histórias de formação*. IN: SOUZA, Eliseu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Histórias de Vida e formação de professores*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio organizado por Michael Schroter*; tradução,

Sergio Goes de Paula; revisão técnica, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. As atas de reuniões enquanto fontes para a história da educação: pautando a discussão a partir de um estudo de caso. *Educação Unisinos* 11(2):103-110, maio/agosto 2007.

FERRAZ, Denise Pereira de Alcantara. Memórias e Histórias do Curso de Psicologia da Faculdade Salesiana de Lorena/SP: Uma contribuição para a historiografia da Psicologia no Brasil. 2014. 194 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. Prefácio. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira. *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2007

FREIDSON, Eliot. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*. São Paulo, v. 11, n.3, p. 141-145, 1996.

GIROUX, Henry. Os professores como Intelectuais. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Apresentação. In: GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 07-41.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.

HUR, Domenico Uhng. Políticas da psicologia: histórias e práticas das associações profissionais (CRP e SPESP) de São Paulo, entre a ditadura e a redemocratização do país. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 69-90, Mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642012000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642012000100004)>. Acesso em: 14 ago. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642012000100004>.

JACÓ-VILELA, Ana Maria. História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. *Psicol. Cienc. Prof. Brasília*, v. 32, n. spe, p. 28-43, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932012000500004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500004)>. Acesso em 31 Mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500004>.

JACÓ-VILELA, Ana Maria; RODRIGUES, Igor Teo. *Arq. Bras. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 66, n. 3, p. 148-159, 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672014000300012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000300012)>. Acesso em 7 out. 2019.

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. *Revista @mbienteeducação*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-199, ago./dez. 2009.

JOURTARD, Philippe. El Documento Oral: Una Nueva Fuente para la Historia. In:

JOURTARD, P; PORTELLI.A; NIETHAMMER.L; ACUÑA, V.H; BERTAUX, D; FERRAROTI.F. História Oral e História de Vida. Cuadernos de Ciencias Sociales 18. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), p. 3-13, 1979.

JOHN, M. N.; AZAMBUJA, L. M. B. O PROCESSO EVOLUTIVO DA LIDERANÇA. Faculdade Sant'Ana em Revista, [S. l.], v. 4, n. 2, p. p. 225 - 236, 2020. Disponível em: <https://iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/1733>. Acesso em: 30 maio 2022.

KOTRE, John. Luvas brancas: como criamos a nós mesmos através da memória. São Paulo: Mandarim, 1997. 265 p.

LAKATOS, Imre. La metodología de los programas de investigación científica, Alianza Ed., Madrid, 1989. Disponível em: <<https://epistemologiaufro.files.wordpress.com/2010/10/lakatos.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2019.

LEVY, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs). Usos & Abusos da História Oral. 8ª.ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV. p. 167-182.

LOUREIRO, M. E. M. O papel estratégico da Zona Franca de Manaus no desenvolvimento da Amazônia. T&C Amazônia, Manaus, ano 1, n. 1, p. 36-41, 2003.

MANCEBO, Daise. História do curso de Psicologia no Rio de Janeiro (1953 – 1979): aspectos metodológicos. In: GUEDES, m DO c.; campos, R.H. de F (Ed.) Estudos da História da Psicologia. São Paulo: EDU, p. 137-152, 1999. Psicol. Cienc. Prof. Mira y López. Brasília, v. 19, n. 1, p. 93, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931999000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931999000100010)>. Acesso em: 7 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931999000100010>

MANNHEIM, Karl (1993). “El problema de las generaciones” [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera], Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS), n. 62, p. 193-242.

MELO, Luiz Guilherme. IN MEMORIAN. Jornal A Crítica. C2. Manaus, Segunda-feira, 6 de maio de 2019.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Papeis guardados. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2003.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. Revista Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 11, p. 40-61, jan./abr. 2006.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Pedagogium: Símbolo da Modernidade educacional Republicana. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

MIGNOT, Ana Chrystina; SOUZA, Elizeu Clementino de. Modos de viver, narrar e guardar: diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica. Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 10 – 33, set./dez. 2015.

MIRA, Alice Madeleine Galland de. PMK: Psicodiagnóstico Miocinético. Manual São Paulo: Vetor, 2004.

MUÑOZ, Juan José Pujadas. El método biográfico: el uso de las historias de vida en Ciencias Sociales. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1992. (Colección Cuadernos Metodológicos).

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História, 10:7-28, 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. A honra acadêmica (ou da condição de emérito). Anuário Antropológico/92. Rio de Janeiro – Tempo Brasileiro, 1994. Disponível em: <[http://dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas1992/anuario92\\_robertocardoso.pdf](http://dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1992/anuario92_robertocardoso.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2020.

PEREIRA, Fernanda Martins; PEREIRA NETO, André. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. Psicol. Estud. Maringá, v. 8, n. 2, p. 19-27, Dec. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/4xwr4p3tC9DjRTvW75X9Dkh/>>. Acesso em: 8 jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000200003>.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 337 – 356, set./dez. 2015.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15. 1989.

POLLAK, Michel. Memória e identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, p. 200-212, 1992.

PORTUGAL, Francisco Teixeira. Manoel Bomfim no Pedagogium: psicologia, política e educação. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). Pedagogium: Símbolo da Modernidade educacional Republicana. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, p. 147-164, 2013.

PROST, Antoine. Doze lições sobre a história. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

REGO, Marcos Lopez; FAILLACE JUNIOR, José Ernesto Mattoso. O projeto de implantação da indústria automotiva no Brasil: por uma abordagem sob a ótica da teoria dos stakeholders. O&S - Salvador, v. 24, n. 81, p. 216-236, Abr./Jun. 2017. Disponível em: <[www.revistaoes.ufba.br/biblioteca\\_digital/fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/21044/S1984-92302017000200216.pdf](http://www.revistaoes.ufba.br/biblioteca/biblioteca_digital/fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/21044/S1984-92302017000200216.pdf)>.

RILEY, Dylan. A teoria das classes de Pierre Bourdieu. Revista Outubro, n. 31, 2º semestre de 2018. Disponível em: [http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2019/01/04\\_Riley.pdf](http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2019/01/04_Riley.pdf). Acesso em: 9 set. 2020.

RIZZINI, Irene A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente / Irene Rizzini, Irma Rizzini. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004. 88 p.

- RODRIGUES, Anderson de Brito. História da psicologia em Goiás. *Temas Psicol.* Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 135-150, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2009000100012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100012)>. Acesso em: 2 set. 2021.
- ROSA, Alberto.; HUERTAS, Juan Antonio.; BLANCO, Florentino. *Metodología para la Historia de la Psicología*. Madrid: Alianza, 1996.
- ROSSATO, Geovanio Edervaldo. Infância abandonada e Estado de Bem-Estar no Brasil: de menor marginalizado a meninos e meninas de rua. *Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá*, v. 30, n. 1, p. 17-24, 2008.
- SALAZAR, Deuzilene Marques. *Amor Educativo: O Ensino Médio no Projeto Educativo Pastoral Salesiano do Colégio Dom Bosco de Manaus (1998-2003)*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Amazonas. Manaus: UFAM, 2007.
- SALAZAR, Deuzilene Marques. *Amor educativo: o ensino médio do Colégio Dom Bosco de Manaus (1998-2003)*. In: COSTA, Mauro Gomes da (org.). *A ação dos salesianos de Dom Bosco na Amazônia*. São Paulo: Editora Salesiana, p. 124-151, 2009.
- SALES, Francisco de. *Filotéia ou Introdução à Vida Devota*. Traduzia por Frei João José Frei de Castro. VIII edição. Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 1959.
- SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismenia Spínola Silveira. *História & Documento e Metodologia de Pesquisa*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- SANTOS, Julianin Araújo et al. Organização sociopolítica de Psicólogas (os) na Bahia: formação das suas entidades de classe. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 33, n. 2, p. 272-282, 2013. Epub 5 Ago 2013. ISSN 1982-3703. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000200003>>. Acesso em: 2 set. 2021.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. *Brasil: uma biografia*. 2ª. Ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SILVA, Suely Braga; Rosas, Paulo (Orgs.). *Mira y López e a psicologia aplicada no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- SILVA, Fábio Henrique Vieira de Cristo; GUNTHER, Hartmut. *Psicologia do trânsito no Brasil: de onde veio e para onde caminha?*. *Temas Psicol.*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 163-175, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2009000100014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100014)>. Acesso em: 31 mai. 2021.
- SILVA, Fabíola Figueirêdo da. *Psicologia no Contexto da Ditadura Civil-Militar e Ressonâncias na Contemporaneidade*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 37 (núm. esp.), 82-90, 2017.
- SILVA, Ricardo Lima da; RÉGIS, Alex Sander Pereira; MARINHO, Venâncio José Michiles. *O enigma da esfinge: o pensamento político de Samuel Benchimol e Djalma Batista*. *Revista*

Sem Aspas, v. 8, n. 1, p. 30–44, 2019. Disponível em:  
<<https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/12601>>. Acesso em: 25 mai. 2021.  
DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v8i1.12601>.

SIQUEIRA, Patrícia Amaral. Tragédia carioca: sujeitos, políticas e embates sobre o abandono de menores (FUNABEM - décadas de 1960 e 1970). 2019. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: Remond René (org). Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ-FGV, 1996.

SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, 30 (n. esp.), 8-41, 2010.

SOKAL, Michel. Abordagem biográfica: a carreira psicológica de Edward Wheeler Scripture. In: Brozek, Josef; Massimi, Marina (orgs). Historiografia da Psicologia Moderna. Versão Brasileira. Editora Loyola. São Paulo, Brasil, 1998.

SOUZA, Ney de. Contexto e Desenvolvimento Histórico do Concílio Vaticano II. Revista de Teologia e Cultura / Journal of Theology & Culture. Edição nº 02 – Out/Nov/Dez, 2005. Disponível em: <<https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/contexto-e-desenvolvimento-historico-do-concilio-vaticano-ii.pdf>>.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). Histórias de Vida e formação de professores. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

SOUZA, Rodrigo Tarcha Amaral de. Pedagogia Salesiana: O Oratório festivo como princípio e fundamento da educação salesiana (p. 145-159). Revista de Ciências da Educação, jan. 2015. ISSN 2317-6091. Disponível em:  
<<https://www.revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/356>>. Acesso em: 28 mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.19091/reced.v1i31.356>.

TOLEDO, F. S. Igreja, Estado, Sociedade e Ensino Superior: a Faculdade Salesiana de Lorena. Lorena: Cabral Editora, 2003.

VASCONCELOS, Kelly Rocha de Matos. Parques Infantis no Amazonas: 1940 a 1996 / Kelly Rocha de Matos Vasconcelos. 233 f. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Pérsida da Silva Ribeiro Miki Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, 2018.

VIER, Frei Frederico (org.). Compêndio do vaticano II: Constituições, decretos e declarações. Editora Vozes, 31<sup>a</sup> ed. 2015.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. Soc. Estado., Brasília, v. 25, n. 2, p. 205-224, 2010. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922010000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200004)>. Acesso em: 7 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000200004>.



XAVIER, Libânia Nacif. Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações. In: GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 464 – 487.

**APÊNDICE A** – Organização das categorias de representação dos(as) psicólogos(as) do Amazonas, de 1970 até atualmente, suas finalidades e profissionais envolvidos

<b>Ano/ Período</b>	<b>Nome da Categoria Profissional</b>	<b>Finalidade “Lema”</b>	<b>Psicólogos Envolvidos</b>	<b>Conteúdo das Entrevistas</b>	<b>Fontes</b>
<b>1979</b>	APA Associação dos Psicólogos Amazonenses	Unir a classe e tratar de assuntos de interesse dos psicólogos e aprimoramento dos serviços prestados à pessoa humana; colaborar para o progresso da Psicologia como ciência e como profissão; incentivar o apreço e a solidariedade que refletem a harmonia da classe e lhe aumentem o conceito público.	Waldir dos Santos Costa  João Bosco Araújo  Lair Levi Buarque  Celestino Oliveira Martins  Maria Luiza Siqueira  Maria Angela Persilva  Maria Beatriz Borges Correa	Narrativas (memórias) das tentativas de conhecer e agregar psicólogos recém-chegados à cidade de Manaus.  Chegada de psicólogos de outras regiões em função da ZFM.	História Oral: Waldir dos Santos Costa  Entrevistas: João Bosco Araújo  Reportagem do Jornal do Comercio de 1979 (Manaus-AM).
<b>Final da década de 1980</b>	Núcleo de Psicólogos do Amazonas	-	Waldir dos Santos Costa  Lígia Maria Duque Johnson de Assis	Engajamento para adquirir representatividade (poder de voto) junto ao CFP.  Aquisição de um local para a sede do Núcleo de Psicólogos.	História Oral: Waldir dos Santos Costa  Entrevistas: Lígia Maria Duque Johnson de Assis
<b>Final da década de 1990</b>	Seção do CRP-01	Direito a voto junto ao CRP-01 e fiscalização remunerada local.	José Humberto da Silva Filho  Lígia Maria Duque Johnson de Assis  Iolete Ribeiro da Silva	Transição de Núcleo para Seção.  Designada a primeira fiscal no Amazonas; Entraves e embates na concepção do CRP-20.	Entrevistas: José Humberto da Silva Filho  Lígia Maria Duque Johnson de Assis  Iolete Ribeiro da Silva
<b>2011-2012</b>	CRP-20 I PLENÁRIO	“Pra Cuidar da Profissão”	Conselheiros Efetivos: Iolete Ribeiro da Silva  Consulena Lopes Leitão	Trajetória de implementação do CRP-20.	História Oral: Waldir dos Santos Costa  Entrevistas: Iolete Ribeiro da Silva

			<p>Lígia Maria Duque Johnson de Assis</p> <p>Maria do Socorro Rodrigues de Souza</p> <p>Selma de Jesus Cobra</p> <p>Luciana Oliveira Lopes</p> <p>Waldir dos Santos Costa</p> <p>Júlio César Carregari</p> <p>Déborah Crystina Gomes Barretos</p>		<p>Lígia Maria Duque Johnson de Assis</p> <p>Termo de Posse do CRP20 de 27/09/2011.</p>
<b>2013-2015</b>	CRP-20 II PLENÁRIO	“Pra Cuidar da Profissão”	<p>Conselheiros Efetivos:</p> <p>Gibson Alves dos Santos</p> <p>Iolete Ribeiro da Silva</p> <p>Lígia Maria Duque Johnson de Assis</p> <p>Magaly Silva de Oliveira</p> <p>Waldir dos Santos Costa</p> <p>Perina de Fátima Aguiar Costa</p> <p>Maria das Graças Mendonça Sales</p> <p>José César da Silva Fonseca</p> <p>Ilmar Costa Lima</p>	-	Termo de Posse do Presidente realizado em 27/09/2013.
<b>2016-2018</b>	CRP-20 III PLENÁRIO	“Pra Cuidar da Profissão”	<p>Presidente: Gibson Alves dos Santos</p>	-	Termo de Posse do Presidente realizado no dia 24/09/2016.
<b>2019-2021</b>	CRP-20 IV PLENÁRIO	“Frente em Defesa da Psicologia”	<p>Presidente: Lígia Maria Duque Johnson de Assis</p>	Relata sua trajetória junto à organização da classe profissional de	História Oral: Lígia Maria Duque Johnson de Assis

				psicólogos, desde sua chegada a Manaus, do Núcleo de Psicólogos até a atualidade.	
--	--	--	--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora, mediante os termos de posse dos plenários do Conselho Regional de Psicologia (CRP-20), Hemeroteca Nacional Digital e entrevistas com os sujeitos citados nesta pesquisa.

APÊNDICE B – Cessão de Direitos de Waldir dos Santos Costa

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Nome completo do entrevistado: Waldir dos Santos Costa  
 Data de Nascimento: 25/02/1939  
 Local de nascimento: Manaus - AM  
 Nacionalidade: Brasileiro  
 Estado civil: Casado  
 Profissão: Psicólogo e Professor  
 Identidade nº: 63976  
 Órgão emissor: SSP-AM  
 CPF: 004.553.774-72  
 Endereço completo (logradouro, nº, bairro, cidade, estado): Rua Sumapiras, 202, Conjunto Kussia, Boa Vista, Com. Pedro, CEP: 69010-350  
 Contato: (92) 3238-6440 (92) 98112 6441  
 Data (s) da(s) entrevista(s): 11/06/2018; 25/06/2018; 01/02/2019  
 Local da(s) entrevista(s): Na casa do entrevistado

Pelo presente documento, eu, Waldir dos Santos Costa, CPF nº 004.553.774-72, declaro, ceder ao Programa de Pós Graduação do Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Doutorado Interinstitucional-DINTER, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora Selma Barboza Perdomo.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

A pesquisadora supracitada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o(s) mencionado(s) depoimento(s) no todo ou parte, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Dados da pesquisadora:

Nome completo: Selma Barbosa Perdomo  
Identidade: 25020773 SSP-AM  
Endereço: Av. Visconde Porto Seguro, 500, casa 07  
Cond. Ilha do Sol. CEP 69058-090  
Contato: (92) 98114-5996

Manaus, 02 de fevereiro de 2019



Assinatura da pesquisadora



Assinatura do depoente

APÊNDICE C – Cessão de Direitos de Lígia Maria Duque Johnson de Assis

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Nome completo do entrevistado: Lígia M<sup>te</sup> Duque J. de Assis  
 Data de Nascimento: 20/03/1955  
 Local de nascimento: Governador Valadares - MG  
 Nacionalidade: Brasileira  
 Estado civil: Casada  
 Profissão: Psicóloga  
 Identidade n<sup>o</sup>: 8948199  
 Órgão emissor: SSP - SP  
 CPF: 853.581.268-72  
 Endereço completo (logradouro, n<sup>o</sup>, bairro, cidade, estado): Rua Ana Leão, 89 Cidade Nova II  
 Contato: (92) 99980-5878  
 Data(s) da(s) entrevista(s): 08/02/2019  
 Local da(s) entrevista(s): CRP - AM

Pelo presente documento, eu, Lígia Maria Duque  
 CPF n<sup>o</sup> 853.581.268-72, declaro, ceder ao Programa de Pós Graduação do  
 Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a  
 Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Doutorado Interinstitucional-DINTER, sem  
 quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade  
 e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à  
 pesquisadora Selma Barboza Perdomo.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

A pesquisadora supracitada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o(s) mencionado(s) depoimento(s) no todo ou parte, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

**Dados da pesquisadora**

Seimã Barboza Perdomo

Documento: RG 2508973

Endereço: Av. Visconde Porto Seguro, 500, condomínio Ilha do Sol, Casa 07.


Bairro: Flores, Pq das Laranjeiras.

CEP: 69058-090

Manaus-AM

Contato: (92) 98114-5996

Manaus, 06 de junho de 2019



Assinatura da pesquisadora



Assinatura do depoente



**APÊNDICE D – Cessão de Direitos de Luis Alberto Passos Presa**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Nome completo do entrevistado: Luis ALBERTO PASSOS PRESA

Data de Nascimento: 07/08/1957

Local de nascimento: Jaguarão - RS

Nacionalidade: Brasileira

Estado civil: Casado

Profissão: Psicólogo

Identidade nº: 200.539119-4

Órgão emissor: SSP-RS

CPF: 250.609.100-91

Endereço completo (logradouro, nº, bairro, cidade, estado): Av. Desembarg. João Machado, 136  
Bairro: Alvorada I  
Bloco 5B Apto 201

Contato: (92) 98614 - 9704

Data(s) da(s) entrevista(s):  
Manaus, 5 de junho de 2019

Local da(s)  
entrevista(s):

Pelo presente documento, eu, Luis Alberto Passos Presa,  
CPF nº 250.609.100-91, declaro, ceder ao Programa de Pós Graduação do  
Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Doutorado Interinstitucional-DINTER, sem  
quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade  
e os direitos autorais do depoimento de **caráter histórico e documental** que prestei à  
pesquisadora Selma Barboza Perdomo.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

A pesquisadora supracitada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o(s) mencionado(s) depoimento(s) no todo ou parte, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

**Dados da pesquisadora**

Seíma Barboza Perdomo

Documento: RG 2508973

Endereço: Av. Visconde Porto Seguro, 500, condomínio Ilha do Sol, Casa 07.

Bairro: Flores, Pq das Laranjeiras.

CEP: 69058-090

Manaus-AM

Contato: (92) 98114-5996

Manaus, 05 de junho de 2019

  
Assinatura da pesquisadora

Luís A. P. Gresa  
Assinatura do depoente

APÊNDICE E – Cessão de Direitos de Lidia Rochedo Ferraz

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Nome completo do entrevistado: Lidia Rochedo Ferraz  
 Data de Nascimento: 12/07/1966  
 Local de nascimento: Rio de Janeiro - RJ  
 Nacionalidade: Brasileira  
 Estado civil: Viúva  
 Profissão: Professora  
 Identidade nº: 7020608-1  
 Órgão emissor: IFP-RJ  
 CPF: 950460207-00  
 Endereço completo (logradouro, nº, bairro, cidade, estado): Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 6200 - Coroado - Manaus - AM  
 Contato: (92) 99177-4506  
 Data(s) da(s) entrevista(s): 05/06/2019  
 Local da(s) entrevista(s): FACULDADE DE PSICOLOGIA/UEAM

Pelo presente documento, eu, Lidia Rochedo Ferraz, CPF nº 950460207-00, declaro, ceder ao Programa de Pós Graduação do Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Doutorado Interinstitucional-DINTER, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora Selma Barboza Perdomo.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

A pesquisadora supracitada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o(s) mencionado(s) depoimento(s) no todo ou parte, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

**Dados da pesquisadora**

Selma Barboza Perdomo

Documento: RG 2508973

Endereço: Av. Visconde Porto Seguro, 500, condomínio Ilha do Sol, Casa 07.

Bairro: Flores, Pq das Laranjeiras.

CEP: 69058-090

Manaus-AM

Contato: (92) 98114-5996

Manaus-AM, 05 de Junho de 2019

Assinatura da pesquisadora

  
Assinatura do depoente

APÊNDICE F – Cessão de Direitos de Gebson Alves dos Santos

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Nome completo do entrevistado: Gebson Alves dos Santos  
 Data de Nascimento: 02/03/1958  
 Local de nascimento: Maceió - Alagoas  
 Nacionalidade: Brasil  
 Estado civil: Casado  
 Profissão: Psicólogo (Previdente CRP-20)  
 Identidade nº: 849795-1 Justiça 2016 - 2019  
 Órgão emissor: SSP-MH 2013 - 2016  
 CPF: 209.974.854 - 34  
 Endereço completo (logradouro, nº, bairro, cidade, estado): R Waldemar Jordun Maceió, 1041  
Cond. Vila Guia  
Rua Egle, 178 - Novo Azeite  
 Contato: (92) 99977-9951  
 Data(s) da(s) entrevista(s): 02/02/2019  
 Local da(s) entrevista(s): CRP-20

Pelo presente documento, eu, Gebson Alves dos Santos,  
 CPF nº 209.974.854-34, declaro, ceder ao Programa de Pós Graduação do  
 Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a  
 Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Doutorado Interinstitucional-DINTER, sem  
 quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade  
 e os direitos autorais do depoimento de **caráter histórico e documental** que prestei à  
 pesquisadora Selma Barboza Perdomo.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
DOCTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

A pesquisadora supracitada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o(s) mencionado(s) depoimento(s) no todo ou parte, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

**Dados da pesquisadora**

Selma Barboza Perdomo

Documento: RG 2508973

Endereço: Av. Visconde Porto Seguro, 500, condomínio Ilha do Sol, Casa 07.

Bairro: Flores, Pq das Laranjeiras.

CEP: 69058-090

Manaus-AM

Contato: (92) 98114-5996

Manaus, 06 de Junho de 2019



Assinatura da pesquisadora



Assinatura do depoente

APÊNDICE G – Cessão de Direitos de João Bosco Bezerra Araújo

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Nome completo do entrevistado: João Bosco Bezerra de Araújo  
 Data de Nascimento: 01/10/1936  
 Local de nascimento: Manaus  
 Nacionalidade: Brasileira  
 Estado civil: Casado  
 Profissão: Psicólogo - Professor  
 Identidade n°: 37572 SSP-AM  
 Órgão emissor: AM  
 CPF: 000 284 952 68  
 Endereço completo (logradouro, n°, bairro, cidade, estado): Rua Tapajós, 140 - Centro  
CEP 69010-250  
 Contato: (92) 98827-6385 / 3622-6385  
 Data(s) da(s) entrevista(s):  
 Local da(s) entrevista(s): Detran - AM

Pelo presente documento, eu, João Bosco B. de Araújo,  
 CPF n° 000 284.952.68, declaro, ceder ao Programa de Pós Graduação do  
 Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a  
 Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Doutorado Interinstitucional-DINTER, sem  
 quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade  
 e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à  
 pesquisadora Selma Barboza Perdomo.

*[Assinatura]*

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

A pesquisadora supracitada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o(s) mencionado(s) depoimento(s) no todo ou parte, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

**Dados da pesquisadora**

Selma Barboza Perdomo

Documento: RG 2508973

Endereço: Av. Visconde Porto Seguro, 500, condomínio Ilha do Sol, Casa 07.

Bairro: Flores, Pq das Laranjeiras.

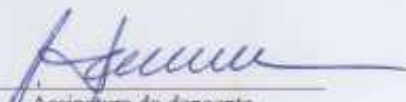
CEP: 69058-090

Manaus-AM

Contato: (92) 98114-5996

Manaus 22 de Maio de 2019

  
Assinatura da pesquisadora

  
Assinatura do depoente



APÊNDICE H – Cessão de Direitos de José Humberto da Silva Filho

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Nome completo do entrevistado: José Humberto da Silva Filho

Data de Nascimento: 25/05/1963,

Local de nascimento: Palmeira dos Índios - Abagoas

Nacionalidade: Bras.

Estado civil: Divorciado

Profissão: Psicólogo - Pnd

Identidade n.º: 30827386-5

Órgão emissor: SSP-SP

CPF: 352.152.404-34

Endereço completo (logradouro, n.º, bairro, cidade, estado): Av. Barão de Itaipuaçu, 1029  
Res. Laranjeiras - Flores

Contato: (98) 99626-3090

Data(s) da(s) entrevista(s):

05/06/2019

Local da(s)

entrevista(s): OPAM - PAPEI

Pelo presente documento, eu, José Humberto da Silva Filho, CPF n.º 352.152.404-34, declaro, ceder ao Programa de Pós Graduação do Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Doutorado Interinstitucional-DINTER, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora Selma Barboza Perdomo.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

A pesquisadora supracitada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o(s) mencionado(s) depoimento(s) no todo ou parte, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

**Dados da pesquisadora**

Selma Barboza Perdomo

Documento: RG 2508973

Endereço: Av. Visconde Porto Seguro, 500, condomínio Ilha do Sol, Casa 07.

Bairro: Flores, Pq das Laranjeiras.

CEP: 69058-090

Manaus-AM

Contato: (92) 98114-5996

Manaus, 05 de Junho de 2019.



Assinatura da pesquisadora



Assinatura do depoente

APÊNDICE I – Cessão de Direitos de Odete de Oliveira Nascimento

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Nome completo do entrevistado: Odete de Oliveira Nascimento  
 Data de Nascimento: 22/09/1958  
 Local de nascimento: Marauá - Am  
 Nacionalidade: Brasileira  
 Estado civil: Divorciada  
 Profissão: Servidora Pública  
 Identidade nº: 385.114-4  
 Órgão emissor: SSP - Am  
 CPF: 161600962-49  
 Endereço completo (logradouro, nº, bairro, cidade, estado): Ru Darcy Vargas, 192-3  
Bairro Parque Dez de Novembro  
 Contato: (92) 98809 4759  
 Data (s) da(s) entrevista(s): 22/05/2019  
 Local da(s) entrevista(s): Detran - Am

Pelo presente documento, eu, Odete de Oliveira Nascimento, CPF nº 161600962 49, declaro, ceder ao Programa de Pós Graduação do Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Doutorado Interinstitucional-DINTER, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora Selma Barboza Perdomo.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

A pesquisadora supracitada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o(s) mencionado(s) depoimento(s) no todo ou parte, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

**Dados da pesquisadora**

Selma Barboza Perdomo

Documento: RG 2508973

Endereço: Av. Visconde Porto Seguro, 500, condomínio Ilha do Sol, Casa 07.

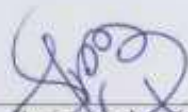
Bairro: Flores, Pq das Laranjeiras.

CEP: 69058-090

Manaus-AM

Contato: (92) 98114-5996

Manaus-Am, 22 de maio de 2019



Assinatura de pesquisadora



Assinatura do depoente

APÊNDICE J – Cessão de Direitos de Claudia Regina Brandão Sampaio

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Nome completo do entrevistado: Claudia Regina Brandão Sampaio

Data de Nascimento: 21/04/1969

Local de nascimento: Manaus

Nacionalidade: Bras.

Estado civil: div.

Profissão: Psicóloga

Identidade nº: 0776693-9

Órgão emissor: SSP-AM

CPF: 291.125.322-15

Endereço completo (logradouro, nº, bairro, cidade, estado): Av. Urucara, 321 Bl. B, Apt 301, Cachoeira

Contato: (92) 99983-7026

Data(s) da(s) entrevista(s):

Local da(s) entrevista(s):

Pelo presente documento, eu, Cláudio Sampaio  
CPF nº 291.125.322.15, declaro, ceder ao Programa de Pós Graduação do Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Doutorado Interinstitucional-DINTER, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora Selma Barboza Perdomo.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

A pesquisadora supracitada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o(s) mencionado(s) depoimento(s) no todo ou parte, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

**Dados da pesquisadora**

Selma Barboza Perdomo

Documento: RG 2508973

Endereço: Av. Visconde Porto Seguro, 500, condomínio Ilha do Sol, Casa 07.

Bairro: Flores, Pq das Laranjeiras.

CEP: 69058-090

Manaus-AM

Contato: (92) 98114-5996

Manaus, 05 de Junho de 2019



Assinatura da pesquisadora



Assinatura do depoente

APÊNDICE K – Cessão de Direitos de Maria de Lourdes Freire Joga

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Nome completo do entrevistado: Maria de Lourdes Freire Joga  
 Data de Nascimento: 04 de julho de 1952  
 Local de nascimento: Mandacaru - AM  
 Nacionalidade: Brasileira  
 Estado civil: Solteira  
 Profissão: Psicóloga  
 Identidade nº: 0295684-0  
 Órgão emissor: SESEP-AM  
 CPF: 111 792 952 - 34  
 Endereço completo (logradouro, nº, bairro, cidade, estado): Rua da Cachoeira nº 202 - Bairro de São Raimundo - Manaus - Am.  
 Contato: (92) 99493 2096  
 Data(s) da(s) entrevista(s): 22-05-19  
 Local da(s) entrevista(s): DETRAN/AM

Pelo presente documento, eu, Maria de Lourdes Freire Joga CPF nº 111 792 952 - 34, declaro, ceder ao Programa de Pós Graduação do Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Doutorado Interinstitucional-DINTER, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora Selma Barboza Perdomo.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO

A pesquisadora supracitada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o(s) mencionado(s) depoimento(s) no todo ou parte, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

**Dados da pesquisadora**

Selma Barboza Perdomo

Documento: RG 2508973

Endereço: Av. Visconde Porto Seguro, 500, condomínio Ilha do Sol, Casa 07.

Bairro: Flores, Pq das Laranjeiras.

CEP: 69058-090

Manaus-AM

Contato: (92) 98114-5996

Manaus-AM, 22 de maio de 2019



Assinatura da pesquisadora



Assinatura do depoente



## ANEXO A – Artigo “Psicologia - Ciência e Profissão no Amazonas”

2003 a 2004

*Unidades da Região Norte e sua Transformação*

## PSICOLOGIA - CIÊNCIA E PROFISSÃO NO AMAZONAS

A história da Psicologia no Amazonas iniciou-se com a formação da primeira universidade denominada de "Escola Universitária Livre de Manaus", uma remodelação da Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas, inaugurada a 22 de novembro de 1909. Nesta época os conteúdos da área da Psicologia eram abordados nos cursos de fundamentação psicológica das ciências sociais e políticas.

A Psicologia estava intimamente relacionada aos trabalhos educacionais desenvolvidos no Estado do Amazonas, principalmente, com a existência da Escola Normal criada em 04 de novembro de 1880 e inaugurada em 06 de março de 1982 sob a direção do Dr. Epifânio José Pedrosa. O enfoque psicológico era aplicado a escolas particulares e estatais e escolas especializadas, como o Instituto Montessoriano Álvaro Maia do Dr. André Araújo. Este, por sua vez, desenvolvia trabalhos com deficiências físicas, auditivas, visuais e mentais leves dentro de um processo educativo de desenvolvimento da potencialidade. Pertencia à Escola, também, o "Laboratório Psicopedagógico da Conduta Infantil Araújo Filho". As atividades profissionais eram desenvolvidas por educadores, no Juizado de Menores, cujo titular era o Dr. André Araújo. Havia um serviço de avaliação e orientação psicológicas através de testes psicopedagógicos.

Em 1929 foi dado início ao concurso para provimento de Cátedra a serviço da Escola Normal e foram apresentadas as teses "Da Linguagem Interior" e "Personalidade Consciente" pelos Drs. Sabbás Teles da Rocha e Aurélio Waldemir Perbeiro. Como se pode verificar, a preocupação dos professores era com o indivíduo seu desenvolvimento e integração social.

Um antigo marco para a história da Psicologia no Amazonas foi a "Escola de Serviço Social" do Dr. André Araújo, que direcionava o trabalho do "Serviço Social" para o atendimento de menores carentes, desenvolvendo práticas de orientação psicológicas com os menores de rua e os acolhidos nas Escolas de "Re-educação".

Outro passo histórico da Psicologia ligado à educação efetivou-se na criação da Faculdade de Filosofia do Amazonas, órgão de ensino superior criado pelo Governo do Estado, que oferecia então, os cursos de bacharelado em Filosofia, Matemática, Ciências Sociais, Letras, etc. Em 1959, juntamente com as Escolas de Serviços Sociais, a Faculdade de Filosofia passou a integrar a Fundação Universidade do Amazonas, mantida pelo Governo Federal. Nesta época os estudos da Psicologia foram ampliados através das disciplinas curriculares dos cursos de graduação daquela Universidade.

No início dos anos 60, graduou-se no Rio de Janeiro, mais precisamente na PUC - RJ, João Bosco Bezerra de Araújo (reg. MEC 007 - CRP 01/0044) na primeira turma, tendo estagiado no ISOP - Fundação Getúlio Vargas e, sobretudo, no Centro de Orientação Juvenil - COJ, do Departamento Nacional da Criança no Ministério da Saúde, onde também fez especialização. Filho do Dr. André Araújo, foi para Manaus, onde começou oficialmente as atividades clínicas, organizacionais e magistério. Foi ele o primeiro psicólogo amazonense, tendo desenvolvido trabalhos na Penitenciária Central do Estado do Amazonas e atuado como Professor Titular aposentado da U.A.

Waldir dos Santos Costa, segundo amazonense a graduar-se em Psicologia, chegou a Manaus em 1973. Formado pela Universidade Católica de Pernambuco, organizou o laboratório de Psicometria para a avaliação de candidatos à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação no Estado. Waldir realizou inúmeros trabalhos na Universidade do Amazonas como Professor de Psicologia. Colaborou nos programas estaduais de atendimento a menores carentes e de rua, sendo o primeiro presidente efetivo da FEBEM - AM. Durante o período de 1978 a 1983, após a criação dos Conselhos Regionais de Psicologia, foi nomeado representante regional (AM/RR) do CRP 01 (Brasília-DF). Exercendo o cargo a ele destinado e representando a voz receptiva dos psicólogos que a Manaus chegavam, foi Waldir Costa que encaminhou a documentação de inscrição desses primeiros psicólogos a Brasília.

A chegada daqueles profissionais fez com que a Psicologia passasse a ser desenvolvida como prática de trabalho, sendo mais usada no Distrito Industrial da Zona Franca de Manaus. Com essa prática psicológica no trabalho, alguns passaram a fazer clínica enquanto outros atuavam na área social. Trabalhavam no Colégio Militar de Manaus, os coronéis Hugo de Castro (Psicometrista) e Coelho Neto (Psicólogo). Na Universidade trabalhava o Capitão Aluísio de Azevedo Coutinho (Professor, Licenciado em Psicologia).

Convém salientar que na luta para regulamentar a profissão de psicólogo no Brasil, o Deputado amazonense Antunes de Oliveira foi um grande colaborador. Ele recebeu do Ministério da Educação e da

**"A Psicologia estava intimamente relacionada aos trabalhos educacionais desenvolvidos no Estado do Amazonas, principalmente, com a existência da Escola Normal, criada em 04 de novembro de 1880 e inaugurada em 06 de março de 1982 sob a direção do Dr. Epifânio José Pedrosa."**

Revista da Psicologia / CRP-01 Página 39

*Epifânio José Pedrosa: fiscal sanitário*

Cultura o registro de psicólogo por ter desenvolvido estudos e trabalhos em Psicologia naquela região. Dessa forma, o Amazonas contribuiu para a regulamentação da Psicologia como profissão no cenário nacional (Lei 4.119, de 27.08.1962).

A representação do CRP - 01 na região era bem individual, sem possibilidade de ajuda do Conselho. A vista de membros do CRP na tentativa de mobilizar os psicólogos que ali estavam a efetivarem sua participação não surtiu o necessário efeito. Por iniciativa do psicólogo Waldir dos Santos Costa, fundou-se a Associação da Psicologia do Amazonas, reunindo os psicólogos e professores presentes como: João Bosco Araújo, Padre Ruas, professora Lêda Brasil, psicóloga Maria Luíza Siqueira, professor Aluizio de Azeredo Coutinho, tendo por objetivo os estudos e a troca de experiências no magistério de Psicologia. Devido às constantes chegadas e saídas de psicólogos não houve continuidade às atividades da associação, que ficaram apenas registradas no cartório daquela Entidade.

O impulso maior da Psicologia na área de pesquisas aconteceu com a criação de cursos de pós-graduação realizados pela ULBRA - Universidade Luterana do Brasil.

O Conselho Regional 01, na 7ª plenária, do psicólogo Aníbal Sales Bastos, a partir de 1991 tentou mobilizar os outros Conselhos a fim de que ajudassem na estruturação dos outros Núcleos (Núcleo AM/RR, Núcleo RO/AC). Politicamente bem viável, a falta de recursos financeiros impediu que fosse dado continuidade aos trabalhos. Nesta época o Núcleo ganhou local próprio para a sede e ponto de apoio das atividades profissionais. Mesmo a contratação de Kátia Martins Nogueira, excelente profissional, que efetuou um respeitável trabalho sobre o exercício da profissão junto à categoria, requisitada pelo CRP-01 para fazer orientação e fiscalização do Núcleo, não foi suficiente diante da falta de apoio financeiro e das contorções de despesa, que impossibilitaram a continuidade do trabalho. O CRP - 01 não possuía uma estrutura para

que pudesse prover sozinho as necessidades orçamentárias do núcleo naquela época. Foi então cogitada a transformação dos núcleos em representações.

Em Roraima a afirmação e a valorização da profissão foram definidas e trabalhadas pelos poucos profissionais que lá se constituíram presentes sob a coordenação do psicólogo Francisco de Assis Lima de Carvalho, que hoje representa o núcleo com grande esforço e dedicação.

Neste momento faz-se necessária uma menção honrosa a todos que, direta ou indiretamente, mantiveram viva a consciência de categoria profissional e preservaram com sua ética e moral o exercício da profissão, sem a qual não teria sido possível a sustentação daquele fervoroso trabalho de desenvolvimento e adaptação de Psicologia.

A partir de 1988, a representação passaria a outro amazonense, o psicólogo Adrião Severiano Nunes Júnior que a exerceu até 1992, quando realizou-se a primeira eleição para membros coordenadores do núcleo.

Em 25.09.92, Waldir dos Santos Costa, Adrião Severiano Nunes e Maria de Fátima Hayek assumiram o Núcleo sob a coordenação geral de Waldir Costa. Nova eleição viria a ser realizada em 1995 na qual a psicóloga Maria Leonor Bicalho viria a assumir juntamente com a Diretoria do CRP - 01, a presidência do Conselho; a Coordenação Geral do Núcleo coube a Hildes do Amparo Delduque Farina.

O Núcleo realizou as suas atividades e possibilitou a realização de três Encontros Regionais de Psicólogos do Amazonas, nos anos 92, 93 e 94. A mobilização foi pequena, mas com muita decisão e colaboração dos profissionais engajados.

Com o surgimento dos cursos de Psicologia na Universidade Amazonense e na Universidade Luterana do Brasil, a demanda de profissionais de psicologia nos colégios, nas famílias e nos programas sociais cresceu.

Com a crise do desemprego que assolou e assola o Brasil nestes últimos anos, o psicólogo organizacional tornou-se muito preferido. Surgiram funções de avaliação psicológica no trabalho, muitas vezes confundida com a figura do entrevistador; se tratando de função privativa do psicólogo.

A pesquisa tem hoje número maior de profissionais na área de Psicologia. As Universidades Amazonense e Luterana estão contribuindo com novos cursos de pós-graduação e os alunos estão sendo iniciados na pesquisa através da apresentação de monografias e relatórios. Na extensão também surgiram cursos de desenvolvimento do estudo da Psicologia ministrados na capital e no interior do Estado.

Atualmente percebe-se que há um maior domínio da Psicologia como ciência e profissão. Certamente seria preciso uma mobilização ainda maior de todos os profissionais para que se consagrasse a necessidade dos serviços e pesquisas nesta área em prol do bem estar e da saúde do homem da região amazônica.

Graças ao dinamismo da atual plenária do CRP-01 (8ª plenária) junto ao Conselho Federal da Psicologia e através do Fundo para manutenção das Unidades da Região Norte, em breve será possível a transformação do Núcleo em Seção e certamente será esse um impulso fundamental para uma maior autonomia da categoria dos psicólogos do Amazonas.

*"Outro passo histórico da Psicologia ligado à educação efetivou-se na criação da Faculdade de Filosofia do Amazonas, órgão de ensino superior criado pelo Governo do Estado, que oferecia então, os cursos de bacharelado em Filosofia, Matemática, Ciências Sociais, Letras, Pedagogia e Jornalismo"*

Isolete Ribeiro de Silva

Presidência Regional - Roraima - 2011



## ANEXO B – Certidão de Subsecretário de Trabalho e Serviço Social do AM, de 1976 a 1979.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

C E R T I D ã O

CERTIFICAMOS em atendimento a solicitação verbal do Dr. WALDIR DOS SANTOS COSTA, Subsecretário de Estado de Trabalho e Serviço Sociais, solicita Certidão de Tempo de Serviço prestado nesta Secretaria. De acordo com os assentamentos em ficha funcional, constatamos o que se segue: Por Decreto Governamental datado de dezessete de outubro de mil novecentos e setenta e três, publicado no Diário Oficial da mesma data, foi WALDIR DOS SANTOS COSTA, nomeado de acordo com o artigo vinte e três, ítem III da Lei número setecentos e um de trinta e de dezembro de mil novecentos e sessenta e sete, para exercer em comissão o cargo de Diretor da Colônia Agro Escolar Nello Mattos, a partir do dia dez do corrente. Por Portaria número trinta e cinco, barra setenta e cinco - SESERV, datada de seis de maio de mil novecentos e setenta e cinco, do titular desta Pasta foi este servidor, designado para responder pela Coordenação do Plano de Prevenção da Marginalização do Menor-PLIMEC, até ulterior deliberação, publicado no D. O. de nove de maio de mil novecentos e setenta e cinco. Por Portaria número quarenta e três, barra setenta e cinco, do titular desta Pasta, foi este servidor designado para como Presidente, compor o Grupo de Trabalho, encarregado de elaborar diretrizes gerais para aplicação no âmbito estadual da Política Nacional do Bem Estar do Menor, publicado no D.O. de vinte e três de maio de mil novecentos e setenta e cinco. Por Portaria número quarenta e cinco, barra setenta e cinco - SESERV, do titular desta Pasta, datada de treze de junho de mil novecentos e setenta e cinco, foi este servidor designado para Coordenar a Montagem do Serviço de Orientação Permanente, aos Técnicos de Nível Superior da Secretaria de Estado de Serviços Sociais. Por Portaria número quatorze, barra setenta e cinco-SESERV D.A.- foi este servidor designado a se deslocar à cidade de Parintins para tratar de assuntos de interesse desta Pasta, no período de oito à dez de novembro de mil novecentos e setenta e cinco. Por Portaria número dez, barra setenta e seis-SETRASS, foi este Técnico autorizado a se deslocar ao Município de Parintins, no período de oito à dez de janeiro de mil novecentos e setenta e seis, para tratar de assuntos de interesses na área do menor, D.O. datado de vinte e seis de janeiro de mil novecentos e setenta e seis. Por Portaria número nove, barra setenta e seis-SETRASS, autorizou este Psicólogo, Coordenador de Área de Atuação a Menores, a viajar com destino aos Municípios de Itacoatiara e Parintins, nos períodos de dezessete à dezenove e de vinte e um a vinte e quatro de janeiro

## GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

janeiro de mil novecentos e setenta e seis. Por Portaria número vinte e dois, barra setenta e seis-SETRASS, foi este servidor designado para responder pela Direção da Escola Nello Mattos, desta Secretaria, durante a ausência do seu titular. D.O. de dezoito de fevereiro de mil novecentos e setenta e seis. Por Portaria número vinte e três, barra setenta e seis-SETRASS, foi revogada a Portaria número vinte e dois, barra setenta e seis-SETRASS, que designou este servidor para responder pela Direção da Escola "Nello Mattos". D.O. de dezoito de fevereiro de mil novecentos e setenta e seis. Por Portaria número vinte e cinco, barra setenta e seis, de dezenove de fevereiro de mil novecentos e setenta e seis-SETRASS, designou este servidor, Coordenador da Área de Atenção a Menores desta SETRASS, para responder pela Coordenação do plano de Prevenção do Menor na Comunidade-PLIME, durante a ausência de seu titular, até ulterior deliberação. D.O. datado de vinte e seis de fevereiro de mil novecentos e setenta e seis. Por Portaria número setenta e um, barra setenta e seis, datada de vinte e sete de maio de mil novecentos e setenta e seis-SETRASS, revogou a Portaria de número quarenta e cinco, barra setenta e seis-SESERV, designando este servidor Coordenador da Área de Atenção a Menores desta Secretaria de Estado, para responder pela Coordenação do Plano de Prevenção do Menor na Comunidade-PLIMEC, durante a ausência de seu titular, até ulterior deliberação. D.O. de dois de junho de mil novecentos e setenta e seis. Por Portaria número setenta e cinco, barra setenta e seis datada de vinte e sete de maio de mil novecentos e setenta e seis-SESERV, foi este servidor designado para responder pela Unidade do Bem Estar do Menor desta Secretaria, a partir de três de fevereiro de mil novecentos e setenta e seis. D.O. de dois de junho de mil novecentos e setenta e seis. Por Portaria número setenta e seis, barra setenta e seis-SETRASS, datada de vinte e sete de maio de mil novecentos e setenta e seis, revogou a Portaria de número oito, barra setenta e seis-SETRASS, na qual o servidor foi designado para responder pela Coordenação dos Programas de Ação Socio-Terapêutica e Ação Preventiva de Assistência do Menor, desta SETRASS. D.O. de dois de junho de mil novecentos e setenta e seis. Por Portaria número cento e um, barra setenta e seis, datada de vinte e sete de julho de mil novecentos e setenta e seis-SETRASS, concedeu liberação a este técnico para participar do I Congresso Nacional e Internacional de Parapsicologia e Medicina, no período de vinte e oito de julho de mil novecentos e setenta e seis à sete de agosto de mil novecentos e setenta e seis, no Estado de São Paulo, sem ônus para a Secretaria de Estado de Trabalho e Serviços Sociais: D.O. de vinte e oito de julho de mil novecentos e setenta e seis. Por Portaria número cinquenta e nove, barra setenta e sete, data-



## GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

datada de seis de junho de mil novecentos e setenta e sete-SETRASS, suspendeu o contrato de trabalho deste servidor, técnico de nível superior, por tempo indeterminado, a partir de primeiro de maio de mil novecentos e setenta e sete, enquanto vigorar os efeitos dos supra citados documentos legais. D. O. datado de dez de junho de mil novecentos e setenta e sete. Em data de primeiro de março de mil novecentos e setenta e oito o portador foi promovido ao cargo de Assistente Técnico nível "B", com um salário mensal de G\$11.741,25 (Onze Mil, Setecentos e Quarenta e Um Cruzeiros e Dezoito Centavos), com horário de trabalho especial de Psicólogo continuando o seu contrato suspenso sem quebra do vínculo empregatício, para que possa continuar a exercer a função de Presidente da FEBEM/Am. Em data de primeiro de março de mil novecentos e setenta e nove, o portador foi promovido ao cargo de Assistente Técnico nível "C", com o salário mensal de G\$17.611,76 (Dezessete Mil Seiscentos e onze Cruzeiros e Setenta e Oito Centavos), com horário especial de Psicólogo, continuando o seu Contrato Suspenso, sem quebra de vínculo empregatício, para que possa continuar a exercer a função de Presidente da FEBEM/Am. Por Portaria número cinquenta e nove, barra setenta e nove-GSETRASS de dez de abril de mil novecentos e setenta e nove, tomando sem efeito a de número cinquenta e nove, barra setenta e sete de seis de junho de mil novecentos e setenta e sete, que sustou o contrato de trabalho por tempo indeterminado deste servidor, a partir de quinze de março do corrente ano. D.O. de vinte e quatro de abril de mil novecentos e setenta e nove. Por Ordem de Serviço número cinquenta e sete, barra setenta e nove-GSETRASS, datada de vinte de abril de mil novecentos e setenta e nove, determinou o comparecimento deste técnico às sextas-feiras no horário das 08:00 às 11:00 horas, na sede do Sistema Nacional de Emprego-SINE/AM, na condição de Psicólogo, a fim de atender a clientela daquele órgão. Por Decreto Governamental, datado de sete de junho de mil novecentos e setenta e nove, foi este técnico nomeado para exercer o cargo comissionado de Subsecretário de Estado de Trabalho e Serviços Sociais. D.O. datado de sete de junho de mil novecentos e setenta e nove. Por Portaria número setenta e três, barra setenta e nove-GSETRASS, datada de vinte de julho de mil novecentos e setenta e nove, determinando que o Subsecretário, represente esta Secretaria no citado Encontro de Entidades no Alto Solimões, no período de vinte e cinco à vinte e sete de julho do corrente. D. O. Por Ordem de Serviço número cento e quinze, barra setenta e nove-GSETRASS, datado de dezoito de setembro de mil novecentos e setenta e nove, de titular desta Pasta, suspendeu o Contrato de Trabalho deste Técnico, do Quadro desta SETRASS, a partir de sete de junho de mil novecentos e setenta e nove. De acordo com a vida funcional



## GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

funcional do servidor em causa, extraímos o seguinte tempo de serviço, assim discriminado: Em mil novecentos e setenta e três (1973), em exercício de dez de outubro à trinta e um de dezembro, oitenta e três (83) dias; em mil novecentos e setenta e quatro (1974), em exercício de primeiro de janeiro à trinta e um de dezembro, trezentos e sessenta e cinco (365) dias; em mil novecentos e setenta e cinco (1975), em exercício de primeiro de janeiro à trinta e um de dezembro, trezentos e sessenta e cinco (365) dias; em mil novecentos e setenta e seis (1976), em exercício de primeiro de janeiro à trinta e um de dezembro, trezentos e sessenta e cinco (365) dias; em mil novecentos e setenta e sete (1977), em exercício de primeiro de janeiro à trinta de abril, cento e vinte (120) dias; em mil novecentos e setenta e nove (1979), em exercício de quinze de março à trinta de setembro, data em que encerrei a contagem, duzentos (200) dias, perfazendo um total geral de UM MIL QUATROCENTOS E NOVENTA E OITO (1.498) dias, ou sejam: QUATRO (04) ANOS, UM (01) MÊS e OITO (08) DIAS de serviços prestados a esta Secretaria. E para constar eu, *Maria de Nazareth Figueiredo de Almeida*, .... Agente Setorial de Pessoal, passei a presente certidão, aos dez dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e setenta e nove, a qual vai assinada pela Secretária de Estado de Trabalho e Serviços Sociais.//

*Terezinha de Brito Nunes*

Secretária de Trabalho e Serviços Sociais

## ANEXO C – Portaria Nº 089/79 – GSETRASS, de Agradecimento a Waldir dos Santos Costa



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS  
SECRETARIA DE ESTADO DO TRABALHO E SERVIÇOS SOCIAIS

PORTARIA Nº 089/79-GSETRASS

A SECRETÁRIA DE ESTADO DO TRABALHO  
E SERVIÇOS SOCIAIS, no uso de suas atribuições legais, e

CONSIDERANDO o bom trabalho desem-  
penhado pelo Dr. WALDIR DOS SANTOS COSTA na Subsecretaria de  
Estado do Trabalho e Serviços Sociais,

CONSIDERANDO o apóio e supervisão  
efetiva, dados à equipe que elaborou o PLANO DE CARGOS E SALÁ-  
RIOS desta Pasta e


CONSIDERANDO, finalmente, o real  
desempenho à frente da Subsecretaria;

R E S O L V E :

AGRADECER e ELOGIAR o trabalho de-  
senvolvido pelo Psicólogo WALDIR DOS SANTOS COSTA, durante  
o exercício do cargo de Subsecretário de Estado do Trabalho  
e Serviços Sociais.

CIENTIFIQUE-SE CUMpra-SE E PUBLICUE-SE.

GABINETE DA SECRETARIA DE ESTADO DO TRA-  
BALHO E SERVIÇOS SOCIAIS, em Manaus, 19 de novembro de 1979.

  
THERESINHA DE BRITTO NUNES  
Secretária de Estado do Trabalho  
e Serviços Sociais

**ANEXO D – Ata da Sessão Solene realizada no dia 26 de março de 2014, às 9 horas, no Auditório da Faculdade de Direito - UFAM.**



**Poder Executivo  
Ministério da Educação  
Universidade Federal do Amazonas  
Conselho Universitário**



1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47

Ata da sessão solene realizada no dia 26 de março de 2014, às 9 horas, no Auditório da Faculdade de Direito.

**PRESENTES:** Márcia Perales Mendes Silva (Presidente); Hedinaldo Narciso Lima; Sebastião Marcelice Gomes; Paulo Pinto Monte, Selma Suely Baçal de Oliveira, Sérgio Socrates Baçal de Oliveira, Sylvio Mário Puga Ferreira, Nair Chase da Silva, Artemis de Araújo Soares, Sônia Maria da Silva Carvalho, Dirceu Benedicto Ferreira, Maria de Meneses Pereira, Nikeila Chacon de Oliveira Conde, Ruitter Braga Caldas, Gilvânia Plácido Bráule, Adriano Fernandes Ferreira, Cristiane Bonfim Fernandez, Nazaré Maria de Albuquerque Hayasida, Nabor da Silveira Pio, Alexandre de Souza Vieira, Afonso Celso Brandão Nina, Andréa Belém Costa, Edson de Oliveira Andrade, Maria Ermelinda Filgueiras de Azevedo, Claudia Andréa Corrêa Garcia Simões, Raimundo Ribeiro Passos, Alexandre Pirangy de Souza, Kenne Kayoly de Lima Yamaguchi, José Bezerra Maricaua, Sandro André da Silva Pinto, Frank Quiroz ChavesValdemir Monteiro Cruz, Manoel Costa Figueiredo Filho, Rafael Vieira Amorim. A reunião teve início com a palavra da Mestre de Cerimônia saudando os presentes que compareceram à outorga do Título Honorífico de Professor Emérito, ao professor aposentado Waldir dos Santos Costa. Convidou para presidir a sessão solene a Magnífica Reitora e Presidente do Conselho Universitário, Prof.ª Dra. Márcia Perales Mendes Silva. Para composição da mesa diretora convidou o Vice-Reitor, Prof. Dr. Hedinaldo Narciso Lima, a Representante do Conselho Regional de Psicologia do Amazonas, Prof.ª Dra. Iolete Ribeiro da Silva, o Diretor, em exercício da Faculdade de Psicologia, Professor Mestre Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira. Ato contínuo convidou os membros deste Egrégio Conselho a ocuparem seus lugares. Em seguida solicitou que todos ficassem de pé para receber o homenageado professor aposentado Waldir dos Santos Costa, acompanhado da Prof.ª Dra. Nazaré Maria de Albuquerque Hayashida, convidando a todos para entoarem o Hino Nacional Brasileiro. Ato contínuo passou a palavra à Magnífica Reitora para declarar a abertura da sessão solene de outorga de título honorífico de professor emérito, que ato contínuo a repassou ao Prof. Dr. Luis Alberto Passos Presa para saudar o homenageado, com discurso transcrito na íntegra: “Bom dia a todos! Saúdo a Magnífica Reitora Presidente da mesa desta sessão solene: Saúdo os familiares, amigos, colegas, docentes e discentes Honra-me ser o emissor de palavras sobre o colega Waldir dos Santos Costa. Falo em nome dos colegas professores e dos acadêmicos. Senhoras e senhores: Inúmeras são as virtudes humanas. A gratidão é uma delas. O espírito predominante desta sessão é a gratidão. Trata-se de reconhecer os méritos do Prof. Waldir dos Santos Costa. Professor emérito é um título conferido por uma entidade de ensino aos seus professores aposentados, que atingiram alto grau de projeção no exercício de suas atividades acadêmicas e na sociedade em geral. É concedido àqueles profissionais que se destacaram em sua área de atuação, pela relevância de seus trabalhos. Trata-se da maior honraria existente hoje no meio acadêmico. São raros os professores eméritos. Vejam ao fundo deste auditório: há 4 retratos: são os professores eméritos da secular Faculdade de Direito que gentilmente nos abriga nesta sessão. O Professor Emérito Waldir dos Santos Costa é a primeira indicação da Faculdade de Psicologia, criada há seis anos. Agradecemos a comissão nomeada pela Reitoria para analisar o requerimento: foram os diretores de unidade, professores doutores, Nair da Enfermagem, Nelson Noronha do ICHL e Jamal Chaar do ICE, que emitiram parecer favorável. Waldir trabalha há mais de 40 anos como psicólogo e professor. Ele é o psicólogo número 2 do Amazonas. Quem será o nº 1? Aguardem 2 minutos e saberão! Waldir esteve na UFAM, lotado na Faculdade de Educação durante cerca de 20 anos (1975-1995) onde se aposentou. Ele continua na ativa, principalmente no DETRAN-AM. Seus trabalhos ele os descreverá daqui a pouco, pois são dignos de serem conhecidos pelos presentes. Conheci Waldir em 1993 quando fiz Concurso para Professor na FACED. Nessa época ainda não existia o Curso de Psicologia na UFAM. Waldir estava na Banca examinadora junto com Arminda Mourão e Jucelem Ramos. Havia duas vagas. Foram selecionados Nazaré (a nobre condutora) e eu. Ao final da semana de provas, antes





Poder Executivo  
Ministério da Educação  
Universidade Federal do Amazonas  
Conselho Universitário



1 do resultado, Waldir disse-me: Luis, independente do resultado, ame esta Universidade! Hã, hã, (cansado)  
2 respondi. Percebi que o resultado seria favorável. E foi. Em seguida Waldir convidou e motivou o grupo de seis  
3 psicólogos que estavam lotados no Departamento de Teoria e Fundamentos para criar o curso de psicologia.  
4 Waldir obteve apoio da Direção da FACED (Cyrino, Francinete, Hélio) através de sua capacidade em  
5 estabelecer relações interpessoais positivas. Redigimos o primeiro Projeto Pedagógico: Cláudia, Lídia, Nazaré,  
6 Raquel, Rosângela e eu, liderados por Waldir dos Santos Costa. Em 1997 houve a aula inaugural do Curso de  
7 Psicologia ministrada pelo psicólogo número 1 do Amazonas, João Bosco Araújo, professor aposentado do  
8 ICHL. Candidato a Professor Emérito? Waldir foi o primeiro Coordenador do Curso de Psicologia, tendo  
9 cumprido seu mandato até o final. Em seguida aposentou-se. Waldir trabalhou na UFAM como professor numa  
10 época em que não se dava muita ênfase na qualificação docente (Mestrado, Doutorado, etc). A importância da  
11 produção e publicação de artigos não era tão importante como é atualmente. Desse modo, Waldir dedicou-se às  
12 tarefas, ao trabalho prático, com ênfase no Ensino. Waldir tem prestado relevantes serviços a nossa categoria  
13 através do Conselho Regional de Psicologia. Foi seu primeiro Coordenador há mais de 20 anos. Atualmente está  
14 na Diretoria do mesmo. Nós seis, Cláudia, Lídia, Nazaré, Raquel e Rosângela e eu, hoje, todos Doutores,  
15 sutilmente fomos facilitados pelo Waldir para que seguíssemos nossas trajetórias de qualificação. Waldir nos  
16 apoiou. Ele é o Professor dos Doutores, reconhecimento unânime entre nós seis. Repito: Waldir é o professor  
17 dos Doutores. Nosso prédio próprio está para começar a ser construído. Desde já sugerimos o nome do prédio:  
18 Professor Waldir dos Santos Costa. Finalizando, cito o título do famoso filme com o ator Sidney Poitier no papel  
19 de professor. Ao Mestre, com carinho! Muito obrigado a todos! Em seguida a Magnífica Reitora e Presidente do  
20 Conselho Universitário Prof.ª Dra. Márcia Perales Mendes Silva no uso de suas atribuições estatutárias que lhes  
21 são conferidas, outorga ao docente aposentado Waldir dos Santos Costa o título honorífico de Professor  
22 Emérito, considerando a indicação da Faculdade de Psicologia para concessão do referido Título e a decisão do  
23 Conselho Universitário, que acatou, por unanimidade, a proposição da indicação em reunião ordinária realizada  
24 em 22 de janeiro de 2013. "Eu Márcia Perales Mendes Silva, Reitora da Universidade Federal do Amazonas e  
25 Presidente do Conselho Universitário, pela competência a mim atribuída na forma do Artigo 19, inciso IX do  
26 Estatuto desta Universidade, confiro a Waldir dos Santos Costa o Título de Professor Emérito que lhe foi  
27 concedido pelo Conselho Universitário, de acordo com o que preceitua o Estatuto e o Regimento Geral desta  
28 Universidade, honraria esta conferida aos docentes do seu quadro efetivo, aposentados, que tenham alcançado  
29 posição eminente no ensino, na pesquisa e na extensão". Então o diploma foi entregue. Ato contínuo a palavra  
30 foi concedida ao homenageado que agradeceu na forma a seguir: "Bom dia! "Nemo summo fit repenter" Nada de  
31 muito grande se faz repentinamente "A solis ortu usque ad occasum" do nascer do sol até o ocaso. "Cuidar é  
32 mais que um ato, é uma atitude. Portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo.  
33 Representa uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o  
34 outro" (Leonardo Boff, 1999). Magnífica Reitora Professora Dra. Márcia Perales, minhas cordiais saudações e  
35 agradecimentos. Em sua pessoa saúdo a todos os professores doutores presentes à mesa. Minhas saudações e  
36 agradecimentos a todos os conselheiros do CONSUNI. Minha família eu amo vocês. Aos estimados amigos e  
37 companheiros da faculdade de Psicologia outrora e hoje, minhas sinceras saudações e agradecimentos.  
38 Queridos alunos e alunas. Srs. e Sras., Saudações. A percepção da subjetividade humana é muito antiga e foi  
39 magnificamente expressada no plano mitológico e artístico em várias culturas e civilizações. No meio delas,  
40 permito-me destacar o gênio dos gregos antigos, que souberam e lograram construir um arcabouço filosófico,  
41 artístico e mítico que foi indubitavelmente a base e o leito de onde partiu a humanidade para estruturar a  
42 Psicologia que hoje conhecemos e fazemos diuturnamente com as novas investigações e pesquisas sobre o  
43 comportamento humano individual e coletivo. Assim, a complexidade psíquica do ser humano exigiu que se  
44 instituisse e regulamentasse a investigação e a reflexão, como um passo inicial para que se concretizasse e  
45 formalizasse a pesquisa psicológica e em seguida a própria Psicologia como ciência e por que não como  
46 profissão. A profissão do psicólogo foi o inevitável passo, mas precisaria que se refizesse por meio das agências  
47 formadoras, favorecendo, ampliando a formação teórica e prática desse profissional. Hoje, Sras. e Srs. aqui, no



**Poder Executivo**  
**Ministério da Educação**  
**Universidade Federal do Amazonas**  
**Conselho Universitário**



1 ambiente acadêmico da UFAM, estamos reunidos para comemorar o que aconteceu pela instituição do curso de  
 2 Psicologia, com a especificidade de uma Faculdade, precisamente porque se constituiu num anseio, reflexão e  
 3 necessidade da sociedade amazonsense. Aqui estou para receber o presente da UFAM para o grupo que  
 4 trabalhou a fim de iniciar o curso de psicologia – Presente para a Faculdade de Psicologia. Quando fui notificado  
 5 que os companheiros/amigos da Faculdade de Psicologia estavam solicitando a minha presença para receber  
 6 este grande presente de professor emérito, eu pensei: Por que eu? Ah. Sim, eu e o grupo iniciador do curso de  
 7 Psicologia da UFAM. Então verifiquei que queriam presentear o trabalho, o serviço. Sim, aqui estou como  
 8 servidor, ou como aquele que dedicou a servir o ser humano e participou de políticas educacionais, sociais e  
 9 religiosas. Minha vocação é de servir (serviço). A história da minha vocação de serviço começou quando eu  
 10 tinha 11 anos, no Oratório Festivo do Colégio Salesiano Dom Bosco. Tinha que distribuir bolacha às crianças e  
 11 jovens participantes da reunião na igreja com o Pe. Agostinho e o Pe. Felinto. Nisto descobri que deveria dedicar  
 12 minha vida à educação de jovens desassistidos, por meio da Pedagogia Preventiva de Dom Bosco, foi quando  
 13 eu fui para o Nordeste para a minha formação salesiana. Fiz o noviciado, tomei-me salesiano professor. Fui para  
 14 a Faculdade Salesiana de Lorena, fiz Filosofia, Letras e Pedagogia Preventiva (Salesiana), voltei para Recife e  
 15 comecei a trabalhar com jovens. Resolvi em 1964 deixar de ser salesiano (professor) consagrado para começar  
 16 uma nova etapa de serviços (salesiano externo). Dediquei-me ao magistério e fiz Psicologia na Universidade  
 17 Católica de Pernambuco, formei-me em 1971. Em 1972 recebi um convite para abrir uma clínica para habilitação  
 18 de motoristas em São Paulo junto ao DETRAN-SP. Ao mesmo tempo trabalhei com pais e professores de uma  
 19 escola em Araçatuba que trabalhava com crianças portadoras de Síndrome de Down. Ao término do ano de  
 20 1972 vim a Manaus para férias com minha mãe. Foi quando o DETRAN-AM estava deixando de ser um pequeno  
 21 departamento da Secretaria Pública passando para Autarquia. Na ocasião, o Dr. Maués – presidente da nova  
 22 Autarquia, convidou-me para montar o serviço Médico e de Psicologia. A Faculdade de Medicina da  
 23 Universidade Federal do Amazonas ainda estava formando os primeiros médicos e trabalhei treinando os  
 24 serviços com os estagiários de medicina, hoje, médicos, trabalhando no trânsito: Dra. Izabel, Dra. Creuza, Dr.  
 25 Genival e outros. Mais é um serviço em favor da comunidade. Na época trabalhei treinando e supervisionando  
 26 estagiários de segundo grau ou estudantes da Faculdade para os serviços de aplicação de testes. Em Manaus  
 27 só tínhamos dois psicólogos, eu e João Bosco Araújo. Surgiu um outro serviço, o Governo do estado precisou de  
 28 um profissional para a direção da Escola Melo Matos, pois o então diretor Pe. César estava deixando a direção.  
 29 No momento fui nomeado como diretor da escola, logo em seguida foi criada a Secretaria de Serviço social, com  
 30 o Dr. Lupercino Nogueira, e eu passei a pertencer aos quadros técnicos como assessor técnico. Comecei a  
 31 trabalhar com os profissionais de serviço social, com Nayry, Graça Prola, Nazaré Soeiro, Eleonora Peres e  
 32 outros servidores. Foi criada a FEBEM – Fundação do Bem-Estar do Menor e eu fui o primeiro presidente da  
 33 Fundação com a responsabilidade de desenvolver os programas de educação para jovens em riscos sociais  
 34 tanto na capital quanto no interior. Passei quatro anos como assessor técnico na Secretaria de Serviço Social (fui  
 35 subsecretário indicado pela Senadora Eunice Miquilles) e depois fui trabalhar como psicólogo na Penitenciária  
 36 Anísio Jobim. Em 1973 (agosto), a Faculdade de Filosofia estava precisando de um professor de psicologia e  
 37 chamaram-me para fazer uma seleção. O Professor Valente e o professor Roberto Vieira assistiram uma aula de  
 38 psicologia, ministrada por mim, em uma turma de administração e aprovaram. Neste momento comecei a fazer  
 39 parte do quadro de docentes da Faculdade de Filosofia na Rua Tapajós até 1994 quando aposentei. Mas tive a  
 40 felicidade de trabalhar na FACED, berço do curso de psicologia. Trabalhei na época com os professores Luis  
 41 Alberto, Cláudia, Rosângela, Nazaré, Raquel, Lígia, hoje todos doutores e doutoras, o grupo que decidiu  
 42 trabalhar para a criação do curso de Psicologia na UFAM. Mais uma vez, recebi deles a tarefa de entrar em  
 43 contato com todos que tinham autoridade para efetuar a criação. Estive com o Dr. Marcus Barros, mas este,  
 44 falou que o objetivo no momento era interiorizar a UFAM, ou seja, cursos para os municípios. Na gestão do  
 45 professor Nelson Fraiji, ele tomou a decisão de reabrir o vestibular colocando o curso de Psicologia. Isto  
 46 aconteceu porque o reitor recebeu autorização do MEC para contratar 50 professores através de concurso  
 47 público. O reitor disponibilizou 10 vagas para a criação do novo curso da UFAM (curso de Psicologia). Minha



Poder Executivo  
Ministério da Educação  
Universidade Federal do Amazonas  
Conselho Universitário



1 responsabilidade foi assessorar na implantação do curso seguindo a orientação do grupo fundador e mais tarde  
2 fui nomeado como coordenador do curso pela reitoria. Todavia, convém lembrar o eficaz papel da Faculdade de  
3 Educação, Prof. Raimundo, Prof.ª Armanda Mourão, Prof. Cyrino, Prof.ª Francinete (chefe do Departamento de  
4 Teoria e Fundamentos), e todos os demais professores e servidores. Assim começou a Faculdade de Psicologia  
5 que hoje possui um corpo docente de alto nível, todos bem qualificados. Como vocês puderam perceber minha  
6 colaboração foi de servir, de representar e assessorar projetos de ações públicas, sociais e educacionais a  
7 serviço da comunidade social do Amazonas. Servi também ao conselho Regional de Psicologia 01 e hoje estou  
8 a serviço do CRP 20, no Centro Universitário Ciesa no Núcleo de apoio Psicopedagógico e Ouvidoria. Trabalhei  
9 também no CIEC com a psicologia educacional. E após a minha aposentadoria na UFAM em 1994, desenvolvi o  
10 projeto pedagógico com o uso do jornal (Acrítica) na sala de aula (11 anos e 8 meses) e no Amazonas em  
11 Tempo, 2 anos. Trabalhei com aconselhamento psicológico no Seminário São José para os seminaristas por 11  
12 anos. Muito obrigado a todos uqe hoje me presenteiam com o título de Professor Emérito e pelo reconhecimento  
13 da minha vocação de serviços. Muito obrigado à UFAM na pessoa da Magnífica Reitora Dra. Márcia Perales, e  
14 ao CONSUNI. À querida FACED onde tudo começou, ao prezadíssimo grupo de hoje, todos doutores. A vocês  
15 da Faculdade de Psicologia, eu amo vocês e muitíssimo obrigado pela representação de vocês. Finalizando  
16 conluo com as palavras de Gandhi: "Se eu pudesse deixar algum presente para vocês, deixaria aceso o  
17 sentimento de amara vida dos seres humanos. A consciência de aprender tudo o que foi ensinado pelo tempo  
18 afora. Lembraria os erros que foram cometidos para que não mais se repetissem. A capacidade de escolher  
19 novos rumos. Deixaria para você, se pudesse, o respeito àquilo que é indispensável: além do pão, o trabalho...  
20 além do trabalho, a ação. E, quando tudo faltasse, um segredo: o de buscar no interior de si mesmo a resposta e  
21 a força para encontrar a saída." Muito Obrigado". A seguir fizeram uso da palavra os membros da mesa Prof.ª  
22 Dra. Iolete Ribeiro da Silva, Prof. Dr. Hedinaldo Narciso Lima e Prof.ª Dra. Márcia Perales Mendes Silva, os  
23 quais destacaram os relevantes serviços prestados pelo homenageado para a Universidade Federal do  
24 Amazonas, aos profissionais de Psicologia e à sociedade como um todo. Finalizando a Presidente encerrou a  
25 cerimônia, da qual, eu, Flávia Nathália Gondim Rosa, na qualidade de Secretária-Geral dos Conselhos  
26 Superiores, lavrei a presente Ata, que dato e assino, após a aprovação dos Conselheiros e a assinatura  
27 da Presidente. Auditório da Faculdade de Direito, em Manaus, 26 de março de 2014.

28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37

  
MÁRCIA PERALES MENDES SILVA  
PRESIDENTE

  
FLÁVIA NATHÁLIA GONDIM ROSA  
SECRETÁRIA